



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

REBECCA VALÕES DYTZ

**LIXÃO DA ESTRUTURAL:
UMA PAISAGEM NO TEMPO**

BRASÍLIA
2017
REBECCA VALÕES DYTZ

LIXÃO DA ESTRUTURAL: UMA PAISAGEM NO TEMPO

Monografia apresentada na Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Ciências Sociais com habilitação em
Antropologia.

BRASÍLIA

2017

REBECCA VALÕES DYTZ

LIXÃO DA ESTRUTURAL: UMA PAISAGEM NO TEMPO

Monografia apresentada na Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Ciências Sociais com habilitação em
Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Doutor Henyo Trindade Barretto Filho (orientador)
Departamento de Antropologia – UnB

Doutor Pedro Henrique Isaac Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
de Brasília – IFB

Agradeço a Denise e Edison,
mãe e pai,
pelo amor e paciência incansáveis.

RESUMO

Como diria a célebre catadora e escritora Carolina Maria de Jesus, o Lixão da Estrutural poderia ser considerado o “quarto de despejo” da capital, desprezado em relação aos outros cômodos da casa da sociedade brasiliense. Compreendendo-o como uma paisagem em permanente reconstrução, até mesmo depois que suas atividades socioprodutivas forem oficialmente encerradas em janeiro de 2018, esta monografia buscou, em primeiro plano, resgatar o protagonismo dos catadores na modelagem daquele espaço (que Tim Ingold chamaria de “mundo-tempo”). Enquanto usufruímos e nos apropriamos, há mais de cinco décadas, do trabalho de catadoras e catadores do lixão, porque não vivemos um dia sequer sem produzir resíduos sólidos, tais pessoas têm os seus direitos sociais violados gradativamente nesse contexto de reformulação do sistema de gerenciamento de resíduos sólidos do GDF, inaugurado com a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Nesse sentido, a partir dos estudos da fenomenologia da paisagem e das análises sobre a dialética moral que opõe os fenômenos sociais “impuros” aos “puros”, buscou-se descrever a distribuição socioprodutiva dos catadores no lixão, isto é, as formas como o seu trabalho organiza o espaço. Considerando o olhar da sociedade externa ao local de trabalho dos catadores, a “lógica de contaminação perigosa” normalmente associada aos resíduos também poderia ser aplicada a tais lugares (RIAL, 2016). Nesse sentido, conforme a pesquisa de campo demonstrou, ali existe uma ordem interna que é de alta complexidade – tanto na sua constituição e organização topográfica, quanto nas relações socioprodutivas, inclusive na forma como ambos os fatores interferem um no outro. Se o lixão representaria a “impureza” do ponto de vista de uma certa “ordem social”, a situação se inverte quando o lixão é encarado como uma ordem social própria – situação que inaugura novas regras e desvios, purezas e impurezas. Assim, considerando a resiliência e inteligência com que os catadores do lixão vêm se reinventando e remodelando a paisagem, essa monografia pretende, em última instância, oferecer subsídios para que outros cidadãos brasilienses reconheçam sua parcela de responsabilidade na manutenção daquele colosso.

Palavras-chave: catadores; lixão; paisagem; mundo-tempo; pureza; impureza

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2 – Tião Santos: da propaganda na revista, à esquerda, ao lançamento do livro autobiográfico, à direita (imagens retiradas da internet)	2
Figura 3 – Encarte do filme “Estamira” (imagem retirada da internet)	3
Figura 4 – Geração de Resíduos Sólidos Urbanos. Fonte: Abrelpe, 2014	5
Figuras 5 – A primeira imagem de satélite retrata a parte do setor Norte em que se vê a rua de Baiana, a direita, que desemboca na rodovia EPVL, uma das estradas do lixão, conforme os pinheiros que podem ser vistos ao fundo	30
Figura 6 – A outra mostra a relação da casa dela com o lixão em maior escala: enquanto a casa está em vermelho, as duas entradas oficiais do lixão em azul	31
Figura 7 – Printscreen da página 806 do “Livro 1 - Códigos, títulos e descrições” da CBO	36
Figura 8 e 9 – Printscreens de Cícero e Patrício, funcionários do lixão e personagens do documentário Reestrutural, 2014	43
Figura 10 – Croqui que ilustra a setorização do lixão ao longo do tempo. Fonte: Bernardes e Koide, 1998	48
Figuras 11, 12 e 13 – Imagens aerofotogramétricas do lixão, de 1965 a 2013: “De baixo para cima: 1) em 2013, a Cidade Estrutural de agora, 36 mil moradores; 2) em 1986, a Estrutural ainda não existia, só se vê o Lixão, numa posição diferente, mais para baixo; 3) em 1965, não existem nem o Lixão, nem a Estrutural e nem mesmo a Estrada Parque Ceilândia, hoje conhecida como Via Estrutural”. Fonte: PEREIRA, 2015	49 e 50
Figura 14 – Imagem de satélite do lixão editada por PEREIRA, 2015	56
Figura 15 – “Destinação Final de RSU no Distrito Federal (t/dia)” Fonte: Abrelpe, 2014 ...	65
Figura 16 e 17 – Figuras 16 e 17. Imagens de um Aterro Controlado e de um Lixão. Fonte: Gonçalves, 2003.....	68
Figura 18 – Imagem de satélite editada, mostrando as quinas do lixão	70
Figuras 19 e 20 – Imagens de satélite ilustrando o final da estrada EPVL nas proximidades da Santa Luzia	71
Figura 21 e 22 – Imagens de satélite da “entrada da 12” do lixão sob dois ângulos: acima, de quem olha do ponto 4 ao 1; na outra, de quem olha do ponto 1 ao 4	71 e 72
Figura 23 e 24 – Imagens de satélite da lateral “esquerda” do lixão, em que é possível vê-lo através das cercas	73

Figura 25 – Imagem de satélite editada, indicando a distribuição dos pátios do lixão em minha primeira visita	98
Figura 25-X – Fluxos de caminhões no Lixão e no Aterro Sanitário. Fonte: <i>Correio Braziliense</i>	117
Figuras 26, 27 e 28 – Bulldozer, à esquerda; trator de esteiras, no meio; e carregadeira de esteiras, à direita. Retiradas da internet	141
Figuras 29 e 30 – Carregadeira articulada, a esquerda; e retroescavadeira, a direita. Retiradas da internet	142
Figuras 31, 32 e 33 – Ilustrações do imaginário popular acerca de um lixão: uma montanha única e pontiaguda. Retiradas da internet	151
Figuras 34 e 35 – Imagens de satélite editadas: a distribuição dos pátios e lixeiras no início e final de minha pesquisa de campo	154
Figuras 36 e 37 – Print-screen das mensagens com uma catadora amiga de Baiana	172

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trechos extraídos de edições do <i>Correio Braziliense</i> de 1975. Elaborada por mim.	46
Tabela 2 – “Número de unidades de destino de resíduos considerando apenas disposição no solo em lixão, aterro controlado e aterro sanitário”. Fonte: IPEA, 2012	57
Tabela 3 – Toneladas de RSU coletados e encaminhados para o lixão diariamente (2008 – 2016). Elaboração própria	61
Tabela 4 – Dimensão dos maiores lixões das Américas. Elaborada por mim, com base no Waste Atlas, 2014	62
Tabela 5 – Comparação por volume e área dos quatro maiores lixões já registrados no mundo”. Elaborada por mim, com base no Waste Atlas, 2014, e na reportagem da Revista Abril, 2010	63
Tabela 6 – Ações do Plano de Transição do Lixão que vêm sendo realizadas pelo SLU. Elaborada por mim	66 e 67
Tabela 7 – Os três atravessadores mais conhecidos no lixão. Elaborada por mim, a partir de PEREIRA, 2015	116
Tabela 8 – Acidentes no lixão, de acordo com o <i>Correio Braziliense</i> , 2017. Elaborada por mim	128
Tabela 9 – Divisão socioproductiva da paisagem do lixão: lixeiras, pátios, e equipamentos de administração e lazer	137
Tabela 10 – Os três pátios da Lixeira Seca e os critérios que diferenciam eles entre si	149
Tabela 11 – Os três pátios da Lixeira Molhada e os critérios que diferenciam eles entre si	149
Tabela 12 – Mudança nas pistas de acesso aos pátios observada entre outubro de 2016 e junho de 2017	153
Tabela 13 – Elaborada por mim, indica os principais tipos de matérias-primas e os valores pagos a Zezé pelo quilo de cada um, em março de 2017. Não soube dos preços do papelão, da mangaba e do óleo e de nenhum tipo de “metal”, embora sejam categorias usadas no dia-a-dia dele, motivo pelo qual foram incluídos	160

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografias 1 e 2 – À esquerda, a capa do Jornal Fogo Cruzado, edição nº 41; à direita, Edvaldo, Baiana e Rebecca durante gravação da entrevista, em 20 de fevereiro de 2017, na sede da rádio Fogo Cruzado	24
Fotografia 3 – Matéria da edição nº 47, onde se lê “foto em homenagem a uma das pioneiras do lixão da Estrutural (Baiana)”	24
Fotografia 4 – Baiana é parada na praça central da Cidade Estrutural por um amigo que dirigia um carro de som	24
Fotografia 5 – Maria Vilma, Baiana, e Santinha ao meu lado: catadoras e amigas de Baiana	26
Fotografia 6 – Após comprarmos dindin, conversamos sobre a necessidade de criarmos uma identidade fictícia para mim e a colega que também nos acompanhava	27
Fotografias 7, 8 e 9 – Instrumentos de pesquisa extravagantes cujo uso tive de repensar	29
Fotografias 10 e 11 – Videoinstalação que montei para projetar o documentário “Baiana da Estrutural em: Primórdios do Lixão de Brasília” durante a Expocatadores 2017, ao lado da exposição Eu Catador	34
Fotografias 12 e 13 – Na primeira, catadores no Maciço; na segunda, na esteira de triagem	36
Fotografia 14 – Registro fotográfico que fiz de página do Correio Braziliense, de 1975, que comentava a presença de três catadores de papel	39
Fotografia 15 – Catadora Almira	51
Fotografia 16 e 17 – As quinas 2 e 1 do lixão: à esquerda, a vista do ponto 2 em direção ao 3, da janela do meu carro; à direita, parte do 1, em que a cerca está mais próxima da estrada que na outra foto; além das bananeiras, há pinheiros que não aparecem nela	70
Fotografia 18 – Bar na região Córrego do Valo	73
Fotografias 19 e 20 – Cirlan indicando o mesmo ponto em que eu tinha parado anteriormente, que corresponde a uma antiga entrada do lixão	74
Fotografias 21 e 22 – Despejo de lixo ao redor do lixão	75
Fotografias 23, 24 e 25 – Fossos das pistas do lixão	77
Fotografias 26, 27 e 28 – Caçambas estacionárias relacionadas ao lixão: na primeira foto, de autoria de Baiana, estão dentro dele; nas outras, feitas por mim, ao lado dele	78
Fotografias 29 e 30 – À esquerda, o Centro de Convivência esvaziado, em um dia normal de trabalho; à direita, quando havia pronunciamento de Heliana Kátia, estava cheio	80

Fotografias 31 e 32 – Como se manter hidratado no lixão	82
Fotografias 33, 34 e 35 – Barracos improvisados construídos pelos catadores no lixão	82
Fotografias 36 e 37 – Primeiro, tenda localizada à beira do principal cruzamento do lixão; depois, container localizado na estrada que se encaminhava para o Maciço	83
Fotografias 38, 39 e 40 – À esquerda, Baiana com a roupa de trabalho por cima; à direita, com a roupa de voltar para casa	84
Fotografia 41 – Doação de marmitas no pátio da Seletiva, para a qual Baiana e o namorado se encaminhavam	84
Fotografias 42, 43, 44, 45 e 46 – Alimentação no lixão: da coleta gratuita no Cerrado ao comércio mediado por carros e bicicletas. Na primeira foto, Baiana segura o jiló que ela catou na cercania do lixão. Nas outras, vendedores de alimentos do pátio do Maciço utilizam diferentes estratégias: seja a carroceria de um carro, diante da qual montam uma mesa improvisava e bancos plásticos que levam consigo; seja um gazebo com lonas de diferentes tipos, tanto para a sombra dos clientes quanto para a alimentação; seja uma bicicleta, como no caso do vendedor de dindim	87
Fotografia 47 – Carla apontando duas manilhas de gás ao fundo da cena, aparecendo mais à esquerda do caminhão, sobre a linha do horizonte	89
Fotografias 48 e 49 – Primeiro, esteira de triagem e “impressora” de enfardamento. Abaixo, montante da “catadora triadora” Denise, que trabalhava para o mesmo dono que os catadores que estavam sob a tenda do maquinário da “cooperativa mista”	99
Fotografias 50 e 51 – Baiana atravessando a pista que separa a área da “cooperativa mista” do pátio da “coleta seletiva; nesse trajeto torna-se possível observar o desnível entre as áreas, de forma que a Coleta Seletiva estava a uma altitude ligeiramente superior em relação ao pátio adjacente	100
Fotografias 52, 53 e 54 – Caminhões com carreta do tipo “prancha” operados pelos compradores dos catadores; o primeiro deles estava sem a prancha e ainda assim era utilizado, afirmou-me uma catadora do pátio das cooperativas mistas	101
Fotografia 55 – Na “cooperativa mista” havia Denise trabalhando como “catadora triadora”	103
Fotografia 56 – Diante de um bag de plásticos acumulado por um catador do pátio da Seletiva, Baiana me explicava os diferentes tipos daquela matéria-prima encontrados ali	104
Fotografia 57 – Subindo a pista que divide a área 4 à esquerda estavam essas máquinas, que ficam ao lado das da Plasbrasil. Pela foto, os vários bags dispostos ao redor dela indicavam que ainda estavam em atividade	106

Fotografias 58 – Uma das mulheres da conversa acima é a que está de boné rosa; a outra estava ao lado dela, mas ficou fora do enquadramento da câmera	110
Fotografias 59 e 60 – Garis: à esquerda, um deles cavucando os recicláveis na Asa Norte; à direita, eles no lixão. A primeira de minha autoria, a segunda, de Baiana	115
Fotografias 61, 62 e 63 – Nas duas primeiras, carona da ida ao Maciço, na carroceria de um caminhão. Na última, carona da volta do Maciço, no espaço entre a cabine e a caçamba do caminhão	121
Fotografias 64 e 65 – Baiana e eu no entardecer da Seletiva: à esquerda, se vê o nascer das luzes da cidade que aparecem no plano de fundo. À direita, ela em pé a frente do único barraco do lixão que vi com energia elétrica	122
Fotografias 66 e 67 – Catadores trabalham no rastro das máquinas pesadas	124
Fotografias 68 e 69 – Antes que o caminhão esteja pronto para descarregar, catadores se posicionam ao seu redor, e alguns tentam remexê-lo enquanto sua carroceria está sendo aberta	125
Fotografias 70 e 71 – Catadores trabalham com a coluna reclinada	126
Fotografias 72 e 73 – Trator empurrando e amassando o lixo na primeira foto, antes de parar e retornar de ré, na segunda	127 e 128
Fotografias 74 e 75 – Embora o SLU afirme que o trabalho infantil é combatido no lixão, a presença de crianças é incessante ali dentro como demonstram estas cenas, feitas com aproximadamente um ano de diferença; a primeira, no Maciço, e a segunda na estrada que parte da guarita de caminhões	131
Fotografias 76 e 77 – A esquerda, dona de brechó foi ao Maciço muquiçar itens prontos para o comércio baseado na reutilização. A direita, a maranhense Agmar procurava no pátio da Seletiva roupas para levar aos familiares de sua cidade natal. Enquanto ela trajava um vestido, chinelas e sacola de papel, Baiana vestia o traje típico de seus dias de trabalho, enquanto procurava cabos de vassoura	132
Fotografias 78 e 79 – Baiana lavando os pés no quintal de casa com o sabão que estava no galão azul, que ela catou no Carrefa há alguns anos	135
Fotografias 80 e 81 – Baiana e eu no pátio das “Galhas”	139 e 140
Fotografia 82 – Máquina pesada do Maciço	141
Fotografias 83 e 84 – Primeiro, uma carregadeira articulada do Maciço; segundo, da Seletiva	142
Fotografia 85 – Na Coleta Seletiva, além dos caminhões compactadores, vi tratores como o que está ao fundo da fotografia, que se encarregavam de amontoar o que estivesse espalhado, mas não presenciei, em nenhuma de minhas visitas, a máquina que comprime e aterra o lixo, que vi no Maciço e no pátio da Construção Civil	143

Fotografias 86 e 87 – Caminhões com carretas compactadoras, mais conhecidos como “Cucas”, utilizados tanto no pátio dos Cucas quanto no da Coleta Seletiva. A primeira fotografia é de minha autoria; a segunda imagem foi retirada da internet	143
Fotografias 88 e 89 – Caminhões com carretas basculantes.....	144
Fotografia 90 – Carreta a esquerda, e cuca a direita, ambos passando em frente ao cruzamento que há na entrada administrativa do lixão	144
Fotografia 91 – Na área do Maciço, a área dos Cucas fica adjacente à das Carretas, como se vê ao fundo	144
Fotografia 92 – Três caminhões com carreta do tipo “prancha”, dois azuis e um vermelho, operados pelos compradores dos catadores; um deles estava sem a prancha e ainda assim era utilizado, afirmou-me uma catadora do pátio das cooperativas mistas	145
Fotografia 93 – Caminhão poliguindaste, passando atrás do pátio de cooperativas mistas	145
Fotografias 94, 95, 96, 97 e 98 – Carroças, carrinhos e bicicletas: meios de transporte de posse dos catadores	146 e 147
Fotografias 99 e 100 – Na caçamba de um caminhão subimos para o Maciço	147 e 148
Fotografias 101 e 102 – À esquerda, catadores pegando carona para descer do Maciço, entre a carroceria e a cabine de um caminhão, da mesma forma que nós fizemos, na foto da direita	148
Fotografia 103 – Principal cruzamento que há no lixão, parcialmente demonstrado na foto.....	152
Fotografias 104 – Rotatória que estava interditada no dia 22 de junho	153
Fotografias 105, 106 e 107 – Pistas do lixão mostram o desnivelamento dos pátios em relação a elas. Feitas por Baiana	157
Fotografias 108 e 109 – Assim como Zezé, outros catadores levantaram pequenos barracos no pátio da Seletiva, sendo este da foto o único que possuía energia elétrica	159
Fotografias 110, 111, 112 e 113 – Lavagem de papelão	163
Fotografias 114 e 115 – A da esquerda, feita por Baiana, possui uma forte fumaça preta indicando a queima de cobre ao fundo. A da direita, feita na minha primeira ida ao lixão, indica quando sentíamos a fumaça de uma fogueira longínqua de nós sendo trazida com o vento; de tão forte era a sensação da fumaça empoeirada entrando pelas nossas narinas, que era impossível não tampar as narinas	164
Fotografias 116 e 117 – Caminhões-pipa. Feitas por Baiana	164

Fotografias 118 e 119 – Baiana desenha uma grade imaginária sobre o sofá para representar os “pontos” do lixão 167

Fotografias 120, 121 e 122 – Feitas por Baiana, nas duas primeiras as faixas indicam as marcações de um ponto descritas por ela, isto é, as marcações de um ponto feitas com “um pano na estaca”; na terceira, é possível perceber que há uma distância entre o “ponto” dos bags e o caminhão que despeja o lixo 168

Fotografia 123 – Visão do Pátio da Construção Civil, a partir de pista próxima a ela 176

Fotografia 124 – Lixeira Molhada e Lixeira Seca: pátio das Carretas de um lado, e dos poliguindastes de outro 176

SIGLAS

ABRELPE – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza
AGEFIS – Agência de Fiscalização do Distrito Federal
CEDOC – Centro de Documentação do Correio Braziliense
COSE – Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
DF – Distrito Federal
GDF – Governo do Distrito Federal
INESC – Instituto de Estudos Socioeconômicos
ONG – Organização Não Governamental
PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos
RA – Região Administrativa
RSU – Resíduos Sólidos Urbanos
SIA – Setor de Indústria e Abastecimento
SCIA – Setor Complementar de Indústria e Abastecimento
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
STF – Superior Tribunal Federal

Sumário

1. Percurso até o tema	1
2. Objeto de pesquisa	7
2.1 Metodologia	19
3. Categorias motivacionais	35
3.1 Da origem migratória à atualidade	41
3.2. O destino do lixo de Brasília	57
4. O Lixão da Estrutural: aterro controlado ou lixão?	64
5. Organização sócio-produtiva: distribuição do trabalho no território	92
5.1 Catadores	92
5.2 Cooperativas	98
5.3 Outros sujeitos do lixão	114
5.3.1 Acidentes biomecânicos: precariedade na interação entre pessoas e máquinas	121
5.4 Reciclagem e reutilização: dinâmicas distintas, mas coexistentes	130
5.5 Classificação do território: pátios e lixeiras	137
5.5.1 Sistema de gerenciamento do aterro	150
5.6 Regimes de valor do trabalho e das mercadorias	158
6. Considerações finais	171
9. Referências Bibliográficas	183
10. Anexos	188

1. PERCURSO ATÉ O TEMA

Todo “lixo” manifesta a vocação que as sociedades humanas possuem para transformar o meio natural (WALDMAN, 2010: 11), sendo impossível haver “lixo” na natureza se não houver também atividade humana operando sobre essa natureza, extraindo dela a matéria-prima para reproduzir sua própria vida. Ainda que todo lixo produzido decorra dessa transformação do meio natural, levando em conta a etapa extrativista da produção social de mercadorias, costumeiramente os refugos sociais são encarados unicamente como as “sobras” de um processo produtivo.

Inadvertidamente, quando isso ocorre, o lixo é encarado como se correspondesse unicamente à última etapa do ciclo de vida da mercadoria. Isto é, ele é tratado como aquilo que surge somente após realização do consumo:

Acostumados que estamos em simplesmente retirar um produto da gôndola de um supermercado ou escolher uma mercadoria na prateleira de uma loja, tendemos a pensar que o lixo somente irá aparecer depois da aquisição dos bens, quando nos desvencilhamos do que sobrou (WALDMAN, 2010: 111).

Assim pensava eu, até que a existência dos catadores de materiais recicláveis roçou o meu olhar e pensamento, pela primeira vez, em 2011. Conforme a memória mais antiga que consegui acessar, acredito que o momento no qual a existência de um catador capturou a minha atenção e provocou uma reflexão de forma inaugural tenha ocorrido enquanto eu lia uma revista que meus pais assinavam na época. Ao avistar a propaganda da marca de refrigerantes que trazia o catador Tião Santos como representante da campanha “cada garrafa tem a sua história” (figura 1), houve um instante pontual que me fez parar a viração aleatória de folhas. Detida naquela página por alguns minutos, lendo suas informações, recortei-a inteira e mantive guardada em uma pasta de recortes que eu costumava alimentar quando era mais nova.

Tião, o personagem que apresento, é ativista da coleta seletiva solidária e ex-catador do antigo Lixão Gramacho, localizado em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Fechado desde 2012, Gramacho teria sido o único do país que já superou, algum dia, a extensão do Lixão da Estrutural, que fica no coração da capital federal. Por meio da obra do artista plástico Vik Muniz, cujo processo de criação foi documentado entre 2007 e 2010, e divulgado através do aclamado documentário “Lixo Extraordinário”, Tião Santos foi retratado em um quadro que foi leiloadado em Londres por 28 mil libras. Pouco depois, em 2011, o documentário

foi indicado ao Oscar e, a partir do tapete vermelho de Hollywood, Tião estreou a propaganda da Coca-Cola que lembro de ter visto nessa mesma época, e passou a viajar para diversos países. Atualmente, dá palestras e participa de capacitações para catadores e catadoras pelo país.¹ Aos 35 anos, publicou em 2014 seu primeiro livro, a autobiografia intitulada “Tião: do Lixo ao Oscar – Difícil não foi nascer no lixo, difícil foi não virar lixo” (figura 02); e mais recentemente, no dia 02 de julho de 2017, teve uma participação especial no programa “Tamanho Família” apresentado por Márcio Garcia, na Rede Globo de Televisão.



Figuras 1 e 2 Tião Santos: da propaganda na revista, à esquerda, ao lançamento do livro autobiográfico, à direita (retiradas da internet).

Em 2012, enquanto eu cursava o primeiro semestre da graduação em Direito de uma faculdade particular, que abandonei pouco depois, um professor de Sociologia separou uma aula para que assistíssemos ao documentário “Estamira”, um homônimo do nome da catadora Estamira, dirigido por Marcos Prado e lançado em 2005 (imagem 3). Considero, contudo, que a revista e o documentário não representaram mais que situações pontuais que se limitaram a anunciar para mim a existência de uma categoria de trabalho, e que demoraram pelo menos três anos para gerar maiores efeitos. Isto é, experiências que levaram todo esse tempo para despertar em mim também a consciência da importância ambiental, social e econômica dessas pessoas. Apesar dessa percepção tardia, o extenuante trabalho das catadoras e dos catadores de materiais recicláveis, exercido na base da cadeia nacional de reciclagem, já se relacionava com meus hábitos de consumo há muito mais tempo do que eu tinha consciência.

¹ Notícia: “A extraordinária riqueza do lixo”. Disponível em: <<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2015/08/03/noticiasjornalpaginasazuis,3478379/a-extraordinaria-riqueza-do-lixo.shtml>>.

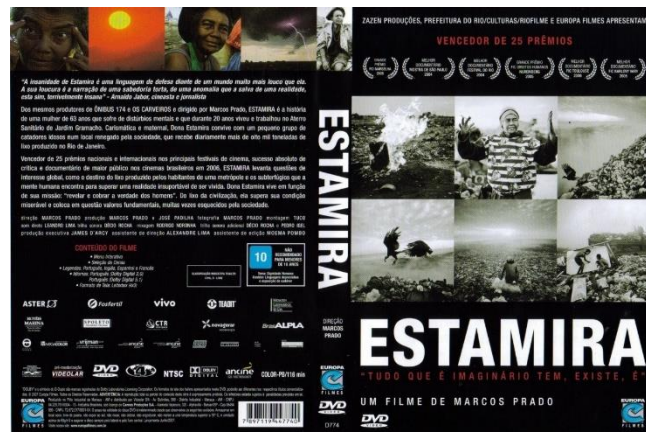


Figura 3. Encarte do filme “Estamira”. Fonte: retirada da internet.

Quando comecei a me envolver com “brechós” e “feiras de desapegos” (isto é, espaços de trocas ou doações), em 2013, percebi ali nichos de mercado que têm como uma de suas principais características a circulação de objetos de segunda mão, e que estão em ascensão em Brasília. Pouco depois, no segundo semestre de 2015, o consumo de objetos usados amenizou minha frieza e cegueira, pois através de um trabalho escrito para a disciplina “Métodos e Técnicas em Antropologia Social” que tinha os brechós como principal assunto, pude enxergar os materiais recicláveis como um tipo específico de objeto “de segunda mão”. Trabalhos de outras três disciplinas – “Sociologia do Direito”, “Teorias Sociológicas Marxistas”, e “Trabalho Sujo” – reforçaram este caminho no semestre posterior, demonstrando a mim o quão fundamentais são esses trabalhadores à cadeia produtiva de reciclagem brasileira e ao sistema público de limpeza urbana.

Foi somente ao longo desse lento processo de reflexão, que culminou na problematização de um “objeto de segunda-mão” bastante particular – o material reciclável, por ser matéria-prima de trabalho de outrem – que comecei a refletir sobre o labor dos catadores, vendo as latas de lixo como fontes de matéria-prima para várias pessoas. Chamou a atenção, especialmente, que o uso de recicláveis como matéria-prima ultrapassa uma frívola necessidade de expressão criativa deles; são pessoas que fazem do material descartado, “de segunda mão”, muito mais que um *hobbie*, mas um *trabalho* e um *modo de sobrevivência*. Sem que eu os percebesse, faziam parte do meu caminho diário, e nas ruas estavam tracionando seus carrinhos – equipamento que é, ao mesmo tempo, meio de trabalho e de transporte. Compõem a paisagem urbana, entre seus postes e semáforos, embora eu não

direcionasse a eles mais atenção do que quaisquer outros fenômenos de trabalho informal que ocorrem nas ruas, como os vendedores de semáforo.

Percebendo que as mercadorias podem vivenciar infundáveis ciclos de vida, portanto, foi que compreendi que o lixo participa das rotinas domésticas diárias, enquanto um resultado da ação humana sobre a natureza, e compõem a paisagem. Pode, assim, ser tratado como um dado indissociável da trajetória humana e de todas as suas atividades socioprodutivas, tenha sido seu descarte normatizado ou não, nos mais remotos tempos e espaços.

Nesse sentido, sendo a Modernidade “um momento no qual o mundo assiste a um acirramento feroz da escassez de matérias-primas, os resíduos se transformam numa opção para gerar renda e trabalho para um verdadeiro exército de catadores de lixo”, um dos primeiros personagens a lidar com o que “sai de casa”, e já por isso muito relevantes na rotina dos centros urbanos brasileiros (WALDMAN, p. 17). Nesse contexto, a prática da reciclagem surge como uma forma particular de produzir mercadorias.

A reciclagem pode ser considerada um processo “produtivo” porque, embora não envolva a transformação direta da natureza pela extração de matéria-prima virgem, sabe-se que todo descarte de resíduos sólidos interfere diretamente no ecossistema em que eles serão depositados. E, quando a cadeia da reciclagem o sucede, ocorre porém um beneficiamento do resíduo, que se transforma de “lixo” em “insumo”, isto é, em matéria prima para um novo processo produtivo. Portanto, se a mercadoria teria perdido o seu valor (“de uso” e “de troca”) para quem a descartou, fadada ao completo esquecimento social e aos horripilantes impactos ambientais, o destino muda pela atuação primeira dos catadores, que serão seguidos de toda uma cadeia complexa de reciclagem. Com eles os restolhos incômodos podem readquirir novo “valor de troca” e “de uso” completamente diferenciados daqueles premeditados pela cadeia produtiva que extraiu a matéria-prima imaculada da natureza.

Revisando os fenômenos implicados na “reestruturação produtiva” brasileira iniciada na década de 1980, que levaram à estruturação da indústria de reciclagem *em larga escala* no país, Bosi (2008) constatou um fato que não deixa dúvidas: efetivamente, a cata de recicláveis se dá sob a forma de um “trabalho capitalista”, e o lixo reciclável como uma “mercadoria” desse sistema. Sob essa ótica, ao integrarem o processo mais amplo e incessante de transformação dos recursos naturais, todos os resíduos que uma cadeia produtiva qualquer gera tornam-se também “inseparáveis do dinamismo geral de construção do espaço” (WALDMAN, 2010: 11).

De forma idêntica aos demais fenômenos que se vinculam aos dinamismos sociais, o lixo não pode ser aferido unicamente a partir de critérios objetivos. Pois, uma vez que existem diferentes percepções culturais do que seja lixo, existem também diferentes formas de gerenciar os refugos que uma sociedade produz (WALDMAN, 2010: 20 e 21). No Brasil, a geração de resíduos sólidos tem sido crescente, seja em valores “totais” ou “per capita”, como demonstra o “Panorama de Resíduos Sólidos no Brasil” construído em 2014 pela Abrelpe (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza).

De acordo com a Associação, entre 2013 e 2014, a geração *total* no Brasil aumentou 2,9%, chegando a aproximadamente 15 mil toneladas por dia e 78,6 milhões de toneladas por ano (ABRELPE, 2014: 28). O que representa um aumento superior à taxa de crescimento populacional do país no período, que foi de 0,9%. Já a geração *per capita* também sofreu um crescimento próximo, no mesmo período: cada indivíduo passou a gerar cerca de 2,0% a mais de lixo, chegando a aproximadamente 380 quilos de resíduo por ano. Não só a produção *per capita* anual, mas também produção diária per capita aumentou (no caso, em 1%, como se cada habitante passasse a gerar 0,963 quilos ao dia) (ABRELPE, 2014: 28, 41 e 48).

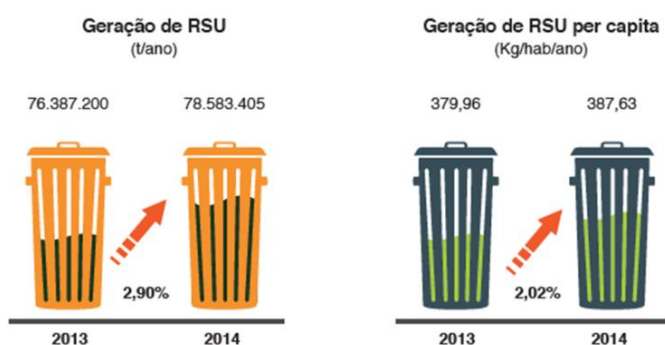


Figura 4. Geração de Resíduos Sólidos Urbanos. Fonte: Abrelpe, 2014.

Como em muitos outros centros urbanos do país, no Distrito Federal, cujo gerenciamento de resíduos se relaciona com o objeto desta pesquisa, o diagnóstico geral é de crise. Conforme consta no documento de “Revisão do EIA / RIMA e Avaliação Socioambiental” (2014) do Programa Brasília Sustentável II, que foi o “maior projeto do Governo do Distrito Federal implementado na Estrutural até hoje, tanto pelo volume de recursos despendidos quanto pelas alterações físicas e sociais que provocou na cidade” (SANTOS, 2014: 150), a Gestão de Resíduos Sólidos vem se tornando atualmente

um dos mais sérios problemas ambientais e sociais que o DF enfrenta. Dentre outros problemas, a capital do país dispõe seus resíduos de forma inadequada no lixão do Jóquei (na

Vila Estrutural), um dos maiores lixões a céu aberto da América Latina, e em outros depósitos clandestinos que proliferam em todo o território. (GDF, 2014: 12)

Sendo os recursos terrestres finitos e desmedida a ambição em extraí-los, é de se esperar que esgotem ou sejam sobre-explorados, e que a produção de lixo represente um problema de caráter emergencial em nível mundial. Com um planeta exaurido pela poluição, que aumenta consideravelmente em razão do descarte inapropriado de resíduos e rejeitos, atingimos o esgotamento de recursos naturais cada vez mais cedo, interferimos gravemente nas mudanças climáticas, e, na contaminação implacável, ultrapassamos as fronteiras do espaço, do ar que respiramos, do solo sobre o qual andamos, dos lençóis freáticos, dos rios. Até mesmo criamos um continente completamente composto de rebotalhos sobre as águas oceânicas.² O mais alarmante é que esses fenômenos representam um ciclo contínuo e crescente de consumo e descarte que ameaça o futuro da biodiversidade, na qual a própria humanidade está incluída.

Sobre tal contexto, a cadeia da reciclagem apresenta-se como uma solução à crise. Pois, com sua função de reintroduzir em novo processo de produção o que havia sido descartado por processos anteriores, ela substitui “o momento de extração da matéria-prima, transformando o próprio lixo em matéria-prima” e com isso ocasiona também “a diminuição da produção de resíduos, tanto no início do processo, a extração, quanto no seu fim, o consumo, ligando, desta maneira, um extremo a outro” (SILVA, 2005: 41).

Sendo assim, sob o prisma da emergência com que o problema do lixo nos solicita e mobiliza, e sob o viés da “solução ambiental” que a coleta seletiva viabiliza, fica demonstrada a relevância do trabalho realizado pelos catadores de materiais recicláveis, seja nas ruas que percorrem, seja nos lixões do país. Calcada no valor social, econômico e ambiental exercido por eles, portanto, esta monografia se propõe a refletir sobre um território de trabalho específico dos catadores, o Lixão da Estrutural, a partir da percepção de paisagem enquanto “mundo-tempo”, por considerar que ela coloca em evidência o protagonismo desses sujeitos na modelagem e organização da mesma.

² Identificada nos anos 80, trata-se de uma “sopa plástica” enorme, de aproximadamente 15.000.000 km² localizada no norte do Oceano Pacífico ficou conhecida como “Grande Vórtice de Lixo do Pacífico”. (WALDMAN, 2010: 59-60).

2. OBJETO DE PESQUISA

Definir um objeto de pesquisa com precisão é, sem dúvida, a operação considerada “mais importante e, no entanto, a mais ignorada, sobretudo na tradição dominante” das ciências, quando se aciona o modo de produção científico em uma pesquisa (BOURDIEU, 1989: 24).

Considerando as afirmações do capítulo anterior, não se questiona que a contribuição ambiental, econômica e social que os catadores dão à sociedade brasileira seja uma justificativa bastante para estudá-los.

É imprescindível perceber que a escolha de um objeto de pesquisa que enseje o status de “científico” não pode ser feita pela simples extração de temas de um contexto empírico, como se ali pudesse ser encontrado um objeto “pronto”, pré-construído por essa “realidade”. Inclusive, Bourdieu afirmou que nas ciências sociais existe uma demasiada tendência para crer “que a importância social ou política do objeto é por si mesmo suficiente para dar fundamento à importância do discurso que lhe é consagrado (...)” (BOURDIEU, 1989: 20).

Para ir de encontro a tal tendência, é necessário compreender que o “objeto” corresponde sempre ao resultado de uma construção orientada pelo investigador. O qual busca ativamente definir as condições em que se pode falar de tal objeto, por meio de algumas regras (que iremos estabelecer ou que já estabeleceram antes de nós), a fim de “dizer sobre esse objeto coisas que não tenham já sido ditas ou ver com uma ótica diferente coisas que já foram ditas” (ECO, 1977: 52). Eleger um “campo” de estudos, portanto, significa fazer menções a uma coleção de conceitos e hipóteses afins com esse contexto empírico, que irão “comandar – ou orientar – todas as opções práticas de pesquisa”; trata-se de elencar uma “estenografia conceitual”, isto é, justamente um corpo de hipóteses (BOURDIEU, 1989: 28).

Ao mesmo tempo, não se ignora que o trabalho de catação interfira particularmente na vida dos moradores da Estrutural, visto que ali todas as pessoas se relacionam, em maior ou menor grau, com as dinâmicas de trabalho existentes no lixão abrigado por essa região administrativa. Além de ser o maior do Brasil, ele é o segundo maior em extensão nas Américas, depois do Lixão Heque no Peru. (D-WASTE, 2014: 97). Mas a sua desproporção não se limita a isso: considerando que grande parte de seus trabalhadores é também residente da comunidade que cresceu ao seu redor, a cidade em que ele está concentra a maior

comunidade de catadores do DF – do total cadastrado no Cadastro Único (2015), 59% reside ali (INESC, 2016: 15).

De acordo com o prazo estabelecido pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (2010) para o fechamento de todos os lixões, o Lixão da Estrutural deveria estar fechado desde 2014. Contraditoriamente, em Brasília a inauguração do Aterro Sanitário aconteceu antes mesmo do encerramento daquele. Ainda assim, desde que o Aterro começou sua operação parcial, em janeiro de 2017, a qualidade e a quantidade dos materiais recicláveis que adentram ao Lixão já mudou bastante. Com essa escabrosa estreia, o Governo do Distrito Federal (GDF) vem intensificando a propaganda em torno de um “fechamento gradual” do lixão, que deveria acontecer ao longo de 1 ano e meio em diante, ainda que não tenha proposto uma política pública de “inclusão sócio-produtiva” que contemple a *todos* os catadores do lixão. Possivelmente se trata, portanto, de uma das últimas oportunidades de conhecer e registrar uma comunidade cujo trabalho e cultura organizam-se em torno daquele espaço geográfico – o qual vem sofrendo modificações contundentes, que se apresentam como empecilhos alarmantes à realização do trabalho dos catadores e à sobrevivência de suas famílias. Como se nota, a crise é profunda tanto para o Governo quanto para os catadores.

Não obstante os esforços feitos para alcançar o reconhecimento social do seu trabalho, a inclusão sócio-produtiva que deveria acontecer a partir da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS, 2010) (e se refletir nas políticas estaduais e municipais de gestão de resíduos) privilegia exclusivamente as cooperativas ou associações (MARTINS, 2016:78), agravando a marginalização sofrida pelos catadores não organizados em cooperativas (mais conhecidos como “avulsos”) as políticas municipais e distritais de gestão de resíduos sólidos. Concomitantemente, é notório que a maioria dos catadores trabalha de forma “avulsa” naquele lixão (INESC, 2016: 99).

Outro universo tão preocupante dentro da catação é o recortado pelo “gênero”, visto que as mulheres “representam 75% dos catadores do **Brasil** e cerca de 60% delas são mulheres chefes de família”, segundo o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR *apud* IHU On-Line, 2014). Pesquisas realizadas com residentes da Estrutural apontaram que as mulheres “chefes de família”, especificamente, constituem também a maioria no universo de catadores daquela região administrativa como um todo (ESTEVES & SCHMITT, 2011; HOEFEL, 2013).

Outros estudos analisaram que na condição de chefia familiar, por sua vez, além da desigual divisão sexual do seu trabalho dentro das organizações de coleta seletiva, sobre elas

sobrepesa também o trabalho não remunerado – isto é, o trabalho de cuidado familiar no ambiente doméstico. Com isso, sobrecarregadas em jornadas de trabalho duplas e triplas, permanecem excluídas dos projetos de convivência e trabalho nas cooperativas e no Lixão. Em outras palavras, são praticamente empurradas para a condição de “avulsas”, pois mais do que “conciliar” os dois trabalhos (o público e o privado) tais catadoras acabam tendo mesmo de subordinar a rotina do trabalho remunerado ao espaço de trabalho doméstico, não remunerado. De forma que a condição “avulsa” de trabalho seria, frequentemente, o resultado desse quadro com profundas desigualdades de gênero dentro do universo da catação (GRIMBERG, 2012: 5).

Compreende-se assim que, apesar da coleta seletiva brasileira se basear sobretudo na mão de obra feminina, as catadoras sofrem um silencioso processo de invisibilização, a despeito de todos os esforços do MNCR empreendidos na última década. As mulheres catadoras como um todo – e também, mais especificamente, as “avulsas” e “de lixão” – vivenciam relativa ausência de estudos acadêmicos; subnotificação em pesquisas estatísticas até o ano de 2013 (especialmente no IPEA), e a relativa ausência de políticas públicas específicas ao grupo.

Por um lado, essas ausências de estudos e de políticas públicas voltadas especificamente para as mulheres catadoras do lixão justificariam um estudo específico sobre as mesmas. Estudo esse que já foi iniciado por mim, na forma de relatórios internos do próprio andamento da pesquisa, que foram apresentados ao orientador, e em versões anteriores da monografia. Contudo, ainda que gozasse de condições para apresentar um resultado final desses textos, não o fiz aqui porque ele foge ao escopo principal desta monografia.

Para compreender a relação das mulheres catadoras com o trabalho avulso em pesquisas futuras, pareceu ser uma prerrogativa mister desta monografia compreender e descrever a situação fundiária do Lixão. Pensando então o lugar da catadora e do catador do Lixão e o lugar deles na cidade Estrutural, o estudo do espaço geográfico em que ocorre o trabalho de catação e as suas relações com a cidade em que é, dia a dia, reconstruído, pareceu ser uma lacuna dentro do levantamento bibliográfico e da observação participante que fiz. Tendo a “paisagem” como principal categoria de análise, trata-se justamente da reflexão sobre o universo da “impureza” (definido em relação à ordem social “pura”), mas particularmente a forma com que essa dualidade se projeta sobre o território do lixão.

Considerando a ordem social “pura” como referência, normalmente não pensamos na organização interna ao “impuro”, pois como Douglas nos lembra logo na introdução do célebre *Pureza e Perigo* (1991) acerca da perspectiva de quem é “puro”, a “impureza é essencialmente desordem”. Se, por um lado, o “impuro” é um elemento de desordem em relação ao “puro”, por outro, acaba-se pensando pouco sobre a ordem interna ao impuro (suas lógicas, divisões e hierarquias internas), como se, internamente, ele fosse uma massa disforme e homogênea. Assim, busca-se aqui pensar justamente a “ordem” socioprodutiva do impuro, isto é, quais hierarquias sociais existem, e como elas se refletem sobre o território em si mesmo, organizando e modificando ele incessantemente.

Conforme Carmen Rial declara, a obra de Douglas “gerou um impacto enorme no pensamento antropológico sobre resíduos”, de forma que “muitas revisões de literatura iniciam por seu trabalho seminal (EVANS, CAMPBELL e MURCOTT, 2013, p. 8; JAFFE e DURR, 2010, p. 3-5; JEWITT, 2011, p. 610; KIRBY, 2011, p. 14-15; O’BRIEN, 2011 [2008], p. 125-133 *apud* RIAL, 2016: 19). Sendo assim, aqui também se parte de sua abordagem simbólica para pensar e tensionar a posição social “impura” de quem trabalha diretamente com o lixo no maior lixão de Brasília.

Para Douglas, a “impureza nunca é um fenômeno único, isolado”. Onde houver “impureza” há também um sistema que relaciona tal impureza à pureza. Sistema esse inserido no domínio do simbólico e dentro do qual rituais de pureza e impureza estruturam as relações sociais, dando sentido a experiências díspares, isto é, “uma certa unidade à nossa experiência”.

Da perspectiva da “ordem”, a impureza é um “subproduto de uma organização e de uma classificação da matéria, na medida em que ordenar pressupõe repelir os elementos não apropriados”. Enquanto uma ideia relacional, a impureza é concebida como “uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos nossos sistemas ordenados.” (DOUGLAS, 1991: p. 30). Por isso, as “reações de purificação ou de evitação da impureza” que as pessoas costumam ter ao enxergar o lixão e o trabalho feito nele como “desorganizado” e “perigoso” não são necessariamente um “gesto negativo”. Para Douglas, pelo contrário, tratar-se-ia de um esforço positivo de organização do nosso próprio meio (DOUGLAS, 1991: 6). Por aproximação, é como se a sociedade de Brasília “não catadora” tivesse encontrado uma forma ordenar seus resíduos, bem como seu lugar de disposição e as pessoas que trabalham com eles.

Indiscutivelmente, o lixo está situado na esfera das coisas impuras – visto pela sociedade como um “perigo ao meio ambiente, um problema sanitário das grandes cidades, como um resíduo inútil do ciclo econômico”. O catador, contudo, sendo quem lida diretamente com o lixo e o manuseia, acaba “contagiado por essa impureza e também se torna sujo”. Por isso, ele vivenciaria uma “relação duplamente excludente” – pois tanto o lixo, enquanto seu objeto de trabalho seria inútil, quanto o catador também seria “tido como sujeito inútil para o mundo, sem lugar na sociedade” (SILVA, 2005: 48). Catadores seriam, portanto, pessoas contaminadas simbolicamente pelo contágio (ou “contaminação ritual”) que o manuseio dos resíduos opera. No contexto da gestão de resíduos sólidos, somente com a reciclagem o lixo se tornaria passível de “purificação”.

Equivalente à “impureza” de Douglas, Howard Becker (2008) também fala da “transgressão” à ordem, mas através do conceito de “desvio social”. Para ele, o “fato central acerca do desvio” é que ele é “criado pela sociedade”, e não uma qualidade do ato que a pessoa comete:

Não digo isso no sentido em que é comumente compreendido, de que as causas do desvio estão localizadas na situação social do desviante ou em “fatores sociais” que incitam sua ação. Quero dizer, isto sim, que grupos sociais criam desvio ao fazer regras cuja infração constitui desvio, ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders (BECKER, 2008: 22)

Com isso, também é possível pensar nos aspectos físicos do trabalho de catador e no próprio território dele, uma vez que “a mesma lógica de contaminação perigosa aplica-se a lugares (da lata de lixo ao aterro) que são comumente associados aos resíduos” (RIAL, 2016: 19). Se o lixo representaria a “impureza” do ponto de vista de uma certa “ordem social”, a situação se inverte quando o lixo é encarado como uma ordem social própria – contexto social que inaugura novas regras e desvios, purezas e impurezas.

Everett Hughes também traz contribuições interessantes a partir do conceito de “trabalho sujo”, que criou em 1948, com a publicação da obra “As boas pessoas e o trabalho sujo”, a fim de analisar os trabalhos moralmente degradantes. Foi escrita a partir de um contexto completamente diferente em relação ao dos catadores, mas a análise do conceito que tal contexto inspirou ajuda a pensar a produção social e moral da exclusão (isto é, a criação das “más pessoas”, das “sujas”) especificamente no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, nos conduz a uma reflexão acerca da moralidade que se constrói sobre as identidades humanas (nos seus níveis individuais e sociais) por meio das relações de trabalho.

Conforme o título do trabalho de Hughes sugere, toda sociedade de grande porte pode ser descrita como uma “rede de grupos internos e externos maiores e menores”, e “qualquer grupo interno só o é porque há grupos externos”. Assim cada indivíduo atuaria também como “o centro de uma rede de grupos internos e externos” (HUGHES, 2013: 103). Tais afirmações nos levam a perceber que em todo contexto existem as “boas pessoas” e as “más pessoas” (e estas últimas, por sua vez, seriam as que exercem os “trabalhos sujos” da sociedade). Suas reflexões referiam-se à Alemanha do pós-guerra, particularmente ao trabalho desempenhado pela “SS” (conhecida como “Camisas Negras” ou “Guarda de Elite”, e braço direito do governo nacional-socialista alemão). Considerou-se na época que a SS foi quem promoveu a “solução nazista para o problema judaico” – que foi considerada pelo sociólogo como o mais dramático e colossal episódio de trabalho sujo de que o mundo jamais teve notícia, e que foi levado a cabo, com glória e orgulho, em nome da superioridade e pureza raciais.

Naquela época, a Alemanha vivia um contexto de vergonha nacional, ante a perda de várias colônias, e o enriquecimento dos imigrantes. Na agenda da SS, seus funcionários teriam colocado em ação um radical “programa de crueldade e assassinato”, direcionado (embora de forma alguma exclusiva) contra judeus, eslavos e ciganos. Alguns milhões de pessoas foram enviados a campos de concentração – implementados e administrados pelo comandante da SS Heinrich Himmler – que, com o tempo, foram somados a uma “política de liquidação em massa nas câmaras de gás” (HUGHES, 2013: 93).

Nessa conjuntura, Hughes viu vergonha na expressão do protótipo do alemão, isto é, do alemão comum, civilizado, acompanhada por desculpas que apontavam para um baixo conhecimento das atrocidades da SS – “apesar do fato de que todos sabiam que algo ao mesmo tempo espantoso e terrível estava acontecendo” (HUGHES, 2013: 100). Diante do impacto da presença judia, essa população alemã costumava deixar claro que eles representavam um *problema* (ou seja, ela os empurrava firmemente para um grupo *externo*), e que queria que algo fosse feito em relação aos tais. Assim, o seu desconhecimento “voluntário” quanto ao quadro mais amplo de tortura seria uma justificativa para a ocorrência das violências; esses comportamentos eram eufemizados na fala dos alemães entrevistados, e lhes pareciam perdoáveis, uma vez que os judeus representavam um grupo dissociado do grupo interno (o das “boas pessoas”) e, por isso mesmo, algo deveriam merecer.

Pelo exemplo do autor, se pode ver que em torno de um “trabalho sujo” existem dois níveis de pessoas interagindo entre si, e também, em algum patamar, com a própria atividade “suja”: as “boas pessoas” (ou “comuns” ou “moderadamente boas”), que não executaram

manualmente o trabalho da SS, mas deixaram se safar as “pessoas más”, que de fato executaram o labor. Abstraindo-se do grau de justiça que cada pessoa atribui individualmente ao trabalho socialmente sujo, o fato é que, em quaisquer uma das situações, os “sujos” seriam aqueles que “estão, na verdade, atuando como *agentes* para o resto” da sociedade (HUGHES, 2013: 101). Pois, na medida em que a estrutura social os marginaliza e deles se dissocia, eles são definidos como um *problema* a ser *externalizado*. Com isso, a sociedade indica que reservou a tal grupo a realização de um trabalho que é necessário mas que ela própria, porém, não faria. Por isso, pensar na ambivalência dos “bons” é questionar também a ingenuidade e hipocrisia deles mesmos.

Ainda acerca da identidade social dos catadores, eles também podem ser considerados os trabalhadores mais estigmatizados, em decorrência do que Maria do Carmo (2009) chamou de “semântica negativa do lixo”. Isto é, em razão dos significados culturalmente negativos que são atribuídos ao lixo, que é o seu meio de trabalho, e que assim acaba resvalando da matéria para a própria pessoa, da coisa para o humano, e interferindo diretamente nas relações de trabalho dos catadores. Em outras palavras, os catadores seriam, diferentemente dos membros da SS, moralmente “sujos” muito mais em razão da materialidade do seu insumo de trabalho (e da semântica negativa atribuída aos resíduos sólidos e aos acessórios tipicamente usados para o trabalho, como as carroças), do que pela promoção de um cronograma de crueldade planejada.

Dessa forma, os estigmas que “sujam” sua identidade social, os qualificadores de impureza que recaem sobre sua profissão, ajudam-nos a pensar na marginalização social muito mais como uma forma de isolar para controlar, de obrigar alguém a realizar pelo restante da sociedade o trabalho que ela própria não faria. Seria por isso que, para a maior parte da sociedade, o “lixo” é verdadeiramente um estorvo e o mesmo tratamento que lhe dispensa também dirige ao catador, considerado e tratado como “lixo humano”.

Em geral, sentimos “uma obrigação maior para com os grupos internos e, portanto, uma obrigação menor para com os externos.” (HUGHES, 2013: 103). Os “externos” são, portanto, um grupo ao qual direcionamos “um “tipo concentrado daqueles impulsos dos quais temos ou queremos ter menos consciência”, que preferimos descartar, desconsiderar. Da mesma forma foi com a SS e é com os catadores: considerados moralmente sujos, alheios à ordem, pura desordem, ainda que ambos pudessem ser compreendidos como “necessários” por essa mesma sociedade “boa”, “pura” – a SS por aplicar a “solução nazista para o

problema judeu”, e os catadores por trazerem certa solução ambiental e socioeconômica “para o problema dos resíduos sólidos” do DF.

Considerando existirem muitos outros casos de *outsiders* diferentes dos judeus, os catadores constituem um grupo “em relação aos quais podemos ter sentimentos agressivos e de que podemos não gostar, embora não outorguemos qualquer mandato formal a alguém para lidar com eles em nosso nome”. Quando reificamos as mercadorias³ (ou seja, desconsideramos sua vida pregressa e posterior ao consumo), agimos como se tratamento do lixo domiciliar não fosse responsabilidade de cada cidadão brasileiro. Agindo como se fosse um encargo exclusivo dos governos municipais, aumentamos a distância social (e também física) que há entre os catadores e nós. Com isso, embora até possamos acreditar que catadoras e catadores não devam ser submetidos a quaisquer restrições ou desvantagens socioeconômicas em relação a nós, “tanto mais deixamos nas mãos de outros uma espécie de mandato automático para lidar com eles” (HUGHES, 2013: 104),

Além desses autores, as análises de Tim Ingold (2015) acerca da fenomenologia da paisagem na os “habitantes” estão inseridos também ajuda-nos a pensar a produção social da marginalização sofrida pelos catadores. Analisando o conceito de “paisagem”, contudo, Ingold parece recuperar a “agência” dessa categoria de trabalho, enxergando-os como sujeitos que agem sobre a paisagem, modelando-a no macro e no microtempo, incessantemente, conforme os recursos oferecidos e demandados pela paisagem (que é também ambiente de trabalho, e em alguns casos de moradia) e de acordo com as necessidades do ambiente familiar.

Frequentemente, as pessoas percebem o ambiente ao seu redor a partir do pressuposto de que o mundo é terrestre, sendo a palavra “paisagem” uma das mais utilizadas para descrevê-lo. Ou seja, evocando esse termo, costumeiramente definimos o mundo pelo que está em sua superfície, percebendo-o sob uma “óptica distanciada, contemplativa e panorâmica” (INGOLD, 2015: 194).

Firmemente alojada no “vocabulário da arte modernista”, a partir do século XVIII a palavra “paisagem” começou a evocar a ideia de “cenário”, como se o mundo pudesse ser estendido e projetado sobre uma placa. Assim, descrever uma paisagem equivaleria a “colocar sobre uma tela uma parte específica da terra e aquilo que está por cima dela”, a partir da visão (sentido esse que teria um poder objetificante sobre os elementos desta superfície): “daqui olhamos e vemos aquela nuvem ou aquela árvore, ou aquele pássaro, cada um como um

³ Referência ao que Karl Marx diz sobre o “fetichismo das mercadorias” no sistema capitalista.

objeto situado em relação a nós, à distância”. Nisso, tanto o céu quanto o subsolo recuariam em sua atenção “para um fundo despercebido e tomado como certo. Podiam muito bem não estar lá” (INGOLD, 2015: 194 e 195)

A palavra “paisagem”, no entanto, “tem uma história atribulada”. Pois o seu sentido mais difundido no presente está bastante desvinculado do originário, oposto mesmo a ele. Assim, entre os teóricos da “fenomenologia da paisagem” que “se dispuseram a investigar os compromissos entre as pessoas e o que se convencionou chamar de ‘mundo material’”, Tim Ingold faz uma breve revisão histórica desse termo, para conclamar que façamos uso daquele sentido definido por sua origem etimológica, proveniente da Idade Média: os “modeladores medievais de terra” não eram nômades nem pintores observadores como na Modernidade,

mas agricultores, cujo objetivo não era transformar o mundo material em aparência em vez de em substância, e sim extrair o sustento da terra. (...) a terra foi moldada (*scaped*) pelas pessoas que, com pé, machado e arado, e com a ajuda de seus animais domésticos, pisaram, cortaram e arranharam suas linhas na terra e, assim, criaram sua textura em constante evolução. (INGOLD, 2015: 193)

Uma vez que o chão “testemunha a vivacidade dos processos que o formaram ou que o formam”, não poderia ser a “superfície da materialidade mesma, mas um composto texturizado de diversos materiais que são motivados, depositados, entrelaçados” (INGOLD, 2015: 199). Nesse raciocínio, Ingold propõe que em vez de pensarmos um “mundo-terra”, se assim posso dizer, que pensemos a paisagem em termos de um “mundo-tempo”, no qual a terra, o mar, e a atmosfera são meios fluidos que, ao invés de se contraporem, estão em diálogo perpétuo, envolvido na esfera mais ampla de forças e relações que compõem o “mundo-tempo”, considerado a cúpula “em que toda ação acontece”.

Para tanto, deveríamos enxergar a nós mesmos não apenas como observadores, mas como participantes imersos em um “mundo em formação” também, já que

a paisagem ainda *não* se solidificou do meio” mas está passando por uma formação contínua, acima de tudo graças à imersão das suas múltiplas superfícies nesses fluxos do meio que chamamos de tempo – na luz, no sol, na chuva, no vento, e assim por diante. (INGOLD, 2015. 199; grifo do autor)

Não que observação e participação de alguém que se depara com uma paisagem sejam comportamentos opostos, mas que essa é condição para aquela, assim como a “a luz é uma condição para se ver as coisas, o som para ouvi-las, e a sensação para senti-las. Sob essa perspectiva, Ingold faz da paisagem não um “mundo já formado”, capturado pela observação apenas, mas um mundo em perpétua transformação pela relação que o clima, as dinâmicas

interpessoais e o tempo configuram entre si sobre o espaço atmosférico. “Longe de nos serem revelados como alvos de percepção, ondas, vento e céu estavam presentes como uma experiência totalmente envolvente de som, luz e sensação – isto é, uma atmosfera” (INGOLD, 2015: 197; 205).

Por aproximação, pode-se pensar nos catadores como agentes “modeladores de terra do lixão”, e o próprio Lixão da Estrutural não como uma área onde repousam objetos e superfícies, mas como um “mundo sem objetos”. Isto é, território com materiais “em movimento, em fluxo e devir, um mundo de mar e céu [e também subsuperfície], um mundo-tempo” (INGOLD, 2015: 200). Assim como os “arquitetos originais do espaço eram agricultores que literalmente moldavam a terra ao estriá-la com carroças e arados”, assim também fazem os sujeitos que trabalham no lixão: os catadores estriam o território com suas carroças, bicicletas e o próprio ato de catar, remexendo o solo; e também os operadores de caminhões e máquinas, e demais trabalhadores.

Tendo Ingold em mente, pode-se dizer que a perspectiva que orientou a pesquisa etnográfica no Lixão da Estrutural foi a noção de paisagem como território “relacional”, já que ela é, em parte, moldada pela participação humana; e também a de paisagem “temporalizada”, por compreender que ela também depende de fatores climáticos e da própria passagem do tempo, enquanto elementos incontrolláveis a nós. Diferentemente do moderno conceito de paisagem, que carrega um forte “preconceito visualista”, limitando-se a “disparar flechas visuais em seus alvos”, a noção de “mundo-tempo” resgata o sentido medieval da palavra. Nesse sentido, “mundo-tempo” substituiria “paisagem” para se pensar o espaço no qual a ação dos catadores acontece.

Algumas “categorias nativas” de compreensão do tempo e do espaço na configuração do território, escutadas durante a pesquisa de campo, são rentáveis desse ponto de vista analítico. Por exemplo, quando a catadora Baiana me conta que é difícil promover uma roda de conversas com outras catadoras dentro do lixão porque “o lixo não para”, motivo pelo qual elas não parariam para me ouvir conjuntamente. “O lixo não para” indica que nem mesmo a cerca instalada pelo SLU foi suficiente para demarcar o território do lixão, mantendo-se ele inexpugnável, indomável, em movimento constante, seja no macro ou no microtempo, como uma paisagem que não parou ou estabilizou-se.

Em relação ao médio e longo prazos desse “mundo-tempo”, outro excerto de Baiana demonstra o lixão como um espaço que se constitui, projeta e movimenta-se. Ao descrever-me o processo de constituição daquele espaço, dos primórdios até hoje, Baiana afirmou que

antes de outros catadores de lixo chegarem na atual área ocupada por ele, foi ela quem abriu espaço no Cerrado e assim o criou. “Eu já tinha feito o lixo primeiro”, disse referindo-se a sua posição de destaque na “criação” do lixo. Embora ela não tenha dito isso explicitamente, sinalizou que, desde a época que o lixo do DF percorria outros pontos da capital, movimentou-se bastante; e que, somente depois que ela “abriu o lugar” no Cerrado então uma comunidade veio a se “assentar” ali.

Aparentemente, a visão de paisagem do poder público corresponde mais ao conceito moderno desse termo do que ao medieval – no sentido de que atribui significado ao mundo material pelo esforço de ordenar, monitorar, manter sob controle, criando, por exemplo a cerca, as valas, os fossos do lixo, que detalharei mais tarde. Em certo sentido, dessas tentativas do poder público de disciplinar a dinâmica do espaço do lixo tem-se uma forma convencional de paisagem, que adéqua as formas a imagens pré-concebidas.

Enquanto “paisagem”, o lixo comporta-se também como uma matriz de subpaisagens: ao mesmo tempo visto como uma unidade, é um “território” apropriado de múltiplas formas, tanto pelas catadoras quanto pelos diversos agentes que participam dos dois mercados diretamente relacionados aos resíduos sólidos (o mercado “da reciclagem” e o mercado distrital “dos serviços de limpeza pública”, que circulam inevitavelmente pela cidade Estrutural).

O lixo poderia, enfim, ser entendido como um espaço intersticial da pureza e da impureza. Por um lado, pode ser visto como “impureza” (porque recebe os resíduos sólidos que os geradores não queriam e não se encaixaram em nenhum outro lugar) e também porque os rejeitos orgânicos estão em constante putrefação. Por outro lado, porque existe uma ordem interna regulando as relações socioprodutivas e modelando o território, ainda que ela lide com uma paisagem totalmente polimorfa, em movimento constante.

Além de esforçar-se para descrever a dinâmica do trabalho no território, também foi uma intenção desta monografia, ao constatar que grande parte dos trabalhadores do Lixo reside na própria Estrutural, “ampliar a compreensão dos significados dados à moradia, ao jeito de morar e à luta pelo direito de continuar na Estrutural”(SANTOS, 2014: 147) e, acrescentaria, o direito de continuar trabalhando com os resíduos do DF. Isso por saber que o lixo traz formas particulares de se compreender os trabalhos das catadoras e dos catadores (remunerado e não remunerado) que são, por sua vez, diferentes daquelas pensadas a partir da cidade, e vice-versa.

Para tanto, a fim de descrever a paisagem do vazadouro, buscou-se também fazer relações entre esse local da remuneração com o local da moradia dos catadores como um todo, a partir das contribuições teóricas de Mary Douglas, Howard Becker, Everett Hughes, Tim Ingold e Veena Das.

As conexões que a moradia e o lixão possuem com o ambiente mais amplo que abriga os dois (isto é, a própria cidade Estrutural) são levadas em conta, em parte, pela proximidade territorial das casas com o vazadouro. Por outro lado, pois não seria possível “isolar o conhecimento que se tem de um sem as relações que estabelece com o outro” devido ao processo temporal de constituição de ambas paisagens, que se deu de forma bastante interdependente (SANTOS, 2014: 156).

Dessas perspectivas, e da minha própria observação participante enquanto fonte de informações, constatou-se que a distribuição do trabalho dos catadores no espaço do lixão se dá de forma muito mais lógica e organizada do que aparenta ao forasteiro. Como se depreende de Douglas, Becker e Hughes, a “desordem” do lixão não seria inerente ao mesmo; desgarrados de uma abordagem essencialista, aqui ele é enxergado como “uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a ele”, o “infrator”. Enquanto local de trabalho dos “desviantes”, ele seria um local ao qual esse rótulo foi aplicado com sucesso”, já que “o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal” (BECKER, 2008: 22). Nesse sentido, é importante falar da paisagem (geográfica, atmosférica, espacial, territorial) justamente por compreendermos que ela seja “um fator importante para a compreensão da sobreposição e retroalimentação das desigualdades sociais, raciais, de gênero e geracionais” (INESC, 2016, produto 4: 86)

2.1 Metodologia

Foi empreendida, entre setembro de 2016 a junho do ano seguinte, 2017, a pesquisa etnográfica que durou doze meses e resultou nesta monografia. A metodologia da pesquisa priorizou, sobretudo, métodos e técnicas qualitativos. Partiu da “pesquisa documental”, mas, para a escuta dos sujeitos entrevistados, envolveu principalmente a “observação participante”.

É importante atentar desde já que, uma vez definido o objeto e concluída a pesquisa, todo discurso científico adquire um caráter “performativo” (ou “regionalista”, como chamou Bourdieu). Isto é, age como se, através das regras e fronteiras que prescrevesse, tivesse o poder de trazer, simbolicamente, à existência aquilo que elas delimitam, e também de invisibilizar aquilo que elas não abarcam. Então para estudar a situação do trabalho dos catadores de materiais recicláveis do Lixão do Distrito Federal, portanto, deve-se levar em conta que a ciência possui o poder de monopolizar a legítima classificação do mundo, e que a todo momento estão em disputa as relações de forças simbólicas, bem como as vantagens socioeconômicas correlacionadas a elas.

Nesse sentido, lembro-me de uma roda de conversa, intitulada “Repensando a relação entre a Academia e os Movimentos, que foi organizada pelo grupo “Demodê” do Instituto de Ciências Políticas, em 10 de novembro do ano passado. Nela conheci Aline Souza, catadora “de base” da cooperativa Reciclo e atual presidente da Rede Centcoop que, naquele dia, reforçou qual é o tipo de atuação que se espera das universidades:

a gente se junta com a Universidade, graças a Deus. Durante esses 16 anos aí do Movimento e 10 anos de Centcoop, a Universidade detém uma história junto com a gente, ela veio apoiando, dando essa força mais técnica pra gente, buscando projetos que fortalecessem a nossa organização. Mas quero dizer que a Universidade não pode, hoje, virar as costas pros Movimentos Sociais. Chegou um certo tempo que a Universidade de Brasília, ela... Não vou generalizar, mas uma parte dela virou as costas para a gente aqui em Brasília. E [quero] dizer hoje que é um momento em que ela tem que tá junto, e não trabalhar *para* os Movimentos, e sim *com* os Movimentos.

Atenta a tais questões, serão doravante apresentadas as situações que animaram o meu encontro com a temática dos catadores que trabalham de maneira “avulsa” sobre o território do Lixão da Estrutural, e a forma particular com que eles modelam tal paisagem, enquanto o objeto empírico que teria sido elencado, e as metodologias correspondentes. Trata-se, portanto, dos procedimentos utilizados para me aproximar dos sujeitos dessa pesquisa e que

viabilizaram, em parceria com essas catadoras, a construção do objeto científico desta monografia.

Ao lixão em si foram empreendidas oito visitas esparsas, nos três turnos de um dia, entre outubro de 2016 e julho de 2017⁴. Embora o espaço geográfico privilegiado dessa pesquisa seja principalmente o lixão (e secundariamente algumas das quadras adjacentes a ele), existem algumas explicações para que tais visitas estejam espalhadas assim ao longo dos dez meses de pesquisa.

Inicialmente, porque o meu envolvimento com o assunto proposto é relativamente recente, sendo ausente uma rede de contatos que pudesse me inserir no campo de pesquisa almejado quando iniciei a pesquisa. Assim, percebi a necessidade de criar e testar, desde agosto de 2016, diversas frentes de aproximação dos sujeitos da pesquisa; tentativas que envolveram a própria área ocupada pelo Lixão, mas que foram muito além dele.

Entre a primeira e a segunda visita, por exemplo, passaram-se aproximadamente dois meses, visto que a minha prioridade, antes de mergulhar no “aterro”, era fazer contatos e estabelecer laços de confiança, para que a imersão lá dentro se desse de maneira mais segura – à minha vida e à realização da pesquisa – e confiável – aos trabalhadores dali. Nesse sentido, foi necessário um semestre letivo inteiro para conhecer a rotina dos familiares de Baiana que ainda eram catadores, por meio de visitas que fiz a suas casas; quanto mais os conhecia, mais percebia que seria difícil encontra-los todos reunidos, pois alguns trabalhavam em turnos diferentes entre si, e eu não dispus de dias sequenciais para encontra-los. E até a segunda visita ao lixão, também estive concentrada na leitura da bibliografia que eu já tinha levantado, e na elaboração de fichamentos.

Mas o terceiro e principal ponto vem do fato de que, conforme aprendi no primeiro dia de visita, o lixão demanda referências para que seja visitado, isto é, um acompanhante durante as vivências lá dentro. Sem isso, é necessário ter uma boa historietta para contar aos seguranças para adentrar a guarita, como Baiana fez na maior parte das vezes em que me acompanhou. Outras, bastou dizer o nome e RG. Ademais, uma vez lá dentro, é possível encontrar um ambiente hostil, sob os olhares e sussurros de alguns trabalhadores desconfiados, que não querem ser filmados, e até sofrer assédio por parte de certos homens.

Além do mais, concomitantemente aos investimentos relacionados à família dos catadores Dos Santos, iniciativas diversas entre si, que preencheram grandemente o tempo livre de que eu dispunha para esta pesquisa, foram tomadas no sentido de conhecer outras

⁴ Em 30 de setembro de 2016 fiz a primeira visita e todas as outras foram em 2017: a segunda em janeiro; a terceira, em fevereiro; mais três em março; a sétima em junho; e a última em julho.

catadoras, inclusive fora do ambiente e horário de trabalho delas. Sendo assim, esforcei-me para participar de todos os eventos públicos voltados aos catadores do DF de que tive conhecimento – para alguns tive um convite expresso e companhia certa, e para outras vezes fui acompanhada somente da coragem e curiosidade, sem nenhuma outra pessoa como referência. Por exemplo, duas audiências públicas, uma em novembro de 2016 e a outra em fevereiro de 2017; duas entrevistas da Baiana, uma no STF e a outra na rádio Fogo Cruzado; e a inauguração da linha de moagem e lavagem da cooperativa Recicle a Vida, de Ceilândia.

Mas também saí de Brasília para conhecer mais da catação feminina sob uma perspectiva mais ampla, tendo viajado para Belo Horizonte para participar da “Expocatadores”⁵. Mas mais particularmente das rodas de conversa que ocorreram nos dois primeiros dias do evento, intituladas “espaço vidro: empoderando as mulheres catadoras”, as quais tiveram as seguintes temáticas: “O protagonismo e empoderamento das mulheres catadoras, lutas e desafios. Socializando aprendizados coletivos na temática de gênero”, no primeiro dia; e “Mulheres na política e acesso aos direitos: qual é o nosso papel?”, no segundo.

Outro lugar concreto que foi visitado que merece ser destacado é o Centro de Documentação do Correio Braziliense (CEDOC), a que fui nos dias 20 e 21 de julho. Fui por recomendação de um amigo próximo que trabalha neste departamento do jornal nacional, que cria ser possível encontrar um fértil material sobre o desenvolvimento histórico do Lixão da Estrutural. Naqueles dias, eu já acumulava descomunais registros da minha pesquisa de campo, centrada sobretudo no lixão e seus derredores de hoje em dia, e nos relatos cujas memórias falam do seu desenvolvimento desde que ele se instalou nos arredores da região administrativa SCIA. Assim, não busquei a instituição CEDOC para apurar a versão que a imprensa apresentou desse desenrolar desde a sua criação, na década de 60 nos arredores do Cruzeiro, até os dias de hoje. O material foi consultado a fim de encontrar nos jornais algum paralelismo entre seus registros e a memória dos sujeitos desta pesquisa – revelada nas histórias contadas pela catadora Baiana e outras escutadas na Estrutural.

Estimando que Baiana tenha chegado em Brasília em meados da década de 70, debrucei sobre as brochuras referentes a 1975, mas consegui analisar somente os seus três primeiros meses, devido uma série de fatores limitantes. Felizmente, contudo, naquele período

⁵ Considerado “um dos principais eventos realizados na temática de resíduos sólidos urbanos e educação ambiental do Brasil”, que visa “fortalecer a presença qualificada dos catadores de materiais recicláveis na cadeia da reciclagem”, contabilizou mais de 20 mil participantes em toda sua existência até o momento da sua sétima edição, que ocorreu de 28 a 30 de novembro, e foi a primeira vez que o evento saiu da capital São Paulo. Fonte: <http://www.expocatadores.com.br/o-evento/>, consultada em 20 de novembro de 2016.

já encontrei registro sobre a profissão de “catador de papel” e alguns detalhes sobre a gestão de resíduos nos primeiros 15 anos da capital, que serão apresentados como importantes elementos para contextualizar historicamente o objeto desta pesquisa. Percebi, inclusive, que o necessário esforço hercúleo para analisar todos os anos que não contemplei poderia ficar de sugestão a uma próxima pesquisa que se dedique a gestão de resíduos sólidos no DF.

Dessa forma, os dois semestres de que eu dispunha para começar e finalizar a monografia – isto é, o 2º de 2016 e o 1º de 2017 – transformaram-se em três. Por ter preenchido o tempo disponível com muitas frentes de pesquisa, produzi um mundaréu de materiais que clamava para ser organizado, sistematizado e analisado – diversos relatórios de pesquisa foram escritos, fichamentos de leituras feitos, gravações de áudio transcritas, por exemplo, os quais exigiram mais tempo que o esperado. Entre os diversos problemas que a observação participante pode gerar, especialmente quando se propõe a observar situações tão variadas, ela chega a requerer longos estudos, que podem atravessar meses consecutivos, e gerar grande volume e variedade de material empírico, cuja sistematização se torna bastante desafiadora. Por isso, decidi adiar para o segundo semestre do ano a minha matrícula na disciplina “Dissertação” enquanto dedicava-me à organização do material que tinha acumulado, sem, no entanto, ignorar os convites ao lixão e à Estrutural que continuaram sendo feitos nesse semestre “extra”.

Em uma fusão da vida pessoal com a acadêmica, o diálogo iniciado com Adriana Alves, pesquisadora e pedagoga formada pela Universidade de Brasília, foi considerado com apreço especial⁶. Pois, em virtude do atual trabalho que ela desenvolve como funcionária do programa federal “Cataforte”, vivenciamos juntas diversos eventos públicos relacionados à gestão distrital de resíduos, mas o principal foi a exposição fotográfica “Eu Catador”, que nós montamos e desmontamos em lugares diversificados de Brasília. Mills (1975), explicando o sentido da fusão entre as esferas pessoal e acadêmica, já dizia ser necessário cercar-se de “pessoas que ouvem e falam” em todos os possíveis ambientes relevantes social e intelectualmente, uma vez que elas podem “levar-me a pensar dentro das linhas de meu trabalho.” (MILLS, 1975: 218).

Atenta a tais recomendações, busquei compor uma rede de contatos com estudiosos da área, bem como com as catadoras do lixão, representando uma fusão da vida pessoal com a intelectual, nos termos de Mills. Destaco, enfim, detalhes do relacionamento estabelecido com

⁶ Monografia “A voz dos catadores: formação de catadores de materiais recicláveis do Distrito Federal” (2013), e mestrado “Formação ‘de catador para catador’: o movimento nacional dos catadores na construção de sua autonomia político-pedagógica” (2016).

Baiana, e da sua importância política localmente, por considera-la a peça mais fundamental nas minhas investidas ao lixão.

Considerando também que, à exceção de um dia, ela me acompanhou em todas as minhas idas ao lixão, sem contar os diversos passeios que fizemos pela cidade, esta pesquisa seria muito mais rasa sem o prestígio local, as memórias e a amizade sincera dessa mulher, que sugeriu e livremente decidiu apresentar-me como sua “sobrinha” aos colegas de trabalho e à sua vizinhança, desde o primeiro dia em que visitei a Estrutural e o lixão, em 30 de setembro de 2016.

Mas a importância política de Baiana na cidade Estrutural não se localiza somente no tempo presente nem à área de assentamento que o lixão oportunizou. Para mencionar um pouco de sua popularidade, desde que nos conhecemos, por duas vezes ela estampou um jornal local, o “Fogo Cruzado”⁷. E mais recentemente, em 26 de novembro, esteve em São Paulo para participar do programa Domingo Show, da Rede Record.

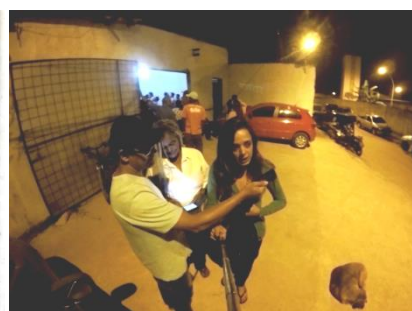
Ao longo das minhas observações no lixão, escutei inúmeros catadores citaram a sua atuação em diversas etapas da construção do lixão, com notável ênfase para o início dele. Com o nome de Valdineide dos Santos Ferreira, ela se tornou popular mesmo como “Baiana”. Natural da “a fazenda Igreja Nova”, no estado da Bahia, veio para Brasília em meados da década de 70, juntamente com filhos e o então namorado, em busca de um novo sonho.

Antes disso, porém, viveu uma longa jornada como retirante: da sua cidade natal, seguiu para Feira de Santana, e dali saiu do estado da Bahia, passando pelo Piauí, Maranhão e Pernambuco antes de encontrar repouso em Brasília. Após dez dias de caminhadas e caronas, encontrou em Ceilândia o primeiro lar – época em que pagou aluguel com o que obtinha dos “serviços gerais” que fazia para uma empresa da construção civil. Mas não tardou para que a sua miséria, que a acompanhava desde nascença no seio da família, se agravasse quando o marido a abandonou e o patrão demitiu. Sob esses marcos derradeiros, ela teve de perambular até encontrar onde pudesse se fixar. Percebendo atrás da Ceasa uma área desocupada e oportuna, embreou-se no Cerrado, e naquela feira reiniciou a vida catando alimentos para a própria subsistência (e de suas crias), que lhe fornecia insumo de consumo imediato.

⁷ Na edição de número 41 dedicaram uma página inteira a escrever sobre a história de Baiana. Seu texto correspondeu a uma entrevista que ela concedeu a Edvaldo Campos, no dia 20 de fevereiro, a qual acompanhei a convite dela, e que foi divulgada na rádio que tal jornal possui. Já na edição 47, do mês de maio, redigiram uma notícia que não era propriamente sobre ela, mas que noticiava a aprovação, por parte da Câmara Legislativa, de uma bolsa de compensação financeira para os catadores do lixão, trazendo sua foto para representa-los, com a seguinte legenda: “foto em homenagem a uma das pioneiras do lixão da Estrutural (Baiana)”.

Desde então, contudo, não parou mais de catar tesouros no despejo alheio: encontrando neles também um valor de troca, fez disso um ofício, ao ponto de hoje ser reconhecida na cidade Estrutural como uma das criadoras do lixão que nasceu naquela região. Sabe-se, oficialmente, que vários foram os pontos criados e tolerados no Distrito Federal como vazadouros a céu aberto, desde que vieram os primeiros candangos espreitar a terra. Mas Baiana, como ficou conhecida, por necessidade e resiliência, juntou-se aos outros dissidentes da grande casa que imaginavam ser Brasília, “a capital da esperança”, e participou ativamente da construção que nasceu nas imediações da Estrutural. Nesse sentido, e considerando que o lixão se trata de uma paisagem em permanente reconstrução – seja em área, volume, altura, trajeto – com seu trabalho de catadora Baiana representaria, de certa forma, a ponta final de um ciclo e o recomeço de outro na história – o início do Lixão da Estrutural, no caso.

Outro episódio que presenciei, que para mim demonstrou a sua popularidade e importância na história da cidade aconteceu em 10 de janeiro de 2017. Naquele dia foi inegável: por onde Baiana passava fazia graça. Passeando pela área central da cidade, foi possível confirmar, mais uma vez, que Baiana realmente é popular ali. Desde que saímos de sua casa, um adolescente descendo de bicicleta gritou seu nome para cumprimentá-la; mais adiante, ela manda seu olá para diversos comerciantes ao longo das ruas que percorremos no setor Oeste, e até um carro de som, quando já estávamos na Praça Central, gritou o nome dela no megafone, elogioso e brincalhão; e a mulher, faceira que é, mais uma vez parou para cumprimentar e conversar um pouco.



Fotografias 1 e 2. À esquerda, a capa do *Jornal Fogo Cruzado*, edição nº 41; a direita, Edvaldo, Baiana e Rebecca durante gravação da entrevista, em 20 de fevereiro de 2017, na sede da rádio Fogo Cruzado.

Fotografia 3. Matéria da edição nº 47, onde se lê “foto em homenagem a uma das pioneiras do lixão da Estrutural (Baiana)”.

Fotografia 4. Baiana é parada na praça central da Cidade Estrutural por um amigo que dirigia um carro de som.

Através de Baiana, que a todo momento sabia da minha intenção de pesquisa, conheci todas as outras catadoras com quem lidei, fosse por alguns minutos ou uma tarde inteira, e com sua ajuda e expertise conversamos com aproximadamente dez catadoras do lixão, sendo a maioria das conversas gravadas em dias e horários distintos, dentro e fora dali. Diferentemente delas, porém, com Baiana e Celma construí um relacionamento que possui continuidade no tempo e se mantém até hoje. Enquanto com as demais convivi por não mais de um dia, com elas troquei telefone, frequentei suas casas e todos os seus parentes que moram na Estrutural passaram a me conhecer pelo nome. Continuo, inclusive, recebendo mensagens suas pelo WhatsApp, como demonstra este áudio do dia 14 de julho, enviado por Baiana depois de nove dias que lhe fiz uma rápida visita, que evidencia seu jeito amoroso (e também um tanto dramático).

Ei Rebecca, ce não fala mais comigo não, meu anjo? Você sumiu por que? Eu gosto muito de você! Como é que vai, tá bem? (...) Todo dia de manhã você tá fazendo o que eu disse – um dia sim, um dia não, ir ver sua avó pra pedir a bença pra ela e tudo mais? Faz isso, tá bom?! Fica com deus, tchau. Eu to com saudade de você, tá?! Te amo, tchau.

Pensando nas técnicas de observação, Alonso (2016) subdividiu a “observação participante” em “outsider” e “insider”. Na observação “insider” especificamente, “o pesquisador opera incógnito. Assume uma identidade no interior do grupo que estuda e age como se fosse um membro” (ALONSO, 2016: 11). Em geral, a observação participante tem, como preocupação de fundo, compreender, na prática, as rotinas e o modo como são vivenciadas e se estruturam as relações sociais.

Conforme já dito, Baiana foi a minha principal companhia durante as observações que fiz no lixão e na cidade. Com os outros personagens desta pesquisa, por sua vez, interagi de formas mais pontuais e furtivas, com menor planejamento e, na maioria dos casos, não voltei a revê-los. Como sempre soube da incerteza de nossos reencontros, a cada vez que Baiana me apresentou a algum colega seu busquei praticar “entrevistas semi-estruturadas”, conforme um amplo “corpo de hipóteses” viesse revelando a necessidade de cada hipótese ser testada. Na

fotografia 9, por exemplo, estou com Baiana e duas outras catadoras, Maria Vilma e Santinha, que estiveram comigo em alguns desses breves momentos.



Fotografia 5. Maria Vilma, Baiana e Santinha ao meu lado: catadoras e amigas de Baiana.

Desconsiderando o grande envolvimento com ela e as interações com sua família, pode-se considerar que a observação participante desenvolvida no lixão e as conversas iniciadas com outros catadores ocorreu sob a modalidade “insider” portanto – em que o pesquisador não explicita aos pesquisados a sua condição de estudioso. Na maioria das vezes, assim, permiti-me vivenciar algumas horas no lixão como se fosse uma parente da Baiana e simples visitante do local – ou seja, pessoas para quem não existem exigências metodológicas e, portanto, livres de a anunciar uma intenção de pesquisa.

Quanto aos instrumentos empregados na produção de dados, Maria Queiroz (1991) comenta algumas das técnicas que existem para registrar as “histórias orais” dos sujeitos pesquisados. Isto é, os relatos cujas informações são expressos oralmente e pressupõem um colóquio entre informante e pesquisador. Entre as variadas formas que existem de documentar um relato, Queiroz cita cinco delas – que constituem não um produto final da pesquisa, mas basicamente um instrumento de registro. São as “biografias”, “autobiografias”, “depoimentos pessoais”, “histórias de vida” e “entrevistas” (podendo estas últimas ser do tipo “rigorosamente orientada”, “com roteiro” ou “semi-orientada”, e ainda “realmente livre”).

Sendo assim, enquanto as histórias de outros catadores foram registradas, na sua maioria, breves “depoimentos pessoais” ou “entrevistas semi-orientadas”, o envolvimento com Baiana contou com isso e muito mais. Entre os diversos momentos não planejados que passei com ela, somente uma vez realizamos uma entrevista rigorosamente orientada, para a

qual levei um questionário pronto e arranjamos um ambiente fechado especificamente para gravar com uma câmera “de entrada” (ou “semiprofissional”), que é menos portátil, mas mais arrojada que a costumeira “GoPro” que carreguei em todas as saídas de campo.

No caso de Baiana e sua família, a intenção de pesquisa esteve clara desde sempre. Por isso, colecionei variados áudios nos quais minha amiga reforçou sua vontade de ser biografada, e até mesmo ter um livro contando sua história. E a sua sobrinha Celma, em diversos momentos me ajudou com gravações de áudio em sua casa. Considerei tais áudios, portanto, como o registro bastante de um contrato celebrado entre pesquisadora e entrevistadas – nos quais elas autorizavam a utilização de seus nomes reais, e eu garantia um retorno da história escrita para que elas verificassem as inconsistências.

No meu primeiro dia de lixão, enquanto parávamos a andança para comprar um dindin perto de uma das portarias dele, fiquei preocupada se o parentesco inventado por ela poderia nos gerar más interpretações no futuro, pois não tínhamos combinado entre nós uma história homogênea para contar, nem queria gerar a sensação de “enganação” em ninguém. Por isso, puxei elas no canto para desabafar, mas ela e sua filha simplesmente me acalmaram alertando-me que o excesso estaria justamente em criar muitos detalhes sobre a “nossa família”, bastando o seguinte:

- Rebecca: então esse é o nosso primeiro segredinho de amigas, que a gente vai ter que guardar. Eu nasci aqui, mas pra todos os efeitos nós somos parentes “de consideração” aqui no contexto
- Carla: é só dizer “eu sou daqui, meus primo é da Bahia”
- Baiana: prima “de coisa” e... Aí também se eles perguntar, aí você diz “não, sou de tal lugar” e pronto, “to só passando uns dias aqui”.



Fotografia 6. Após comprarmos dindin, conversamos sobre a necessidade de criarmos uma identidade fictícia para mim e a colega que também nos acompanhava.

Além de aceitar a introdução como “sobrinha” que ela fazia de mim, muitas vezes as conversas já fluíam sem que fosse necessário apresentar-me como pesquisadora devido à popularidade mesma que ela possuía no local, suficiente para iniciar uma conversa com qualquer um dali. Por mais esse motivo frequentemente não foi consultada a vontade dos sujeitos de participar dessa pesquisa, e também não houve a troca de contatos telefônicos, sem que um reencontro estivesse assegurado. À exceção de Baiana e sua família, portanto, com tais pessoas não foi criado um “termo de consentimento”, e optei por manter o anonimato das mesmas, criando nomes fictícios ao fazer menções a história de suas vidas que são reais.

Muitas vezes, a fotografia que eu fazia dos nossos colóquios furtivos traziam elementos fundamentais para a descrição sócio-produtiva de seus trabalhos – itens tanto da paisagem, quanto do vestuário e dos equipamentos de trabalho. Nesse sentido, algumas fotos destes momentos são utilizadas nesta monografia; mas, para que a “ética de pesquisa” não se torne um problema, tarjas e outros recortes nas imagens foram usados como recursos para “impessoalizar” tais sujeitos.

Baseada nesses diferenciais, que propiciaram o acompanhamento mais intenso da sua rotina de catadora, ela pode ser considerada o principal “sujeito” da pesquisa e também o “informante” mais decisivo; ou, em outras palavras, a unidade que articula o conjunto de interações relacionadas entre si que estudei. Assim, ela participou da pesquisa como “via de acesso e, eventualmente, mediador cultural” entre a minha vida e todo o contexto das relações que o lixão inaugura e que ela ajudou a construir desde seus primórdios (ALONSO, 2016: 10).

Assim, é importante perceber que, através de uma miscelânea de técnicas de pesquisa, não considere nem o lixão nem a Baiana como um “isolado territorial”. Mas sim que a partir deles e da variação de técnicas, pude compreender melhor as redes que compõem a dinâmica interna do lixão, sem necessariamente estarem circunscritas ao território dele ou a vida dela. Conjunto que demonstra que a realização do trabalho de campo é efetivamente um “processo permanente de recriação do conhecimento científico, cujo objeto não são dados brutos, diretamente acessíveis aos nossos sentidos, mas instâncias empíricas” que selecionamos” (COSTA, 1986).

Em relação aos acessórios mais usados, demorei a perceber que a extravagância deveria ter um lugar mínimo na pesquisa. Somente depois de um constrangimento comecei a entender que a miríade de cores daquele mundo do lixão predomina em outras tonalidades – com muito mais tons pretos e marrons acinzentado, por vezes desbotados. Assim, logo no

meu primeiro dia de lixão, houve uma situação em que meu “estilo” colorido foi posto em cheque e entendi que eu deveria ajustar algumas de minhas escolhas estéticas. Além dos olhares curiosos com meu caderno de campo de estampa amarela, que gerava curiosidade, a minha galocha colorida também foi objeto de riso logo quando saí da casa de Carla em direção à da Celma.



Fotografias 7, 8 e 9. Instrumentos de pesquisa extravagantes cujo uso tive de repensar.

No meio do caminho, seu filho e um amigo da família, que ainda não me conheciam, imitaram imediatamente um robô quando me avistaram à distância, com gestos corporais desengonçados, fazendo uma caricatura de mim. Caímos todos na gargalhada – eles, eu e Carla. Pouco depois, quando Celma me viu, além de achar graça da bota, foi uma das poucas que comentou que, pelo menos, ela era apropriada para suportar a insegurança e risco de contato com alguns dos materiais encontrados no lixão. Ela se queixou, porém, de minha calça: eu trajava uma fina calça leggings preta, que deixava a bota e um pedaço de meu joelho descobertos; voltamos à casa da Carla para que eu me readequasse, colocando uma calça larga por cima da leggings e da bota, que a partir de então passou um pouco mais batida para as vistas dos catadores da Estrutural.

Para os efeitos desta pesquisa, costumo dizer que a minha entrada a campo se deu no dia 29 de setembro de 2016, dia em que se comemorava abertura da exposição fotográfica “Eu Catador”, através de um coquetel organizado no Clube ASBAC, no qual tive o privilégio da companhia e estímulo de Henyo Barretto Filho, meu professor e orientador.

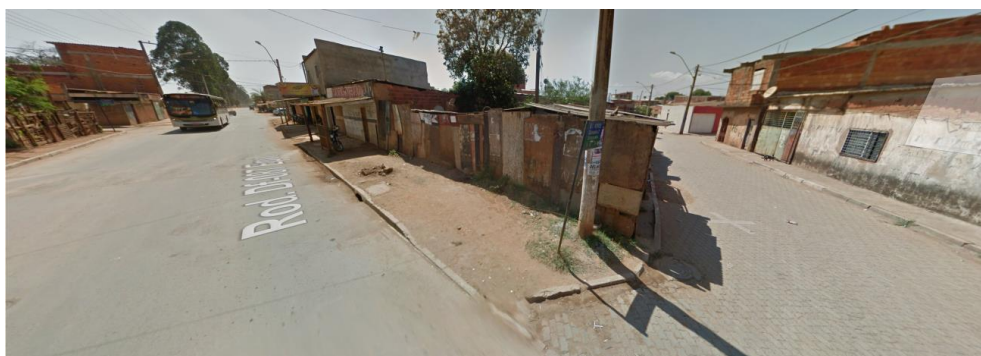
Apesar dos esforços empreendidos em períodos anteriores, considero este coquetel como o evento em que conheci as mulheres catadoras com quem logrei, de fato, desenvolver um contato mais longo, até hoje ativo – Baiana, sua filha Carla, e a sobrinha Celma. Durou menos de três horas a minha presença naquele evento, mas o pouco, ainda que insuficiente para conhecer uma vida, serviu para introduzir os próximos encontros. Já no dia seguinte, uma

sexta-feira pela manhã, fui visitar a cidade Estrutural e o lixão pela primeira vez, e em pouco tempo já estava frequentando suas casas.

De acordo com um mapeamento disponibilizado pela AGEFIS (2015)⁸ que comenta o uso do solo, a Estrutural subdivide-se em seis áreas (Córrego Cabeceira do Valo, Setor Norte, Setor Oeste, Setor Leste, Setor Central, e Setor de Comércio e Serviços – SCSV). A Santa Luzia, que não foi incluída no mapa, deve ser considerada como a sétima região, por ser a mais recente área de invasão da região. Embora morassem em três endereços diferentes, Baiana, Celma e Carla eram vizinhas de quadra, e situavam-se nos setores mais próximos ao lixão (o Oeste e o Norte), sendo possível chegar até ele com uma breve caminhada.

Das três, Carla foi a única a morar em uma casa de alvenaria, situada em uma sobreloja, cujo aluguel dividia com uma colega; quando tal pessoa mudou-se de lá, ela se viu impossibilitada de arcar com todos os custos e percebeu que precisaria voltar a morar com sua mãe. Baiana e Celma, por sua vez, habitam casas construídas praticamente com materiais retirados do lixão apenas, que são tábuas de madeira em sua maioria, e seus lotes possuem quintais relativamente amplos onde é possível acumular com maior segurança os recicláveis que coletam no lixão.

Dos três endereços, porém, a casa de Baiana era a mais próxima ao lixão. Conforme ilustram as imagens 5 e 6, situa-se na beira da rodovia EPVL (BR DF-087), de forma que do portão de sua casa já dava para ver os pinheiros do seu local de trabalho, dando a sensação de que o espaço do lar era quase contíguo ao do labor. Bastavam alguns passos dali e menos de cinco minutos para se chegar ao cruzamento das ruas que dão acesso às duas entradas do vazadouro. Uma das ruas é a própria BR, que leva à entrada de caminhões do lixão, na antiga quadra 12 (e atual quadra 02); a outra é a autoestrada que contorna a quadra 5 do setor oeste, e encaminha os passantes para a entrada de pedestres.



⁸ “Agefis coloca no site mapa de áreas em regularização”: <https://emicles.blogspot.com.br/2015/02/agefis-coloca-no-site-mapas-de-areas-em.html>



Figuras 5 e 6. A primeira imagem de satélite retrata a parte do setor Norte em que se vê a rua de Baiana, a direita, que desemboca na rodovia EPVL, uma das estradas do lixão, conforme os pinheiros que podem ser vistos ao fundo. A outra mostra a relação da casa dela com o lixão em maior escala: enquanto a casa está em vermelho, as duas entradas oficiais do lixão em azul.

Como se percebe, além dos eventos públicos, participei também de momentos íntimos na casa de algumas catadoras, nas ruas da cidade, e no meu carro quando eu oferecia caronas. Finalmente, também estabeleci vínculos de trabalhos voluntários, o principal deles relacionado coordenação da exposição “Eu Catador”, depois de aproximar-me de seus organizadores iniciais. Sua penúltima edição, inclusive, foi montada por mim e Adriana no subsolo da Biblioteca Central da UnB, onde foi exibida entre 15 a 30 de agosto (abaixo, fotografia e encarte feitos por mim).

Considerando a intimidade construída com a principal interlocutora desta pesquisa, realizei com Baiana um ensaio fotográfico, que foi apresentando ao final da disciplina Antropologia Visual, a fim de enriquecer a tarefa de “devolução” que uma pesquisa implica, mas de uma forma que ela pudesse se reconhecer nele. A importância de devolver aos interlocutores um produto em que eles pudessem se enxergar revelou-se a mim desde o já referido coquetel. Ali sua filha Carla me contara que sua mãe consegue juntar alguns pares de letrelinhas apenas – o bastante para depreender e supor algumas ideias escritas, mas insuficiente para ler um texto inteiro. Naquela noite, inclusive, quando estávamos em frente a mesa que continha o caderno de assinaturas, enquanto puxei assunto com ela, a mulher até pegou a caneta mas nada escreveu ali, e saiu em pouco tempo dizendo que iria chamar as amigas para registrarem seus nomes. Apesar das muitas incertezas que encarei durante o relacionamento com essa catadora, esse episódio foi a confirmação de que na Estrutural poderia florescer um trabalho fotográfico sensível, de tão desinibida e conhecida que essa mulher é na cidade. Com ela compreendi que, ainda que a pesquisa frutificasse relações de amizade entre mim e quaisquer catadoras, eu jamais poderia esperar que elas lessem esta monografia, visto que, além da baixíssima escolaridade das interlocutoras, o discurso que

construo a seu respeito se dirige, em um primeiro momento, aos “pares” da Academia. Por isso, buscou-se com a fotografia, enquanto a técnica de pesquisa eleita e praticada como a mais justa e respeitosa dimensão de “devolução”, criar um material no qual aquela mulher tão forte pudesse enxergar a si própria na posição de protagonista da sua história.

Outro procedimento primordial e inevitável de toda pesquisa é o interrogatório a uma enorme série de escritos. Mesmo que tenham sido, muitas vezes, “redigidos com intenções que nada tinham a ver com a pesquisa que se decidiu fazer, não é por esta razão que devam ser afastados como menos úteis”, defende Queiroz. Pelo contrário, eles “constituem hoje, como constituíram no passado, a base mais sólida sobre a qual se erguerá o edifício da investigação.” (QUEIROZ, 1991: 5).

Nesse sentido, Tim Ingold é um autor privilegiado por analisar o trabalho sob a perspectiva do território e seu espaço geográfico. Tendo em conta que o lixão corresponderia a um “quarto de despejo” da sociedade Brasileira, para fazer alusão à catadora e escritora Carolina Maria de Jesus, parte-se de Mary Douglas, Howard Becker e Everett Hughes para se pensar também a produção social da exclusão e, assim, se pensar a marginalidade à qual são compelidos tanto o espaço do lixão quanto os catadores que o ocupam.

Outra pesquisa importantíssima foi desenvolvida pelo INESC (2016), a qual motivou a crença de que a catação avulsa é um fenômeno hegemônico no lixão. De acordo com a ONG, no seu relatório o lixão estava “inserido entre as localidades de catadores avulsos ou de pontos informais” (INESC, 2016: 99), a despeito dos seis grupos autodenominados como cooperativas ou associações dali, aos quais faltariam os princípios do cooperativismo e associativismo. São elas a Ambiente, Coorace, Plasferro, Cooperno, Coopere, e Construir. Isso porque seria comum que tais empreendimentos atuem em “condições similares, e em alguns casos até pior, do que os grupos informais de catadores independentes ou avulsos do ponto de vista laboral e sanitário” (INESC, 2016: 15). Em certo sentido, a instituição trata daqueles seis grupos como “grupos de catadores avulsos” que são unidos por outros critérios que não os cooperativistas, e enxerga o Lixão da Estrutural como local “formado principalmente por catadores avulsos/independentes”. (INESC, 2016: 99).

Tendo esses dados como base, um capítulo do livro “Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary” (2006) é importantíssimo para tensionar os dados do INESC e sua relação com a realidade concreta encontrada no Lixão da Estrutural.⁹ Foi escrito por Veena

⁹ Capítulo “O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade”.

Das, que articula a teoria feminista com a antropologia, tensionando as intersecções entre gênero, violência e subjetividade, pelo menos, desde a década de 70.

Entre as pesquisas encomendadas por instituições governamentais, foi consultada particularmente a “Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – Estrutural 2015” realizada pela CODEPLAN e divulgada em abril de 2016, além de variados estudos disponibilizados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012, 2013 e 2015), para contextualizar e construir o perfil do grupo estudado. Reforçando parte de suas informações, os relatórios produzidos em 2016 pela organização não governamental INESC (Instituto de Estudos Sócioeconômicos), sob encomenda do projeto “Pró-Catador DF”, também foram importantes para pensar os catadores que trabalham no lixão e residem ao seu redor.

Além desses, um sítio da internet foi privilegiado para a pesquisa documental, para pensar o posicionamento político da classe de trabalho aqui analisada. Foi fundamental consultar o website¹⁰ do Movimento Nacional de Catadores, particularmente as seções de “Notícias” (que se subdividem conforme em tópicos nacionais e macrorregionais) e a “Biblioteca” (que traz tanto legislações pertinentes, quanto diversos materiais que resultam de pesquisas acadêmicas desenvolvidas por estudiosos da catação, os quais foram levantados e considerados).

Tendo em vista a perspectiva da “devolução”, concluí que um produto audiovisual seria o mais adequado, em relação a um calhamaço de texto escrito que se configura nesta monografia, e complementar o ensaio fotográfico, em forma de agradecimento e “prestação de contas” a Baiana, catadora semianalfabeta, pelo seu tempo e esforços dedicados a meu projeto de pesquisa. Nomeado “Baiana da Estrutural em: primórdios do Lixão de Brasília”, com aproximadamente 30 minutos, o documentário encontra-se em um CD anexo ao corpo da monografia.

Assim, despretensiosamente consegui articular com lideranças do MNCR e da ANCAT, em meados de novembro desse ano, para que fosse exibido ininterruptamente durante a Expocatadores 2017, que ocorreu de 11 a 13 de dezembro no Centro de Convenções, Brasília. O que foi possível porque preparei sua exibição juntamente à equipe de voluntários da exposição Eu Catador, da qual me tornei uma das coordenadoras. Assim, montei juntamente a tais fotografias um espaço composto de videoprojeção e, para que o público assistisse confortavelmente, dispus também móveis recicláveis produzidos por mim.

¹⁰ <http://www.mncr.org.br/>, acessado entre setembro de 2016 a julho de 2017.



Fotografias 10 e 11.

Videoinstalação que montei para projetar o documentário “Baiana da Estrutural em: Primórdios do Lixão de Brasília” durante a Expocatadores 2017, ao lado da exposição Eu Catador.

Baiana é a catadora mais engajada nesta exposição – desde a primeira vernissage, ela foi a artista que mais foi às inaugurações da Eu Catador. Foi à Expocatadores no último dia apenas, mas a situação já foi suficiente para aproveitar a fama e usufruir do reconhecimento que sentiu de várias outras catadores naquele dia, que interagiram com ela desde que ela chegou até a hora de partida dos ônibus dos catadores que vieram de outros estados, noite de quarta-feira. Desde então, já me contou de outros projetos de vídeo que ela tem, convidando para novas parcerias.

3. CATEGORIAS MOTIVACIONAIS

Extraídas da pesquisa documental e exploradas em campo, algumas categorias de análise foram muito importantes para a construção do objeto científico desta pesquisa, uma vez que as catadoras e catadores do lixão dialogam e interagem com elas, seja reforçando ou criticando-as. Nesse sentido, são úteis tanto no que se refere à descrição da organização do trabalho do catador no território do lixão, quanto no tensionamento da relação de oposição normalmente estabelecida entre o trabalho “cooperado” e “avulso” dessa categoria laboral.

A “reciclagem”, de acordo com Alex Cardoso, do MNCR, se realiza por meio de duas “rotas tecnológicas”, uma é o “reaproveitamento energético” e a outra a “reciclagem popular”. Envolvendo uma tecnologia de alto custo, a primeira se baseia no processo de “incineração” dos resíduos. Já a outra encaminha os resíduos recicláveis para a indústria de transformação, tendo em conta, porém, o reconhecimento e a valorização do catador como protagonista desse processo (IHU On-Line, 2014).

O conjunto de vantagens obtidas com a promoção da “reciclagem popular” é vasto. Ao substituir “o momento de extração da matéria-prima, transformando o próprio lixo em matéria-prima” que será reintroduzida em novo processo de produção, uma das vantagens que ela proporciona está na “diminuição da produção de resíduos, tanto no início do processo, a extração, quanto no seu fim, o consumo, ligando, desta maneira, um extremo a outro” (SILVA, 2005: 41). O catador – ao recolher, categorizar e revender os recicláveis a atravessadores ou à indústria diretamente – é justamente aquele que estabelece esse elo entre os extremos.

Segundo a definição da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002)¹¹, ele seria o profissional envolvido diretamente nas atividades de coleta, seleção e venda desses materiais.

¹¹ Produzido pela primeira vez em 1982, somente em 9 de outubro 2002 o CBC foi atualizado, por meio da Portaria Ministerial nº 397, que instituiu a CBO sobre todo o território nacional. Nessa segunda edição do documento, esses trabalhadores foram incluídos sob o título de “catador de material reciclável”, tendo o 5192 como número de registro. Uma versão online da CBO, organizada em três volumes, traz a descrição da profissão de catador em seu primeiro (“Códigos, títulos e descrições”) e terceiro volumes (“Estrutura, tábua de conversão e índice de títulos”), disponíveis em:

<<http://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/files/2014/09/CBO-Livro-1.pdf>, e “Livro 3 - Estrutura, tábua de conversão e índice de títulos” em:

<http://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2016/04/CBO2002_Liv3.pdf. Acesso em 16-08-17.

TÍTULO

5192-05 Catador de material reciclável - Catador de ferro-velho; Catador de papel e papelão; Catador de sucata; Catador de vasilhame; Enfardador de sucata (cooperativa); Separador de sucata (cooperativa); Triador de sucata (cooperativa).

DESCRIÇÃO SUMÁRIA

Catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.

FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA

O acesso ao trabalho é livre, sem exigência de escolaridade ou formação profissional.

Figura 7. Printscreen da página 806 do “Livro 1 - Códigos, títulos e descrições” da CBO.

Sabe-se, porém, que muito tempo se passou desde a inclusão na CBO em 2002, de forma que o seu trabalho considerado “de base” tem avançado na cadeia da reciclagem, e muitas vezes é possível encontra-los em atividades de valorização dos materiais que são posteriores ao próprio catar-selecionar-vender inicial.

Tratam-se de tarefas que vão agregando valor econômico aos recicláveis conforme mais se aproximam da indústria, como: a triagem (que seria uma segunda seleção, mais fina e complexa, que frequentemente depende de equipamento ou maquinário específico) e o enfardamento dos recicláveis. Tais situações são encontradas no Lixão da Estrutural, por exemplo, como ilustram as fotografias abaixo que fiz em 30 de setembro de 2016, em duas áreas diferentes do vazadouro.



Fotografias 12 e 13. Na primeira, catadores no Maciço; na segunda, na esteira de triagem.

Na primeira foto, diversos catadores com seus corpos recurvados garimpam recicláveis escondidos em sacolas de toda sorte de cores. Caminham multidirecionalmente

sobre o chão fofo do pátio conhecido como “Maciço”, carregando sacolas sobre as costas ou amarradas à cintura, nas quais depositam o que catam mais imediatamente, que será transferido para os “bags”, localizados em “pontos” mais afastados das áreas de catação.

Na segunda, a palavra “ereta” define a curvatura dos corpos. Pois nesta situação os catadores trabalham em pé, seja na triagem que movimentam na esteira (máquina sob a tenda da esquerda) seja no manejo da “impressora” (à direita) que enfarda o que foi anteriormente triado. Este trabalho, já mais avançado na cadeia da reciclagem, se dá em uma área específica do lixão, conhecida como “cooperativa-mista”, pois ali estão agregados catadores e não catadores; enquanto a outra modalidade, precedente na cadeia, está generalizada em todos os outros pátios em que os catadores são encontrados. Embora eu não tenha escutado alguém mencionar este termo, pode-se pensa-los como “catadores triadores”.

Em ambos os casos, ao agregar sua força de trabalho ao tratamento do lixo, o catador atua justamente como um personagem primordial nessa transformação do lixo de “problema” para “solução”:

Para a sociedade, o lixo é apenas um resíduo *non grato* que se forma a partir do ato do consumo, no entanto, para o catador, é uma mercadoria a ser apropriada e vendida, para fazer com que retorne à cadeia produtiva. No momento em que o catador se apropria do lixo, este é ressignificado e adquire, por meio do catador, um valor de troca a ser embutido em futuras mercadorias a serem produzidas, se tornando o material a ser vendido. (SILVA, 2005: 42).

A nomeação das etapas e dos atores da cadeia da reciclagem não é uniforme: nem a PNRS inaugura uma terminologia padrão, nem a literatura acadêmica e a de mercado os denominam igualmente. O problema dessa falta de padronização, defende Conceição (2016), é que ela “dificulta a formulação de políticas voltadas para a regulamentação e desoneração tributária das atividades de reciclagem” (2016: 81), bem como “auxilia no desconhecimento de sua realidade e no estabelecimento de preconceitos” (idem, p. 87).

A classificação mais interessante que conheci foi-me exposta pessoalmente em 10 de janeiro de 2017, quando Baiana queria apresentar-me a um amigo seu que trabalhava no COSE (Centro de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos) da Estrutural. Além da classificação – que ele mencionou de forma indireta – conversamos sobre trabalho infantil e as motivações particulares para cada pessoa adentrar ao lixão, que são variadas e as vezes impensáveis para alguém de fora do ramo da Assistência Social. Para ele,

o que define o catador não é o material que ele está pegando, porque são vários materiais que ele precisa, nem o ambiente. Pois tem o catador de Lixão, tem o catador de pipa, tem o catador de caçamba (que usa aquela caçamba, né), tem aqueles catadores que se confundem muito com

o morador de rua (que, na verdade, ele não é um catador de rua, ele apenas cata latinha pra sobreviver), e tem o catador de rua para a sua subsistência (as vezes não tem o que comer, as vezes passa fome).

Com a delongada conversa que tivemos compreendi que é possível pensar nos tipos de catadores conforme a “temporalidade” (que se relaciona às cargas horárias despendidas ao longo do macro tempo) e a proporção com que os ganhos auferidos com essa atividade interferem na renda familiar. De forma que haveria, portanto, catadores “exclusivos” e outros “esporádicos”, os quais utilizam a catação apenas como um complemento de renda. Ao ouvi-lo, fiquei intrigada sobre a proporção de catadores que haveria na Estrutural, entre fixos e esporádicos, então propus a questão:

- Rebecca: Já ouvi falar que, na Estrutural, em torno de 15 a 20 por cento da população é catadora. Então fiquei pensando que se agregasse os “catadores esporádicos” a esse número ele aumentaria bastante...
- Assistente social: Aumenta, porque assim... Eu acompanhei uma política voltada para catadores da Assistência Social. Então quem vive exclusivamente da catação, como sua única forma de renda, o número gira em torno de 1.600 pessoas. Aí a gente não trata a “família” – porque tem pais, filhos que trabalham juntos, e netos ou esposa. Então tem uma família toda que requer melhorias. Por indivíduo é isso, são 1.600 cabeças que vivem exclusivamente da catação. Aí a gente tem as pessoas que são atravessadores e tem aqueles que são... Que não vivem exclusivamente da reciclagem. Por que? Porque eles têm um emprego formal mas para complementar a renda vai para a catação (ou a noite, ou no final de semana).

Considerando tal sazonalidade sempre no trabalho dessa categoria, impõe-se a reflexão acerca de sua pertinência e essencialidade para a cadeia da reciclagem, e sobre sua participação na gestão municipal de resíduos antes do estabelecimento dela em larga escala. Carmen Rial e Freek Colombijn (2016: 28) afirmaram que

De fato, catar não é uma atividade exclusiva dos países mais pobres, como atestam os catadores nos Estados Unidos. Se os países economicamente desenvolvidos são os maiores produtores de lixo e os países menos desenvolvidos os menores, a América Latina situa-se em um patamar intermediário. Destaca-se pela maior concentração de catadores informais, e o Brasil, particularmente, pela organização dos catadores em cooperativas, um movimento (MNCR) que conta, hoje, com mais de 80.000 catadores como membros e forte apoio governamental.

Em uma breve pesquisa documental realizada no CEDOC do Correio Braziliense, em 20 e 21 de julho, foi encontrado um material muito fértil acerca da gestão de resíduos sólidos

no DF nos seus primeiros 15 anos. Esse esforço deu analisou um material referente a um curto período em relação ao total de volumes disponibilizado pelo Correio.

Mesmo assim, constatou-se que em 1975 sua presença já chamava a atenção da sociedade na paisagem urbana, se tornando cada vez mais percebida, conforme indica o fato em si mesmo de uma nota ter sido redigida e publicada com uma fotografia (imagem X) na página 17 da edição de 16 de fevereiro de 1975, na seção “Mesa da Cidade” do Correio Braziliense.



Fotografia 14. Registro fotográfico que fiz de página do Correio Braziliense, de 1975, que comentava a presença de três catadores de papel.

Aparentemente, tal registro se refere a três catadores de rua que acumulavam bastante papel picado dentro de uma carroça que eles mesmos tracionavam. Na legenda escrita pelo CB, eles são identificados como “catadores de papel”, como se fossem especialistas em uma única matéria-prima; mas nas mãos do rapaz que está em primeiro plano aparece também um material grande, rígido, possivelmente plástico ou metálico. Sabidamente, o papel é, até hoje, o material com maior expressividade em cooperativas e associações de todo país, conforme garantiu a ANCAT em 2017 (anexo 1). Nesse sentido, o papel provavelmente teria justificado

a entrada desse trio no mercado da reciclagem e de muitos outros à época, como ainda hoje se dá.

Mesmo que nessa época a presença e o trabalho do catador ainda fossem percebidos nas ruas das cidades brasileiras como uma “expressão social da indigência urbana, urdida em processos sociais excludentes relacionados à industrialização, ao êxodo rural, e ao crescimento descontrolado das cidades”, percebe-se com essa publicação de jornal que o processo de organização social do grupo como categoria ocupacional estava brotando e germinando no Distrito Federal, ao mesmo tempo que sendo notado.

Considerando as fortes ondas de desemprego que o Brasil viveu nas décadas de 1980 e 1990, a socióloga Paula Stroh (2016) afirmou que foi “ante os obstáculos ao emprego formal” que “surgiram as primeiras associações e cooperativas de catadores”. Passando da “indigência urbana” à “essencialidade econômica”, com o tempo esse personagem torna-se um catador “não mais de sucata, mas de materiais recicláveis, em face das ameaças ambientais entranhadas na produção de lixo, por parte da sociedade de industrialização avançada e consumista” (STROH, 2016).

Decorridos os primeiros 15 anos da capital, em um contexto de escassez de matérias primas notava-se aqui um assustador crescimento de preço do papel, afirmou o jornal CB. Aproveitando-se disso, uma “ocupação a mais” teria sido criada e notada. E, assim como no caso “catadores de papel” abaixo, vários cidadãos da cidade decidiram se “aproveitar da chance” para montar “seu pequeno negócio que não precisa de muito investimento e tem lucro certo”; atividade que ainda que não fosse “das mais rendosas”, na análise da imprensa, acabava “dando alguns trocados”.

3.1 Da origem migratória à atualidade

A origem migratória e rural dos catadores do Distrito Federal é assinalada desde a década de 90, quando a invasão da Estrutural começava a ser notada, senão antes. Em 2000, Bursztyn apontou que, em relação aos trabalhadores de São Paulo e Rio de Janeiro, migração é um “traço sócio-econômico peculiar aos catadores do Distrito Federal” (BURSZTYN, 2000 *apud* MAURO, 2006: 14)¹².

Constatando que quase todos os “catadores de rua” eram nordestinos (entre eles, 52% baianos) e desempregados, o autor concluiu que eram emigrantes rurais cujo êxodo estava relacionado a dois tipos específicos de transformação das áreas agrícolas natais deles: a mecanização da produção e a lógica de fuga (da precariedade das condições de trabalho e da seca).

Praticamente inabitada até 1960, a composição demográfica de Brasília começa a mudar com a transferência da capital política do país do litoral para seu interior. Essa mudança política representou uma nova possibilidade de vida aos marginalizados nos outros estados, o que a transformou em um “polo migratório” desde o seu início, invertendo o planejamento original da cidade. Tão grande foi a repercussão que não à toa Brasília passou a ser referida como “a capital da esperança”. Quanto ao nascimento de suas cidades satélites, Bicalho (1997) descreve que isso se deve grandemente ao não retorno às cidades natais por parte dos trabalhadores da construção civil após a inauguração da capital, e aos seus familiares que imigraram posteriormente (BICALHO, 1997 *apud* MAURO, 2006: 20 e 21). Nesse quadro, o funcionalismo público tornou-se a categoria de trabalho mais central, sem qualquer polo industrial de grande porte, enquanto enorme fração de mão-de-obra imigrante e rural precisa trabalhar.

Conforme constatei em minha pesquisa de campo, é difícil definir a origem do lixão – narrativa que apareceu de forma imprecisa e variável nos diferentes relatos que ouvi. Os catadores que conheci que declararam estarem presentes desde a origem do mesmo, com diferentes idades entre si, mencionaram posições geográficas diferentes sobre o solo da capital desse suposto “lixão inicial”.

De acordo com os relatos obtidos por Brenno Mauro (2006), sua origem estaria entre a década de 1950 e 60, na atual região administrativa do Cruzeiro. Naquela época, o local que

¹² BURSZTYN, M. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua. In: BURSZTYN, Marcel. (org.). No meio da rua – nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

deu origem ao Cruzeiro começou a ser utilizado como destino do lixo oriundo da construção da capital, e teria ficado conhecido como “lixão do cruzeiro”. Seus entrevistados afirmaram que aproximadamente 80 famílias viviam dos materiais depositados ali. Com o tempo, o volume despejado no local teria sido transferido dali diretamente para as proximidades da atual Estrutural:

o lixo acumulado no “lixão do Cruzeiro” foi transferido para uma área localizada a cerca de 8 km de distância do Plano-Piloto, cujo acesso se dava por meio da Via Estrutural, que liga a cidade de Brasília à Taguatinga. (...) Os entrevistados relataram que as famílias que moravam próximos ao “lixão”, no Cruzeiro, acompanharam a sua transferência, passando, aquelas famílias, a morarem ao redor do “lixão da Estrutural” (MAURO, 2006: 50).

Aparentemente, este momento da transferência territorial seria considerado pelo autor como o momento de origem da “invasão da Estrutural”, “uma vez que as famílias que já sobreviviam por meio do ‘lixão’ se fixaram aos arredores da ‘nova’ localização do mesmo”, afirmou Mauro (2006: 51).

Também no relato de Dona Vanda, catadora constantemente referida por Caroline Santos, socióloga que realizou sua tese de doutorado em 2014 na Estrutural, Cruzeiro estaria ligado a esse momento originário. Autodeclarada como “primeira moradora da Estrutural”, Dona Vanda teria nascido em Caratinga – MG, mas um tio seu convidou sua família para virem a Brasília, tendo encontrado no Núcleo Bandeirante sua primeira moradia. Na busca por trabalhos, catar papel e outros materiais vendáveis nas ruas foi o único jeito de obter dinheiro que sua mãe encontrou, enquanto ela e os irmãos ficavam em casa. Certa feita enquanto a mãe trabalhava um desconhecido resolveu mostrar a ela “o lixão de Brasília, que nessa época ficava onde hoje funciona o Hospital das Forças Armadas no Cruzeiro e, a partir daí, virou “catadora profissional do Lixão” (SANTOS, 2014: 21). Vanda “dizia ter chegado à cidade [Estrutural] acompanhando o lixão, que saía do Cruzeiro para as imediações do Parque Nacional de Brasília (SANTOS, 2014: 155). Uma vez na nova localidade, o lixão era principalmente um “lugar para trabalhar”, e somente mais tarde tornou-se também um “lugar para morar”. Dessa forma, a “cidade foi nascendo de tudo que o cerrado trazia e que não era o lixão, que com ele se construía, mas que era mais que ele”, afirmou Santos. Assim se deu origem à constituição de dois espaços distintos, mas sempre correlacionados, como demonstra esse emocionante depoimento de Vanda:

No início, era meio de vida, lugar pra trabalhar que depois foi virando lugar para morar, quando se pôde distinguir na vida, o morar do trabalhar. Isso porque antes era tudo o Lixão, não havia cidade, mesmo que Nenê já morasse por lá fazendo outra coisa, vigiando o córrego

com o pai, para quem passava os dias ali, cercando o lixo, viver era trabalhar. (SANTOS, 2014: 156)

Cenas gravadas com um dos seguranças e com o então gerente do lixão, Patrício e Cícero, para o documentário “Reestrutural” (2014) de Marcelo Diáz, reforçam tais hipóteses. Pelo comentário de Cícero imagina-se que foi se tornando um “lugar para morar” desde meados da década de 1970 – justamente o período em que Baiana chegava a Brasília. Quando lhe perguntaram a idade do local, ele disse: “ah, esse aterro aqui tem... Vem lixo pra cá desde 1961. Agora começou a vir em quantidade grande mesmo de 1974 pra cá, que começou a aumentar mesmo a quantidade de catador e de lixo.” E Patrício complementou: “aqui quando a gente chegou, aqui só tinha os pessoal que já era do Lixão, que sobreviviam do Lixão mesmo, tá entendendo?! Era em torno de 400 famílias, (?) era uns barraquinhos. Aí aconteceu aquela invasão em 1994, 93, que veio a galera atrás do lote, da moradia própria, e veio pra cá.”



Figuras 8 e 9. Printscreens de Cícero e Patrício, funcionários do lixão e personagens do documentário Reestrutural, 2014.

Embora a “origem” do lixão esteja associada a inauguração da capital na década de 1960, os primórdios da “invasão da Estrutural” remontariam aos anos 1970 “com a instalação de moradias precárias por catadores de lixo, que sobreviviam dos resíduos depositados no aterro controlado do Jóquei Clube”. O crescimento da “invasão”, por sua vez, teria crescido pouco entre 1970 e 80. Somente no final de 1994 viria a sofrer um “significativo processo de ocupação desordenada”, de acordo com o “Brasília Sustentável – Projeto Integrado Vila Estrutural (PIVE)” organizado pelo GDF.

Apesar do material apresentado por Mauro dar a impressão de que a o lixão teria saído do Cruzeiro e seguido diretamente para o atual terreno ocupado, outras interpretações demonstram que isso não se deu de forma tão imediata.

Na pesquisa desenvolvida por Santos, “Dona Vanda e Nenê” ficaram “conhecidos como os primeiros moradores da região”, tendo chegado antes da década de 70. Já nas proximidades do atual SCIA, “até que o lixo encontrasse um lugar, ele “andou” quase toda a região, e, junto com ele, a família de Dona Vanda, assim como de outros catadores que foram chegando”, os quais “de forma quase nômade, acompanhavam o lixo também”. Dona Vanda afirmou que ele não era “neste local que é agora”:

“era lá perto de uma lagoa que vai pro quartel do exército, começou a jogar ali, um tal de **buracão**, de lá andou por ali pelo.... onde é o automóvel [Cidade do Automóvel], ali tudinho. O lixo já andou por ali tudinho, nós andou ali tudo trabalhando neste lixo, tem muito lixo enterrado por ali. Dali veio, veio chegou perto da lagoa, parou jogou do outro lado para acolá e veio jogando, aí foi para o Jôquei Clube, tem uma área do Jôquei Clube que eles jogaram também, e nós acompanhando, daí do Jôquei Clube só tinha um caminho, aqui não tinha nada de asfalto nem nada, não tinha a Estrutural [a via], não tinha nada. Eu acompanhei esta Estrutural fazendo esta Estrutural. Aí eles vieram jogando, jogando e depois começou jogar aí pra baixo ai tudo jogando aí pra baixo, jogou, jogou tudo, só nesta parte que nós está aqui que eles não botaram lixo, mas daqui pra lá é tudo aterro, tudo tem lixo ,aí jogaram por aí pra baixo tudo e foram jogando, jogando, jogando, jogando hoje ele está aqui, hoje ele esta aqui. Agora vocês avalia que eu cheguei aqui com 7 anos mais ou menos, de 6 pra 7 anos, hoje vou fazer 61 anos e esse lixo ainda está aqui, nós trabalhando neste lixo o tempo todinho e o lixo tá aqui agora.” (SANTOS, 2014: 21 e 22 – grifo meu)

Entre 1973 e 74 (“não se recorda precisamente”), Nenê chegou na mesma região, mas de outra forma. Nessa época, seu pai era encarregado de cuidar do Córrego do Valo, próximo ao qual fizeram sua casa; dali observavam que “caminhões e caminhões de lixo hospitalar já vinham descartar material, mas catador era muito pouco”; o que havia era “muito moleque pegando borracha pra estilingue” apenas. Mas “com o tempo foram chegando catadores de Taguatinga e Ceilândia, principalmente”, como foi o caso de Baiana. Mas diferentemente dela, eles “construíam barracos próximo ao lixo, mas não moravam, faziam como que bases de trabalho e voltavam para dormir em casa.” Fátima e Creuza, parentes de famílias já conhecidas na região, chegaram em 1975. Pela descrição saudosa delas e de Nenê, o cenário lembrava “muito a vida de interior: cerrado nativo e tranquilo com água limpa no córrego, usada para beber e lavar roupa, banhos no “buracão”, uma espécie de açude, plantações de frutas e verduras e vizinhança confiável” (SANTOS, 2014: 23).

Além do clima interiorano, “a riqueza do lixo” compunha o grande atrativo da cidade, cujo trabalho que proporcionava era visto como uma “oportunidade”. A notícia foi se espalhando, e em 1978 até em Padre Bernardo – GO já se ouvia falar dali, atraindo outro

catador entrevistado por Santos, chamado Suzano, “que decidiu vir conhecer o lugar no dia 27 de agosto do mesmo ano”. Em dez anos, muita gente foi gradualmente chegando ao lugar que era chamado “Boca do Lixo”, conforme constava no “cartão de vacinação da filha de Dona Lia”, outra mulher cuja trajetória começava a fazer parte dali e tornou-se catadora.

Assim, o material de pesquisa de Santos corrobora com a interpretação que encontrei a partir de Baiana e seus colegas de trabalho. Qual seja: a de que, até se instalar onde está o lixão, a capital do país teria se utilizado de diferentes espaços do seu território para despejar seus resíduos. Áreas que constituíram, com o tempo, uma espécie de trajeto, como se o lixão efetivamente tivesse caminhado por trechos não urbanizados do Cerrado. Conforme os interlocutores de ambas as pesquisas, a minha e a dela, o lixão teria percorrido um trajeto por diferentes partes da Capital, bem como diferentes espaços dentro da própria área da atualmente demarcada cidade Estrutural.

As “valetas” foram uma estratégia bastante utilizada para inaugurar cada um dos espaços de despejo já utilizados na capital. Conforme encontrado por Mauro (2006) e Santos (2014), e também constatei através das pessoas que Baiana me apresentou, a escavação de valas para reaproveitamento da terra em obras da construção civil foi comum nesse processo.

Em 10 de janeiro de 2010, quando estive com Baiana no lixão, um diálogo desenvolvido com um antigo amigo dela ilustrou melhor a descrição empreendida até aqui, após eu indagar sobre a suspeita origem no Cruzeiro. Quando esse catador chegou ao lixão, ele “já era nesse mesmo local”, e do Cruzeiro “eu não cheguei a participar não”, disse. Contudo, apresentou a mim a seguinte versão sobre a origem do vazadouro da capital.

- Catador: É porque tudo começou... Era clandestino, não tinha um local adequado pra jogar! Aí então eles mexiam as máquinas, abriam aquelas valetas e jogava o lixo lá dentro... Era uma dificuldade pra pessoa descer pra retirar o material... E aí essa Estrutural aqui praticamente ela é construída em riba disso... Lá no HFA começou igual eu to te falando, eles abriam as valas. Aí eles veio jogando pra cá – as construções vinha aproximando e eles veio jogando pra cá. Mas aí jogava aqui, jogava lá, jogava acolá [aponta varias direções com o braço], não tinha [local definido]... Aí até que tomou, reservou essa área e tomou dessa maneira.
- Rebecca: De maneira mais fixa, né
- Catador: É, é.
- Rebecca: Então antes eram várias valas que iam abrindo assim...
- Catador: É. E jogavam também sob o sol....

Alguns artigos encontrados em diferentes edições do Correio Braziliense de 1975 também indicam a normalidade como que se via as “valetas” naquela época – conforme demonstram os trechos abaixo que se referem a janeiro daquele ano, com grifos meus. Os três

primeiros mencionam a abertura de valas de forma geral, e o último deles fala diretamente das valetas como pontos de recepção do lixo da cidade.

Edição	Trecho
Edição de 17 de janeiro, Caderno “Brasília – DF”, página 2	“ Restos antigos – Há, na cidade, um antigo costume que está se tornando hábito: deixar restos de obras, após o término destas, abandonados em qualquer lugar (...)”
Edição de 29 de janeiro, Caderno “Mesa da Cidade”, página 13	“ Lixo – Está completamente abandonada a área adjacente ao primeiro HDB, principalmente por causa dos restos de frutas e outros detritos espalhados pelos vendedores ambulantes. Além disso, a grama irregular nas proximidades dá um aspecto de abandono do local, juntamente com os passeios estragados”
Edição de 30 de janeiro, Caderno “Mesa da Cidade” página 13,)	Aspecto negativo – Na Esplanada dos Ministérios, na parte fronteira ao edifício sede da Petrobrás, a erosão causa uma profunda má impressão, ali existindo há muito tempo sem que tomem providências para melhorar o aspecto do local. A área, ao que tudo indica, serviu para que os caminhões que trabalharam na construção dos blocos do setor, retirassem terra dali . Entretanto, o enorme buraco ficou como o deixaram, e a cada dia que passa aumenta mais. Por outro lado, piorando ainda mais o aspecto daquela área o capim que cresce irregularmente serve de ninho para insetos e reptis em pleno centro de Brasília”
Edição de 13 de Fevereiro, p. 8	“ Limpeza vai receber novos equipamentos – (...) Estes equipamentos serão utilizados em áreas verdes não urbanizadas para combater o crescimento do mato, na usina de tratamento de lixo (serviço de operações especiais), e nos depósitos sanitários – locais, que guardam excedentes de lixo e são constituídos por buracos abertos situados em pontos distantes da zona urbana ”
Edição de 15 de fevereiro, página 9	“ Limpeza Urbana tem novos equipamentos – Chegaram ontem à Usina de Tratamento de Lixo os equipamentos de complemento e renovação das frota (...) Falando à reportagem do CB, o diretor de Divisão de Destino do Lixo , engenheiro José Maria Mesquita Júnior, explicou (...) que o trator de esteira será utilizado em aterros sanitários, valas onde se coloca o lixo, e que, posteriormente são cobertas de terra/

Tabela 1. Trechos extraídos de edições do *Correio Braziliense* de 1975. Elaborada por mim.

Uma vez, quando estávamos às margens da Rodovia EPVL, na Estrutural, Baiana falou: “O lixão era aqui em baixo, depois foi ali pra cima. Lá em cima foi nós que fizemos. E lá no lixo nós estamos até hoje, né.”. Ali perguntei sobre o lixão “da Estrutural” e o percurso das valetas desde o HFA, e ela esclareceu que a origem dele foi concomitante ao usufruto que se fazia de outras valetas, como se houvesse dois fenômenos paralelos em meados de 1970. Nesse período já havia valetas às margens da rodovia escavadas para reaproveitamento da terra na construção civil, que foram posteriormente aterradas com lixo. Naquele tempo, havia também um “buraco” especial, cuja criação não derivava dessas escavações; era chamado de “Buracão” – o mesmo encontrado na pesquisa de Santos (2014), que era usado para banho, uma “espécie de açude”.

- Rebecca: Mas me diz uma coisa! Me falaram que as valetas começaram ali perto do HFA, né, o hospital.
- Baiana: Foi.
- Rebecca: Elas foram caminhando até aqui. Mas...

- Baiana: Foi. Mas era pra cá mas era assim pra dentro. Depois fez pra lá. Ali era um buraco, ali era um buraco tão grande que quando alagava d'água não tinha quem passasse, que morreu até um menino ali que a água levou que tinha sair pra sair lá em baixo.
- Rebecca: É o buraco em que fica o Colégio?
- Baiana: Já acabou isso daí, já enterrou, já tamparam. Já tamparam tem muito tempo.
- Rebecca: Mas quem abria esses buracos era o SLU ou eram vocês...?
- Baiana::Não, não era a gente que abria o buraco não. Era que já tava!
- Rebecca: Ah então vocês vinham onde já tinha buraco?
- Baiana: Não, isso aqui não tinha lixo ainda não. Nesse buraco aqui – no Buracão – não tinha lixo não; foi depois, que pra tapar aquele buraco eles começaram a jogar lixo. Aí tapou o lixo, pra ir pra outro lugar,
- Rebecca: Mas aí por que que eles abriam esses buracos então? Não era pra colocar lixo?
- Baiana: Não, tirava barro! Eles abria pra tirar barro pra fazer casa, pra enterrar casa, enterrava tudo.
- Rebecca: Aaaah... Entendi...
- Baiana: Entendeu?
- Rebecca: Aí depois que o caminhão de lixo via que ali tinha um espaço...
- Baiana: Não, o pessoal começou a jogar terra ali, entulho, pra fazer barraco, pra fazer casa, pra fazer tudo...
- Rebecca: Entendi. Mas então tinha essas valetas – que as vezes era pra obra, as vezes o pessoal jogava entulho.

Considerando as pesquisas de Ricardo Bernardes e Sérgio Koide (1998), Luciana Santos (2001) e o documento do Brasília Sustentável II (2014), percebeu-se que mesmo na atual área do lixão existem setores de ocupação mais recentes e outra já inutilizada.

Bernardes e Koide e Santos setorizaram o lixão em três partes. Conforme Santos, a “parte mais antiga” funcionaria antes de 1977, a “parte intermediária” funcionou entre 1977 e 1993, enquanto a parte mais recente se vê funcionando até hoje, em 2017. No texto de Koide e Bernardes, os termos utilizados são “norte”, “central” e “sul / antiga”.

Os três analisaram o lixão de forma marginal em suas pesquisas – pois a dupla buscava estudar especificamente a contaminação do lenço freático, enquanto a autora pensava nos impactos da fauna e flora do Parque Nacional de Brasília. Por isso, nenhum dos deles especificou algo a mais acerca dessas três áreas, além do mapa abaixo elaborado pelos rapazes (1998).

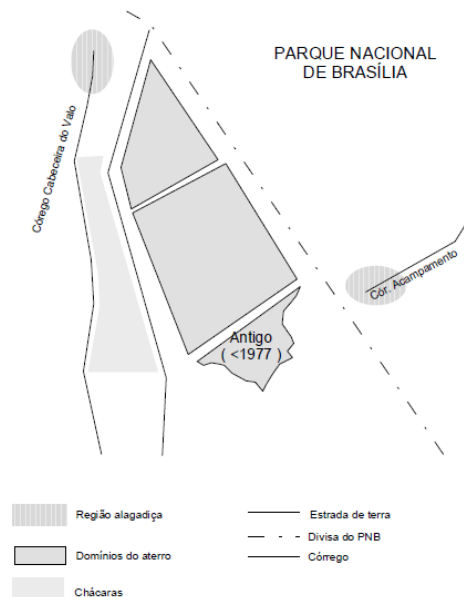


Figura 10. Croqui que ilustra a setorização do lixão ao longo do tempo. Fonte: Bernardes e Koide, 1998

Em 2014, o Brasília Sustentável II, referindo-se a certo “Plano de Ação Emergencial de 2012” subdividiu o lixão em “4 áreas distintas, as quais têm fluxos e processos de funcionamento específicos” (GDF, 2014: 90). Em relação a setorização apresentada anteriormente, o lixão de Bernardes e Koide iria da área 2 até a 4, tendo sido somente a área 1 acrescentada pelo Brasília Sustentável II.

A área 1 é a mais próxima da entrada principal de acesso do lixão e tem, aproximadamente, 3 ha (30.000 m²) na qual há: (i) o portão, (ii) a guarita, (iii) as balanças, (iv) os prédios administrativos de apoio, (v) o campo de futebol, (vi) as áreas de estocagem de material das cooperativas de catadores de materiais recicláveis.

A área 2 é a que fica na “frente” do lixão, entre o maciço de lixo, o Parque Nacional, o parque do IBRAM e a área administrativa. Ela tem, aproximadamente, 45 ha (450.000 m²) e em sua maioria não há cotas maiores que 4 metros de lixo depositado.

A área 3 é a área do maciço de lixo propriamente dito, que se encontra em operação pelo SLU para disposição dos resíduos. A área tem, aproximadamente, 80 ha (800.000 m²) e em algumas partes já está na cota de 30m de lixo depositado.

A área 4 é a que fica nos “fundos” do lixão, entre o maciço de lixo, o parque nacional e a lagoa de chorume. Ela tem, aproximadamente, 35 ha (350.000 m²) e, da mesma forma que a área 2, em sua maioria não há cotas maiores que 4 metros de lixo depositado.

Quando recuperei essas informações à mente, com as leituras que estava fazendo à época, aproveitei para menciona-las com o mesmo amigo da Baiana que me falava sobre as valetas:

- Rebecca: Já me falaram que aqui nessa área do lixão, existe uma parte que é o lixão “antigo” e outra parte que é o lixão “mais novo”, como se fosse uma ponta mais distante. Tem isso?
- Catador: Tem, porque daí mesmo onde ta habitado aí é o lugar mais antigo, onde tá construído. É, onde tá construído. É... Igual eu to te falando, ele veio de lá pra cá [aponta para a EPVE], do HFA pra cá. E aí depois parou com o negócio de vala.
- Rebecca: Aí começou a depositar em cima da superfície...?!
- Catador: Com certeza. E aí ele vem, vem, vem... O local mais novo é lá, ó [aponta]
- Rebecca: Na Lixeira Úmida!? Pra lá?!
- Catador: É, pra lá mesmo, que tá bem alto, aqui dá pra ver, né.
- Rebecca: Lá é a parte mais alta também, né
- Catador: É

Imagens “aerofotométricas” trazidas pelo repórter Raimundo Pereira (2015) também ajudam a visualizar o processo de transformação dessa paisagem ao longo de três décadas. Observando-as nota-se que evolução do Lixão não foi exatamente o mesmo que a da cidade Estrutural – são motivados por fatores distintos, mas se misturam na década de 1990.

Em 1965 não existiam sinais de um Lixão, nem da Estrutural, ou da via EPCL, tampouco o Jockey Club, “local para corrida de cavalos que emprestou seu nome ao Lixão, conhecido inicialmente como Lixão do Jockey”. Tais elementos começam a aparecer nas imagens das duas décadas seguintes: em 1986 já há “o Jockey, a EPCL e um lixão, mas da Estrutural surgem apenas sinais esparsos”; e em 2013 a Estrutural é claramente visível. Comparando a segunda com a última imagem, “se vê que o Lixão mudou de lugar, mas não é como o atual. Foi como que empurrado mais para o noroeste” (PEREIRA, 2015: 8).





Figuras 11, 12 e 13. Imagens aerofotogramétricas do lixão, de 1965 a 2013: “De baixo para cima: 1) em 2013, a Cidade Estrutural de agora, 36 mil moradores; 2) em 1986, a Estrutural ainda não existia, só se vê o Lixão, numa posição diferente, mais para baixo; 3) em 1965, não existem nem o Lixão, nem a Estrutural e nem mesmo a Estrada Parque Ceilândia, hoje conhecida como Via Estrutural”. Fonte: PEREIRA, 2015.

De acordo com o engenheiro Pedro Rennó, que fazia parte do SLU há 29 anos na ocasião da entrevista, em 1986 “o lixo passou a ser enterrado na área da Estrutural de forma controlada”, por meio do que chamavam de “trincheiras”, isto é, “valões de cerca de 30 metros de comprimento e dois a três metros de profundidade que depois de cheios de lixo eram cobertos com a própria terra retirada”. Uma das escolas da cidade, que se tornou conhecida como “escola do gás”, chegou a ser interditada depois que foi constatado o vazamento de gás metano, que advinha da fermentação do lixo enterrado em uma valeta, e estava intoxicando as crianças. Tal desastre teria acontecido porque ela “foi assentada sobre uma vala mais profunda, de onde se retiravam areia e cascalho para construção e que foi coberta de lixo e aterrada” (PEREIRA, 2015: 16).

Outra amiga de Baiana nos conta um pouco mais sobre o passado do lixão. Negra, cabelos brancos, é dona Almira, uma idosa que encontrei na área da Coleta Seletiva, também de origem baiana, que chegou aqui há aproximadamente 20 anos, com seu marido e filhos. Aqui “não tinha nem luz, era tudo escuridão” quando ela chegou. Seus filhos foram criados na cidade Estrutural e também trabalharam no lixão quando menores de idade “até que o Conselho Tutelar proibiu”, contou ela. Todos moravam aqui até que, com o assassinato de uma de suas filhas, seu “marido pegou tudo e resolveu tudo ir pra Bahia” novamente. Desde então, principalmente ela e o marido, e menos os outros familiares, se intercalam em idas e vindas entre Bahia e Brasília.



Fotografia 15. Catadora Almira.

Após ficar “três meses pra lá”, Almira tinha acabado de voltar quando a conheci. E seu marido, que não estava em Brasília naquele momento, também já tinha vindo nesse ano, mas dessa vez não para trabalhar no lixão. Pois no Nordeste ele já estava providenciando sua aposentadoria, e o motivo da vinda seria a necessidade de apresentar uma documentação para tentar recuperar o benefício de moradia na região das Casinhas, que perderam quando foram embora para a Bahia. Como não conseguiram naquela época, ainda mantinham uma casa na quadra 12, próxima ao campo sintético de futebol que fica em frente à entrada de caminhões do lixão.

Diante disso, ela afirmou a mim ser quem cuida das contas do “barraquinho” que tem em Brasília, e ainda mantém um aluguel na Bahia. Lá, é uma de suas filhas quem mora no imóvel alugado que ela mesma paga, em parte, com o dinheiro que ela consegue aqui, enquanto a casa que a família está construindo por lá “tá pra terminar”. Essa filha em particular é separada do marido e tem quatro filhos, “aí ela estuda e eu é quem dou assistência em tudo, né, eu é quem ajudo ela”. Quando ela me diz que é conhecida como “Tia”, noto a colega delas chamada “Tiazinha” que estava por perto, e brinco que ali havia varias “tias” e “baianas”, e ela ri: “É, Baiana, é Tiazinha, Tia, o Cigano, e por aí vai”. Mas essa Baiana era especial, “companheira das antigas”, sua amiga desde que chegou na cidade: “ela me deu força demais no tempo pra trás, graças a deus e ela que me ajudou a pagar minhas conta”.

Baiana nunca soube me dizer exatamente há quanto tempo estava aqui, fosse no DF como um todo ou na Estrutural especificamente; as datas que ela lembrava eram sempre aproximadas, citadas em referência a algum evento que me contava, nunca com um dia ou ano exatos. Naquela tarde em que conheci Almira, perguntei mais uma vez, para saber se tinha mais de duas décadas, mas a Tia nem esperou sua resposta, enquanto ela ainda estava mais afastada de nós: “Tem maaaais, tem mais! Ela é uma das mais velhas que tem aqui. Eu já

tenho 20, ela deve ter uns 25, 30... Isso aqui tem mais de 30 anos, né, Tiazinha?”. Relembra ainda que “aquela Baiana ali é a líder daqui desde o início da Estrutural é ela”. Tendo esse “início” como contexto, perguntei onde era o lixão quando ela começou a trabalhar nele.

- Rebecca: Me falaram que, quando o Lixão era mais novo (há mais tempo pra trás), ele funcionava mais pra lá...
- Almira: Era lá, lá onde hoje é a Administração, os colégios! Aquilo lá era tudo os buracão e foi tudo aterrado, foi tudo aterrado.
- Rebecca: Então nessa fase mais antiga era buraco?!
- Almira: Era. Era porque naquele tempo eles retiravam material pra construção, ne, e aí foi cavando os buracos e tirando terra, a “teia faibrosa”, areia, tá entendendo?! E aí quando eles veio, veio aterrando. Aquilo ali tudo é aterro.

Ela falava especificamente da região da Administração da cidade, no trecho acima, a qual vai até “lá em baixo já beirando a pista”. Mas não se referia só a essa porção: na realidade, tudo que segue naquela direção é resultado de aterro sobre valeta, diz ela. Segundo Almira, desde o “tempo que começou a construir Brasília” o governo foi “tirando material e fazendo casinhas”. Continuo perguntando sobre esse processo, mas mais especificamente em relação à área atualmente cercada pelo SLU. Em relação à parte cercada conhecida como lixão “antigo”, diz que “também já é aterro”. Em relação a mais nova e mais alta do lixão, também diz que essa área tão alta não foi inaugurada com terra sobre a superfície; mas sim começou pra baixo, com os tais buracos também:

- Rebecca: Lá em cima [no Maciço] será que também tinha buraco?
- Almira: Tinha. Lá em cima, lá em cima, por detrazão lá tinha tudo, nossa...
- Rebecca: Na parte mais alta...
- Almira: Tinha. Que teve uma vez lá que pegou fogo nos matos. Isso aqui foi grande demais, lá praquela fundão tudo... Lá tinha os negócio, cobre... Isso aqui tá na metade aqui, [continuava] é pra lá, pra lá...
- Rebecca: Era vala, vala, vala...?
- Almira: Vala, vala, vala... Aquilo tudo foi aterro, aterro. Aí teve umas partes que o povo parou, né, que aquela área pra lá é do Exército. Pra lá é tudo do Exército.

Embora soubesse comentar certo trajeto do lixão, não sabia dizer o que tinha mudado na infraestrutura de trabalho ao longo de todo esse tempo, pois está “tudo bem parecido, tudo é quase a mesma coisa”. Saudosa, soube mencionar somente a desvalorização do dinheiro que ela recebe atualmente: não está igual porque “não tá mais aquele lixão bom que era que tinha muito material, ta entendendo?! Que a gente conseguia muito material, um monte de coisa

boa”. Pergunto se agora é menos, e se o valor que pagam afetou o montante ao final do mês, e ela concorda: “É, agora é muito menos. É, é. A gente ganhava muito dinheiro, aqui o povo ganhava muito dinheiro”. Embora ela nunca tivesse atingido tal valor, conta que, no melhor momento do lixão, “tinha pessoas que tirava 1000 reais e as vezes até mais de 1000 reais por semana; o material aqui era bem valorizado, um *bag* era \$ 50,00. Agora é 30, 20...”.

Tanto a conversa desse dia quanto diálogos de outras oportunidades indicam que o “começo” que Baiana normalmente cita (e ao qual se associa como “construtora” do lixão) se refere a um lixão que já beirava a atual Estrutural, conforme esse trecho: “Eu vou começar de quando começou aquele lixo lá. Já tinha o lixo cá, na beira daquela pista que vai da Estrutural pra Taguatinga, era ali. Aí eu trabalhava aí”.

Mais de uma vez ela me disse que junto a ela “foi só três pessoas” que abriram o lixão, desde a rodovia até adentrar o antigo matagal que era a Estrutural: “eu, dona Rosita, seu Virgulino, e a mulher dele (a finada Madalena)”. Em sua visão, portanto, três mulheres e um homem estariam nesse momento de origem, em que já havia a prática das valetas na beirada da rodovia. A partir do protagonismo deles, carroceiros começaram a despejar seus resíduos para dentro do Cerrado, e posteriormente foram seguidos por caminhões do SLU também:

Quem fez foi eu, né. Aquele Lixo foi eu quem fiz. Assim, era mato, tudo mato no SLU. Tinha uma menina que morava lá, criava porco, e a casinha do SLU era bem pequenininha, parecia um ovo de galinha. Ai eu peguei, entrei lá dentro daqueles mato eu sozinha, depois chamei uma vizinha que tem lá e disse: “óia, o lixo daqui parou. Vamos fazer ali?”, e ela “vamo!”. Eu, dona Rosita, seu Virgulino e a mulher dele. A gente pegava o facão, cortava assim; e pegava os carroceiro e jogava o lixo lá dentro.*[risadas]* Até que aconteceu aquele tamanho ali, né. Aí depois quando começou ali, aí começou as carretas...

Se em um momento a decisão de levar o lixão cada vez mais para o norte geográfico a partir da rodovia pareceu ter vindo “de supetão”, em outra conversa Baiana falou dessa interiorização de modo mais “processual”. Ou seja, como uma criação feita em etapas, e como uma atitude tomada a partir de uma prática do seu dia-a-dia: a necessidade de buscar lenha no mato.

- Rebecca: Mas você tá falando desse Lixo aqui de cima, né?!

- Baiana: É. Que a gente foi começar a tirar lenha. A gente primeiro foi tirar lenha. Vou te dizer: a gente ia buscar lenha no mato.

- Rebecca: Hun? Aí fazia o que?

- Baiana: A gente ia pegar lenha, cortava a lenha, pronto e coisa e tal. Aí uma pessoa uma ia buscar um pau, outro ia buscar outro, e aí eu disse: *Rapaz, vamo fazer isso aqui!* Aí nós abrimo, cortemo, botemo fogo em tudo. Quando pensou que não, tava tudo limpando. E tudo

quando pensou que não, que até a Nizete quase perdeu a casa dela. Quase que ela perde a casa dela por causa disso.

- Rebecca: Por causa do fogo?

- Baiana: Não. Foi porque a SLU foi e mandou, no tempo do Bené, botou ela pra sair de lá voada.

- Rebecca: Nossa!

- Baiana: Foi. A Nizete! A Nizete conta tudinho quem foi que fez: foi eu e o povo, e os outros chegou depois. Eu, dona Benvinda, todo mundo... Isso aqui é tudo era mato! Isso aqui tudo era chácara, era mato.

Lembrando do texto de Santos (2014), chego a perguntar sobre a presença de uma moradora da região que a pesquisadora citou junto a outros nomes. Quando estávamos na casa de Carla gravando uma entrevista semiestruturada, Baiana contesta os nomes que menciono, reconhecendo vários deles na sua memória. Num primeiro momento, contesta reivindicando a autoria do lixão para si, mas em pouco tempo fala em coautoria, criação partilhada com três pessoas somente – uma vez que foi junto a eles que buscou-se “abrir espaço” para que o lixão continuasse existindo até alcançar o território do que Bernardes e Koide chamaram “lixão antigo” (BERNARDES & KOIDE, 1998):

- Baiana: Sim, todo esse pessoal que você tá falando aí, foi quando eu fiz o Lixo. Eles entraram no Lixo e foi d-e-p-o-i-s que eu tinha feito. E depois que todo mundo caiu lá dentro, todo mundo ficou, mas ninguém fez Lixo lá não. Quem fez foi eu!

- Rebecca: A dona Vanda, por exemplo, chegou depois?

- Baiana: Quem fez foi eu! Todo mundo ajudou, ali não foi ninguém, não foi fulano, não foi ciclano que fez não. O Ismael quando chegou lá, caiu e foi trabalhar, já tinha lá todo mundo e tudo, que era aberto pra todo mundo. Tá entendendo?

- Rebecca: Entendi. O sr. Domingos também, que você me apresentou, foi depois?

- Baiana: Todo mundo que você falou trabalhou lá junto comigo.

- Rebecca: Junto...

- Baiana: Tudo junto. Mas quem abriu lá mesmo foi eu.

- Rebecca: Então eles chegaram depois de você?

- Baiana: Foi.

- Rebecca: Entendi.

- Baiana: Não, eles moravam tudo aqui perto. O Ismael chegou depois, e aqui tem tanta gente... A única pessoa que já tava aqui foi o pai... Quem teve aqui? O pai do Ismael, que chegou tem muito tempo... Esse pessoal tudinho que você falou, foi tudo que depois que, por exemplo... Eu abri o Lixão eu, a Rosita e o... Nós abriu com foice, foi só três [pessoas] – nós foi abrindo, abrindo, abrindo, e o pessoal entrando lá, eu trazia o caminhão e mandava jogar tudo lá.

- Rebecca: Você, a Rosita e quem? Qual foi a terceira pessoa que você falou?

- Baiana: É, mas aí quando foi assim. A gente começou a abri e eles começaram, depois que nós abriu e colocou ali, todo mundo começou a trabalhar. Com 1 mês aí já tava todo mundo lá dentro. Então [nós três] a gente faz a parte igual. Tá entendendo?
- Rebecca: Entendi.
- Baiana: Dona Geralda, ela trabalhava era com chácara. Ela era duma Associação duma chácara, que até eu fre...
- Rebecca: Associação Ascol! Não é?!
- Baiana: Éee! A Associação dela era só chácara, ela nunca foi lá no Lixo.
- Rebecca: Ah é?!
- Baiana: É. Tinha outra também, que era uma... Que fez ali a Escolinha há muito anos. Essa daí sim, ela fez a escolinha aqui da Estrutural, que pegava os meninos tudo, que eu até cansei de desfrutar.
- Rebecca: Entendi. Mas então vocês entraram *juntos*.
- Baiana: É, junto. Mas eu já tinha feito o Lixo primeiro.
- Rebecca: Quando você fala que já tinha feito o lixo, quer dizer abrir espaço no Cerrado?
- Baiana: É, abrir espaço. Fazer o lixo é assim: é espaço. A gente fez o espaço, e todo mundo tomou de conta, e tamo aí até hoje e graças a deus foi. É porque eu não registrei, não botei num papel porque a gente pensou que não ia pra frente. E ó aí o tanto que deu! Então foi eu, a Rosita, a mulher do Virgulino, a finada Madalena. Porque quem fez esse Lixo lá em cima foi eu e eu tenho testemunha que foi eu e eles, porque tinha uma pessoa que morava lá no Lixo. Ela morava na entrada do Lixo e não tinha ninguém.

Como resultado de todos esses processos descritos pelos catadores, hoje em dia o lixão ocupa a área de um enorme trapézio na porção noroeste da Estrutural – o que inclui também a sua porção “antiga” cercada, já inativa para aterramento de resíduos. Considerado terra “de propriedade da Terracap em processo de transição para o SLU.” (GDF, 2014: 48), seu topo triangular aponta para o norte geográfico. Verticalmente, já alcança, no seu ponto mais alto, 70 metros de altura em relação a cidade Estrutural (SANTOS, 2014: 8), e isso sem contar a quantidade acumulada abaixo da terra também¹³. Conforme a filha de Baiana me explicou quando estávamos no pátio mais alto do lixão:

- Carla: Tudo aquilo que a gente tava em cima, isso é porque chegou lixos novos e a gente ficou em cima de lixos novos. Mas você viu terra achando que era terra? Não era. Aquilo ali era aterro – que a gente tava em cima de outros lixos, ó... Antigos!

¹³ Devido a essa altura em relação a cidade, conforme Santos (2014: 157) e eu também percebi durante as idas à Estrutural, “comumente a comumente a expressão “lá em cima” substitui “Lixão”, outras vezes usa-se “aterro”, ou “reciclagem”, além das denominações dos diferentes espaços e materiais dentro do Lixão, como “carrefa” (em referência à rede Carrefour), onde é jogado o lixo vindo dos supermercados, ou “separação”, onde depois de selecionado, o lixo é separado por cor e material para ser mandado para a reciclagem”.

- sss Rebecca: Que já foram acumulados ali... Aterrados, como você falou.
- Carla: Isso.
- Rebecca: Entendi... Caramba, então é uma região que cresce não só para os lados, mas cresce para cima também.
- Carla: Isso! Entendeu? Então são muitos lixos ali...



Figura 14. Imagem de satélite do lixão editada por PEREIRA, 2015.

Quanto a sua atual área superficial, foram encontrados números divergentes: enquanto o Waste Atlas apontou 136 hectares, Hoefel apontou 174, e o SLU aponta aproximadamente 200 hectares (equivalente a um retângulo de dois por um quilômetro). Reportagem do Correio Braziliense que também mencionou 174 hectares, percebeu que equivaleria à área de 243 campos de futebol ^{14,15}.

De qualquer forma, operando informalmente desde a inauguração de Brasília, não existe licença ambiental até hoje para que funcione um lixão nessa área. De acordo com o SLU, tal documento “foi solicitado à antiga Semarh nos autos sob o nº: 191.000.906/1992. Esse processo está em análise no Ibram e reúne informações gerais sobre o aterro, mas não há nenhuma licença ambiental concedida.” (SLU, 2016: 48)

¹⁴ “Um problema estrutural”: <http://www.correiobraziliense.com.br/especiais/estrutural/>

¹⁵ É possível que a variação de área deva-se a uma ação tomada por decisão judicial em 9 de setembro de 2011, quando “uma área equivalente a 20 hectares do lixão, contígua ao parque, foi interditada com uma cerca e nela não se depositou mais lixo a partir de então” (SANTOS, 2014: 10)

3.2 O destino do lixo de Brasília

Com a capital inaugurada em 1960, o Distrito Federal deu início ao seu “sistema de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos”, oficialmente, com a “inauguração da Usina de Triagem e Compostagem Dinamarquesa em 1963, situada na Avenida L4/Asa Sul (...)” (GDF, 2014).

Com o tempo, o DF adquiriu outros equipamentos públicos de tratamento e destinação final de resíduos, sendo que a última grande mudança no sistema de gerenciamento de resíduos se deu no início de 2017, dia 17 de Janeiro, com a inauguração da primeira parte do Aterro Sanitário de Brasília. Localizado entre as RAs Samambaia e Ceilândia, inicialmente teve outros nomes: primeiro “denominado Aterro Sanitário de Samambaia em uma alusão à sua proximidade com aquela Administração Regional” e posteriormente chamado “Aterro Sanitário Oeste (ASO)” devido à sua localização relativamente ao CORSAP”, até chegarem enfim ao nome Aterro Sanitário de Brasília - ASB.

Considerando a variedade de equipamentos públicos que servem como destino dos resíduos da capital, se percebe que as usinas de compostagem e aterro sanitário não são necessariamente o ponto final deles. Boa parte para antes em bueiros, córregos e rios da região, e outra grande parcela é recolhida pelos “catadores de rua” que encaminham diretamente a seus compradores, e ainda um grande montante é acumulado em terrenos públicos não autorizados.

A última pesquisa brasileira que tentou contabilizar em números absolutos o total de Lixões existentes foi feita em 2008 pelo IBGE, a partir da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico que o órgão realizou. Retomada em 2012 pelo IPEA, que a sintetizou na tabela abaixo, ela revelou que em 2008 havia 2.906 lixões em funcionamento, e a maioria deles (98,52%) concentrava-se em municípios de pequeno porte, especialmente da região Nordeste (IPEA, 2012).

Unidade de análise	Lixão		Aterro controlado		Aterro sanitário	
	2000	2008	2000	2008	2000	2008
Brasil	4.642	2.906	1.231	1.310	931	1.723
Estrato populacional						
Municípios pequenos	4.507	2.863	1.096	1.226	773	1.483
Municípios médios	133	42	130	78	125	207
Municípios grandes	2	1	5	6	33	33
Macrorregião						
Norte	430	388	44	45	19	45
Nordeste	2.273	1.655	142	116	77	157
Sudeste	1.040	317	475	807	463	645
Macrorregião						
Sul	584	197	466	256	280	805
Centro-Oeste	315	349	104	86	92	71

Fonte: IBGE (2000, tabela 109; 2008, tabela 92).

Obs.: um mesmo município pode apresentar mais de um tipo de destinação de resíduos.

Tabela 2. “Número de unidades de destino de resíduos considerando apenas disposição no solo em lixão, aterro controlado e aterro sanitário”. Fonte: IPEA, 2012

A despeito da Lei Distrital de número 972, em vigor desde 11 de dezembro de 1995, que proíbe essa prática, em 2009 foram apontados 537 locais em que há depósito irregular¹⁶ de lixo. Mas o descontrole desses territórios cresceu exponencialmente, chegando a 897 locais listados em 2016¹⁷. Assim, conforme disposto na seção de “perguntas frequentes” do website do SLU, são retirados aproximadamente 50 mil toneladas/mês de resíduos provenientes de pontos irregulares, em operações que são encabeçadas “pelo SLU, pela NOVACAP ou ainda pelas Administrações Regionais”¹⁸.

Assim, o número de lixões chega a quase um milhar só no Distrito Federal. Contudo, até 2016, o Lixão da Estrutural era o único que estava autorizado a receber resíduos sólidos (de origem domiciliar e da construção civil), além de ser também o maior e mais antigo de todos.

Após o Lixão da Estrutural, que representa o maior agrupamento de catadores do DF, viria o grupo autoreferido como “Invasão do Noroeste”, o segundo maior (INESC, 2016: 23). Outros 27 locais contendo catadores autodeclarados “avulsos/ independentes” foram descritos, fotografados, e georreferenciados com precisão cartográfica no relatório do INESC (2016), os quais “ainda não possuíam um empreendimento formalizado ou estavam extremamente precários”.

De acordo com o INESC, os catadores “de rua” representariam uma minoria no universo total de catadores do DF, em que a maioria localiza-se no lixão:

Segundo pesquisa realizada por Campos (2014), apenas 9% dos catadores(as) [do DF] realizam a coleta e o manejo dos resíduos de forma isolada em diversos pontos das Regiões Administrativas do DF.” (INESC, 2016: 12)

Percebe-se, portanto, que a maioria dos 897 depósitos menores listados pelo SLU funciona principalmente como “bota-fora” de lixo. Isto é, como locais utilizados pela população para despejar resíduos volumosos ilegalmente, dos mais variados tipos (desde móveis a resíduos da construção civil), os quais “não são recolhidos pelos caminhões das

¹⁶ “Levantamento do SLU aponta 537 locais de depósito irregular de lixo”:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/08/31/interna_cidadesdf,138822/levantamento-do-slu-aponta-537-locais-de-deposito-irregular-de-lixo.shtml

¹⁷ <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/07/lixoes-irregulares-no-df-custam-ate-r-15-milhoes-por-ano-diz-slu.html>

¹⁸ <http://www.slu.df.gov.br/lei-de-acesso-a-informacao/itemlist/category/92-perguntas-frequentes.html>

coletas convencional e seletiva, pois não há viabilidade técnica do caminhão compactador para isso” (INESC, 2016: 79). Em geral, nesses lugares não há famílias de catadores trabalhando ou residindo.

Em relação aos pequenos lixões em que há presença de catadores, o relatório do INESC fornece outra aproximação: “há uma estimativa do GDF de que 300 catadores que trabalham independente das organizações nas Regiões Administrativas (estimativas da SEDEST).” (INESC, 2016: 14). Embora muitos deles estejam imiscuídos à urbe, boa parte se encontra “em meio ao cerrado” e dispersa “no território do Distrito Federal, sendo muitos de difícil acesso” (INESC, 2016: 15 e 17). A instituição afirmou ainda que em todas as localidades as “condições de precariedade e miserabilidade estão tanto nas tendas e baias improvisadas para o armazenamento dos recicláveis, quanto nos barracos utilizados para habitação, que transformam estes espaços em pequenos lixões espalhados pelo Distrito Federal” (INESC, 2016: 18).

Além de representar o maior agrupamento de catadores do DF e de ser o maior entre os lixões daqui, somando-se a sua população com a da comunidade que cresceu ao seu redor, a Região Administrativa em que ele está concentra a maior comunidade de catadores do Distrito Federal. Eles estão em quase todas as regiões administrativas, mas “o maior percentual de famílias de catadores está localizado na região administrativa SCIA-Estrutural (59,0%)”; para se ter noção da disparidade, a segunda colocada seria o Recanto das Emas com 8,8% (INESC, 2016: 15)

Além disso, a instituição aponta também quatro principais razões para que o Lixão da Estrutural tenha sido incluído no seu mapeamento e, assim, possa ser encarado como uma comunidade cujos trabalhadores são majoritariamente catadores “avulsos”:

Ressalta-se que o lixão pode e deve ser inserido entre as localidades de catadores avulsos ou de pontos informais por três motivos essenciais. **Primeiramente**, a prática de catação no já caracteriza uma informalidade, **segundo** porque há muitos catadores autodeclarados independentes de cooperativas ou associações no lixão, e em **terceiro**, muito dos catadores que se dizem cooperados ou associados, trabalham na prática, por conta própria, recebendo a remuneração diária por aquilo que conseguem catar e vender. (INESC, 2016: 99)

Deve-se notar, no entanto, que o Lixão possui também pelo menos seis grupos autodenominados associações ou cooperativas – são a Ambiente, Coorace, Plasferro, Coopernoes, e Coopere; e a Construir que, “apesar de ter mudado sua sede para onde hoje está a Cortrap, próximo à Cidade do Automóvel, ainda possui vários membros no Aterro do

Jóquei. (INESC, 2016: 99). Assim, inicialmente pode parecer que o Lixão entrou naquele estudo erroneamente. Mas, da mesma forma que essas seis, o total das 33 organizações de catadores existentes e catalogadas em 2015 pelo SLU foram “assim definidas por elas mesmas, cujos dados sobre o número de filiados (associados ou cooperados) foram por elas fornecidos e não confirmados ou atestados pelo SLU” (SLU, 2016: 43).

Apesar das autodeclarações, no entanto, a muitas faltam os princípios do associativismo e do cooperativismo, e vários desses grupos considerados formalizados ou organizados “atuam em condições similares, e em alguns casos até pior, do que os grupos informais de catadores independentes ou avulsos do ponto de vista laboral e sanitário” (INESC, 2016: 15). Em outras palavras, “as organizações diagnosticadas no lixão apresentaram uma série de irregularidades em relação à ausência de documentações, prestação de contas e pelo próprio processo participativo democrático”.

Dessa forma, seria mais apropriado tratar as seis organizações como “grupos”, mas agora percebidos como “*grupos de catadores avulsos*”, que são unidos por outros critérios, que não os cooperativistas. Com isso, o Lixão da Estrutural poderia ser encarado como local “formado principalmente por catadores avulsos/independentes”. (INESC, 2016: 99)

De acordo com o documento de “Revisão do EIA / RIMA e Avaliação Socioambiental” (GDF, 2014) do Programa Brasília Sustentável II, em 2008 foram coletadas por dia cerca de 2.000 toneladas de resíduos domiciliares e comerciais, sendo que 60% desse total era encaminhado diretamente para o Lixão, sem qualquer tipo de tratamento anterior nas usinas ou nas cooperativas de catadores.

Considerando o sucateamento das outras unidades de triagem e tratamento de resíduos, e a interrupção da coleta seletiva em algumas regiões administrativas, o percentual aumentou bastante até 2014, ano para o qual estimou-se que a quantidade diária de resíduos coletados era superior a 2.500 toneladas, com mais de 90% destinado ao lixão do Jóquei. (GDF, 2014: 46).

Para o ano 2016, o SLU forneceu números diferentes no mesmo relatório, colocando em cheque a sua confiabilidade. De acordo com o “Relatório dos Serviços de Limpeza Urbana e Manejo dos Resíduos Sólidos do Distrito Federal” referente ao 1º semestre de 2016, primeiro diz-se “foram coletadas 2.760 toneladas por dia e aterradas no Aterro Controlado do Jóquei em média 2.659 toneladas/dia de rejeitos.” (SLU, 2016: 38). Depois, diz que o mesmo recebe

atualmente 100% dos resíduos coletados no Distrito Federal, aproximadamente 2.900 t/d de Resíduos Sólidos Urbanos – RSU e cerca de 6.000 toneladas/dia de Resíduos da Construção e

de Demolição, além de resíduos volumosos, podas e parte das galhadas oriundas da NOVACAP. Excetuam-se os Resíduos dos Serviços de Saúde, eletroeletrônicos e pneumáticos. (SLU, 2016: 47)

Ano	Resíduos coletados (t / dia)	Quantidade encaminhada para o Lixão
2008	2.000	60%
2014	2.500	90%
2016	2.760 a 2.900	96,34% a 100%

Tabela 3. Toneladas de RSU coletados e encaminhados para o lixão diariamente (2008 – 2016).
Elaboração própria.

Apesar de o relatório oficial apontar que, no 1º semestre de 2016, o total de 2.659 toneladas (100%) que foram encaminhadas diariamente para o Jóquei era rejeito, sabe-se que, na prática, a grande maioria dos caminhões não adentra o local com rejeitos somente. Eles descarregam também, misturados aos rejeitos que serão aterrados, muitos resíduos sólidos potencialmente recicláveis que são valorizados pelos catadores e encaminhados para a indústria ao fim do ciclo produtivo. Ademais, desse total, o relatório do SLU conta também o que acontecia apenas com *parte* dos resíduos coletados.

Verifica-se que desde a criação da capital o lixo doméstico do Distrito Federal percorreu diferentes caminhos. No entanto, mesmo nos Governos em que houve alguma coleta “seletiva” implantada, especialmente quando não havia qualquer cooperativa de catador, o lixo coletado na capital sempre teve no “Aterro do Joquei” o seu principal destino final.

Na região Centro-Oeste, com 1,114 quilos produzidos per capita diariamente, a produção diária de resíduos está levemente acima da média nacional. A produção de Brasília também se destaca, mesmo que não seja considerada uma região industrial – uma vez que suas indústrias são incipientes, e esse setor é “composto predominantemente por microempresas, basicamente voltadas para a produção de bens de consumo, (...) [com] grande ênfase nas empresas dos setores alimentício, gráfico, têxtil e de madeira e móveis”.

Em 2016, a capital do país já podia ser considerada a terceira maior cidade do Brasil, com um total de 2.977.216 residentes¹⁹ – assim, fica atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Por outro lado, seus cidadãos alcançaram o título de maiores produtores de resíduos no Brasil: enquanto eles produzem 1,381 kg e 1,307 kg, respectivamente, cada brasiliense produz diariamente 1,551 kg, mesmo que a cidade não possua o maior contingente

¹⁹ “Cidades – Brasília – Distrito Federal”: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=530010>

populacional nem seja muito industrializada. Em entrevista concedida à cineasta Tânia Quaresma, Paulo Celso Reis, atual integrante da “Diretoria Técnica” do SLU, reforçou tais informações em 2013, quando o mesmo ainda era subsecretário de Políticas de Resíduos Sólidos da SEMARH e o país ainda não tinha sido rebaixado para o título de nona economia mundial:

Eu nunca vi Brasília dar uma solução pra lixo. E hoje em dia cada vez fica pior: você está na capital da sétima economia do mundo, mas não é só isso não, é o maior PIB, é a maior renda per capita do Brasil e a gente não sabe o que fazer com o nosso lixo. O brasileiro é o brasileiro que mais gera lixo no Brasil, e a cidade nunca conseguiu dar uma solução adequada pra isso.²⁰

Deve ser também por isso que o Lixão da Estrutural se tornou em 2012 o maior lixão do Brasil, após o fechamento daquele que operava em Jardim Gramacho, no estado do Rio de Janeiro (D-WASTE, 2014: 97). Desde então foi considerado, com base na sua extensão, o maior Lixão da América Latina. Até que, em 2014, dados do Waste Atlas atualizaram essa informação: conforme demonstra a primeira das tabelas comparativas que criei, ele seria o segundo maior do continente, em termos de área. Mas em termos de volume de lixo aterrado seria, conforme a outra tabela, seria efetivamente o primeiro.

Localização	Nome	Dimensão (ha)
América Latina		
Perú, Puno	Cancharani	4,5
Argentina, Bariloche	San Carlos de Bariloche	10
Perú, Arequipa	Quebrada Honda	10
Perú, Cusco	Haquira	10,5
Bolívia, Cochabamba	K'ara K'ara	25
Perú, Trujillo	El Milagro	58
Brasil, Brasília	Lixão da Estrutural	136
Perú, Reque	Heque	235
Caribe		
Guatemala, Guatemala City	El Trebol	19,3
Hondura, Tegucigalpa	Tegucigalpa	40
Nicaragua, Managua	La Chureca	42
Haiti, Port au Prince	Trutier	94
Republica Dominicana, Santo Domingo	La Duquesa	128
América do Norte		
Estados Unidos, Nova York	Fresh Kills	890

Tabela 4. Dimensão dos maiores lixões das Américas. Elaborada por mim, com base no Waste Atlas, 2014

²⁰ Trecho do vídeo “Catador@s de história - um filme oficina”, de 3’30” a 3’48”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBI-ADJTiyg>>. Acesso em 1-12-17.

	Lixões Ativos		Lixões Desativados	
	Estrutural – Brasil (~1960 – 2017)	Reque – Perú (? – 2017)	Fresh Kills – USA (1948 – 2001)	Leuwigajah – Indonesia (1987 – 2005)
Área	136 ha	235 ha, ativo por 35 anos	890 ha	25.1 há
Volume Total	Em torno de 21 a 30 milhões de toneladas. ("around 21 to 30 million tonnes")	Em torno de 4 a 5,7 milhões de toneladas. ("around 4 to 5.7 million tonnes of MSW and Hospital waste have been disposed")	150 milhões de toneladas de lixo.	Aproximadamente, 2,7 milhões de metros cúbicos. ("almost 2.7 million cubic meters of waste")
Volume diário	Recebeu 2 milhões de toneladas em 2013. Diariamente, recebia 2,7 mil toneladas de RSU e 4 mil toneladas de resíduos da construção civil. "In 2013 the site received 2,000,000 tonnes ⁴⁸ of waste, while currently Estrutural dumpsite receives 2,700 tonnes of municipal waste and 4,000 tonnes of C&D waste daily"	"The current annual waste disposal is 255,500 tonnes."	Recebia 25.000 toneladas diariamente, na década de 90.	Recebia 4.500 toneladas de RSU diariamente. ("received 4,500 tonnes of MSW per day")

Tabela 5. Comparação por volume e área dos quatro maiores lixões já registrados no mundo". Elaborada por mim, com base no Waste Atlas, 2014, e na reportagem da Revista Abril, 2010²¹

O maior lixão de maior extensão já existente no mundo teria sido o de Nova York, chamado Fresh Kills, que foi fechado em 2001, e transformado em um parque quase três vezes maior que o Central Park. Depois disso, em toda a região das Américas a sua antiga monstruosidade foi substituída pelo Lixão Heque do Perú: ao longo dos 35 anos de operação, Heque acumulou de 4 a 5,6 milhões de toneladas de resíduos sólidos nos seus 235 ha de área.

Em extensão não superou Heque, mas continua crescendo para os lados, para cima e para baixo com seus mais de 50 anos operando. Hoje, recebe aproximadamente 8,7 mil toneladas de lixo diariamente (VILLELA, 2015) e sua área "correspondente a 170 campos de futebol e altura equivalente a 50 metros de lixo" (CANTO, 2014).

Em termos de volume aterrado, o Lixão Leuwigajah, que localizava-se no Oeste da Província de Java (uma das ilhas da Indonésia) e operou entre 1987 a 2005, costumava ser considerado o maior. Com apenas 25,1 ha de área total, recebia 4,500 toneladas de RSU diariamente, chegando a alcançar um volume total de 2,7 milhões de metros cúbicos, quando se rompeu causando um deslizamento de terra em direção a um vilarejo próximo, onde destruiu 69 casas e matou 147 pessoas. Estando ele inativo desde então, o Lixão da Estrutural se tornaria o primeiro em volume recebido diariamente.

²¹ Disponível em:

<<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/lixo/nova-york-recuperacao-area-deposito-lixo-ceu-aberto-veja-615906.shtml>> Acesso em: 02-02-17.

4. O LIXÃO DA ESTRUTURAL

Embora se chame “Lixão da Estrutural”, a região administrativa da Estrutural não é, nem de longe, a principal responsável por essa lixeira descomunal. Como escutei algumas vezes de diferentes personagens durante a pesquisa de campo, o “Lixão da Estrutural” não é “da Estrutural”, ele é o lixão das 31 Administrações Regionais de Brasília.

Seu nome, inclusive, deve-se à proximidade com uma estrada perto da qual cresceu. Trata-se da DF-095, “estrada de ligação entre o Plano Piloto e as regiões administrativas de Taguatinga e Ceilândia” (HOEFEL, 2013: 776). Tal estrada foi construída no início da década de 70 e oficialmente denominada “Estrada Parque Ceilândia”, mas é comumente conhecida mesmo como “Via Estrutural” (SANTOS, 2014: 21) Percebe-se, assim, que não foi a cidade que cresceu ao seu redor que inspirou seu nome, mas o contrário.

De acordo com o GDF, até janeiro de 2017, quando foi inaugurado o Aterro Sanitário de Brasília, o Lixão da Estrutural era o “único local autorizado para receber resíduos sólidos urbanos, podas e resíduos da construção civil”, mas desautorizado para a recepção de “resíduos de serviço de saúde, tóxicos e perigosos” já há algum tempo²². Ainda que tivesse essa “autorização”, é mais complicada a situação de seu licenciamento ambiental. Sob os autos de número 191.000.906/1992, já foi solicitado um licenciamento à antiga Semarh, que passou à análise do IBRAM, mas nenhuma licença ambiental jamais foi concedida – informou o GDF (2016), no “Relatório dos Serviços de Limpeza Urbana e Manejo dos Resíduos Sólidos do Distrito Federal – 1º semestre”.

Entre os equipamentos públicos disponíveis para o encaminhamento dos RSU, lixão, aterro controlado e aterro sanitário são as três mais conhecidas formas de disposição de resíduos sobre o solo. De acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, somente os “aterros sanitários” corresponderiam à disposição final ambientalmente adequada – dentro de uma utopia na qual receberiam apenas rejeitos, enquanto os materiais recicláveis recolhidos pela coleta seletiva governamental seriam integralmente encaminhados às cooperativas de catadores.

Embora a definição conceitual de um “lixão” pareça simples, na prática a distinção entre um “lixão” e um “aterro” é muito tênue, e a compreensão do que sejam varia muito de acordo com a posição política de quem fala deles. Em 2014 foi publicado um atlas que

²² “Entrega voluntária no Aterro Controlado do Jóquei”:

<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/05/entrega-voluntaria-no-aterro-controlado-do-joquei/#cta-forma-acesso>

representa o primeiro esforço já feito em todo o mundo de listar os 50 maiores Lixões em operação, o “Waste Atlas – 2014 Report”, e ali os seus pesquisadores também identificaram a heterogeneidade que paira sobre o conceito de “lixão” ao redor de todo o planeta:

The perception of what constitutes a dumpsite is not uniform around the world. In many developing countries, and especially in Africa, dumpsites are sometimes called ‘landfills’, although they do not meet the minimum criteria of environmental protection. This misconception was identified early during the preliminary research. As a result, an assessment of each site was conducted, considering their engineered features along with operational practices. (D-WASTE, 2014: 14)

Inclusive, a Abrelpe (2014) também deixou isso transparecer, como ilustra a figura abaixo. Visto que na ocasião da pesquisa o aterro de Samambaia ainda não havia sido construído no Distrito Federal, e o Lixão da Estrutural era o principal vazadouro de resíduos do DF, e que todas as menções que são feitas a ele no documento da Abrelpe acontecem pelo termo de “aterro controlado”, entende-se que ali a palavra “aterro” foi utilizada como um sinônimo (e um substituto, na verdade) para “Lixão da Estrutural”. Entende-se, a despeito dessa polêmica terminológica, que o Lixão representava o destino final de praticamente todo o lixo produzido no Distrito Federal nos anos de 2013 e 2014, bem como acontece há mais de cinco décadas.

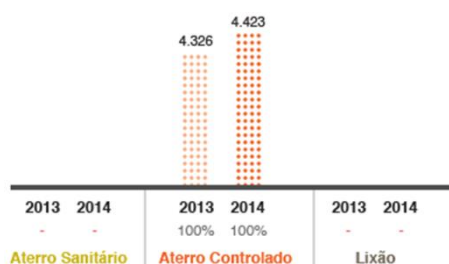


Figura 15. “Destinação Final de RSU no Distrito Federal (t/dia)”. Fonte: Abrelpe, 2014

Sendo assim, o Waste Atlas sugeriu uma definição que apresenta características comuns a todos os 50 maiores lixões já contabilizados, a partir de uma avaliação que considerou a engenharia e as práticas operacionais de cada um. Lixões seriam, portanto, locais em que:

há resíduos amplamente dispersos, sem cobertura ou compactação, que permanecem suscetíveis à queima aberta e a incêndios que ocorrem freqüentemente, pois estão expostos aos elementos do clima; e são fonte de vetores de doenças, freqüentados por animais de remoção, como aves e cães. (...) São mal administrados (quando o são), sem qualquer controle ou

registro em relação aos materiais recicláveis recebidos, e também não possuem segurança. Catadores informais freqüentemente são encontrados trabalhando coletando recicláveis sem quaisquer medidas de proteção, e até mesmo morando nos lixões, onde chegam a catar também restos de comida para se alimentarem (...) Seguindo esta descrição, locais de eliminação de lixo que não possuem forros sobre o solo, nem possuem sistema de manejo de gás e lixiviação, ou medidas anti-inundações e operações de som, foram classificados como lixões²³.

De acordo com Heliana Kátia, a diretora-presidente do SLU, foi elaborado durante o governo de Rollemberg um documento chamado “Plano de Transição do Aterro Controlado para Aterro Sanitário”, envolvendo 17 órgãos governamentais em 42 ações. Entre elas, 10 foram consideradas “emergenciais”.²⁴ Todas as ações desse Plano comentadas por Kátia que se referiam ao lixão foram tabuladas por mim na tabela abaixo, com os comentários da mesma justificando cada ação. Em seguida da tabela, virão meus comentários acerca do que vi e do que não vi ali dentro, durante a pesquisa etnográfica.

Ações do “Plano de Transição do Aterro Controlado para Aterro Sanitário”, realizadas nesta gestão do SLU referentes ao “Aterro Controlado” da Estrutural	
Ação	Motivo
6 km de cerca ao redor do aterro	“Por incrível que pareça, o aterro não tinha cerca. Então qualquer pessoa entrava, por isso que era lixão – porque qualquer pessoa acessa por qualquer lugar, leva um carro roubado, bota fogo no carro, traficantes fazendo...”
Foço	“Fizemos um foço, porque se a pessoa rompe a cerca ela ainda tem um fosso pra poder evitar que se entre, a não ser pelas três entradas.”
Limitação a três entradas com controle	“Hoje são três entradas com controle.”
“Sistema de manejo de chorume e gás”	“Instalamos os drenos de gases e recirculação de chorume – eu estive lá ontem a tarde e está impressionante: 119 drenos de gases que nós implantamos”
Retirada de caminhões abandonados	“Retiramos... Tinha 12 caminhões, sem luz, sem freio, abandonados ali na frente. Um dia eu tava lá no sábado, e pegou fogo no caminhão; nós tivemos que puxar um deles, que tava pegando fogo, pra não pegar fogo no restante.”
Retiradas de caçambas estacionadas	“Tiramos mais de 300 caçambas – os caçambeiros de entulho falaram assim “aqui é meu estacionamento”; as caçambas estacionavam lá e quando alguém ligava e pedia eles tiravam, e nós tiramos todas as caçambas de lá; anunciamos, pusemos uma faixa lá, ligamos para os telefones das caçambas, e dissemos que tinham 1 semana para tirar, senão vamos mandar para o ferro-velho.”
“Melhoria dos acessos internos [pistas], [cobertas] com entulho triturado”	
Estudo da contaminação	“Fizemos um estudo porque a lagoa de chorume drenou, vazou e extravasou, e tava... Um tanto de plantadores e agricultores familiares pra ver se contaminou as verduras, não contaminou; quem fez foi a EMATER, são tantas ações que cada órgão fez uma.”
Rodas de conversa com catadores, através do Fórum Lixo e Cidadania	“Dois ou três catadores vieram para uma reunião aqui no centro, e falaram “olha, tá difícil pros catadores virem”, então transferimos o Fórum lá pra

²³ Tradução livre de trecho do D-WASTE, 2014: 13 e 14.

²⁴ Audiência Pública de 22 – 06 – 2017.

	Estrutural por demanda dos catadores.”
Ampliação dos exames de saúde dos catadores	“Lá nós estamos fazendo, todo ano, uma ação com os catadores – pra tirar documentação, pra fazer curso de primeiros socorros, de alimentação saudável, exame bucal. Agora estamos fazendo exame de saúde dos catadores, pra poder comparar como é a saúde deles hoje e daqui 1 ano e meio, e quando eles estiverem no galpão como é que vai estar a saúde deles.
Melhorias operacionais na destinação dos rejeitos	“Todos os rejeitos estão indo para o aterro sanitário de Brasília, e isso significa que o lixo que chega lá [no lixão] é menos poluído, porque o rejeito sujo, a “bucha” que não tem mais aproveitamento tá indo pro outro aterro.”
“Centro de Convivência” e banheiros químicos no lixão	Implantamos um espaço com telhado e com mesas, e implantamos também banheiros químicos.
Comunicação constante com catadores	temos tido uma comunicação com os catadores, inclusive com folder explicando quais são as ações do governo devido a nossa dificuldade de comunicação: você se comunica com um grupo, mas todo dia tem catador novo, tem gente que nunca tinha ido lá e foi pela primeira vez; não tem um sistema, então nós temos ido direto no aterro nos comunicando diretamente com os catadores.

Tabela 6. Ações do Plano de Transição do Lixão que vêm sendo realizadas pelo SLU. Elaborada por mim.

A garantias de todas as atividades “emergenciais” desse Plano, listadas acima, já estavam definidas em um contrato de prestação de serviços com a Valor Ambiental citado por Kátia, conforme ela afirmou: “isso tudo tava no contrato, só não tava sendo cobrado”; assim, “nós não gastamos um tostão a mais no aterro pra ele virar o que ele virou hoje”. Ou seja, a partir da simples reclamação das garantias contratuais, o SLU teria conseguido que a empresa mantivesse o que instalou, recuperando tudo se degrada – como ocorre constantemente com as cercas:

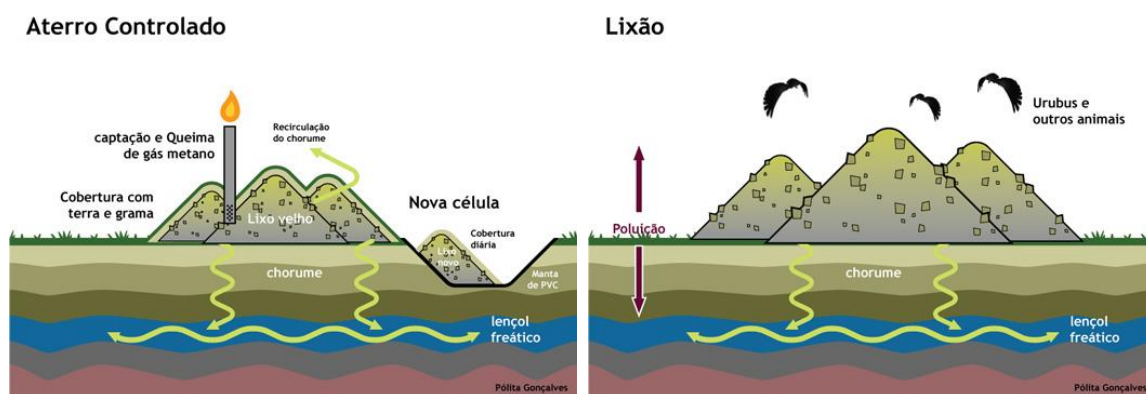
No primeiro mês a empresa mandou um ofício para nós assinarmos, que roubaram 600 metros de cerca e era pro SLU repor, e nós lemos o contrato e não estava escrito “fazer uma cerca”, estava escrito assim “fazer e manter a cerca”, então a empresa está mantendo. Todo dia catador vai lá e corta a cerca, todo dia a empresa vai lá e repõe a cerca.

Em alguns momentos de sua fala, Heliana Kátia pronunciava-se como se tal processo já tivesse sido concluído: “a gente nem pode chamar mais de um lixão, é um aterro controlado”; “nós transformamos o lixão num aterro controlado”. Outras vezes, dizia que Plano de Transição seria para ela a demonstração de que o lixão “tá virando um aterro controlado”, ou seja, como se tratasse apenas de um processo em andamento, não concluído.

Alguns fatores presentes no lixão da Estrutural, contudo, tensionam a classificação de Kátia, uma vez que ali há a falta de proteção do solo, de equipamentos anti-inundação ou sistemas sonoros para a organização do trabalho dos caminhões e dos catadores. Qualquer um que adentra uma de suas duas guaritas percebe tais ausências. Somados à presença de

catadores de materiais recicláveis, estes seriam critérios bastantes para que um local seja classificado como lixão de acordo com o Waste Atlas.

Sob essa perspectiva, não há dúvidas: o “aterro” do Jóquei é efetivamente um “lixão”, sendo a sua situação “ainda muito precária e incompatível com o padrão e a importância do Distrito Federal no contexto nacional” (SLU, 2016: 49). Conforme demonstra a imagem de Pólita Gonçalves (2003), o “Lixão da Estrutural” corresponderia a uma paisagem intersticial: nasceu como lixão e, ao mesmo tempo, apresenta algumas características de “aterro controlado”; no entanto, não pode ser completamente enquadrado como um “aterro” visto que algumas das características mais essenciais estão ausentes no da Estrutural, como o solo impermeabilizado.



Figuras 16 e 17. Imagens de um Aterro Controlado e de um Lixão. Fonte: Gonçalves, 2003.

Considerando, portanto, a definição de “lixão” oferecida pelo Waste Atlas e as declarações do SLU por meio de Heliana Kátia, percebe-se que as referências ao principal vazadouro de Brasília transitam entre “lixão” e “aterro controlado”. Mesmo com essa nomenclatura bamba e a imprecisão que ronda o uso do termo “lixão”, a presença ou ausência dos equipamentos públicos mencionados pela diretora-presidente, e listados na tabela acima, poderá doravante ser mais facilmente apurada a partir dos registros que fiz em minhas visitas de campo àquele local.

Acessos: estrada, cerca, entradas e focos

O dia mais tenso que já vivenciei na Estrutural foi também o dia que mais me ajudou a entender os limites do território do lixão. Em 14 de fevereiro de 2017, uma quarta-feira, fui a uma Audiência Pública acompanhada de Baiana. Ao final, uma moradora da região adjacente

ao lixão conhecida como “Casinhas”, no Setor Oeste, nos pediu uma carona de volta, pois a audiência já atrasava e ela precisava buscar sua filha na escola.

De acordo com o INESC, até 2014 havia uma “total ausência de controle de acesso, seja de portaria e/ou perímetro do lixão. Qualquer veículo ou pedestre tinha entrada livre ao lixão”, limitando-se aquela área “à vigilância e observação passiva dos deslocamentos internos” (INESC, 2016: 129). Como já tinha percorrido o lixão por dentro, sentia curiosidade de rodea-lo por fora de sua cerca também. Não tinha comentado dessa ideia com ninguém, nem mesmo Baiana, pois ainda não tínhamos tido a chance de fazer esse percurso juntas. Mas naquele dia, como parecia ser uma tarefa simples e acessível, embrenhei-me sozinha: deixei ela primeiro, e combinei de levar a outra moça à casa dela e voltar rapidamente para encontrá-la. O que demoraria minutos, porém, acabou nos levando a horas de preocupações.

Animada por imagens de satélite que eu já vinha pesquisando, supunha que era possível circundar o lixão inteiro de carro. As imagens demonstraram rodovias construídas e, mesmo dando o máximo de “zoom” sobre a paisagem, não era possível perceber as falhas na estrada, os acessos fechados. Além do zoom, havia que se considerar também as datas da imagem de satélite: o lado “direito” do lixão, que tangencia a Santa Luzia, possui imagens atualizadas de 2017. Já o lado esquerdo, nos trechos que eu ainda não conhecia, o Google Maps disponibilizava registros de 2011 somente, e eu ainda não sabia a diferença prática que isso poderia fazer.

Quando fui deixar a outra moça, percebi que sua casa era o mais próximo de uma das quinas do lixão que eu já tinha chegado. Prosseguir a partir daquele canto pareceu-me, assim, uma grande oportunidade. Se tudo desse certo, eu faria o contorno inteiro do lixão e voltaria à casa de Baiana pelo caminho novidadeiro. Só não imaginava eu que, no Setor de Chácaras Córrego do Valo, haveria um atoleiro, que eu ficaria enlameada, seria assustada até por uma lacraia encontrada dentro de minha bota e que na casa onde consegui o primeiro socorro receberia também carinho e muitas das informações que eu buscava sozinha naquele dia. Para facilitar a compreensão dos aprendizados deste dia, adaptei a imagem de satélite abaixo para indicar quais seriam as quinas do terreno cercado em que o lixão está, e para falar das estradas entre elas.



Figura 18. Imagem de satélite editada, mostrando as quinas do lixão.

Quando cheguei no ponto 2 da imagem (**representado pela fotografia abaixo**), subi para a margem “esquerda” do lixão, pela estrada de terra que o separa do Setor de Chácara Córrego do Valo. Ela começa na BR 095 (EPCL) e desemboca na BR 097 (EPAC, no ponto 3), mas seu nome não foi identificado pelo aplicativo de georreferenciamento. Na lateral “direita”, limitada pelos pontos 1 e 4, passa a Rodovia 087 (EPVL). Nessa borda, a ponta final da rodovia indica também a divisa com a Santa Luzia – região de ocupação mais recente da Estrutural.



Fotografias 16 e 17. As quinas 2 e 1 do lixão: à esquerda, a vista do ponto 2 em direção ao 3, da janela do meu carro; à direita, parte do 1, em que a cerca está mais próxima da estrada que na outra foto; além das bananeiras, há pinheiros que não aparecem nela.

Um olhar desatento pode sugerir que a BR 087 segue reta por toda a borda do terreno. Em vez de seguir, no entanto, a EPVL contorna o “Parque Vivencial” da Estrutural sem adentrar na Santa Luzia, não havendo interligação entre ela e a EPAC, rodovia “de cima”, atrás dos pontos 3 e 4. Conforme disse Cirlan, o dono da casa que me acolheu, “só tem uma estradinha; mas a rodovia igual você vê, lá não tem, e elas não tem interligação”. Em outras palavras, “tem estradinha de terra e tem como você transitar, mas não existe rodovia”. Assim,

para seguir beirando o lixão é necessário sair do asfalto da EPVL para pegar uma viela de terra que margeia sua cerca, adjacente à Santa Luzia.



Figuras 19 e 20. Imagens de satélite ilustrando o final da estrada EPVL nas proximidades da Santa Luzia.

Ainda nessa borda se localiza a entrada de caminhões (conhecida como “entrada da 12”, em referência à antiga quadra 12, onde ela está). Ao seu lado há ainda uma criação de animais (que já existia em 2016, conforme o registro do satélite). Tal entrada se inicia ao fim da quadra 12, ficando de frente para uma das poucas quadras esportivas que há na cidade, no “Parque Urbano da Estrutural”, ao lado da qual está uma rua residencial. Devido ao forte fluxo de caminhões que tem o lixão como ponto de descarregamento, tanto essa quanto a rua entre os pontos 1 e 2 são conhecidas como “avenidas do lixão”.





Figuras 21 e 22. Imagens de satélite da “entrada da 12” do lixão sob dois ângulos: acima, de quem olha do ponto 4 ao 1; na outra, de quem olha do ponto 1 ao 4.

Cirlan me explica que, à exceção da entrada oficial para caminhões, tanto pela esquerda quanto pela direita do lixão é impossível adentrar por outro ponto com carro – somente a pé é possível passar por quaisquer pontos da cerca. Intrigada, sem crer na flagrante desatualização do GPS, ainda pergunto se não havia ao menos “atalhos” para carros, já que a imagem de satélite indicava o que pareciam variadas trilhas de menor porte. Ele responde que “não existe”, mas explica que provavelmente o GPS ainda mostra “porque existia! Mas foram fechadas”. Explica ainda que, pela característica das cercas, qualquer um adentra ao lixão, mas faz a ressalva:

é assim: a-c-e-s-s-o não, mas tem como você entrar. Mas de carro, por exemplo, você não consegue entrar em nenhum desses acessos. E todas as entradas tem guarita, tem segurança lá, certo?! Então, assim, aleatoriamente você pode entrar por aqui, a pé, cortar ele aí, mas de carro não; de carro é isso aí.

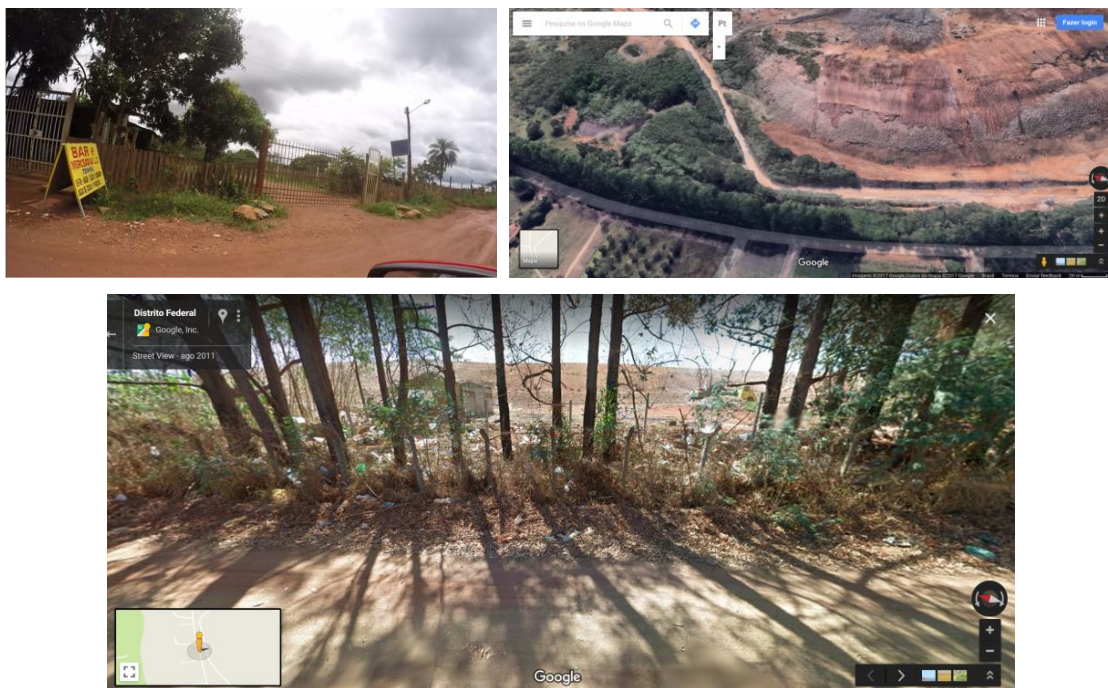
A lateral que passa por baixo do lixão, entre os pontos 1 e 2, cujo nome “nativo” não identifiquei, tem a região conhecida como “Casinhas”, do Setor Oeste da Estrutural, à sua margem, e a entrada administrativa do vazadouro também está ali. Trata-se da passagem de pedestres e carros de pequeno porte, conhecida como “entrada da 5”, em referência a quadra em que essa guarita está). Além disso, nela há também a sede da Cooperativa Ambiente – a única das cooperativas que atua no lixão que usufrui de uma infraestrutura para o trabalho.

Já a lateral superior corresponde a um trecho a BR 097 (EPAC). Para Cirlan, a estrada da “esquerda” e a “superior” (que perpassa a EPAC) “só existem no mapa”. A da esquerda, que passa em frente sua casa,

ia ser das primeiras a serem construídas – só que ninguém sabe quando vai ser, se vai ser, se é que vai ser... E a outra, ao lado do Parque Nacional, também, que sai lá embaixo da favela Santa Luzia. Então nenhuma delas existe de verdade.

Do lado esquerdo do lixão, a estrada é completamente de terra, diferentemente do outro lado. Pareceu-me bastante inóspita, sem monitoramento ou fiscalização constante. Vi carros de variados modelos e portes passando ali – desde caminhonetes a carros de passeio, mas foram pouquíssimos. Até que eu chegasse ao ponto da estrada em que ainda se via o lixão através da cerca, apenas cinco carros passaram por mim, sendo que nenhum ia no mesmo sentido que eu, todos vinham contrariamente. Cirlan, porém, garantiu-me que o tráfego de caminhões era intenso tanto na pista desse lado em que o conheci, quanto na do outro (estrada EPVL). Apesar da sensação de isolamento naquela região, havia também muitas plantações e, na frente de algumas chácaras, contei pequenos comércios, como um bar e uma mercearia:

- Cirlan: Passa nas duas. Acabou de subir um caminhão aí agora. Aqui é um tráfego pesado, passa caminhão o tempo todo!
- Rebecca: É?! Mas caminhão que descarrega lixo também, ou outro tipo de caminhão?!
- Cirlan: Não, não, não... Nada do lixão passa por aqui, absolutamente nada. Aliás não passa n-a-d-a do lixão dali pra cá. Antigamente ainda tinha uma entrada por aqui – faz muitos anos, tem uns 8 anos que eles fecharam, e agora o acesso é só lá pela Estrutural.



Fotografia 18. Bar na região Córrego do Valo.

Figuras 23 e 24: Imagens de satélite da lateral “esquerda” do lixão, em que é possível vê-lo através das cercas.

Heliana Kátia havia citado “três entradas” do lixão, embora em todas as minhas pesquisas de campo tenha conhecido apenas duas ativas. O próprio website do SLU diz isso, em matéria publicada em 16 de novembro de 2015: “foram mantidas duas entradas: uma para caminhões, outra para carros comuns”.²⁵

Durante o trajeto de carro, dois pontos pareciam dar início a bifurcações, uma a direita e outra a esquerda da estrada. No primeiro deles, decidi parar por ter notado que ali havia um espaço de cerca completamente aberto, e queria registrar a falha que ainda existia no controle de entradas ao lixão. Ao voltar de carona com o casal para a cidade, justamente quando passávamos em frente esse ponto falhado, Cirlan reduziu a velocidade do carro para me explicar que essa foi a última entrada a ser fechada das que eram utilizadas formalmente para o tráfego de caminhões de lixo. Sua esposa complementa, dizendo que ali também coincide com o final do lixão para quem percorre aquela lateral do lixão, que perpassa o setor do Córrego do Valo, no sentido que fizemos. Animada, conto-lhes que eu também tinha dado atenção àquele ponto anteriormente, e ele responde:

- Cirlan: Então é aqui o final antigamente, tá certo?.
- Eliene: Aqui é o final do Lixão, né, amor?
- Cirlan: É. Ta vendo aqui? Aqui era um acesso, mas já tem tantos anos que as árvores até cresceram, tá vendo?
- Rebecca: Entendi!



Fotografias 19 e 20. Cirlan indicando o mesmo ponto em que eu tinha parado anteriormente, que corresponde a uma antiga entrada do lixão.

²⁵ “Trabalhadores do aterro controlado do Jóquei participam de curso sobre prevenção de incêndios”: <http://www.slu.df.gov.br/noticias/item/2275-trabalhadores-do-aterro-controlado-do-j%C3%B3quei-participam-de-curso-sobre-preven%C3%A7%C3%A3o-de-inc%C3%AAndios.html>

Ele explica que, à exceção das duas entradas que ainda se mantêm abertas, todas as entradas que havia daquele lado do lixão foram bloqueadas e fechadas, especialmente depois que construíram as Casinhas ali, “aí que eles terminaram de fechar mesmo”. Acrescenta que essa terceira entrada que conheci é “uma das mais antigas”, no entanto foi a “primeira a ser fechada”. Dessa forma, o “acesso ao lixão mesmo é só pelo lado de lá, só pela cidade”. O rapaz não se lembrava bem o motivo do fechamento, mas arriscou seu palpite:

sei que tem a ver com morte... Ah foi um trator e um catador! Um catador foi atropelado por um trator – ele estava entrando por aqui e não viu, e aí eles resolveram fechar essa entrada aqui e proteger esse lado. Aí fizeram o Aterro e foram jogando o lixo mais pra lá.

Prosseguindo pela pista, alguns minutos depois se encontra efetivamente uma entrada à esquerda, na altura da Chácara 26 de setembro, que nos leva para dentro do Setor Córrego do Valo. Paro naquele ponto para registrar o despejo de lixo que se dá não só dentro do lixão, mas ao seu redor também (fotografias 21 e 22), adjacente a sua cerca inclusive, como ilustram as imagens abaixo. Perpendicular à estrada principal, essa rota passa pela “Igreja Cristã do Brasil”, acessa outras chácaras, e também é o caminho da “Feira do Produtor 26 de Setembro”, que foi fechada este ano mas costumava reunir artistas locais e vendedores de produtos agropecuários.



Fotografias 21 e 22. Despejo de lixo ao redor do lixão.

Seguindo daí em diante, sem virar nessa entrada, já se tem a impressão de que o lixão acabou – pois não há mais caminhões transitando através da cerca, e ela mesma está cada vez mais distanciada da estrada de terra, envolvendo somente um matagal cercado do Parque Nacional que é contíguo ao lixão. Começo a ficar preocupada com a escolha de passear sozinha quando percebo que dali em diante a mata vai ficando mais alta e fechada, a pista de

barro mais estreita e irregular, e o trânsito de carros torna-se praticamente inexistente. Ainda assim, prossigo pela estrada.

Após passar pela antiga entrada do lixão e a perpendicular da 26 de setembro, no Córrego do Valo, a estrada sofre uma leve divisão que cria duas vias, uma desnivelada em relação a outra, que se encontram poucos metros depois. Ali, seguindo à direita, estava a parte mais baixa, e à esquerda a parte mais alta. Somente “tarde demais” compreendi que essa elevação se tratava de um desvio de atoleiro, já que à minha direita, na parte mais baixa, havia água empoeirada e a pista enlameada. Sem saber disso, ignorei a esquerda, e como a poça d’água não parecia nem larga nem profunda, arrisquei passar por cima dela. Foi uma péssima escolha, pois sutilmente meu carro perdeu a força, e as rodas ficaram girando, esganando desesperadamente. Tentando manter a calma e acreditando que conseguiria resolver a situação sozinha, comecei a cavar ao redor dos pneus para desatolar – nisso ajoelhei-me e enfiei os braços e a cara no chão, em tentativas seguidas e frustradas. Tentei acenar para dois carros que passaram pelo desvio mais elevado, mas nenhum parou – decerto minha aparência estava assustadora. Após mais de meia hora de tentativas, desisti e entendi que precisaria pedir ajuda. Tranquei o carro, peguei os bens mais preciosos que eu carregava – que eram meu notebook e a gopro – e comecei a fazer o caminho de volta pela estrada, com a esperança de que surgiria uma boa ideia: é quando me aproximo novamente da 26 de setembro e vejo crianças no quintal de uma das chácaras, as quais se solidarizam comigo e chamam seus pais, Cirlan e Eliene.

Passei a tarde inteira com eles, que me deram lanche e até roupa para trocar ofereceram, além de muita conversa, consolo, e curiosidade sobre minha vida. Foi bom ter tanto assunto com desconhecidos. Ao final desse longo dia compreendi, enfim, que só há uma maneira de circundar o lixão inteiro: por dentro do limite de sua cerca, e não por fora. Conforme foram descritas as estradas de fora, existe também uma de dentro, que é “do lixão”, como disse Cirlan, e o circunda inteiro: “então o entorno do lixão é só por dentro [dele] agora, porque essa estrada deles [com caminhões] circula lá dentro”.

Fossos

Não foram encontrados fossos ao redor do lixão, diante das cercas, nos trechos que circudei, que parecessem semelhantes ao que Heliana Kátia falou. Outra estrutura, no entanto, percebida nas laterais das próprias pistas internas ao aterro pareciam mais com o que ela se referia. Trafegando desde a pista interna que começa com a entrada da quadra 12, notei

buracos laterais cavados ao longo dela, que teriam sido criados para auxiliar no escoamento da chuva e dos líquidos percolados. Na única vez que adentrei ao vazadouro por essa entrada, acompanhada de uma amiga de Baiana em meu carro, ela narrou assim parte do trajeto:

- MVilma: Antes atolavam muitos caminhões, antes de fazerem essa vala [ao lado da pista]. Aí aqui é tipo uma reserva de água, que eles fazem pra ajudar a escorrer.
- Rebecca: E essa parte aqui que tem bastante vegetação? Já foi aterro?
- MVilma: Essa parte aí já foi aterro, e agora tá tendo vegetação porque o aterro tá ficando mais distante.



Fotografias 23, 24 e 25. Fossos das pistas do lixão.

Caçambas

Em relação à enorme quantidade de caçambas que o SLU teria retirado, durante minhas visitas de fato não foi encontrado nada como um “pátio” interno ao lixão de caçambas estacionadas, no qual cada uma teria uma vaga cativa.

Pelo que a presidente do SLU falou, haveria diversos compradores particulares dispondo suas caçambas no lixão, que permaneciam ali sem cessar. Mesmo que em todas as minhas visitas eu não tenha visto isso, notei que havia caçambas espalhadas especialmente nos

pátios de Caçambas e Containers (da Lixeira Seca) e no pátio da Coleta Seletiva (da Lixeira Molhada). E, conforme ilustra a fotografia abaixo, comumente eram da Capital Recicláveis, a grande compradora de recicláveis do Distrito Federal. Na área externa e adjacente ao lixão, porém, a entrada do “Parque Urbano da Estrutural” assemelha-se bastante ao que Kátia disse: embora a área seja pública, diversas vezes encontrei ali caçambas de “Disk Entulho’s” variados, no segundo semestre de 2017.



Fotografias 26, 27 e 28. Caçambas estacionárias relacionadas ao lixão: na primeira foto, de autoria de Baiana, estão dentro dele; nas outras, feitas por mim, ao lado dele.

Centro de Convivência, alimentação e banheiros químicos

Seguramente, há um “Centro de Convivência” no lixão, pois já presenciei Heliana Kátia reunindo-se com catadores ali, no dia 02 de março de 2017. Fica ao lado da Administração, logo na entrada do lixão, mas distante de todos os pátios de trabalho. Uma distância, inclusive, que não justificaria a descida até o centro para esperar, sob uma sombra, enquanto caminhões descarregam.

Nessa época, logo depois de conhecer a líder comunitária Abadia, que atualmente trabalha no “Banco Comunitário”, fui ao lixão buscar informações para uma possível roda de conversa que gostaríamos de organizar. Perguntei sobre um local e um dia de semana adequados às mulheres catadoras, mas os seguranças que escutaram desanimaram-me prontamente, dizendo que nem catadora nem catador desce até ali – e que o local é pouquíssimo frequentado pelos catadores, que só vão para as reuniões com o SLU. Não

desceriam para a roda de conversa, tampouco utilizam o espaço no dia-a-dia para se alimentar, abrigar-se da sombra ou para socializar entre si – propósitos com os quais o Centro de Convivência teria sido criado.

- Segurança : O pessoal não desce ali não. Eles *não descem*.
- Rebecca: Como assim? Nem se convidar?
- Segurança: Nem se tem reunião. A reunião é sobre o que?
- Rebecca: Sobre a condição da mulher catadora depois do lixão, mais em formato de roda de conversa. Aí a gente pensou nesse lugar porque...
- Segurança: O problema é o pessoal descer. O pessoal não desce, quer trabalhar.
- Baiana: Quer trabalhar, é isso que eu falei pra ela.
- Rebecca: Sim sim...
- Segurança: O problema é esse.
- Rebecca: Mas eu pergunto porque semana passada eu vim aqui, em uma reunião do SLU, e tava cheio ali...
- Baiana: É porque eles tem interesse, mas eles quer o lixo
- Rebecca: Então você acha que eles desceram porque tinha interesse?
- Segurança: É, interesse. Pra reunião, essas coisas assim eles não descem não. O mais certo mesmo é você ir andar nos pátios, ne. Andar nos pátios e conversar com elas
- Baiana: É
- Rebecca: Nos Pátios mesmo?
- Baiana: Nos Pátios. Aí você vai de calça, bota...
- Rebecca: Sim sim... Mas é mais pela roupa? Ou tem outro tipo de preparo?
- Segurança: Não, é isso aí mesmo
- Baiana: Não, menina. Você já sabe a roupa que nós usa ai dentro, tua bota tu não usou?!
- Segurança: É pra você se cuidar mais
- Baiana: Ela é minha prima... Ô, minha sobrinha!
- Segurança: Lá em cima do lixo assim [de vestido] não dá certo
- Baiana: Não dá. [Dessa vez] ela não saiu do carro não [quando subimos para os pátios].
- Rebecca: Será que dá pra conversar nos pátios então?
- Segurança: Dá, no pátio da Seletiva dá. Lá em cima também é a mesma coisa
- Rebecca: Então você acha que dá pra reunir um grupinho, assim, nem que seja pra uma conversa de meia-hora?
- Segurança: Não, o pessoal não fica não.
- Rebecca: Não?! Meia-hora é muito?
- Baiana: Meia-hora é prejuízo se você for chamar. Porque é que ninguém vai pra reunião? Porque se perder meia-hora, ta perdendo dinheiro
- Rebecca: Mas mesmo sendo no local de trabalho, não dá pra esperar um pouco?
- Baiana: Não...
- Segurança: O lixo não pára!
- Rebecca: Aqui na Seletiva até que pára um pouco, né

- Segurança: Pára porque eles ficam esperando caminhão, né, Baiana?
- Baiana: Porque não tem carro. É.



Fotografias 29 e 30. A esquerda, o Centro de Convivência esvaziado, em um dia normal de trabalho; a direita, quando havia pronunciamento de Heliana Kátia, estava cheio.

Se eu quisesse reuni-las, deveria haver algo do interesse particular das mesmas, como a distribuição de cestas básicas; ou então qualquer coisa que recompensasse o dinheiro que não seria ganho durante a dinâmica, confirmaram Baiana e o segurança. Ele explicou-me ainda que, pela necessidade de controle deles e pela minha segurança, especialmente por eu “ser de fora” (isto é, não catadora), caso quisesse marcar formalmente a reunião no Centro, deveria ir à sede do SLU localizada no Venâncio 2000 primeiro. “É um controle que o SLU tem, todas as visitas que chega, tem que assinar um documento ali”, disse ele.

Banheiros químicos, contudo, jamais vi. Conforme Guarnieri et al (2016) também observaram, eles “não têm disponível um espaço adequado para fazer suas higiênes e refeições, como também não contam com um espaço para armazenar os materiais coletados, para possibilitar um maior volume para a venda”. Além da falta de local apropriado às necessidades fisiológicas individuais, a falta de tendas de trabalho às cooperativas também impossibilita a centralização da venda na figura das cooperativas, bem como a comercialização delas em larga escala com as indústrias. Tal escala “não ocorre nas cooperativas e associações que atuam no Lixão da Estrutural, por não ter espaço para armazenar os materiais coletados, tendo que vendê-los”, na maioria dos casos, “diariamente após o término do turno de trabalho de forma individual” (GUARNIERI et al, 2016: 255).

Aparentemente, em 2014 os banheiros de fato foram construídos, com recursos da SEDEST, em decorrência das “ações emergenciais” do Plano de Transição, ao qual já nos referimos, que visavam “acomodar os catadores que já trabalhavam no Lixão da Estrutural”. Com os banheiros também vieram “14 tendas para abrigar as 6 organizações de catadores” que já havia ali. No final de 2014 contudo já não havia mais nenhuma tenda, pois logo após a instalação das mesmas “houve um forte temporal que provocou a queda de 11 delas e no final de 2014 as outras 3 tendas também foram derrubadas” (INESC, 2016: 106).

Baiana, inclusive, me contou em uma tarde divertida que passamos na sua casa como os catadores costumam “fazer suas necessidades”. No mesmo dia, contou também como providenciam bebida e comida lá dentro, complementando as observações que eu já tinha feito em campo.

Por muito tempo, o mais comum era utilizarem um buraco no chão, “eu cansei de fazer assim”, diz ela. Hoje em dia, porém, pouco se vê dessa prática, não havendo mais preocupação em enterrar o que foi defecado: “agora não faz mais não, quem fazia isso era o pessoal antigo que trabalhava lá”. Pergunto “e hoje em dia, quando quer fazer cocô, xixi...?”, e ela responde “Vai no mato! É igual na roça, tem que ir no mato. Agora, lá em casa, o cagador de lá de casa [na Bahia] era tão limpo que você podia pegar um prato de comida e ficar olhando pro cagador.”. Rimos.

Eu nunca tinha visto Baiana com garrafas d’água no lixão – acredito que porque nas vezes que fui ali ela ia para me acompanhar e nem tanto para trabalhar. Disse-me que, antigamente, costumava encher alguns galões d’água (como esse da foto abaixo), que eram transportados até o lixão com o auxílio de um motorista de caminhão, para serem utilizados por mais de um dia. A água que levava de sua casa para o lixão, portanto, era suficiente para dias a fio de trabalho, não só para uma única labuta: “por exemplo, eu enchia as 5 dessa e levava no caminhão, as carretas pegava aqui, e levava os galão nas carretas, chegava lá eu tirava, botava de 2 em 2”. Quem lhe ajudava eram motoristas das “carretas do lixo mesmo”; quando perguntei se eles eram pessoas próximas dela, respondeu “é, conheço, conheço todo mundo, a gente conhece eles, aí nós colocava”. Dessa água de tamanha porção usava-se um galão só “pra cozinhar, beber e lavar os pratos”. Surpresa, respondo “Nossa, que massa. E pra escovar dentes? Alguém fazia isso lá?”. E ela: “Escovava sim. Escova dente, lavava o rosto, fazia café”, contando que a água levada não era somente para beber.

Hoje em dia, se vê muitas pessoas levando suas próprias garrafas d’água, comumente são PET de refrigerante reaproveitadas. Quando fui ao Maciço pela primeira vez, na ida e na volta tivemos carona de dois caminhões diferentes – eu, Baiana, sua filha Carla e a amiga Poliana. Na volta, subimos no espaço vazio que fica entre a cabine do motorista e a carreta do caminhão, enquanto ele ainda descarregava o lixo que trazia. Como era uma prática comum, um catador que já encerrava seu turno de trabalho também subiu conosco para esperar o caminhão dar partida, e ali notei uma garrafa d’água, que ele usou para limpar suas mãos e beber água.



Fotografias 31 e 32. Como se manter hidratado no lixão.

Em outras visitas, percebi que catadores traziam de casa outros materiais para subsidiar seu trabalho, que guardavam em pequenos barracos que se espalhavam por todos os pátios do lixão. Nas fotografias abaixo, por exemplo, são vistas mochilas, utensílios de cozinha e até um sofá. Além da água, traziam lanches e mudas de roupa, uma “para trabalhar” e outra “pra voltar pra casa”.



Fotografias 33, 34 e 35. Barracos improvisados construídos pelos catadores no lixão.

Fora esses barracos, havia também tendas de metal laranjadas, providenciadas pelo próprio SLU, para que seus encarregados ficassem à sombra enquanto fiscalizavam as dinâmicas de trabalho entre máquinas, catadores e outros trabalhadores. Frequentemente,

porém, o espaço ou era encontrado vazio, ou era compartilhado com catadores, que também vi sentarem-se ali dentro.



Fotografias 36 e 37. Primeiro, tenda localizada à beira do principal cruzamento do lixão; depois, container localizado na estrada que se encaminhava para o Maciço.

Um dia que eu acompanhava Baiana, ela fez questão de performar e explicar como trocam de roupa ali dentro. Quando não levam na mochila a muda extra e uma sandália, costumam ir para o lixão vestindo duas mudas de roupa: “a roupa de trabalhar a gente veste por dentro, ou então a gente traz dentro da mochila”. No caso das fotos abaixo, a blusa amarela com calça preta seriam para trabalhar, e o short jeans com blusa branca para voltar para casa. Perguntei se todo mundo fazia isso, e ela respondeu “É. E vem de bota. As vezes quando a gente não coisa, a gente deixa a roupa aqui [na cabana improvisada], e vem com a roupa limpa e troca”. Assim que ela completou a frase, bastou virarmos para trás para encontrar uma calça jeans sobre um bag que – pelo local em que estava e por estar limpa, e próxima ao barraco de sombra – indicava estar em uso por algum trabalhador que tinha ainda uma terceira estratégia.

- **Baiana:** Olha aí, ó, filma aqui: isso aí [a calça] nós deixa aí, e amanhã nós veste
- **Rebecca:** Essa calça não é a sua, né
- **Baiana:** Não
- **Rebecca:** Foi outra pessoa que deixou?
- **Baiana:** Foi. É pra vestir amanhã



Fotografias 38, 39 e 40. À esquerda, Baiana com a roupa de trabalho por cima; à direita, com a roupa de voltar para casa.

Para se alimentarem, também utilizam estratégias que eles mesmos criam – pois não há qualquer tipo de fornecimento de comida ou bebida por parte do SLU, e grupos de caridade apareciam ocasionalmente com doações. Na foto abaixo, Baiana e o namorado encaminhavam-se para uma fila que se formou em frente a uma vã que distribuía marmitas, no pátio da Coleta Seletiva. Quando chegou nossa vez na fila, sem qualquer questionamento me deram uma também.



Fotografia 41. Doação de marmitas no pátio da Seletiva, para a qual Baiana e o namorado se encaminhavam.

Assim, suas estratégias podem ou não envolver dinheiro, como no caso do consumo de produtos vendidos por outros catadores ou comerciantes não catadores que se espalham nos pátios. Encontrei, por exemplo, vendedores de lanche que utilizavam o bagageiro do carro como expositor dos produtos, e ficavam fixos, estacionados no pátio do Maciço; vi também

um vendedor de dindin, mas que transitava pelos pátios, utilizando uma bicicleta própria. Para aproveitar que estávamos conversando sobre comida, falei: “estou lembrando de algumas vezes que fui lá com você lá pra perto dos Cucas. Aí eu vi algumas pessoas que vendiam comida, marmitta...”, e ela respondeu:

- Baiana: Vende, vende! Vende marmitta, comida, picolé, vende fruta... Eu mesmo tava querendo que a Carla tava vendendo salada de frutas, que lá vende que é uma beleza!
- Rebecca: É mesmo?! Por quantos reais era mais ou menos?
- Baiana: Era 1 real, 2 reais, depende do tamanho do copo... E vendia, tinha dia que ela vendia 30, 40...
- Rebecca: Ela já vendeu?!
- Baiana: Já! E vende, é só trazer. Se você quiser ganhar dinheiro é só trazer
- Rebecca: Nossa, vamos fazer isso um dia!?
- Baiana: Vamos pra você ver!
- Rebecca: E água?! Tem gente que vende água lá?
- Baiana: Nãao, vende água não, nós leva!

Era possível também preparar o alimento sobre o próprio solo do aterro, a partir do reaproveitamento dos gases que o chão em putrefação liberava: quando borbulhavam sobre uma poça d’água, alguns cozinhavam a comida com eles. Uma vez, na casa de Baiana, conversávamos despretensiosamente sobre outro assunto – no caso, o trabalho novo de seu namorado, que decidiu deixar de trabalhar para um comprador de madeiras no lixão, para produzir carvão com outro parceiro. Ele me explicava as condições em que os materiais eram queimados ali dentro: as vezes de forma intencional, mas normalmente relacionada com a produção espontânea de gás que o chão liberava. Então Baiana complementou que o sistema que gerava esses pequenos incêndios era também o que utilizavam para cozinhar ali dentro:

- Rebecca: Queimam madeira lá dentro?
- Namorado dela: Não, sabe... Tem hora que tem aqueles fogo que pega... Esses dias tinha fogo, que é muita madeira que tem lá dentro.
- Rebecca: Mas pega assim espontaneamente? Naturalmente ou alguém que taca fogo?
- Namorado dela: Não, não, é o gás.
- Rebecca: Aah o gás com o calor...
- Namorado dela: Acho que é.
- Baiana: Não, tocam fogo mesmo. E quando as vezes, quando tá coisa, ele pega fogo.
- Namorado dela: Quando tá muito quente?!
- Baiana: Quando tá chovendo, aí que o gás tá fedendo, aí a gente vai e cava lá e cozinha arroz, feijão...
- Rebecca: Como assim “cava”? Cava no chão? Cozinha no chão?

- Baiana: É, no chão mesmo
- Namorado dela: E o calor ali é direto

Às vezes, cavam buracos na terra, outras vezes utilizam “fornos” construídos por eles mesmos. No primeiro caso, começam cavando um buraco e depois esperam chover. Então quando chover e a água preencher o buraco, “que tiver saindo o gás, que tiver *brrrrrr* *som labial*, brotando debaixo pra cima, borbulhando a água, ali é o gás”, ela diz. Respondi “Aaah o gás borbulha a água no buraco como se estivesse fervendo”, e ela “é, fervendo. Isso, fica esquentando”. Detalhando, me propôs o recurso da imaginação: “O buraco não fica aqui? A água não tá aqui? Aqui tá a poça de água e tá chovendo, aí chuva, passando uns dois dias, aí o gás tá saindo de dentro, de lá debaixo do chão pra cima. Aí o gás joga a água pra cima”.

Nem sempre o cozimento espera pela chuva ou demora mais de um dia, me explicava seu namorado: “agora mesmo, como a gente fez um forno pequeno, aí é um dia. Tem dois fornos cheios já lá. O antigo eles queimou, aí tá lá esfriando, pra gente chegar lá...”. Incrédula de que se utilizavam de fornos, perguntei ainda: “Então vocês fazem um forno, deixam lá e, quando chove, usam o forno, é isso?”, e ele respondeu: “Não, usa direto esse forno que nós fez”.

Para aumentar minha surpresa, podiam também obter alimentos gratuitamente ao redor do lixão, sem que trouxessem de casa – pois ali cresciam muitas frutas, verduras e hortaliças que eles também coletavam. Enquanto seu namorado falava, ela ia se gabando que várias coisas que tinha em casa que eram oriundas do lixão, e nos interrompeu estendendo o braço para mostrar sua próxima refeição:

- Baiana: Óia, isso aqui eu achei lá no Lixão. Ó o tamanho do jiló!
- Namorado dela: Vige!
- Baiana: Vige não, benzadeus, é de lá!
- Namorado dela: Desse tamanho?
- Rebecca: Isso é um jiló grande?
- Baiana: É um jiló, ji-ló-ji-ló mesmo, do Lixão da Estrutural.

Atordoada com a novidade, pergunto em qual parte do seu local de trabalho ela o teria encontrado – imaginando que teria encontrado na descarga de algum caminhão, mas não. Ela explica que

cai semente lá, aí joga lá, e eles nascem sozinho, quando chove nasce tudo. Mamão, abobora... Como é, bem, aquele outro que ce queria trazer, que eu disse a você que lá tem? Jiló, pimentão, tomate, é... Tudo nasce lá! Até os tomatinho miudinho, mas cada um tomate nós come é delicioso.

Pergunto se isso ocorria em todos os pátios do lixão, e ela esclarece que “não é todos”. Na realidade, nem dentro dos pátios, mas ao redor deles: “é lá em cima dentro do mato assim”; e completa: “procurando dentro do mato tem tanta fruta que você nem imagina! É. Aí ó o tamanho desse!”



Fotografias 42, 43, 44, 45 e 46. Alimentação no lixão: da coleta gratuita no Cerrado ao comércio mediado por carros e bicicletas. Na primeira foto, Baiana segura o jiló que ela catou na cercania do lixão. Nas outras, vendedores de alimentos do pátio do Maciço utilizam diferentes estratégias: seja a carroceria de um carro, diante da qual montam uma mesa improvisada e bancos plásticos que levam consigo; seja um gazebo com lonas de diferentes tipos, tanto para a sombra dos clientes quanto para a alimentação; seja uma bicicleta, como no caso do vendedor de dindin.

A comida que catavam poderia tanto ser levada para casa quanto preparada ali dentro mesmo: “quando a gente tá lá, cozinha lá mesmo; tinha um fogãozinho lá e nós cozinhava lá mesmo”. No lixão, com exceção do pátio da “cooperativa mista”, os catadores sempre podem parar o trabalho para cozinhar quando estão com fome, visto que podem gerir o próprio tempo de trabalho. Às vezes, cozinham antes de começar a catar: “cê levantou de manhã cedo, cê faz a comida...”. Porém, o momento mais propício para cozinhar descreveu assim:

quando a gente vai mais é que não tem carro [caminhão da coleta convencional ou seletiva]. Por exemplo, o carro não tá vindo e não tem material [pra catar], aí nós vai fazer o que? Vai fazer a comida. Aí nós come. Aí quando o caminhão chega nós vamo [trabalhar].

Esse “fogãozinho” não era coberto por nenhum barraco, e não era um forno propriamente igual ao que seu namorado contou:

- Baiana: Ficava no céu aberto, que a gente cozinhava e cavava. E quando acabava, botava ali num lugarzinho tranquilo que tinha umas mesinhas. A gente arrumava a mesa, um barraco veio que caía lá e dava pra coisar, tampava lá e...
- Rebecca: Mas você está falando no passado. Hoje em dia não faz mais não?
- Baiana: É, no passado. Não, faz, ainda faz sim.
- Rebecca: Então...
- Baiana: Tem gente que ainda mora lá, cozinha lá, faz tudo lá.

Em outra ocasião, quando eu estava esperando por uma Audiência Pública atrasada começar, junto a duas outras catadoras, uma da cooperativa Ambiente e a outra da Construir, elas se queixavam de que “o pior lugar do aterro é a Lixeira Seca”, onde ambas ainda trabalhavam. Perguntei o porquê, e uma disse “É porque é tensão demais!”, e a outra “Porque o pó de construção... Vem pó com cimento e tudo, aí você respira aquilo tudo. Chega cobre na hora que eles vai despejar. Cobre tudo, tudo, tudo! Cobre as pessoas! Só a fumaçona de poeira e o gás”. A partir daí começaram a falar também do gás utilizado para cozinhar:

- Catadora da Ambiente: E o gás matador, que é o metano, que a gente chama matador?
- Catadora da Construir: O gás, quando tá chovendo, você vê bolha... Se tiver borbulhando a água, pode saber que é o gás que tá saindo
- Rebecca: Mas será que na lixeira seca esse gás sai mais forte?!
- Catadora da Ambiente: Não, é igual, tudo igual
- Catadora da Construir: Não, é igual. Pra tudo quanto é lugar é igual.
- Catadora da Ambiente: Outro dia, sabe o que o pessoal tava fazendo? Jogando fósforo dentro e tava pegando fogo!
- Rebecca: Aonde? Na poça?

- Catadora da Ambiente: Dentro do chorume! O chorume borbulhando, e eles “vamos ver se tem gás mesmo, se é verdade mesmo!”
- Rebecca: O chorume, líquido... E pega fogo?!
- Catadora da Ambiente: Sim! E eles jogando o fósforo. E tipo não apagava, demorava um pouco pra depois apagar.

Comento que Baiana já tinha me contado que cozinham com o borbulhar do gás, e uma delas acrescenta que, quando trabalhava no turno da noite, “tinha uma barraquinha que saía um buraquinho assim, do gás mesmo, eles botaram fogo, e aquele fogo ali era direto, eles cozinham ali”. Pergunto se era só quando chove, e as duas respondem em coro: “não, é direto!”. A catadora da cooperativa Ambiente me convida para me mostrar a queima do gás em outro dia e eu topo, então a outra replica: “Vai lá que você vai ver as manilhas, tem umas manilhas altas assim, aí você olha lá dentro das manilhas, tá queimando o tempo todinho”. No meu primeiro dia de lixão, a ex-catadora Carla apontou para mim o que aparece ao fundo da fotografia abaixo: “Ó essas torres assim, ó! Tá vendo aquelas dali, ó? Devem tá apagadas, mas é tudo gás”. Conforme seguranças da GSI me explicaram, havia mais de uma centena de manilhas, já que a cada 50 metros era necessária a implantação de uma delas. As áreas que o Maciço ocupou, fosse na minha primeira ou na última visita, aparentavam ser as que tinham o maior número delas. Na última visita, cheguei a ver que na porção ocupada anteriormente pelo Maciço, embora estivesse interditada, havia máquinas escavadeiras trabalhando para inserir mais algumas.



Fotografia 47. Carla apontando duas manilhas de gás ao fundo da cena, aparecendo mais à esquerda do caminhão, sobre a linha do horizonte

A partir desses comentários, entendi mais um sistema de “forno” que os catadores utilizam lá dentro: para criar um recipiente, colocam pedras sobre as próprias manilhas que o SLU implanta nos pátios do Maciço e da Construção Civil (ou “torres de gás”, como disse Carla). Nesse caso, porém, o sistema de queimação (e cozimento) com as manilhas não é tão

usado para o preparo de alimentos, mas sim para diminuir a nuvem de fumaça que elas exalam, ou mesmo para desovar itens indesejados, como explicou-me uma delas:

Enche e fica dessa altura assim... Aí vai queimando com alguma questão de 15, no máximo 20 dias aquelas pedras lá já acabaram de queimar! Aí eles colocam de novo! E quando não tem, quando a pedra vai baixando, abaixo da boca da manilha, fica mais ou menos meio-metro o fogo em cima.

A outra alertou “teve uma vez que teve uma história que diz que mataram um homem e foi e jogaram lá dentro”, e a catadora da Ambiente desabafou: “mulher, ali é muita coisa, é muita coisa que acontece ali em cima. Ali é muita coisa obscura”.

Sistema de circulação de chorume e gases

Como é amplamente sabido, a produção de gás metano e de chorume são consequências do aterramento de rejeitos orgânicos junto a resíduos sólidos. Como parte das instalações fixas do Lixão da Estrutural que compõem seu “sistema de manejo de chorume e gás”, são considerados pelo SLU, além das manilhas, também um “poço artesiano” e uma “lagoa de chorume” (espécie de piscina impermeabilizada com lona preta) nos quais, segundo o documento que revisa o EIA / RIMA do Programa Brasília Sustentável II, haveria bombas de sucção instaladas (GDF, 2014: 90).

Um relatório mais recente do SLU (2016), no entanto, informou que o sistema de “drenagem dos líquidos percolados, de gás e drenagem externa superficial” estão “*sendo recuperados*”. Infere-se disso que não estão operando em plenitude. Referindo-se às manilhas, diz ainda que o lixão possui uma “série de “queimadores de gás”, em que ocorre a combustão dos gases gerados no interior do aterro.” (SLU, 2016: 49).

Em relação a Lagoa de Chorume, sua função não envolve a retirada definitiva do chorume drenado, mas sim uma recirculação. Embora ela seja o destino de boa parte do chorume que é anteriormente drenado, ali ele é parcialmente reciclado, para depois ser reintroduzido no lixão. Assim, tal circulação diminui um pouco a carga de poluição do chorume, mas ele nunca sai efetivamente de lá (LIRA, 2001: 38).

Quando há chuvas intensas, especialmente, uma enorme fração do chorume escoam superficialmente. No Lixão da Estrutural, tanto esse fluxo superficial quanto o subsuperficial escoam para fora do lixão, de três formas distintas: em direção a “ruas e quadras mais próximas ao lixão”, em direção ao Córrego do Valo (a região de chácaras adjacentes ao

Lixão), e “para o córrego a jusante do lixão, geralmente pelo vazamento das lagoas de tratamento de chorume” (GDF, 2014: 34).

Como consequência do gás e dos líquidos percolados, existe o forte risco de incêndio, que pode ser gerado nas áreas com maior concentração de “maciço orgânico” – caso das áreas dos Cucas e das Carretas – e se alastrar gerando explosões em alguns pontos. Uma vez que o incêndio nasce, pode se propagar em mais incêndios, especialmente porque “em todas as quatro áreas” há “materiais combustíveis em abundância”. Da mesma forma, tanto o fogo como a presença de chorume potencializam o risco de escorregamento do maciço e, com ele, o soterramento de pessoas (GDF, 2014: 93).

Percebe-se que, ainda que precário, existe um sistema de gestão do chorume que circula subsuperficialmente e do que vaza para a superfície. Contudo, o chorume que vaza para os corpos dos trabalhadores dificilmente pode ser controlado.

Uma vez que subi no Maciço como uma amiga de Baiana, ela alertou-me para essa situação, que eu jamais tinha pensado antes. Enquanto muquiçam, remexem sacolas de lixo cheias de rejeitos orgânicos que já estão liberando chorume, de acordo com o tempo de decomposição do que há na sacola de cada residência; esse líquido, por sua vez, contamina os materiais recicláveis que os catadores procuram em meio às sacolas. Uma vez que encontram os recicláveis, os catadores carregam tais moedas de troca dentro de sacolas próprias, que comumente amarram na cintura, ou apoiam sobre as costas, ou encaixam debaixo dos braços – e em todas essas situações o chorume escorre sobre os seus corpos. Conversando comigo, ela lembrou de quando trabalhava no Maciço à noite; disse que ali, no enorme descampado que é aquele pátio do lixão, sentia muito frio, especialmente porque seu corpo ficava “molhado” sob o sereno. Perguntei “molhados de suor?”, e ela replicou “não só, de chorume mesmo, que escorre dos sacos”.

5. ORGANIZAÇÃO SÓCIO-PRODUTIVA DOS CATADORES: DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO NO TERRITÓRIO.

“Relações lixeiras” foi uma expressão utilizada em uma das primeiras etnografias brasileiras já feita sobre catadores, escrita por Idalina Costa em 1986, para se referir à teia de relações formada pelas pessoas que desenvolviam “atividades ligadas ao lixo”.

Utilizada como uma alternativa para se pensar o conjunto de relações trabalhistas que ocorre dentro do lixão de Brasília, Idalina criou a expressão para se referir ao conjunto formado por “catadores”, “comerciantes” e “os formalmente ligados à Urbana” (empresa que equivaleria ao SLU no DF), que residiam no bairro ou favela Cidade Nova, da mesma forma que será utilizada aqui para se pensar o conjunto de sujeitos atuantes no lixão.

5.1. Catadores

No Lixão da Estrutural existem, pelo menos, seis grupos autodenominados “cooperativas” ou “associações”: Ambiente, Coorace, Plasferro, Coopernoos, Coopere e Construir. Apesar de presença delas, representadas pelos catadores cooperados a cada uma, existe a crença de que a catação avulsa é um fenômeno hegemônico no lixão, conforme afirma uma importante pesquisa desenvolvida pelo INESC em 2016. Na ocasião, a ONG afirmou que o lixão poderia ser considerado como uma localidade “de catadores avulsos ou de pontos informais” (INESC, 2016: 99), apesar da presença das cooperativas dali, pois a elas faltariam os princípios do cooperativismo e associativismo.

A instituição justifica tal afirmação na observação de que seria comum que tais empreendimentos atuem em “condições similares, e em alguns casos até pior, do que os grupos informais de catadores independentes ou avulsos do ponto de vista laboral e sanitário” (INESC, 2016: 15). Em certo sentido, a instituição trata aqueles seis grupos como “grupos de catadores avulsos” porque os catadores estariam unidos em função de outros critérios que não os cooperativistas, e enxerga o Lixão da Estrutural como local “formado principalmente por catadores avulsos/independentes”. (INESC, 2016: 99).

Apenas olhando para uma multidão de pessoas que trabalham ali não é fácil saber quem é ou não é cooperado. De forma geral, em nenhuma cooperativa ou outros grupos de trabalho existem “uniformes” ou outras padronizações estéticas exigidas deles, que facilitem a classificação baseada no olhar. No caso do lixão, as cooperativas dali também não dispõem de equipamentos de EPI para seus associados, nem possuem tendas ou um galpão com mínima infraestrutura coletiva.

Embora não haja uma determinação externa quanto à uniformização das vestimentas, percebe-se certa padronização de elementos “estéticos” nos andrajos dos catadores, mesmo em meio à liberdade que mulheres e homens tinham liberdade para escolher o que vestir. Embora o apelo das roupas escolhidas seja muito mais “funcional” que “estético”, catadores e catadoras utilizavam quase hegemonicamente as seguintes peças, conforme a funcionalidade que cada uma possuía na otimização do dia-a-dia de trabalho: sapato fechado, calça, blusa de manga comprida, rosto coberto com uma camiseta extra (contra o mau cheiro, os gases e a poeira), e relativa presença de luvas e bonés. Tanto o “uniforme” que protege o corpo quanto a “sombra” que abriga do calor são improvisados, e muitos outros itens são construídos com objetos que eles encontraram no próprio lixão. O mesmo se pode dizer dos acessórios que eles utilizam para catar – seja os sacos de acumular, sejam os recipientes usados para lavar e limpar alguns dos recicláveis.

Quanto a tonalidade do ambiente, sabe-se da miríade de cores inimagináveis que o lixão tem – todas, no entanto, em tom “barroso”, manchadas pelo marrom da terra, do chorume, e de materiais orgânicos se decompondo. Demorei a compreender isso e acabei subindo de forma bastante chamativa na primeira vez que fui ao lixão: blusa rosa, boné verde, bandeira e bota colorida, além dos cabelos bem amarrados, e a própria cara de paspalha curiosa em si. Entendi que essa era uma das razões pela qual eu tinha a forte sensação de inadequação ali dentro, naquele dia, recebendo variados olhares enviesados quando aportamos no Maciço. Carla chamou minha atenção para o fato de que eu não estava, por exemplo, com uma camiseta amarrada na cara, como a maioria dali, e comentou que poderia se tratar também da minha “postura” (corporal e estética) como um todo. Confirmou, assim, a minha sensação de estar sendo observada pelas pessoas dali, antes da Baiana começar a nos apresentar a elas de pouco em pouco. Tentei me ajustar logo de imediato e uma de minhas reações imediatas foi passar as duas mãos no cabelo, bagunçando tudo em várias direções. “Pronto. Será que tá melhor?”, perguntei, e caímos na gargalhada.

Além dos catadores “avulsos”, outros personagens compunham o território do lixão, espaço considerado enquanto paisagem e matriz de subpaisagens, moldadas por relações socioprodutivas e hierarquias específicas entre os diversos sujeitos que trabalham em cada setor daquele vazadouro.

Inicialmente, o primeiro de monografia que escrevi pretendia voltar-se para as mulheres catadoras que trabalham de forma “avulsa” no Lixão da Estrutural. Tal intenção se alicerçou, em um primeiro momento, no relatório do INESC que afirma ser o lixão um

ambiente de trabalho composto principalmente por catadores avulsos/ independentes; desde que foi iniciada a antepesquisa desta monografia, encarei essa assertiva como uma hipótese que deveria ser testada.

“Gênero”, embora me mobilize profundamente, é um paradigma muito complexo que não consegui apreender com propriedade para abordá-lo enquanto produto monográfico ainda. No entanto, as reflexões sobre um grupo de mulheres indianas, escritas por Veena Das (2006), foram muito úteis para começar a pensar não só as relações de gênero vivenciadas pela catadora no espaço do trabalho não remunerado (a família) e no remunerado (lixão). Mas também para tensionar a ideia de “modelo cooperativista” que tanto o GDF exige dos catadores do lixão quanto eles, vivenciando tal distopia, reinterpretem tais exigências na prática, apresentando-nos o que seria um cooperativismo “possível”, porque é vivido, e mais “tangível”, porque modela e reconstrói a paisagem do lixão dia-a-dia.

De um modo geral, enfrentei algumas limitações em relação a aproximação das catadoras, e ainda outras quanto a seleção de quem eu deveria entrevistar efetivamente, de forma que “tive que adaptar meu desejo àquilo que era possível”. Silva (2015), em sua pesquisa de mestrado, vivenciou adversidades que o levaram a uma adaptação geográfica e de gênero também, motivo pelo qual repito suas palavras aqui: “Meu desejo inicial era ter uma seleção abrangente do ponto de vista geográfico e de gênero” (SILVA, 2015: 127).

Algumas questões que estão na própria base dos métodos qualitativos limitam as técnicas utilizadas e trazem a impossibilidade de qualquer conhecimento ser, em si, “certo” ou “verdadeiro”. Elas foram vivenciadas, e a percepção da existência delas trouxe uma melhor compreensão acerca das limitações da hipótese que se levantou a partir do INESC. As ciências que estudam fenômenos sociais, ao contrário das ciências naturais, não estabelecem relações de “sujeito-objeto”, mas somente de “sujeito-sujeito” – de forma que seus “objetos” são “dotados de intencionalidade e pensam a si mesmos”:

Esses sujeitos produzem interpretações do mundo social. Cada ator social é também um teórico social, no sentido de que interpreta a sua própria conduta e a situação social em que se insere para poder agir. Essa circunstância impõe aos cientistas sociais a necessidade de procederem ao que Anthony Giddens (1978) chamou de “dupla hermenêutica”: o sociólogo interpreta a interpretação que os sujeitos produzem de sua prática. Além disso, as ciências sociais são autoinfluentes: o processo de estudar afeta o que será estudado (ALONSO, 2016: 9).

Assim, mais uma vez, uma ocorrência diferente do planejado: as catadoras que conheci e cheguei a entrevistar não se declaravam como “catadoras avulsas”. Apesar de reconhecerem no termo “avulsa” um signo que se refere ao trabalho que não é cooperado nem

associado, e de saberem que o que exerciam se distanciava de uma cooperativa ideal, cujos princípios cooperativistas ou associativistas estariam descritos em uma legislação qualquer, elas não se declaravam como “avulsas”.

Considerando que uma cooperativa não passa de um “tipo ideal”, supostamente imposto por um lado e reinterpretado pelo outro, Veena Das (2006) e Pedro Pereira (2010) são autores fundamentais para se pensar esse modelo de empreendimento econômico, por pensarem a violência para além das oposições binárias e rígidas, que associam a “agência” ao agressor e a “opressão” à vítima. Ajudam-nos a pensar o “status das vítimas” e sua capacidade de resistência; como a violência expõe os limites dos critérios de vida, e como “desce” do extraordinário ao cotidiano, e também “como as mulheres, que surgem como os principais atores desse processo, reconstroem o cotidiano de forma a resistir à violência” (PEREIRA, 2010: 359).

Conforme a abordagem que Das refuta, na interseção entre gênero e violência, a violência pertenceria somente ao campo do “extraordinário”, enquanto evento esporádico e fortuito, e estaria frontalmente oposta ao nível do “ordinário”. Das, por sua vez, demonstra que as mulheres, no seu contexto de estudo, enfrentam a violência justamente com suas formas de “reabitar o cotidiano”. Compreendendo que o “tempo também possui agência e trabalha”, elas atuaram diretamente na reconstrução das relações, para que pudessem reabitar o mundo. Em outras palavras, a autora percebe que o tempo “não é algo simplesmente representado, mas um agente que trabalha nas relações, permitindo que sejam reinterpretadas e rescritas no embate dos agentes na construção de suas histórias” (PEREIRA, 2010: 361).

Seu estudo nos leva a pensar que, uma vez que existam violências de gênero vivenciadas nos ambientes ordinários do labor cooperativista e no da família, as catadoras são sujeitos que, ao longo do tempo, participam ativamente dos processos de “reconstrução” (ou “reinterpretação”) das relações sociais de trabalho vividas. Em certo sentido, é como se as mulheres desta pesquisa reforçassem, a todo tempo, sua agência de “sujeito” que produz e reinterpreta a própria história.

Conforme os diversos diálogos com mulheres do lixão, em sua maioria, tenham sido muito breves, não contei todas com quem falei, parando a contagem depois da primeira dezena. Assim, consegui gravei o nome somente das que voltei a rever. Entre todas elas, somente uma afirmou que não era cooperada. Trata-se de Denise, que trabalhava como funcionária do maior empresário dali, o Celso, cujo maquinário é gerenciado por Mesaque,

sem carteira assinada, recebendo uma remuneração diária fixa. Todas as outras, por sua vez, afirmaram-se enquanto cooperadas.

Se eu cresse, contudo, ser possível simplesmente enquadrá-las em uma categoria de análise (como a “avulsa” ou “cooperada”) a partir de um modelo que tenho sobre o que seja uma cooperativa, falaria dessas mulheres e homens sob uma perspectiva etnocêntrica. Vitimizando os mesmos, falaria somente do aspecto negativo, do que falta, colocando sobre catadoras e catadores a carga daquilo que não se é. Por outro lado, quando se opta por afirmar sua positividade, percebo que não são “coitadinhos”, mas sujeitos que combinam ativamente todos os elementos que tem a sua disposição, conforme eles satisfaçam melhor suas necessidades.

Nesse sentido, não se pode simplesmente reproduzir a conclusão do INESC e dizer que àqueles seis empreendimentos faltam os princípios do cooperativismo. É preciso, ao contrário, perceber que, ainda que não se enquadrem na legislação correspondente, homens e mulheres oscilam entre as definições do trabalho “cooperado” e “avulso”, jogando com ambos. A pesquisa de campo mostrou-me que essas pessoas participam parcialmente de empreendimentos coletivos, os quais não estão formalizados sob os critérios jurídicos, mas também não podem ser consideradas pessoas completamente “avulsas”, justamente porque participam de grupos de trabalho maiores que o seu trabalho individualizado – mesmo que seja pela simples obtenção da carteirinha de uma cooperativa. Em poucas palavras, afirmando sua positividade, elas embaralham tudo o que se entende por cooperativismo, trabalho informal ou avulso, criando versões próprias do Lixão da Estrutural.

Considerando que o tempo é um recurso escasso ao final de uma graduação – isto é, insuficiente para uma convivência mais intensa com mais de uma interlocutora – e as considerações que Adriana Alves fez em uma conversa que tivemos no início do mês de maio, compreendi que a temporalidade dessas vivências não poderia ter sido muito diferente, mesmo que eu desejasse muito isso. Adriana alertou-me justamente para o fato de que as trabalhadoras avulsas são mulheres que não estão em situação de rua, pois possuem habitação, mas que estão dispersas no território do trabalho, do ponto de vista institucional. “Quando elas estão cooperadas, elas têm a cultura da reunião, tudo é reunião, tudo é assembleia. E quando elas não estão... Então, qual é uma abordagem para mulheres dispersas?”, me provocou Adriana. Justamente por isso a melhor estratégia para o meu caso seriam as conversas pontuais com uma variedade delas, “cara a cara, chegar e trocar ideia”, sem buscar uma continuidade ou maior compromisso de pesquisa – que se estendesse aos lares de todas

as entrevistadas, ou mesmo a uma reunião coletiva que cheguei a imaginar-me organizando com elas.

Nesse sentido, no contexto das catadoras entrevistadas, e da bibliografia consultada, a hipótese sugerida pelo relatório do INESC foi confirmada apenas parcialmente. Pois apesar da autodeclaração, contudo, as “cooperadas” catavam e comercializavam individualmente, sem partilhar seus ganhos coletivamente. Mantinham-se cadastradas nas respectivas cooperativas somente porque tinham em vista o futuro assombroso que o fechamento do lixão trará, cheio de incertezas e, com isso, sabiam que necessitavam dessa condição para terem alguma chance de trabalhar nos galpões de triagem que o Governo do Distrito Federal tem prometido construir.

Afora a esperança do futuro melhor, nenhuma delas soube citar as vantagens de que usufruem, no tempo presente, por serem “cooperativadas”. Em boa parte dos casos, as catadoras tinham inclusive dificuldades para pagar a mensalidade da carteirinha – particularmente o caso da Ambiente, que cobra \$ 10,00 mensais. O descompromisso das catadoras com tal encargo foi frequentemente relatado e fundamentado não tanto em função do preço cobrado, mas em função de falta de reciprocidade que há no pagamento disso. Mais de uma vez presenciei catadoras se queixando, por exemplo, de que quando sofreram acidentes no trabalho não puderam contar com qualquer auxílio da cooperativa, sequer uma cesta básica enquanto estavam medicamente impossibilitadas de trabalhar.

Percebeu-se ainda que uma delas, embora garantisse que possui há vários anos a carteirinha de registro da Ambiente, seu empreendimento possuía características cooperativistas tão frágeis que, na realidade, era um grupo vivenciado como “empresa” liderada por um dono-presidente. Assim, quando tal catadora vende os materiais coletados para a própria cooperativa de registro (as quais atuam como um atravessador), tem o valor do seu trabalho apropriado por ela, como se servisse a uma empresa capitalista. Por outro lado, se decide realizar a sua comercialização de modo individualizado em relação aos outros cooperados, trabalha de maneira “avulsa” (ou “autônoma”, uma referência também comum), servindo ao sistema capitalista que “superexplora” sua mão de obra.

5.2. Cooperativas

A conversa mais esclarecedora acerca das variações “reais” que se ramificam do cooperativismo “utópico” aconteceu com seu Edison²⁶, em 02 de março de 2017. Durou aproximadamente cinco minutos – tão rápida que pouco deu para conhecer do rapaz, baixinho, que trabalhava na Coleta Seletiva. Ainda assim, ele não foi relutante e fluiu a falar, indo direto ao ponto a cada pergunta que eu fazia, com informações preciosas que vieram a se repetir em conversas que tive com outras catadoras em junho de 2017, enquanto esperávamos começar uma Audiência Pública do SLU. Uma delas era presidente de uma das cooperativas do lixão; a outra, que se afastava mais e mais dali devido à frágil saúde, já havia trabalhado em todos os pátios do lixão, tanto para uma cooperativa quanto para um comprador particular de madeira.

Ademais, a conversa que tive com Edson foi justamente uma das que mais contribuiu para se chegar à compreensão da distribuição dos Pátios e Lixeiras no lixão, ilustrada abaixo, que explicarei mais tarde. Essa montagem será utilizada doravante também para comentar a distribuição das cooperativas no lixão, no dia a dia de trabalho.



Figura 25. Imagem de satélite editada, indicando a distribuição dos pátios do lixão em minha primeira visita.

²⁶ Nome fictício, pois o catador preferiu se manter anônimo.

Conforme o rapaz falava, e ia apontando com as mãos onde cada modalidade de cooperativismo ocorria, comecei a perceber que não existe apenas um único modelo de cooperativa no lixão que seria replicado por todos os empreendimentos coletivos. Haveria, na realidade, três tipos de cooperativas organizadas na prática. Edison não categorizou os tipos sistematicamente, mas na conversa com ele alguns critérios que separavam cada um entre si iam se destacando, como: a maior predominância de compradores ou de catadores na cooperativa; elementos de organização mais “coletivos” ou “individuais”, especialmente no que se refere a uma “chefia” (maior ou menor detentora dos meios de produção) e a repartição dos ganhos auferidos com a venda de recicláveis (que caracterizaria uma venda autônoma de um lado, e coletiva de outro).

Percebi, por exemplo, que uma “cooperativa” tinha “chefes”, e nela não havia “quotas-partes”, um critério fundamental no ideal de uma cooperativa. Diante de tais proprietários os catadores não eram mais do que empregados. Ganhavam, assim, por “produção” (de bags triados, no caso da catadora Denise, ou vendidos, no caso dos que trabalhavam em outros pátios). Ou por “diária” (trabalhada na esteira de triagem ou na máquina de prensagem da “Plasbrasil Coopere”, ilustradas nas fotografias abaixo, de Mesaque e Celso, o qual também chamavam de Galego “porque ele é gaúcho e ele é grandão, né”, disse Edison).



Fotografias 48 e 49. Primeiro, esteira de triagem e “impressora” de enfardamento. Abaixo, montante da “catadora triadora” Denise, que trabalhava para o mesmo dono que os catadores que estavam sob a tenda do maquinário da “cooperativa mista”



Fotografias 50 e 51. Baiana atravessando a pista que separa a área da “cooperativa mista” do pátio da “coleta seletiva; nesse trajeto torna-se possível observar o desnível entre as áreas, de forma que a Coleta Seletiva estava a uma altitude ligeiramente superior ao pátio adjacente.

Começando pela Plasbrasil, por já ter sido mencionada, ela pode ser considerada como o primeiro “tipo” de cooperativa. Segundo seu Edison, ela era a única “cooperativa de comprador” do lixão e da Estrutural. Sendo assim, constituía a primeira modalidade de cooperativa “individual”, isto é, com um dono, e na qual os catadores são empregados – no sentido de que têm um pagamento fixo, de que se espera dele continuidade no trabalho (isto é, tem um cronograma a seguir) e de que são desapropriados dos meios de produção. Tal comportamento só é possível porque além de ganharem diariamente uma remuneração, trabalham sob uma tenda – e assim têm uma infraestrutura que lhes possibilita trabalhar “faça chuva ou faça sol”. O que não quer dizer que não seja uma tenda que está caindo aos pedaços e que, mesmo assim, representa toda a infraestrutura da cooperativa que é fornecida aos triadores. Uma particularidade dela é que seus catadores não trabalham com a coleta seletiva diretamente, mas com a triagem – ou seja, uma etapa posterior à coleta, que pode envolver um maquinário específico.

Não pude averiguar a quantidade exata, mas seguramente a Plasbrasil possui uma frota de caminhões que lhe confere enorme capilaridade no lixão: com os caminhões vai até os outros pátios para comprar bags de materiais que foram catados de forma seletiva pelos catadores que fazem essa função por todo o lixão. Depois dessa atividade basilar dos catadores que realizam a coleta seletiva – muquiçando, enchendo os bags e revendendo aos funcionários da Plasbrasil, entre outros atravessadores – essa empresa, que se camufla como “cooperativa”, pode encher seus caminhões, empilhando vários bags, com os quais retornam à área de número 4 (na imagem editada acima).



Fotografias 52, 53 e 54. Caminhões com carreta do tipo “prancha” operados pelos compradores dos catadores; o primeiro deles estava sem a prancha e ainda assim era utilizado, afirmou-me uma catadora do pátio das cooperativas mistas.

Ali, onde estão as duas máquinas que a empresa opera por meio do trabalho dos “catadores triadores”, dará continuidade ao trabalho iniciado pelos catadores que realizaram a coleta seletiva diretamente sobre os materiais despejados por diversos tipos de caminhões em todos os outros pátios do lixão. No caso dos triadores da esteira, o objetivo final de seus trabalhos é fazer a triagem mais fina que puderem dos materiais plásticos a fim de gerarem os “fardos”, que serão posteriormente comercializados com a indústria.

Além dos catadores que trabalham diante da esteira e da enfardadeira da Plasbrasil, há pessoas como Denise²⁷, que trabalham no mesmo pátio 4, mas a alguns metros das máquinas. Uma vez que os encarregados da Plasbrasil compraram e encheram os caminhões com bags abarrotados de recicláveis, eles despejavam o conteúdo deles sobre o chão do pátio, formando pequenas pilhas mais ou menos próximas da esteira, que a alimentariam aos poucos. Nas pilhas mais afastadas trabalham triadoras como Denise – que no dia que a conheci era a única trabalhando naquela condição.

²⁷ Nome fictício, pois a catadora preferiu se manter anônima.

Assim, Denise também lidava com bags trazidos pelos caminhões da cooperativa, mas trabalhava fazendo uma espécie de pré-triagem fora da tenda, e somente depois de concluído seu trabalho o que ela produzira seria encaminhado para a esteira. Suas condições de trabalho e remuneração também advinham da “cooperativa de compradores”, mas eram diferentes dos triadores que ficavam diante das máquinas, conforme será explicado adiante. Responsável por uma pilha despejada ali – na qual gastaria em torno de dois ou três dias para finalizar – sua função era separar, por um lado, os plásticos comprados pela Plasbrasil entre “PET” e “mangaba” e, por outro, por cores entre plástico “colorido” e “branco”.

Durante nossa conversa, a mulher não parou um minuto de trabalhar para falar conosco: falava de frente, de costas, abaixando-se e levantando, mas não parava. Denise contou que trabalhava no Giraffas, uma rede de restaurantes do Distrito Federal, mas ficou desempregada e daí, sem opções de trabalho, decidiu ir ao lixão. Mas explicou que ser contratada pela Plasbrasil não é tão simples quanto trabalhar nos outros pátios da Lixeira Seca ou no Maciço. Primeiramente, “a gente fala com o dono do espaço, que é o Mesaque. Dono não, ele é o maior comprador, então o material é dele, aí a gente tem que pedir autorização pra ele, ne”. Assim, “quando tem vaga, ele pega; quando não tem, ele fala ‘vem amanhã, que talvez alguém falte’, porque muita gente falta”. Daí “eu dei certo e fiquei”, completou.

Enquanto na esteira a remuneração consistia em uma diária entre 30 e 35 reais, Denise recebia um pouco a mais, 50 reais, valor que dizia ser suficiente para alimentar seus filhos. Depois da coragem necessária para se submeter ao lixão, o filho mais novo era a principal motivação para ter buscado o aterro: “a coragem, porque eu não aguento ver meu filho com fome” de braços cruzados; com fome “o menino não vai esperar”. Assim, disse aliviada: “menina, com 50 reais compro um pacote de arroz... Faz uma diária aqui e compro um gás, no outro dia compro mais outras coisas... Mas menina!”, e assim podia garantir, a cada dia, mais um pedacinho da casa e o sustento da família. Risonha, Denise valoriza também as coisas que encontra para reutilizar, que chegam a valer mais de uma diária, como uma corrente de ouro e uma porção de brinquedos “lá em casa, minha menina já é cheia de brinquedos, já achei muito brinquedo”, disse.

Apesar do valor total da remuneração ser vantajoso, também há prejuízos incontáveis sofridos, que podem mudar abruptamente o valor que lhe é pago. Destaco, especialmente, as intempéries climáticas em relação com a ausência de infraestrutura mínima para o trabalho digno dos catadores. A falta de uma tenda para proteger da chuva, do calor e das queimaduras dos raios ultravioletas também foi comentada como um risco que vem

embutido quando alguém escolhe trabalhar para a Plasbrasil mas fora da tenda das máquinas: “em tempo de chuva, não trabalha”, disse Denise.

Comentamos sobre a notícia recente de um catador daquele lixão que teria encontrado dólares e devolveu ao dono, e recebeu 10 mil reais através de uma “vaquinha” criada pelo cantor Gabriel O Pensador, além de ter sido contratado em uma empresa com remuneração de aproximadamente \$ 1.400,00. Para Denise, o valor total poderia até ser menor em relação ao que alguns catadores auferiam no lixão, mas compensava. Pois, além de, na função dela, não poder trabalhar em tempo de chuva (e consequentemente não receber dinheiro), o rapaz conseguiu a “carteira assinada”. Ou seja, acessava direitos trabalhistas que ela não tinha mais: “[o salário] é garantido, pô, e o fim de ano tá chegando aí, 13º, entendeu?!”,

Assim como notei no caso dos encarregados dos caminhões da Plasbrasil, um par de luvas de borrachas era seu principal equipamento de segurança. Dentro da mão segurava uma faca com a qual furava as embalagens que ainda estivessem com tampas rosqueadas, “pra poder sair o ar e prensar”. Não se preocupava com as destampadas, mas as que estivessem fechadas tinham de ser furadas, pois caso contrário a prensa até comprime a embalagem, mas “não estoura”, o que acaba atrapalhando na produção dos fardos finais, que acabam não saindo um “tijolinho bonitinho”; se não estão furadas, o “tijolinho desmonta”. Perguntamos a ela se o líquido que escorre dos recicláveis mal descartados pelas residências não atrapalha a prensagem, e ela explicou que “o problema mesmo é o ar”, de forma que os líquidos raramente traziam danos.



Fotografia 55. Na “cooperativa mista” havia Denise trabalhando como “catadora triadora”.

Com esses instrumentos, Denise fazia sobre a pilha de plásticos pré-selecionados que tinha sido colocada à sua disposição uma segunda seleção, mais fina do que a dos catadores coletores. Primeiro ela debruçava o olhar e o corpo sobre a pilha maior que recebia e que

estava no chão; daí catava e arremessava cada tipo de plástico para uma direção diferente, a fim de formar outras pilhas menores, conforme cada pilha correspondia a uma variedade de plástico. Assim, fazia montes de PET e de mangaba, e cada um desses tipos ainda era separado em “branco” ou “colorido”. Na fotografia abaixo, por exemplo, Baiana está próxima ao bag de um “catador coletor”, semelhante ao que fora entregue para Denise triar: nele, a garrafa de Coca-cola representa o PET branco e a embalagem de amaciante Ypê a mangaba branca, já a de Guaraná verde é um PET colorido. “Eu acho mais fácil assim [nessa ordem]”, primeiro arremessa-los em montinhos sistematicamente, e depois “é só encher os bags”. Quando as embalagens já vinham destampadas, lhe exigiam menor trabalho, dispensando o furo nelas, e agilizando essa dinâmica.



Fotografia 56. Diante de um bag de plásticos acumulado por um catador do pátio da Seletiva, Baiana me explicava os diferentes tipos daquela matéria-prima encontrados ali.

Se toda a produção organizada pela Plasbrasil relaciona-se, em última instância, à produção de fardos de plástico, qualquer dano nesse processo pode prejudicar a todos os catadores contratados, sejam as “Denises” das pequenas pilhas, sejam os triadores da esteira ou os operadores da prensa. Com isso, quando uma das máquinas para, o conserto geralmente vem no mesmo dia. Carla comentou que essa celeridade devia-se ao fato de que “quanto mais eles demorar, mais eles perde”. Mas não só os donos perdem, “é mais prejuízo pra gente, porque eles descontam”, complementou Denise; “no caso da gente da esteira, ele desconta das horas se ficar parado, porque não é assinada a carteira, entendeu?”.

Denise se anunciou como dona da pilha de recicláveis que estava triando, quando perguntamos se era dela: “é minha”, falou. Como a dela, todas as outras pilhas do pátio “são iguais, todas são dos mesmos materiais”, mas aquela pilha era “sua” porque sua era a responsabilidade de tria-la. Assim, não podia desistir de uma pilha que lhe foi dada, fosse por cansaço ou preferência, nem escolher a melhor das pilhas – isto é, a que lhe ofereceria

materiais mais fáceis de catar na triagem: “esse material aqui ainda tá bom, mas tem material que é bem pequenininho, aí é ruim de catar, aí demora mais”.

Enquanto esperávamos ouvir uma resposta como “mais de uma semana”, Denise contou que em uma pilha com o volume como aquela de que cuidava, considerada de boa qualidade, costumava consumir de dois a três dias. Rindo de nós, ironizou: “se você gastar uma semana para isso, você vai ganhar o quê? Nada”. Ou seja, além da remuneração ser economicamente pífia, caso distribuisse o trabalho com o monte em uma semana, ela explica que a demora traz o risco de sequer receber pela triagem: “saiu 10 bags aqui meus, que eu fiz ontem. Aí se eu parar com isso pra eu [terminar] só daqui a uma semana, aí eu não recebo”.

Conforme Edison continuou a explicação acerca do trabalho nas outras “cooperativas” do lixão, compreendi que o “segundo tipo” seria composto pelas “cooperativas de trabalho de catadores”. São as seis já mencionadas – Ambiente, Coorace, Plasferro, Coopernoos, Coopere, e Construir. Enquanto o primeiro tipo poderia ser considerado um tipo de cooperativa de compradores “*com* catadores”, o segundo tipo poderia ser pensado como uma cooperativa “*de* catadores”.

Na tipologia representada por aquelas seis, idealmente os cooperados revenderiam os materiais catados para a sua própria cooperativa, que acumularia em um fundo comum o valor total e repartiria com os cooperados. Além dessa característica de “compra coletiva” e repartição dos lucros, outra característica é o cadastro no SLU: são as únicas do lixão com licença para recepcionar os caminhões que fazem a “coleta seletiva” dos RSU do DF. Assim, somente pessoas cadastradas formalmente tem permissão para trabalhar ali. Concentram-se na área da “Coleta Seletiva” (número 5), que seria privilegiada em um certo sentido – por receberem um material, teoricamente, de “melhor qualidade”. O fato do lixo vir da coleta seletiva traz a pressuposição de que seria mais limpo e seco – contudo, ainda assim essa área era considerada um pátio da “Lixeira Molhada”, em virtude da péssima qualidade com que o lixo vinha, misturando não recicláveis que incapacitam os recicláveis, ainda que adviesse da “coleta seletiva” urbana. De certa forma, quem polui aquele território de trabalho são justamente as “boas pessoas”

O terceiro tipo seria representado por catadores que já trabalharam em uma das seis “cooperativas de trabalho de catadores” e que, por alguma situação, deixaram de comercializar para essas cooperativas de origem a fim de se tornarem compradores também. Nas palavras de Edison: “eles são associados nessas cooperativas [da Seletiva], mas viraram comprador de material, ne. Aí não [se] desligaram [das cooperativas ou associações de

trabalho de catador], até porque entraram [nelas] daí eles estão [registrados] no nome de catador, e não de comprador”. Nesse sentido, são pessoas que se tornaram concorrentes das cooperativas de origem, com as quais, porém, não romperam os laços definitivamente – já que ainda podem fazer a coleta seletiva dos materiais advindos dos caminhões do SLU, ao mesmo tempo em que compram a produção de outros “catadores coletores”.

Alguns desses catadores “compradores-cooperados” possuíam máquinas para beneficiar o que compravam, outros não. Próximo ao maquinário da Plasbrasil havia outras “prensas”, cada qual correspondendo a um dono, de acordo com Edisono. Não cheguei a conhecer ninguém dessa área, mas fiz os registros fotográficos abaixo, e Edison explicou que “cada uma prensa dessa daqui tem um dono – chama-se de “um dono”, porque é as pessoas que compra pra si próprio. Que as cooperativas [de catadores] aqui [no Lixão], só essas aqui [da área da Coleta Seletiva] são “coletivas”, as outras tudo é individual. Entendeu?”. Em 22 de junho, quando subi ao lixão de carro acompanhada de outra amiga de Baiana, ao passarmos por essa área, ela comentou que essas máquinas também eram “prensas” que produzem fardos, e que havia outras, mas que já estavam desativadas:

- Catadora: Tem a prensa e... Tá vendo o pessoal trabalhando lá?... E a esteira.
- Rebecca: Tem outras prensas pra frente?
- Catadora: Que eu lembre não. Tinha, mas desativou.



Fotografia 57. Subindo a pista que divide a área 4 à esquerda estavam essas máquinas, que ficam ao lado das da Plasbrasil. Pela foto, os vários bags dispostos ao redor dela indicavam que ainda estavam em atividade.

Conclui-se assim que, no mesmo ponto 4 da imagem onde estaria a “cooperativa de compradores” (que é a Plasbrasil) haveria outros catadores “compradores-cooperados” também (donos das outras máquinas, os quais são “misturado com essas cooperativas daqui

[da área da Coleta Seletiva, ponto 5] de catador”. São “misturados” tanto porque comprem no pátio da Seletiva, quanto porque são registrados como “catadores” e não como “compradores”, em contrato com o SLU. Assim, outra expressão adequada para pensa-los seria “catadores-atravesadores”. Entre esses, mesmo os que não possuíam um maquinário para avançar na cadeia produtiva pelo beneficiamento dos materiais, podiam aproximar-se da indústria pela compra do material catado por outros “catadores coletores” – a partir do que obtinham seus lucros individualmente. Alguns nomes de “catadores atravessadores” que ouvi dizerem foram Paulinho, Claudia, Samara, Dinei, Moisés, e Ivonete mas certamente havia mais.

Explicaram-me que era comum (embora não exclusivo) que isso acontecesse com catadores que já foram presidentes de alguma cooperativa, porque eles não conseguiam (ou não aceitavam) voltar a ser simplesmente um “catador de base”. Ao comprarem de outros catadores, que trabalham para sua cooperativa de origem, eles atuam como um intermediário, um atravessador que retém para si o lucro advindo da compra dos materiais que os companheiros de cooperativa vendem a ele. Por outro lado, a remuneração que esses atravessadores pagavam aos catadores se dava por “produção” de bag enchido. Em outras palavras, fora a “cooperativa de compradores”, nas outras descritas até aqui, os catadores estão “misturados” a pequenos empresários.

É importante lembrar, contudo, que o que descrevo são apenas tipos ideais, conforme reforça o caráter instável, híbrido, da terceira e segunda modalidades na prática. A segunda, referente às “cooperativas de trabalho de catadores”, representaria um tipo ideal sem chefe, com rotatividade na presidência, e repartição dos lucros – que não era encontrado no lixão sem uma flexibilização desse ideal. É o caso da Ambiente e da Copermais²⁸ e da Ambiente, por exemplo – pois antigos presidentes seus já se tornaram também “compradores” de outros catadores, enquanto ainda se mantinham como catadores “cooperados” no sentido formal, como os que pagam inclusive carteirinhas a suas “cooperativas de trabalho” de origem. Pensando de forma didática e classificatória, portanto, nos casos específicos da Copermais²⁸ e da Ambiente, que conheci mais de perto, elas eram consideradas tanto uma “cooperativa de trabalho” quanto empreendimentos que geram catadores “compradores-cooperados” (ou “catadores-atravesadores”), isto é, que geram o próprio terceiro tipo de cooperativismo aqui defendido.

Dentro da proposta (e também da prática) cooperativista que existe nos empreendimentos do lixão, uma das exigências para permanecer “legalmente” filiado é o

²⁸ Nome fantasia.

pagamento das carteirinhas de membro. Uma amiga de Baiana, que é “cooperada” e “associada” da cooperativa e da Associação Ambiente, que são dois empreendimentos com CNPJ distintos, contou-me que pertence ao grupo desde a “época do Teteo”, considerado fundador da associação. Contou ainda que primeiro veio a Associação, e somente depois, com a presidente Claudia, é que virou cooperativa também – e desde então ela tem de pagar duas carteirinhas:

- Rebecca: É \$ 10,00 por mês, né?!
- Catadora: É. É \$ 10,00 da cooperativa e \$ 10,00 da associação.
- Rebecca: Então você paga \$ 20,00...
- Catadora: \$ 20,00. Tem vezes que eu subo pra lá...
- Rebecca: É um bag quase, né
- Catadora: Quase?! Quase não. Tem bag de \$20,00, de \$25,00 e de \$ 30,00.
- Rebecca: Ah é, depende do tamanho
- Catadora: Não, é... Praticamente o de \$ 20,00 é quase do tamanho do de \$ 30,00, muda pouca coisa. Tão se aproveitando dos catad... Matando os catadores. Aí eu vou pra lá pra eles... Eu encho um bag só, porque eu canso da tontura e não vou ficar, porque é perigoso eu cair e a máquina passar por cima de mim. Aí eu fico, sento lá, paro um pouco. Tem vezes que eu encho dois, no máximo dois bag. Aí eu vou e guardo, depois vou lá e pago a associação.

Continuando a conversa, comento com ela da história de outra catadora que eu tinha escutado alguns dias antes, quando fui conhecer a sede da Ambiente. Tratava-se de uma mulher que mantinha em dia os pagamentos da mesma cooperativa que ela e que, quando “caiu doente”, acabou atrasando as mensalidades, e não recebeu qualquer assistência da cooperativa. Mesmo assim, quando retornou a trabalhar no lixão, a mulher quitou a “dívida” dos meses atrasados. E eu me perguntava até que ponto realmente seria uma “dívida”, uma vez que se pagava por um serviço pelo qual não havia retorno. Na ocasião, havia perguntado a ela o que ela via de vantagem ao pagar a cooperativa, e ela mencionou os contratos que o Governo vem fazendo para que os cooperados prestem os serviços de coleta seletiva e ocupem os galpões de triagem que estão em construção, em um futuro próximo. Ouvindo essa história, a catadora que estava a conversar comigo nesse outro momento, ratificou que os contratos futuros eram uma das maiores motivações para se manter em grupo: “Sim, eu também”. Repliquei: “Então você só paga por causa disso? Não tem outro benefício?”, e ela:

É isso. Não, não tem. Eu só pago pra manter o meu direito quando o governo... [fechar o lixão]. Isso aí mesmo que eu sabia, que teve em 2012 que veio pra cá, que teve uma caminhada lá pro Planalto tudinho, que o pessoal veio a pé?! Eu tava lá naquela, junto com a minha amiga Valmira. Dito ela, a Valmira está com um monte de carço assim, ó... No corpo todo a bactéria

do aterro! Num pode mais, aí saiu de lá de cima. Agora ela tem problema de rim seríssimo, desmaiou e foi obrigada a ir pro hospital...

Pensando no quê mais poderia atrelá-los ao empreendimento coletivo, perguntei ainda se ao menos a venda dos recicláveis era feita entre cooperados e cooperativa – isto é, se os catadores “mandavam o material” para a própria cooperativa. A moça respondeu-me que sim, que costumava vender o que coletava diretamente para a Ambiente, “eu catava pra ela antes”. Aparentemente, porém, sua cooperativa vinha reduzindo sua atuação: “Mas como agora ela não compra mais materiais recicláveis, só compra papelão...”, não vendia mais para ela; a moça preferia não juntar papelão porque “o papelão é pesado” para carregar. Com isso, portanto, os cooperados não podiam mais comercializar em grupo com a própria cooperativa se catassem plásticos, por exemplo, já que a Ambiente não tinha mais condições de intermediar a revenda deles até a indústria, uma vez que a Ambiente agora só compra papelão; “plástico não, nada, nada”, pois desistiu “não compra mais, agora tá entrando com negócio de creche social, negócio disso, daquilo”

Outro dia, quando fui ao pátio da Seletiva com Baiana, ela puxou assunto com um senhor que estava próximo a um container estacionado da Capial Recicláveis, e que é velho conhecido seu. Conversando com ele havia duas moças, que estavam encostadas no “escritório móvel” daquela grande empresa – expressão que já escutei usarem para se referirem a um container como aquele. Baiana não as conhecia – mas, sabendo que minha pesquisa priorizava mulheres, incluiu as duas em seu falatório aberto, de alto volume, e engatilhou em mais uma história da “nossa família”, como se quisesse legitimar minha presença naquela roda de conversa, para ganharmos a confiança das moças.

Uma identificou-se como da Construir e a outra da Coopere. Mesmo sendo de cooperativas, queixavam-se que no pátio da Seletiva não estavam chegando os caminhões oriundos da coleta seletiva feita pelos caminhões do SLU. E quando chegavam, seus materiais eram de péssima qualidade – o que acarretava, assim, em ociosidade no trabalho e redução na renda mensal, pois as catadoras acabavam tendo de esperar durante horas a fio para muquiçar o material que ainda era trazido, de forma escassa e malfeita, para cada uma das cooperativas desse pátio: “Aqui não tem [caminhão] coletor. E o que tem tá vindo só [com] o lixo, não vem material [reciclável]”, disse uma delas.



Fotografia 58. Uma das mulheres da conversa acima é a que está de boné rosa; a outra estava ao lado dela, mas ficou fora do enquadramento da câmera.

E quando pergunto sobre a infraestrutura da cooperativa delas e das outras, Baiana ironiza: “Aí cadê a cooperativa Construir? Trabalha no relento, é?”, disse ela acentuando a falta de galpões e tendas para as cooperativas dali. Para Baiana, além dessa estrutura mínima, toda cooperativa deveria trazer melhoria ao trabalho dos cooperados, com diferenciais no seguinte sentido: “A diferença é assim, eu vou te explicar: se eu sou dona de uma cooperativa, então o que é que eu tenho de fazer? Eu tenho que correr atrás das melhoras pra eles, melhorar a situação deles – dinheiro, trabalho, tudo”. Ao ouvi-la, perguntei se isso acontecia na prática, e todas responderam em coro que não, não tinha ninguém que “corresse atrás” – fosse na Ambiente, representada por Baiana, fosse na Construir ou na Coopere, pelas outras duas. Uma delas, que não aparece na fotografia acima, fez questão de detalhar: “Não, tipo assim... Corre atrás dos material, e quando tem um evento assim. [avisa]”; Baiana complementa “corre atrás é de carro da coletiva dos cuca, disso aí corre atrás”, e a moça concorda “isso, isso”. Porém, “negócio de cesta, negócio disso aí não corre porra de nada”, finalizou Baiana.

Especificaram ainda que em nenhuma das cooperativas havia grade horária, nem mesmo um mínimo de horas semanais para trabalhar: “não, a gente vem a hora que quer”, falou uma das moças.

Pensando no relato delas, refleti sobre a escassez de caminhões oriundos da coleta seletiva, e na péssima qualidade dos que ainda chegavam; pensei na ausência de galpão e equipamentos EPI; na falta de intermediação da cooperativa para a obtenção de “benefícios sociais”, e a ausência de qualquer cronograma de trabalho. E então perguntei se fazia alguma diferença ser cooperada ou avulsa. A catadora que usava uma blusa rosa de manga comprida, mas não aparece na imagem, respondeu: “não, mesma coisa”. Baiana reforça “não faz diferença nenhuma”, e a primeira de novo “sei lá...”.

Instigando elas, ainda pergunto: “você não sabe dizer, assim, se preferia ser avulsa ou cooperada?”. Uma das duas arremata: “Iiuh minha filha, ganhando... Aonde tiver pagando melhor, pra mim [tanto faz]...”. Nossa roda fica em silêncio e, para cessar o constrangimento, Baiana retoma nosso teatro – que dessa vez envolvia dizer que nossos familiares pensavam que éramos ricas, e ficavam nos pedindo presentes. Nossa historieta envolvia dizer a tais parentes que eles estavam muito enganados, pois não tínhamos dinheiro nenhum para enviar, conforme se podia observar pela precariedade de trabalho na Seletiva que eu observava e que as moças contavam. “Éeee, minha filha... Agora só tem uma coisa: ao meu irmão, você fala pro meu irmão, se ele quiser vir pra cá r-a-l-a-r, que ele venha ralar; que ele não venha me pedir moto, que eu não vou dar moto não”.

Outras críticas que ouvi sobre o sistema cooperativista que existe no lixão vieram diretamente de uma presidente de um daqueles seis empreendimentos e de sua secretária. Não convém falar o nome delas nem do empreendimento, a fim de evitar qualquer retaliação durante o mandato da mesma. Para lidar com sua história, foram criados nomes fictícios: Tânia para a presidente, e Copermais para a cooperativa. Suas queixas foram amplas e muitas. E envolvem, no nível mais alarmante, os cooperados que não repassam os materiais que coletam para a própria cooperativa, preferindo vender o que foi coletado para outros comerciantes.

Pergunto o que significa “mandar pra cooperativa”, e ela explica a relação direta que há entre os catadores “de base”, a Capital Recicláveis, e o cadastro que essa empresa fornece para seus atravessadores. Percebe-se que, na visão de Tânia, os catadores, em geral, preferem comercializar de forma “avulsa”, em vez de vender à própria cooperativa e, assim, beneficiar a coletividade do empreendimento. “Tipo assim, quem tem cadastro é a Copermais, o Moisés [“catador-cooperado”] e outro atravessador”: ou seja, a Capital só compra dessas pessoas porque tanto a cooperativa como elas têm cadastro na empresa. O catador em si não pode entregar diretamente à Capital, mandar no próprio nome; ele teria de pedir pra colocar no nome da cooperativa ou no nome de outro atravessador, que “ganha em cima do catador; eles dominam lá, e é a cooperativa que tem que dominar, por isso que não anda”, desabafa. Tânia diz que ainda tenta convencê-los, quando justificam a ela que vendem ao atravessador porque querem receber imediatamente: “gente, se vocês mandarem pra cooperativa, recebeu na hora [também]”, o que muda é somente a necessidade de se deslocar à Capital para revender: “Então é assim, nós não pega dinheiro de catador: eles mandam o material dele, e ele mesmo vai lá e recebe, o que fica [retido] é a comissão da cooperativa”.

Com isso, chega-se ao ponto em que fica impossível para a Copermais aumentar sua escala de venda e até mesmo pagar os próprios funcionários, como o motorista de caminhão e a secretária. Além disso, a cooperativa ainda tem que lidar com dívidas que vieram da gestão passada:

vai olhar o fundo da cooperativa, as contas da cooperativa e as dívidas que ela tem, que não é pouca. O que eu puder fazer pra amenizar isso, eu vou fazer. Se eu ver que eu não dou conta, falo bem aqui: sou mais entregar a cooperativa do jeito que tá, porque até então... Agora que eu vim ter um pouco de paz. (...) Agora eu lhe pergunto: alguém se uniu a mim? Eu tava parecendo uma barata tonta, ninguém dando informação de nada, só chegando em mim “ah Mara, a cooperativa tá devendo isso e isso”, e cada dia eu descubro uma coisa que te deixa entristecido. Deixa com vontade sabe de que? De entregar tudo. Ces querem? Fica pra vocês. Meninas, tem dia que eu fico em casa, tem noite que nem durmo pensando tanto, e a minha vida tá parando por causa dessa cooperativa; e eu não estou recebendo,

Acerca do motorista, a presidente falou: “não tá gerando verba nem pra pagar os funcionários, só que eles [cooperados] não entendem isso. O motorista mesmo está parado, não tem motorista rodando não, o caminha tá parado hoje.” Inclusive, a secretária falou que ela, mesmo tendo sido eleita para aquele cargo, não estava recebendo pagamento também. Com isso, respondeu que o trabalho de catação avulsa no Maciço é o que faz para pagar suas contas e, assim, contornar a falta de remuneração da cooperativa:

eu vou pro lixão trabalhar, lá nas Carretas, e tiro o meu de lado. E também eu estou me formando , mas nem um estágio eu consegui. Eu to fazendo Direito lá na Faculdade Mauá. Então eu to precisando de estágio, né, porque eu não tenho dinheiro. Eu não to tendo [na cooperativa] – a renda que eu tenho lá no lixão só dá mais pra comer. Tudo bem que eu não tenho mais crianças, mas eu tenho um filho novinho que é casado e não tem muita cabeça, então eu que cuido dele e da minha nora.

Sua cooperativa ocupa dois pátios do lixão: a Lixeira Seca (no pátio da Construção Civil, especificamente) e a Coleta Seletiva. Mas os catadores da Copermais nem sempre se restringem a eles: “a Lixeira Seca é todinha Copermais”, mas muitos da cooperativa preferem ficar no Maciço a ficar nesses dois. Ou, mesmo que fiquem na Seca, não comercializam com a própria cooperativa, e sim com atravessadores. Assim, ela afirma que de acordo com o que ela “mandou pro SLU”, a Copermais teria 76 cooperados, mas “catando mesmo”, se peneirar “dá uns 50”:

Tem um povo que, mesmo que não manda o material pra Plasferro, tá lá. Na Coleta ali tem 20, só na Coleta, de dia e de noite trabalhando. Esses que não estão passando material pra cooperativa, se tiver curso eles vão, estão fazendo os cursos tudinho; se tiver reunião, eles vão,

inclusive do SLU se convocar eles vão. Mas na hora de passar o material... Sabe o que eu queria fazer, depois que a nossa Ata chegasse da Junta? Era fazer um Regimento Interno, porque o RI obriga o catador, obriga os associados.

Nesse sentido, os problemas também passam pela falta de galpão, ou um lugar qualquer que fosse fechado. Tal ausência faz da Coopermais um espaço aberto e livre, no qual qualquer um pode “entrar”, inclusive outros atravessadores: ainda que a sua cooperativa seja a principal responsável pela Lixeira Seca, “hoje, na comercialização lá, tem dois atravessadores”, contou.

Com os atravessadores é difícil competir. Enquanto a Copermais tem de pagar pelo peso “na balança”, atravessadores pagam “no olho”. Para eles, o pagamento pode ser feito imediatamente e dentro do próprio lixão; com a Copermais, embora fosse possível obter a remuneração no próprio ato da troca, isto é, no momento da entrega dos recicláveis, seria necessário ir até a Capital entregar:

Eu abri mão da Lixeira Seca, porque se eu ficasse [insistindo]... Eu tentei realmente ir e comprar “no olho”, né, só que não deu certo; não rende. Aí eu desisti, não vou ficar me desgastando. Tipo assim, “eu fiz de tudo pra vocês passar o material pra cooperativa, pra ajudar a suprir as necessidades da cooperativa e vocês não querem? Então eu vou largar de mão vocês, e vou dar o meu suporte para aqueles que vão entregando o material pra cooperativa, que são as meninas da Coleta”. Só que quando vem alguma coisa, algum benefício, ah, eles são os primeiros! Esses dias lá, a Cláudia [da Ambiente] começou a fazer o cadastro, e começaram os comentários dos \$ 360,00. Menina, na mesma hora me acharam parecendo foguete! E eu tive que subir correndo, falaram que tavam me chamando pra uma reunião; eu falei “beleza, eu vou”, e eu cheguei lá e estava a mãe do Moisés me cobrando porquê que eu não tava fazendo o cadastro.

Conforme constatou o INESC no seu relatório de pesquisa, o número de pessoas que declararam fazer parte das organizações “não reflete na prática o mesmo”, principalmente “no lixão em que a maioria das pessoas trabalham por conta própria”. Isso porque, assim como percebido no depoimento de Tânia, ficou evidente ao INESC que muitos catadores se filiavam a algum empreendimento do lixão em razão de fatores como a “distribuição de cesta básica, perspectiva de indenização ou contratação no futuro por meio da organização e apenas alguns casos na rentabilidade através da comercialização em conjunto” (2016, p. 68 - 69).

5.3. Outros sujeitos do lixão

Da observação participante e dos relatos descritos até aqui, duas assertivas podem ser destacadas: nem o lixão é exclusivo dos catadores, nem os catadores realizam somente a coleta seletiva ali dentro, como já foi demonstrado. Tampouco a coleta seletiva é particular daqueles que trabalham catando recicláveis como a principal fonte de renda. Para qualificar tais afirmações, serão brevemente apresentados outros personagens encontrados no lixão que não se autodenominam catadores, mas que trabalham com a coleta seletiva em maior ou menor grau.

Sistema de Limpeza Urbana

Entre as diversas concorrências enfrentadas com os trabalhadores da própria categoria, catadores também concorrem com lojistas que decidiram revender recicláveis para os mesmos atravessadores, e frequentemente tem de se antecipar também aos garis (BOSI, 2008: 112):

Você tem que sair primeiro do que o lixeiro [gari], né? É que os rapaz sai cedo, 6 e meia ocê acorda e o lixeiro já tá passando, aí ocê vai catar o que? Já pegou tudo né? Ocê não acha papelão, ocê não acha litro, ocê não acha nada. [...] Ocê tem que passar bem antes dele, desse caminhão passar. Aqui ele passa na segunda, aí ocê tem que passar antes das 2 horas pra catar, porque senão ele cata e ocê não acha nem agulha no lixo, né?

Duas imagens produzidas durante minha pesquisa de campo ilustram algumas interferências que os garis podem agregar à competição no mercado de recicláveis. Na fotografia da esquerda, feita por mim, se vê um funcionário da Valor Ambiental analisando sacos de RSU antes de arremessá-los dentro do caminhão, em frente ao Centro Interescolar de Línguas da Asa Norte, dia 21 de junho de 2017. Presenciei esse momento sem esperar por ele, pois estava de saída de uma aula no CIL, por volta das 11h da manhã. Na ocasião, ele encontrou somente um óculos de sol para reutilizar, e nenhum outro reciclável foi separado para comercialização ou reuso. Na da direita, feita por Baiana dentro do próprio Lixão da Estrutural, há funcionários da mesma empresa, aguardando pelo encerramento de suas atividades.



Fotografias 59 e 60. Garis: à esquerda, um deles cavucando os recicláveis na Asa Norte; à direita, eles no lixão. A primeira de minha autoria, a segunda, de Baiana.

Compradores

Definir o número de atravessadores atuantes em um lixão é tarefa muito complexa, ainda mais no atual contexto do Lixão da Estrutural, que vive um processo gradual de fechamento, no qual a restrição gradativa das áreas de trabalho tem inibido o número de trabalhadores cada vez mais, sejam eles vendedores ou compradores, isto é, catadores ou atravessadores.

Em 2016, técnicos do SLU informaram aos pesquisadores do INESC que haveria “30 grupos de compradores atuando no Lixão da Estrutural, sendo que vários desses trabalharam como catadores durante anos”, os quais se espalham por todos os pátios: “eles compram os recicláveis que os catadores separam no [pátio do] maciço ou na área da coleta seletiva”, depois prensam e revendem, na sua maioria, para a Capital Recicláveis. A Capital, além de comprar indiretamente, “também compra diretamente dos catadores da Estrutural”. (INESC, 2016: 108)

A maior instalação da Capital Recicláveis está fora do lixão, mas na Cidade do Automóvel, perto da Estrutural. Seu dono, o paraense Jair Vitorino, é um reconhecido empresário do ramo – não só como comprador de materiais recicláveis, mas também como um “industrial” do setor: “a partir das sedas, as sacolas de plásticos finos que compra, ele fabrica *pelets*, bolinhas de plástico usadas pelas indústrias que fabricam lonas, sacos de lixo e sacolas.”. Ademais, a Capital também se associa a outra empresa, com quem reparte

o trabalho de destinação final do lixo de metade dos súper e hipermercados de Brasília. Como se sabe, esses estabelecimentos têm de descartar periodicamente todos os produtos orgânicos destinados ao consumo humano cujos prazos de validade oficiais estejam vencidos. A empresa citada se encarrega de executar essa operação. (PEREIRA, 2015: 17)

Raimundo Pereira (2015: 17) trouxe o nome de três “compradores” do lixão: Edipaulo Leonaldo (conhecido como Paulinho), Ricardo Gomes, e Mesac Vidal (que administra o negócio de Celso Dalcin, na “cooperativa mista” do lixão), com as seguintes descrições.

Edipaulo Leonaldo (Paulinho)	“Na Estrutural moram alguns comerciantes desse negócio. Alguns já foram catadores, como o goiano Edipaulo Leonaldo, 37 anos, oito como catador no alto do Lixão e há 11 como comprador e vendedor no pátio mais baixo, onde ficam as prensas para compactar os materiais e formar a carga de caminhões e carretas a serem despachadas para clientes da indústria. Paulinho, como é conhecido, tem seis prensas, opera com uma e aluga cinco para outros compradores. Tem imóveis na Estrutural.”
Ricardo Gomes	. “Outro é Ricardo Gomes, 45 anos, dez como catador. É comprador desde que sofreu uma queda de moto e fraturou o braço em três lugares. Também mora na Estrutural, com a mulher e um filho de 18 anos. Gomes acha que o negócio está meio devagar: ele comprava cerca de mil begues de PET por semana e o movimento caiu agora para 700 begues. Paga por semana aos catadores: uns tiram 250 reais; outros, até 500.”
Mesac Vidal e Celso Dalcin	. “Outro comerciante que mora na Estrutural é Mesac Vidal, 41 anos, que foi catador por 15 anos e hoje dirige os trabalhos do maior comprador no Lixão. Mesac compra, seis dias por semana, de 150 a 200 catadores do alto do Lixão. No pátio mais baixo, onde o repórter o entrevista, cerca de 30 pessoas trabalham sob seu comando. Elas fazem uma limpeza prévia dos materiais comprados e, numa esteira pesada, grande, preparam o material selecionado para entrar numa prensa, a maior do pátio. Mesac é uma espécie de administrador para Celso Dalcin, um gaúcho de 53 anos, gestor ambiental, morador do Guará, núcleo urbano do DF ao sul do Lixão. Dalcin vende de 30 a 40 toneladas de material reciclado por semana, de um modo geral para o sul do País. Diz ao repórter que muitos querem chamá-lo de atravessador, mas ele é parte da cadeia produtiva e isso precisa ser reconhecido.”

Tabela 7. Os três atravessadores mais conhecidos no lixão. Elaborada por mim, a partir de PEREIRA, 2015.

Entre as diversas tentativas de “garantia de fidelização”, a viabilização de “consertos de equipamentos, empréstimos de dinheiro” seriam consideradas maneiras “legais” de conquistar a fidelidade e dependência de catadores na comercialização dos recicláveis. Há casos considerados “irregulares”, por exemplo, a tentativa de interferência nos estatutos dos empreendimentos coletivos de catadores; também foram registradas queixas “por parte dos catadores em relação a acordos com a Capital Recicláveis no desconto do valor de material comercializado.” (INESC, 2016: 108)

Motoristas dos caminhões e das máquinas compressoras

Conforme a etnografia de Idalina Costa (1986) apontou e nós já descrevemos aqui no que se refere ao terceiro tipo de “cooperativismo”, há catadores que adquirem caminhões e se tornam pequenos atravessadores que possuem relações continuadas com o lixão, e estão sempre presentes ali. De acordo com um especial do Correio Braziliense chamado “Um

problema Estrutural”, no lixão haveria um fluxo de mais de mil caminhões – mais de cinco vezes maior que o fluxo esperado para o aterro sanitário.²⁹



Figura 25-X. Fluxos de caminhões no Lixão e no Aterro Sanitário. Fonte: *Correio Braziliense*.

Essa enorme quantidade de caminhões cria, ao menos, dois tráfegos: um deles feito pelo fluxo de caminhões que “entram e saem” do lixão, e o outro pelos que “permanecem” diariamente ali.

O primeiro deles se dá por caminhões que vem de fora do lixão e despejam seus materiais em quaisquer um dos pátios pré-determinados. Geralmente são os cucas contratados pelo SLU ou carretas particulares, os quais têm uma ação mais pontual e rápida em relação àqueles que permanecem cotidianamente no vazadouro. Frequentemente, antes mesmo dos catadores desfazerem o monturo que eles despejaram, já se retiram do lixão esvaziados.

No caso dos caminhões que “permanecem”, eles adentram ao lixão com as carretas vazias – pois seu principal objetivo não é despejar, mas sim encher o caminhão para uma posterior revenda. Geralmente são de proprietários particulares que, quando não vêm de outras cidades com o objetivo de comprar e assim permanecerem no lixão por alguns dias, são os caminhões da Plasbrasil. Enquanto única cooperativa de compradores dali, sua frota promove uma redistribuição dos recicláveis que estavam sendo coletados, separados e amontoados e que foram comercializados em outros pátios, e passam a se concentrar em uma única área – a partir da qual seguirão para fora do lixão, uma vez que os fardos estejam prontos.

Há ainda os “caminhoneiros” que aparecem no lixão de forma esporádica e permanecem ainda menos tempo, indo embora para seus estados de origem tão logo consigam encher seu caminhão com os recicláveis que procuravam. Na etnografia de Idalina Costa

²⁹ “Um problema estrutural”: <http://www.correiobraziliense.com.br/especiais/estrutural/>

(1986), tais comerciantes, por residirem em outras cidades, possuíam uma rede de trabalho mais seleta que os catadores-atravesadores que “permanecem”:

Sempre que havia produtos do lixo para transportar para outros centros, majorava o lucro dos caminhoneiros de outras plagas que, vindos a Natal entregar determinados ‘frete’, muitas vezes voltavam ‘batendo’ por falta de cargas. Como consequência, surgiam também relações entre proprietários de postos de gasolina e os Comerciantes de produtos do lixo estabelecidos em Cidade Nova, na busca de novos clientes. (COSTA, 1986: 41)

Da mesma forma que Costa teria identificado entre esses comerciantes, que eram os mais expressivos de sua pesquisa, há compradores que residem em outras cidades e vêm a Brasília em virtude desse comércio em particular. E por residirem fora, eles se envolvem, em geral, também com uma rede de personagens mais específica e maior do que as redes que os pequenos atravessadores possuem, e que vai muito além das relações com catadores do lixão.

Certa feita, conversando com uma amiga de Baiana sobre a Lixeira Seca, pude entender que além das “Galhas”, que lidava principalmente com podas de árvores, os outros subprodutos de uma árvore levavam à ocupação de outros espaços dentro dessa lixeira. Para a moça com quem eu conversava, o espaço que esses ocupavam era referido como “Madeiras”:

- Catadora: Aí tinha uma mulher que é baixinha e um rapaz que trabalhavam na Seca na Madeira....
- Rebecca: A Madeira é a Galha?
- Catadora: É não. Tem a Madeira também, que eu já trabalhei juntando madeira pra um homem, com um caminhão todo arrebitado e nós em cima do caminhão. Só trabalhei só três dias!
- Rebecca: Mas isso é lá dentro da Seca?
- Catadora: Sim, a gente pega madeira e enche aqueles containeres, não tem?! A diária era de \$ 50,00 e eu fiquei três dias.
- Rebecca: Aah. Ele contrata vocês ali na Lixeira Seca pra catar só madeira pra ele?
- Catadora: Só madeira, e encher os containerzão, era enorme. E na hora que enche, vende. O carro tudo quebrando, abrindo as bambas do negoço, e as madeira, foi... E eu digo “não!”
- Rebecca: Nossa, eu imagino que tinha muita farpa.
- Catadora: Muita.
- Rebecca: Você pegava farpa na mão?
- Catadora: Já, elas ficam. Prego... Você corre o risco de se furar, que tem muito, muito.
- Rebecca: E vocês tem que levantar aquelas madeiras também, né
- Catadora: Jogar dentro do caminhão, do caminhãozinho pequeno! E é rápido, que ele ficava “ligeiro, ligeiro!”. Foi só três dias, que eu fiquei mais com medo, eu sou da roça... Eu vim [para Brasília] e gostei. Não achei seguro no caminhão, aí ele mesmo que mandou eu não ficar, ele que disse “é, você tá muito lenta, e agora esses dias também eu não to tendo serviço”,

que eu tava lenta, falou pra mim o homem do caminhão de madeira! E disse que eu não tinha muita experiência, que tava trabalhando muito lenta.

- Rebecca: Gente... E eram quantas mulheres que estavam trabalhando?

- Catadora: Tinha duas. Aí na mesma semana as duas saíram – tinha a nora dele, eu e outra mulherzinha. Ficou só os homens.

- Rebecca: Guerreiras.

- Catadora: E ele gritava, nem a água “que negócio de sede é essa, ficam só bebendo água, vai trabalhar”, era nem água.

- Rebecca: Ele era o que: jovem, velho?

- Catadora: Não, é velho já. Negão.

- Rebecca: E aí ele só manda, né, não trabalha?

- Catadora: Sim, ele só fica olhando. E aí a gente ficava com sede trabalhando, e eu com dificuldade, que tem que beber muito líquido pelo negócio de vesícula, e pegava e as vezes bebia água. Mas não parava todo mundo, eram cinco que trabalhava – parava dois, e depois os três. Não podia parar não, fia! E mesmo assim, quando a gente tava bebendo lá, ainda ficava “que negócio de sede é essa, toda hora ces tão bebendo água”. Mas, no caso, ia dois e depois ia os três, o serviço não parava.

- Rebecca: Mas vocês tinham que sair do local pra beber água?

- Catadora: Não, ele deixava uma garrafa no carro dele.

- Rebecca: É porque é difícil ficar andando com garrafa também, né

- Catadora: Isso, ele deixava na cabine do carro as garrafas cheias, aí a gente só ia lá, abria a porta, e bebia no copo.

- Rebecca: Mas nesse caso ele fornecia a água. Mas em outros o pessoal leva sua própria água também, né.

- Catadora: Sim.

- Rebecca: Já vi algumas pessoas com garrafa PET cheia...

- Catadora: Tinha vez que nós levava também, que ele falava “traz a água de vocês”, e nós pegava e deixava no contêiner, que na hora de encher já jogava lá de cima, ou colocava na cabine. Eu trabalhei três dias, cento e cinquenta conto.

- Rebecca: E depois dali você foi pra onde? Tipo, você tava na Seca.

- Catadora: Eu voltei pra Seca de novo, pro meu trabalho braçal mesmo

- Rebecca: [trabalho] pra você, né

- Catadora: Pra mim mesma. Na minha calma, devagar

Grandes ou pequenos, os compradores se espalham por todos os pátios do lixão, sem que haja exclusividade de sua presença em quaisquer áreas. Eles possuem essa mobilidade tal porque, em geral, a comercialização se dá de forma rápida: sempre há catadores que preferem vender diretamente para os atravessadores, em vez de vender a suas cooperativas de registro, e por isso se dispõem a vender a eles para ganhar o pagamento imediatamente.

Além disso, o fato de seus caminhões (ou carros e ainda carrocerias rebocadas) constituírem o principal meio de produção deles, representando a não necessidade de uma infraestrutura física fixa, também lhes agiliza o comércio.

Sem lugar fixado, com esses tipos de compradores também não existem dias estipulados para a compra e venda de recicláveis, já que isso pode acontecer a qualquer momento das 24 horas de um dia. Eles possuem, em geral, caminhões de médio porte, nos mais variados estados de conservação, ou têm carros com carrocerias acopladas. Certa feita, em um dos maiores caminhões que já vi, havia bags empilhados em colunas com quatro deles na vertical – sendo que, da mesma forma que os bags podem ser empilhados, os fardos que os catadores produzem na Plasbrasil (com recicláveis triados e comprimidos) também podem sê-lo. Preparados nesse formato, os fardos e bags poderão avançar na cadeia produtiva que ocorre fora do lixão, seja para uma recicladora como a Capital Recicláveis, seja para outra indústria de fora do DF.

Alguns materiais específicos podem seguir ainda para um outro tipo de intermediário – menor e especializado em algum material menos comercializado no lixão – como os “sucateiros” (isto é, atravessadores que são donos de ferros-velhos). Assim, outro tipo de comércio que parte do lixão, mas se estende para além dele, é o de materiais metálicos ferrosos. Uma catadora disse que, ali na Estrutural, a maior parte dos compradores de ferro está alojada na Santa Luzia – sendo necessário, nesses casos, que os catadores carreguem o acumulado no lixão até as lojas dos sucateiros.

Com isso percebe-se que mais um setor produtivo e expressivo da cidade possivelmente definhará com o fechamento do lixão. E que, assim como eles, há outros compradores especializados em outros materiais recicláveis espalhados pela cidade – como aqueles que trabalham com as madeiras da Lixeira Seca.

Acidentes biomecânicos: precariedade na interação das pessoas e máquinas

Na maior parte das vezes subi ao lixão de carro, mas na primeira vez fizemos todo o trajeto de ida e volta do lixão a pé. Por isso, uma vez lá dentro, para subir na porção do Maciço pela primeira vez, quando ele ficava no ponto mais alto do aterro, dependemos de carona, uma prática muito comum ali dentro.

Na ida, Poliana, Carla e eu fomos na carroceria de um caminhão, acompanhada de mais três rapazes. Poliana questionou a um deles quantas vezes ele fazia aquele trajeto por

dia, e ele disse ter perdido as contas, e que fazia aquele percurso de segunda a segunda. Voltamos em outro tipo de caminhão, que possuía uma carreta basculante, sentadas no espaço que há entre a cabine do motorista e a carreta dele. O rapaz que esteve durante a volta conosco também afirmou fazer aquele trajeto todos os dias.



Fotografias 61, 62 e 63. Nas duas primeiras, carona da ida ao Maciço, na carroceria de um caminhão. Na última, carona da volta do Maciço, no espaço entre a cabine e a caçamba do caminhão.

O mesmo caminhão que transporta, no entanto, pode ser o mesmo que mata – é o que também sugere uma citação do INESC (2016: 128), quando se referiu ao “plano de intervenção e cronograma de execução” do lixão. Trata-se de um conjunto de documentos de responsabilidade do Grupo de Trabalho (GT), criado em 2 de abril de 2015, pelo Decreto nº 36.437. Mencionando as alterações necessárias nas “frentes de aterramento”, explicou um dos motivos para tais acidentes:

os acidentes que ocorrem dentro do Lixão da Estrutural se justificam pelo trabalho da catação ocorrer no mesmo espaço do maquinário, não havendo separação nas frentes de aterramento entre catadores e máquinas. Outra justificativa é que não há iluminação apropriada no local, sendo que no período noturno a interação entre maquinários e catadores ocorre na penumbra

Quando a noite vem chegando, rapidamente, o vazadouro escurece, e novas luzes vão se acendendo no plano de fundo da paisagem. Quando estive no pátio da Seletiva durante um anoitecer, notei que praticamente não se percebia a presença de energia elétrica sendo

gerada. Então, se ao longo do dia a luz é forte e ubiqua por todo o lado, com poucos locais de abrigo do seu calor e luminosidade, à noite o que se vê são pontos focais de luz, das lanternas que alguns encaixam nas cabeças ou nas mãos, criando rastros de luz em feixes sem direção.



Fotografias 64 e 65. Baiana e eu no entardecer da Seletiva: à esquerda, se vê o nascer das luzes da cidade que aparecem no plano de fundo. À direita, ela em pé a frente do único barraco do lixão que vi com energia elétrica.

Diante desses acidentes, em maio de 2014 o SLU até tentou implantar mudanças nas “frentes de trabalho”, criando “três áreas separadas (uma para máquinas e caminhões, outra para os catadores, e a terceira para movimentações) (INESC, 2016: 129). Em outras palavras, esperava-se o seguinte: que em cada pátio houvesse uma área “sendo aterrada”, na outra o lixo ficasse “sendo espalhado”, e na última os catadores estariam “fazendo o trabalho da catação”, sem interferências de uma nas outras, mas a logística proposta não funcionou (INESC, 2016: 149).

Há pouquíssimo tempo, em 14 de setembro de 2017, por volta das 9h30 da manhã, o adolescente Elciel Mota dos Santos, de 14 anos foi atropelado por uma caminhão terceirizado pelo SLU, enquanto trabalhava ao lado de seu pai.³⁰ Ele foi socorrido por pessoas que trabalhavam no local e depois pelo Samu, mas não resistiu e veio a óbito no Hospital de Base de Brasília. Segundo o motorista, aconteceu quando tinha acabado de chegar para descarregar o veículo e vários catadores logo começaram a subir na caçamba, de forma que ele “não percebeu que havia atropelado alguém. Só notou que havia algo errado quando alguém começou a bater com força no veículo”. Assim parou para ver do que se tratava, e já viu o “menino deitado no chão, com as pernas bastante ensanguentadas”.

³⁰“Menino de 14 anos morre após ser atropelado por caminhão no lixão”:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/09/14/interna_cidadesdf,625994/menino-de-14-anos-morre-apos-ser-atropelado-por-caminhao-no-lixao.shtml. Acesso em: 19-9-17.

No evento do STF a que fui em 18 de novembro do ano passado, já comentado, a apresentadora Cecília solicitou que Baiana comentasse os acidentes do lixão, sem especificar que tipo de acidentes. Assim, Baiana forneceu uma resposta bastante ampla e completa – diferenciando, inclusive, o momento presente do passado de origem do lixão. Especificou as diferenças nas relações que os catadores estabelecem, hoje, com os monturos de lixo e com os caminhões e os tratores, e como era antigamente, na época das “valetas”, a relação com essas máquinas:

quando começou aquele lixo lá [onde é hoje], já tinha o lixo cá na beira daquela pista que vai da Estrutural pra Taguatinga, era ali. Aí eu trabalhava ali e nunca tinha acontecido assim tanto acidente, porque caía na valeta. O trator fazia a valeta, caía [o lixo], e depois ele saía e a gente pegava, não tinha esse problema.

E agora, depois que aquele lixão [de hoje, lá de cima]... Quando começou ali, aí começou as carretas... As pessoas... As vezes, na hora que a pessoa [motorista] vai despejar, eles [catadores] em vez de ficar afastados, eles não ficam afastados, ficam de junto. As vezes cai um saco lá de cima e cai na cabeça. Ai eu falo assim “cês sai daí”, aí tudo bem, saem.

Aí todo mundo agora, como já viu que – desde o tempo que tava começando a ter acidente – eles se afastaram mais. Mas as vezes é tão fofo ali [o chão do Maciço], que quando a carreta vai fazer a manobra, daí a carreta tem vez que vira. Tem vez que não vira, e ela fica tombada. E as vezes a pessoa tá ali, quando a carreta tá parada, e não vê que [a carreta] vai sair, aí é donde acontece o acidente. Ou então [quando entra] debaixo [da carreta] pra pegar material. Tá entendendo?

Continuou falando sobre os acidentes, agora em relação às “máquinas pesadas” (os tratores e os compressores) que circulam ininterruptamente pelo Maciço e o pátio da Construção Civil, fazendo movimentos de zigue-zague por toda a área, conforme o rastro que os caminhões deixam ante elas:

E o trator... O trator vem de cá pra lá, e ele não vê. Ele não vê porque tá com um negócio [no ouvido]. Aí a [outra] pessoa grita... E a pessoa [que se acidentará] tá lá adiante, e o lixo que está lá na frente dele é muito alto, daí ninguém [mais] vê [ele]. Então a pessoa que tá lá se machuca, o trator passa por cima. Quem tá lá eu dou um grito mesmo, ou então pego um pau daquele e jogo bem no motorista, pá! Aí ele pára, e digo que tem gente aqui na frente; daí ele e desce, expia, ajuda a tirar o material e continua. Tudo bem. Aí é desse jeito: as vezes a pessoa fica entretida, não vê a zoadá do trator. Às vezes, a carreta tá lá e eles encostam de junto mesmo. Eu mesma trabalhei lá esse tempo todo e graças a deus nunca me... A única coisa que aconteceu foi assim: o caminhão chegou lá, uma caçamba... Foi logo no começo [do lixão]... Eu tava lá pegando os material, aí tinha um buraco bem assim; a caçamba foi jogar e eu fiquei afastando, né. Fiquei subindo num monte de lixo, porque dava pra eu subir; aí não dei conta mais de subir, e ele foi jogando o lixo e enterrou até meu pescoço, sabe?! Aí meu marido

chegou e disse assim ‘ei, vamo tirar ela aqui’, aí começaram a cavar... Ainda tinha aquele gancho. Aquele gancho também prejudicou muita gente, furou muita gente, aí proibiu. Aí puxaram o ganho e daqui a pouco, graças a deus, que eu saí. Mas, menino, eu tava tão quente que passei foi mal! Mas não cheguei a ir pro hospital não. Ah pois é, nos acidentes acontece isso também.



Fotografias 66 e 67. Catadores trabalham no rastro das máquinas pesadas.

Enquanto o caminhão cuca está abrindo sua carroceria, uma parte do lixo fica exposta. O processo nem terminou, mas já há chorume escorrendo antes do resíduo sólido descer, concomitantemente a pessoas que vão enfiando as mãos nessas laterais. As catadoras e os catadores podiam antecipar-se dessa forma tanto para marcar seu lugar no momento da coleta seletiva, quanto para beneficiar-se de uma posição privilegiada, desse primeiro lugar na “fila”, e sondar qual sacola de lixo deveria abrir tão logo todo o material fosse expelido dali. Carla, filha de Baiana, também ressaltou esse comportamento no primeiro dia que fui ao lixão:

- Carla: Ó lá, o pessoal segura na beirada [do caminhão], tá vendo?
- Rebecca: Pra catar?
- Carla: Pra cada um pegar o seu lugar.



Fotografias 68 e 69. Antes que o caminhão esteja pronto para descarregar, catadores se posicionam ao seu redor, e alguns tentam remexê-lo enquanto sua carroceria está sendo aberta.

Embora pudessem descansar livremente por quase todos os pátios do lixão, enquanto houvesse caminhões chegando para descarregar, passavam a maior parte do tempo em pé, com as costas inclinadas, postura prostrada, como quem caça tesouros embrulhados entre pilhas e mais pilhas de sacolas plásticas:

A atenção de todos está dividida entre duas outras coisas: a caça aos tesouros do lixo e o trator, que parece travar com eles uma disputa. Em minutos, a máquina começa a emitir um bip-bip estridente, aviso de que manobra em torno do monte recém-formado para cumprir sua tarefa básica: iniciar o aterramento do lixo, alheia ao fato de muitos catadores ainda não terem terminado a primeira coleta. O trator pode mais: tem cerca de 5 mil quilos; as pessoas, em geral, menos de 80. Os catadores são rápidos. Antes mesmo de o trator se posicionar e abaixar a lâmina dianteira com a qual vai empurrar e aplainar a fatia mais alta do monte, eles deixam a colheita inacabada no monte inicial, no qual estão muitos sacos ainda fechados, e se posicionam com a mão direita numa grade da traseira do trator que se move. Assim, delimitam a faixa na qual vão fazer nova colheita, no rastro do avanço da máquina que desmancha e expõe as entranhas dos sacos e seus tesouros. O trator vai e vem. Mas não vem como vai: parece querer dar conta de seu trabalho rapidamente; o tratorista não perde tempo, não manobra a máquina para ela fazer um giro e voltar – ela e ele, de frente para o caminho, a fim de não esmagar alguém da turba que trabalha. O tratorista apenas gira o pescoço a 90 graus,

para poder vislumbrar a rota de volta. E voltam, a máquina e ele, de costas para os catadores, que descem do monte de lixo recém- aplainado e saem correndo, para, de novo, marcar posição atrás do trator e começar a nova “coleta seletiva”, digamos assim, provisoriamente (PEREIRA, 2015: 8).



Fotografias 70 e 71. Catadores trabalham com a coluna reclinada.

De setembro de 2016 (quando fui pela primeira vez ao lixão) a 10 de janeiro de 2017 (segunda vez), tive a impressão de o volume de caminhões ter diminuído, enquanto antes pareciam não parar de chegar – fosse na Lixeira Seca ou na Molhada, fossem caminhões da coleta convencional ou da coleta seletiva, públicos ou privados. Na segunda vez, em fevereiro de 2017, pouco tempo depois da abertura do Aterro de Samambaia, a impressão era completamente outra: havia muito mais gente sentada do que antes. Na minha segunda ida ao lixão, quando conheci o setor da Coleta Seletiva, Baiana e eu interagimos com um grupo de homens sentados, debruçados sobre alguns entulhos, que socializavam entre si enquanto aguardavam os escassos coletores que ainda chegavam naquele pátio, depois da abertura do Aterro Sanitário. A sensação de que havia um “mar de gente”, com náufragos sobreviventes em um mar aberto, mudou bastante, e a espera desse grupo por caminhões coletores evidenciava isso também.

Quando Baiana me explicava em janeiro os tipos de caminhões que trabalhavam no pátio da Seletiva, reforçou justamente essa tendência à diminuição dos resíduos e prolongamento dos períodos de espera por eles:

- Rebecca: Aah aqui vem os caminhões de coleta seletiva, é isso?
- Baiana: É. Mas só que agora aqui não tem material nenhum! Aqui tá todo mundo parado, não tem material nenhum. Então o Governo tá sacaneando com o pobre do povo, ta entendendo?!
- Rebecca: Inclusive com as cooperativas que recebem coleta seletiva
- Baiana: Não receb... Não tá recebendo, olha aqui ó, uma hora dessas era pra tá todo mundo trabalhando. Cadê as Coleta? Nós tem que ter a Coleta agora!
- Rebecca: E por que você acha que diminuiu?

- Baiana: Diminuiu bastante! Porque tá indo pra outras cooperativas lá fora, e não pode ser. Nós tem que ter cooperativa.

Carla explicou um pouco melhor o trabalho daquela máquina pesada que empurra e comprime o lixo, que mal tinha trabalho para fazer naquele dia, no pátio da Seletiva. Quando estão no Maciço, lá, por um lado, sua ação “facilita o trabalho deles [catadores] porque aparecem coisas que estão por baixo. Tá vendo? Aí eles ficam catando atrás do lixo”. Por outro lado, apesar de enxergarem como um benefício o fato do trator trazer à superfície o que estava escondido, o ir e vir da máquina trazia riscos de atropelamento por ela e afogamento pelo lixo. Indo de um lado a outro empurrando os resíduos, no retorno o trator volta de ré, comprimindo a trilha que espalhou, de frente, na ida:

- Carla: Ó aí ó, esse trator empurra. Ta vendo ele empurrando? Aí assim ninguém ta vendo e ele também não consegue ver.

- Rebecca: Sim, o lixo fica tampando a visão dele! Nossa, o trator já passa e vai amassando assim ao mesmo tempo?!

- Carla: Não, ele empurra [primeiro] e passa [amassando] depois. Ó lá, ó. Aí ó [ele pára], aí volta. Na hora quando volta, ce pode escorregar, ele não ver, e acaba matando pessoas.

- Rebecca: Ele tem espelho retrovisor?

- Carla: Não tem, ó lá, não tem.

- Rebecca: As pessoas que tem realmente que cuidar umas das outras, né. Mas teoricamente era pra ter um espelho ali, né?!

- Carla: Ée... Realmente. Eu não sei, né... Porque, na realidade, lixão não era pra ter gente, era só pra ter lixo, né?! Mas em compensação... Isso era uma coisa que não era pra existir, né, lixo assim, gente no lixão.





Fotografias 72 e 73. Trator empurrando e amassando o lixo na primeira foto, antes de parar e retornar de ré, na segunda

Lucia Fernandes, presidente da cooperativa Coorace, do Lixão, informou em 2014 ao Correio Braziliense que, durante 13 anos de trabalho, já teria passado por três sustos. Certa feita, quando tinha esquecido de levar sua lanterna, em uma madrugada no alto do lixão,

um caminhão chegou e deu a ré para despejar o recolhido no dia. Eu corri para conseguir colocar no sacolão o máximo que eu pudesse, mas acabei atolando no lixo. O motorista continuou dando a ré e eu não conseguia sair. Em um momento, só meu braço ficou de fora, eu vi a morte. Por sorte ele olhou pelo retrovisor e viu minha mão.³¹

Certamente, a forma com que o lixão distribui os trabalhos no seu espaço gera um ambiente bastante estressante. As máquinas são bastante barulhentas e compartilham espaço com o som das muitas vozes dos catadores. Conversando sobre os perigos da Lixeira Seca com uma amiga de Baiana, ela me falou certa vez:

Ali é muito perigoso na Lixeira Seca. Por causa dos barulhos dos caminhão, que tem uns acelerando, tem outros estacionando pra jogar o lixo, tem outros saindo, e tem o trator pra empurrar. É muito perigoso, tem que tá ligado 24h. Dá uma tensão horrível em você! Que a gente tem que tá [atento] 24h e os outros gritando ainda, pegando seu ferro, pegando seu material! Tem vezes que o trator empurra também o seu material.

Dessa forma, quando se está por perto de uma das máquinas, é possível não escutar outras pessoas gritando o seu nome, e somente uma outra pessoa que lhe puxa ou empurra poderia salva-lo de um atropelamento:

- Carla: por exemplo, se tiver aqui em baixo com um barulho perto, e o trator tá chegando perto de você e você não tá vendo... Se alguém não te chamar ou te empurrar... Passa por cima de você.

- Rebecca: Ah, você não escuta o barulho de outra pessoa que está mais afastada do trator. Aí se alguém tiver gritando de longe pra te avisar...

³¹ “Um problema estrutural”: <http://www.correiobraziliense.com.br/especiais/estrutural/>

- Carla: É, da outra pessoa. Ou seja, tem gente aqui que as vezes também cuida, né, porque se tá vendo você, vai lá e te empurra ou te puxa.
- Baiana: E tem um gancho... As vezes tem aquele negócio de ferro que engancha na roupa, o trator vem e passa por cima

Inclusive, cheguei a presenciar um momento de impaciência e esgotamento entre dois motoristas de caminhão, em meu primeiro dia de Maciço. Enquanto estavam nas suas cabines, um de saída e o outro de chegada, pararam um ao lado do outro, com os caminhões ligados, e começaram a discutir em uma pequena gritaria ali mesmo, enquanto catadores transitavam ao seu redor.

Em um especial do Correio Braziliense, publicado em maio de 2017, o jornal comentou outra morte que resultou de uma discussão no lixão, mas entre uma catadora e um comprador. Em 15 de fevereiro de 2006, a catadora Ceila Souza Santos, de 39 anos e com 12 filhos, foi assassinada com um tiro no ombro “após uma discussão sobre uma diferença de R\$ 22 no valor das mercadorias”. De acordo com testemunhas, o algoz era “funcionário de um grupo de compradores de material reciclável”. Indignados, outros catadores reagiram e “atearam fogo ao depósito de recicláveis do lixão” ³². Na mesma publicação do Correio, outras quatro mortes foram comentadas – com os nomes das vítimas, e as condições da tragédia tabuladas abaixo:

2015, dois de abril	Vanderlina da Silva Lopes	“uma das mais antigas do lixão, morreu esmagada por um trator. O acidente aconteceu na madrugada, enquanto ela recolhia recicláveis. Em protesto, os trabalhadores fecharam o local por um dia”
2014, quatro de abril	Edvan dos Santos	“32 anos, morreu atropelado por um trator durante a madrugada. Ele separava garrafas pet em meio a materiais orgânicos e, segundo testemunhas, o motorista do veículo não percebeu a presença da vítima”.
2011, quinze de fevereiro	Maria Amélia Ramos da Cruz	“59 anos, que trabalhava com o filho no lixão havia 15 anos, morreu ao ser atingida no tórax pela roda de uma carreta”
2008, dois de fevereiro	Jhony Pereira	17 anos, morador da quadra 8 da Estrutural, morreu atropelado por um caminhão de lixo

Tabela 8. Acidentes no lixão, de acordo com o Correio Braziliense, 2017. Elaborada por mim.

Em 2013, também foi registrado outro homicídio – de mais um adolescente de 14 anos, que foi baleado com cinco tiros enquanto trabalhava catando recicláveis no lixão, por

³² “Lixão, um problema de todos nós”, por Correio Braziliense, 2017: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/lixao-um-problema-de-todos-nos>. Acesso em: 19-09-17

volta das 16h30³³. E em fevereiro do mesmo ano, o Jornal de Brasília informou que um menino de 13 anos, que também era catador e não estudava, foi amarrado, espancado e incendiado no lixão, por um grupo de adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, tendo ficado três meses internado³⁴. Em publicação do INESC, foram contabilizados 7 (sete) acidentes fatais entre 2009 e 2016, sendo que dois deles teriam sido em 2015 (em abril e maio), mas não foram informados dados pessoais das vítimas.

5.4. Reciclagem x Reutilização: dinâmicas distintas e coexistentes

Na maioria das vezes, o lixão atrai pessoas que buscam nele a comercialização de mercadorias. Nesse caso, há tanto pessoas que o utilizam para obter matéria-prima para comercialização (como os catadores que revendem aos atravessadores) quanto aqueles que já vêm de casa com seus produtos prontos (em geral do gênero alimentício) para vender aos catadores. Há ainda “redes de compartilhamento” (SANTOS, 2014) que ocorrem fora do lixão, mas que se iniciam a partir dele e se estendem para a comunidade que reside ao redor.

Durante a pesquisa de campo, encontrei algumas situações em que mulheres garimpavam o local buscando produtos para o consumo próprio, os quais seriam reutilizados e não comercializados. A prática abrangia tanto gêneros alimentícios, como já vi uma senhora recolhendo uma embalagem de salsichas que seria para seu cachorro, quanto vestimentas, como no caso da maranhense Agmar.

No primeiro dia que fui ao lixão, senti-me bastante empolgada pelas possibilidades materiais que encontrávamos ali a cada passo que dávamos. Enquanto “muquiçávamos”³⁵ um monturo no Maciço, uma dupla de crianças trabalhava ali perto. Tão perto que viram nosso entusiasmo, e logo nossas conversas se cruzaram. Enquanto ainda estávamos impressionadas com a qualidade dos cosméticos que encontramos, nos gabando e experimentando eles, os dois meninos contaram sobre as tecnologias caras que também são encontradas ali. Certa

³³ “Adolescente de 14 anos é baleado no lixão da Estrutural”:

<http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/adolescente-de-14-anos-e-baleado-no-lixao-da-estrutural/>

³⁴ “Garoto que teve corpo queimado em emboscada na Estrutural luta pela vida”:

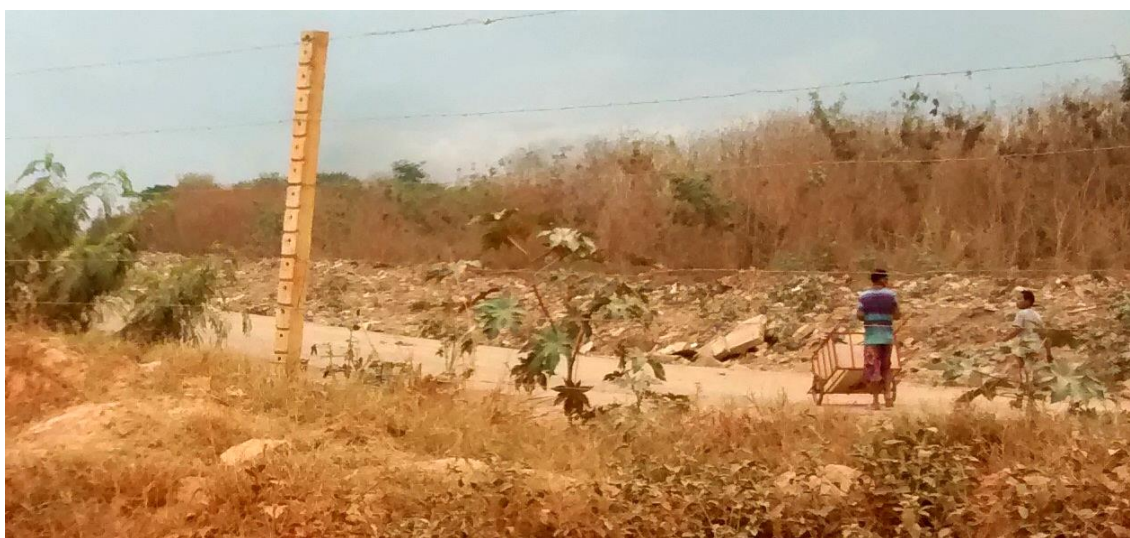
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/03/01/interna_cidadesdf,352204/garoto-que-teve-corpo-queimado-em-emboscada-na-estrutural-luta-pela-vida.shtml.

E “Adolescente de 13 anos incendiado em lixão da Estrutural recebe alta”:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/05/24/interna_cidadesdf,367872/adolescente-de-13-anos-incendiado-em-lixao-da-estrutural-recebe-alta.shtml

³⁵ No lixão, “muquiçar” é utilizado como sinônimo de “catar”, por isso é comum ouvir catador dizer que vai “muquiçar” ou “caçar muquiço”. De acordo com a filha de Baiana, “se você chegar aqui e falar ‘vou muquiçar’ todo mundo já sabe o que é; é tipo uma palavra da região que todo mundo já sabe o que é que é”.

feita, um homem teria encontrado dois Iphones em um único dia (dos modelos 4 e S3, disseram). E um dos garotos contou que ficou com tanto ciúmes e inveja que desejou ardentemente encontrar um também, “aí no outro dia eu achei”, disse ele, acreditando que era uma questão de fé. Depois disso, aproveitou para ganhar alguns níqueis com a revenda daquele celular, cujo valor obtido serviu para a aquisição de um aparelho mais barato, cujo troco ele pôde guardar. Exemplos como esse não faltaram: Carla também já teria achado um celular quando trabalhava por lá há alguns anos atrás, e comentou ainda de outra menina que encontrou um tablet junto com outro celular, por exemplo.



Fotografias 74 e 75. Embora o SLU afirme que o trabalho infantil é combatido no lixão, a presença de crianças é incessante ali dentro como demonstram estas cenas, feitas com aproximadamente um ano de diferença; a primeira, no Maciço, e a segunda na estrada que parte da guarita de caminhões.

Entre outras referências aos centros de consumo que existem fora do lixão, Carla explicou que, as vezes, há catadores que não sobem ali para trabalhar mas sim para “passar no shopping”, em dias que alternam com o trabalho. Esse era o caso da única mulher trajando vestido que vimos naquele pátio – uma roupa completamente atípica para um dia de trabalho no Maciço, embora na Seletiva fosse mais comum encontrar mulheres de vestido. Quando nossa amiga Poliana a notou, à primeira vista não entendia porque ela se destacava, e disse a si mesma “Gente! O que que é...? Ela tem alguma coisa de diferente...”. Questionei a Carla

qual seria a razão da vestimenta, e ela explicou que a moça possivelmente tinha ido “a passeio”.

Assim, inferimos que o “passeio” justificava a sacola plástica menor que ela carregava na mão em relação às que os outros, que tinham ido trabalhar, levavam. Por um lado, os objetos prontos para reuso eram mais raros que os aptos para a reciclagem; nesse sentido, deveriam ser cavucados com maior acuidade, e enchiam as sacolas em menor velocidade; diante deles, os recicláveis eram abundantes, formando no Maciço um mar de mercadorias para quem queria trabalhar. Inferimos o “passeio” dela também porque a mulher não parecia ter pressa, movendo-se com a coluna ereta lentamente ao redor das pessoas que se abaixavam com pressa para encher suas sacolas. Demonstrando conhecê-la, Baiana aparece logo em seguida, e esclarece que ela não buscava recicláveis mas que também estava trabalhando, e que o seu negócio era outro:

- Baiana: Ô minhas bichinha, aqui, desculpe interromper. Tá vendo aquela senhora lá?
- Rebecca: Hun?
- Baiana: Tá catando muquiça pra vender. É calça, é roupa, calcinha, sutiã...
- Rebecca: Roupa?!
- Poliana: Aah pega e revende!
- Rebecca: Ela cata roupa?!
- Baiana: É aquela lá de chapéu e coisa lá.

Quando voltei ao lixão no dia 2 de março de 2017, conheci Agmar, uma senhora maranhense que tinha muita curiosidade de conhecer o local, e cujo exemplo ilustra essa outra dinâmica que o lixão também engendra, da qual se tem falado: não só a da reciclagem, mas também a da reutilização.



Fotografias 76 e 77. À esquerda, dona de brechó foi ao Maciço muquiçar itens prontos para o comércio baseado na reutilização. À direita, a maranhense Agmar procurava no pátio da Seletiva roupas para levar aos familiares de sua cidade natal. Enquanto ela trajava um vestido, chinelas e sacola de papel, Baiana vestia o traje típico de seus dias de trabalho, enquanto procurava cabos de vassoura.

Somente após dois meses em Brasília, nos quais estive visitando os parentes, o seu filho Greg, que trabalhava “com aqueles guincho amarelo que tá trabalhando ali” no pátio da Seletiva, levou ela para conhecer seu local de trabalho, e só depois de muita insistência. “Eu nunca vim e ele tem medo de eu sair por ai e me perder, sabe?”; “lá tá cheio d’água, vá prá lá não”, eram algumas das desculpas dadas a ela. Agmar jamais tinha adentrado um lixão antes em sua vida; e disse que desconhecia a existência de algum na sua cidade, e “se tem, eu não sei”. Ainda assim, nada ali a impressionava: dizia que não esquentava com nada, pois era “acostumada a trabalhar”, uma vez que era “nascida no interior, criada no interior, no mato, juntando coco, juntando lenha, tirando sal, cortando arroz, apanha feijão” então era mulher que não tinha “frescuras”. Apesar da pouca familiaridade com o local, cria poder encontrar ali vestimentas para levar para sua terra natal, a qual voltaria em poucos dias. Com o olhar perdido, passos lentos, e apenas uma mão cavucando, ela analisava os monturos segurando duas sacolas de papel em um dos braços, onde ia guardando o pouco que encontrava. Quando notei sua presença, perguntei se ela sempre se arrumava assim para o trabalho – foi quando ela riu e me explicou que não trabalhava ali, “minha filha, eu to só passeando”, disse ela.

Até agora, vários termos que se referem a áreas diferentes do lixão foram utilizados sem maiores explicações – como “lixeiros”, “pátios”, “maciço”, e “coleta seletiva”. Todas as áreas que ainda estavam em atividade, pelo menos até minha última visita em junho, serão devidamente detalhadas no próximo capítulo. Uma delas, porém, convém comentar agora, pois não existe mais e chegou a representar a maior área de apropriação do lixo para a “reutilização”, a qual Baiana se referiu literalmente como um “Shopping Center”. É o saudoso “Carrefa”, extinto há aproximadamente três anos. Quando fomos ao STF em novembro de 2016, para um evento de abertura da exposição “Eu Catador”, no local perguntaram a ela do que se tratava, e esta foi sua resposta:

Ah meu anjo, o Carrefa era a única coisa que o povo lá tinha. Acabou e o pessoal *tá naquela*, pedindo a deus que o Carrefa volte. Não é Carrefour não, gente, é um Shopping Center! O Shopping Center é assim: ele leva comestível (arroz, feijão, açúcar, café, tudo que você pensar, enlatado fechado, carne, galinha), tudo levava e despejava lá. Então as pessoas chegava lá, tirava os comestíveis tudinho. Agora só tem uma coisa: o que tivesse vencido ninguém pegava; os que iam vencer todo mundo pegava, comia e ninguém nunca morreu até hoje, e tão esperando lá o Carrefa de volta. Quando o Carrefa chegava lá, tudo mundo pegava seu arroz, feijão... As vezes vinha até dinheiro – uma vez eu achei foi 100 reais no Carrefa! Sabe o que foi que eu fiz? Fui lá e paguei minha água. Aí também roupa, tolha novinha, lençol de cama a gente pegava. Desses lençol que tem lá eu acho que vocês nunca comprou, porque é chic, viu!

O Carrefa compunha a Lixeira Molhada também devido a majorada proporção orgânica dos despejos que ele levava. Assim, os materiais que eram despejados não chegavam a ser introduzidos na cadeia produtiva da reciclagem, visto que eram, na maioria dos casos, usados para consumo imediato ou reuso posterior. Pergunto a Baiana se o Carrefa ocupava alguma área fixa dentro do lixão, se havia algum lugar de descarregamento específico. E, pelo que compreendi das nossas conversas, de fato os caminhões com produtos do Carrefa descarregavam em uma área comum, compondo assim um pátio. Portanto, da mesma forma que ainda hoje acontece com o pátio da construção civil e o maciço como um todo, o Carrefa também fazia parte do sistema de gerenciamento do aterramento do lixão.

- Rebecca: O Carrefa lá dentro do lixão tinha algum lugar específico em que ele descarregava, ou...?

- Baiana: Ele jogava só num lugar, só no Carrefa. Não tem a Tiazinha [catadora da Seletiva]? Ele só jogava assim, óo.

- Rebecca: Mas a.o.n.d.e? É perto da Lixeira Seca, da Lixeira...?

- Baiana: Não. Na área mesmo do lixão tinha um lugar específico só pra ele.

- Rebecca: Mas era lá em cima ou era na parte de baixo?

- Baiana: Era [em cima]. Tinha vez que mudava o Carrefa pra parte de baixo, tinha vez que pra cima

Conforme o INESC sintetiza, era considerado uma “área destinada aos resíduos de supermercados e grandes geradores, que antes de ser encerrado concentrava o maior quantitativo de crianças e adolescentes do lixão” (INESC, 2016: 113). Para além dos supermercados, portanto, havia “grandes geradores” que descarregavam lá não só resíduos alimentares; mas também produtos que poderiam participar da dinâmica de outros cômodos da casa de um catador, não só a cozinha: tanto é que até hoje Baiana tem em sua moradia panelas, louças, roupas, lençóis, e até um barril de sabão em pó (que já dura alguns anos, tendo sido consumido apenas pela metade quando ela me mostrou). Então eram itens tão diversos entre si que, para Baiana, o Carrefa poderia ser equiparado às vitrines de um Shopping Center, maiores do que as de um supermercado apenas, conforme ela e outra catadora que veio conosco de carona de uma Audiência Pública comentaram no trajeto de casa:

- Baiana: No Carrefa vinha carne, feijão, açúcar, café

- Outra catadora: É o caminhão do supermercado que ele chevaga e jogava lá, entendeu?! Tipo Danone, arroz, feijão... Entendeu? Eles despejavam lá e a gente pegava pra gente!

- Baiana: Açúcar, cadeiras, panela, tudo, a gente pegava... Celma... A minha sobrinha primeiro não ia lá³⁶... Aí eu, na hora que tava saindo, botava as coisas na cabeça e falavam assim “Baiana, tu ta levando o Carrefa inteiro”
- Rebecca: Faltava um pouco pra ser vencido, pertinho, e jogavam lá
- Baiana: Milho, tudo de enlatado
- Rebecca: Mas deixa eu perguntar... Das coisas que vinham em caminhão do Carrefa vocês aproveitavam t.u.d.o.?
- Outra catadora: Tudo!
- Baiana: Tudo!
- Rebecca: Então é diferente do caminhão de lixo, em que não aproveita tudo?!
- Baiana: É. É que o caminhão de lixo não tem nada a ver com comida. O caminhão do Carrefa trazia tudo de alimento saudável, tudo – vinha açúcar, verdura, tudo! Até hoje eu tenho sabão em pó do Carrefa – um galão cheinho, ninguém tem e eu tenho!



Fotografias 78 e 79. Baiana lavando os pés no quintal de casa com o sabão que estava no galão azul, que ela catou no Carrefa há alguns anos.

Com o caso de Baiana e Celma, sua sobrinha, percebeu-se ainda que o Carrefa representou o primeiro contato com o lixão para muitas pessoas que só a partir dali perceberam naquele vazadouro uma possibilidade de trabalho remunerado, em vez de um local que servisse apenas à subsistência alimentar mais imediata.

Apesar de ter representado um primeiro contato com o lixão, para Baiana e muitos outros catadores, catar no Carrefa não era considerado uma atividade basilar da cadeia de reciclagem, não era o mesmo que fazer a coleta seletiva. Constituíam duas modalidades distintas de “catar” resíduos sólidos. Nesse sentido, não era considerado um “trabalho”, uma vez que não gerava renda tampouco lidava com materiais que seriam reciclados. Assim, “trabalhadores” poderiam ser considerados somente aqueles que, além de catarem comidas e outros produtos do Carrefa prontos para consumo e reuso, também catassem nos outros pátios

³⁶ O que ela quis dizer foi que, embora o Carrefa tenha sido a primeira área de contato de Celma com o lixão, houve um período anterior em que sua sobrinha não frequentava o lixão de forma alguma, enquanto Baiana já usufruía do Carrefa.

do lixão em busca de materiais recicláveis que seriam comercializados com os intermediários da cadeia da reciclagem. Outro dia, quando Baiana e eu conversávamos sobre a situação da jovem a quem demos carona no dia da Audiência, ela me falou: “você até podia pegar coisas para vender depois”, como uma panela, peças de eletrodomésticos estragados, mas “Carrefa não é trabalho!”.

Conclui-se que a principal função do Carrefa para os que usufruíam dele (fossem catadores ou não de materiais recicláveis) era a autosubsistência direta e imediata, que envolvia o reuso, e frequentemente o consumo familiar. Tanto que, como ela falou, “depois que a gente catava no Carrefa, a gente ainda ia *trabalhar*; e aquela moça não, ela catava só no Carrefa”. Percebe-se assim que, sob a ótica específica daqueles que ainda tinham uma segunda jornada de catação como Baiana, catar no Carrefa não era um sinônimo direto de ser “catador”. Porque “catador” tem a dimensão do trabalho remunerado, e no caso da moça a quem dei carona envolvia uma “sobrevivência alimentar” baseada sobretudo na *reutilização* do material catado, e não tanto na *comercialização* dele, revenda, e com isso não envolvia diretamente a possibilidade de participação do sujeito na cadeia produtiva da reciclagem.

Perguntei ainda se elas consideravam que os caminhões do Carrefa eram mais “valiosos” que os outros caminhões do lixão, e ambas responderam que não. Baiana disse que os caminhões de lixo “era tudo igual com o Carrefa”, mas especificou que eles eram importantes tanto para quem trabalhava com recicláveis quanto para quem se limitava à jornada do Carrefa, pois: “hoje eu compro no mercado o que antigamente eu não comprava, essa é a diferença. Arroz, feijão, danone, carne, queijo, salame...”. Com isso, apesar dos caminhões do Carrefa e dos caminhões que levavam resíduos oriundos da “coleta seletiva” e da “coleta convencional” serem igualmente importantes a quem fazia as duas jornadas de catação, reconhece-se que embora o Carrefa não necessariamente gerasse renda, sua ausência influenciou diretamente na composição financeira das famílias de catadores.

Tão valioso era o Carrefa que os motoristas de caminhões sofriam com assaltos e desvios de carga – motivo principal pelo qual ele teria sido encerrado. Explicando “porque tiraram o Carrefa”, Baiana disse: “quando o motorista vinha com o Carrefa cheio de coisa, aí os meninos pegavam a arma, parava ele, e dizia assim: você vai, mas vai jogar ali. Eeeeera, desviava! Os muleques colocavam revólver pra desviar”. Aparentemente, com os caminhões da coleta seletiva e da convencional não sofreram isso.

5.5. Classificação do território: pátios e lixeiras

Perceber uma “organização” dentro do lixão, ainda mais uma que seja de alta complexidade, pode parecer inimaginável à sociedade externa ao território do trabalho dos catadores (sociedade “pura”, desconhecadora do trabalho que esse espaço “impuro” engendra).

Sabe-se, contudo, que essa é uma compreensão que passa pela percepção e pelo reconhecimento de quem é “de dentro” do lixão e trabalha ali, e menos de quem é “de fora”. Felizmente, desde a minha primeira visita ao mesmo, as catadoras que acompanhei me introduziram os primeiros termos de divisão espacial do trabalho: as Lixeiras e, como subdivisões delas, os Pátios.

Demorou bastante tempo, muitas perguntas repetidas e algumas visitas ao local, no entanto, para que eu compreendesse a composição de cada Lixeira e Pátio, e chegasse à tabela abaixo. Trata-se de um modelo que construí, e que está na cabeça dos catadores de forma fragmentada, pois em nenhum momento me foi apresentada de forma completa, mas sempre de maneira parcial na fala de cada trabalhador com quem conversei.

Administração & Lazer	Lixeira Molhada	Lixeira Seca
Equipamentos	Pátios	
. Administração . Guaritas . Quadra de futebol . Parquinho . Centro de convivência . Oficina de caminhões . Lagoa de chorume . Manilhas de gás	. Carretas . Cucas . Coleta Seletiva . Carrefa (extinto)	. Caçambas . Containers . Galhas . Cooperativas mistas
	Obs. “Maciço” é uma expressão comumente usada para se referir conjuntamente aos pátios das Carretas e dos Cucas, excluindo a Seletiva.	Obs. Embora “Lixeira Seca” fosse um termo amplo que se referia às quatro sub-áreas listadas acima, nos diálogos com os catadores que conheci, normalmente era usado em referência à dupla das “Caçambas” e dos “Containers”. Isto é, as porções da Lixeira Seca em que são despejados especificamente resíduos da construção civil.

Tabela 9. Divisão socioproductiva da paisagem do lixão: lixeiras, pátios, e equipamentos de administração e lazer.

Em um primeiro e mais amplo nível, com “Lixeira” referiam-se às áreas em que se pode encontrar o trabalho do catador. O que não correspondia a uma Lixeira poderia ser entendido, invariavelmente, como um equipamento de lazer ou de gerenciamento da administração do SLU – como os que estão listados na primeira coluna da tabela acima. Quando se via catadores transitando pelas áreas de “administração e lazer” não era na condição de trabalhadores, portanto – eram transeuntes que ou se dirigiam à área do trabalho (i.e., um pátio) ou que voltavam dele. Uma vez, quando estávamos passando ao lado da cerca do lixão em direção a entrada de pedestres, perguntei se um parquinho construído na margem de um lixão poderia ser frequentado, e ela assegurou que sim:

- Baiana: Frequenta, as crianças sim
- Rebecca: E esse campo de futebol?
- Baiana: Os homens também, domingo
- Rebecca: Domingo que o pessoal joga? Nos outros dias não?
- Baiana: É, dia de domingo, as vezes sábado

Curiosa, fui pesquisar um pouco na internet e encontrei uma notícia sobre a “1ª Copa Guarita de Futebol Amador da Estrutural”, realizada em 2014, no “campinho da guarita” do lixão. Foi organizada pela “Liga Desportiva de Futebol Amador da Cidade Estrutural”, em que os times Real e Nascente competiram³⁷.

Em um segundo nível, o nome “Lixeira” também se referia à qualidade do lixo que adentrava cada um de seus pátios.

A “Lixeira Seca”, assim, compreendia duas subcategorias: os materiais que advêm da construção civil, incluindo os que resultam da poda de galhas e árvores; bem como os materiais triados na área 4, já descrita, que estão mais limpos e secos em relação aos que são coletados nas outras áreas.

Já a “Lixeira Molhada” se referiria a todo restante – isto é, às áreas onde o lixo “seco” estaria “molhado” pela fração orgânica dos resíduos domiciliares, todos misturados. Foi o que depreenhi em parte pela conversa que tive com um funcionário do SLU que trabalhava na Administração:

- Rebecca: Ah, posso só tirar uma dúvida? Uma vez a Baiana estava me explicando que aqui dentro se divide em Lixeira Molhada e Lixeira Seca, né?! Só que eu não consegui entender direito o que aqui dentro faz parte da Lixeira Seca e o que faz parte da Molhada, né

³⁷ “1ª Copa Guarita de Futebol Amador da Estrutural”: <http://apoliticaepoder.com.br/1a-copa-guarita-de-futebol-amador-da-estrutural-agita-a-cidade-neste-domingo/>

- Homem: A Lixeira Seca é os resíduos de construção, de colocar nos containers (?). É a lixeira seca. E o Lixo Molhado é o lixo orgânico, é o lixo que vem das residências
- Baiana: Então a Lixeira Seca tem a ver com os resíduos de obra...
- Homem: É isso
- Rebecca: É mais lá em cima, não é?!
- Homem: Lá em cima, lá em cima
- Rebecca: Então só aquilo é Lixeira Seca, o restante é Lixeira Úmida?
- Homem: É. Tem duas Lixeira Úmida, o restante é tudo seca.
- Rebecca: Ah é? Quais são as duas?
- Homem: O Pátio dos Cucas e o Pátio das Carretas.
- Rebecca: Que são lá em cima?
- Homem: Lá em cima. E a Coleta Seletiva.
- Rebecca: Então são 3?!
- Homem: Três [pátios na lixeira molhada].

Sua explicação foi bastante simplificada, pois não incluiu, por exemplo, o extinto Carrefa – mas ainda muito vívido nas mentes dos catadores, que vez ou outra ainda contam com algum caminhão que descarrega alimentos. Tampouco falou da área das “Galhas”, considerado um dos menores pátios (em termos de área) e parte da Lixeira Seca. Nem considerou a região onde estão as “cooperativas mistas” como um pátio que pudesse ser classificado pela qualidade do seu “lixo seco”, uma vez que ali eram acumulados somente materiais que já tinham passado por uma seleção prévia e por isso eram mais “limpos”.





Fotografias 80 e 81. Baiana e eu no pátio das “Galhas”.

Entendi, pela convivência com outros catadores, que essas áreas não incluídas na fala do funcionário podem sim ser consideradas para efeitos de organização do trabalho. Mas a validade das considerações que ele fez está no fato de nos mostrar que existem dois tipos de Lixeiras, e um dos critérios que a define uma Lixeira é justamente a qualidade do lixo que ela recepciona (ou seja, se seria mais ou menos “seco”, e mais ou menos “molhado”).

O sistema de classificação do território do lixão se complexifica ainda mais. As tais Lixeiras subdividem-se em sub-áreas limitadas, demarcadas pela atuação de máquinas móveis específicas. Ouvi com mais frequência a palavra “pátio” para se referir a tais sub-áreas. Além da qualidade dos resíduos, e dos diferentes termos usados para diferenciar tais áreas (pátios e lixeiras), a presença ou ausência de caminhões e “máquinas pesadas” de tipos diferentes constitui-se outro critério de separação entre essas áreas.

Interno à Lixeira Molhada, o pátio dos Cucas, por exemplo, costuma ficar adjacente ao das Carretas: “as carretas de um lado e os cucas do outro”, me explicou Celma, sobrinha de Baiana, certa vez em que visitei sua casa. Podem aparentar que são um só pátio – não fosse a diferente atuação dos caminhões “cucas” e dos “carretas”, com dinâmicas específicas para estacionar e despejar.

As máquinas pesadas que observei resumem-se às seguintes. Primeiro, as máquinas cuja função principal é comprimir o material do pátio contra o solo, e que possuem esteiras em vez de rodas – por isso as chamo de “máquinas compactadoras”; não posso especificar se o que vi eram uma “buldozzer”; um “trator de esteiras” ou uma “carregadeira de esteiras”, ou se vi as três ao mesmo tempo, devido à semelhança de todos os modelos com a fotografia que fiz, abaixo). Eram muito comuns no pátio de Resíduos da Construção Civil (da Lixeira Seca), bem como nos Cucas e Carretas (da Molhada), mas não as vi em nenhum outro. Assim foi a conversa com uma amiga de Baiana, depois que perguntei se era “lá em cima” que ficavam “aquelas máquinas de trator, compressoras”:

- Ela: É na Lixeira Molhada, a Molhada.
- Eu: Na Seletiva não tem esse tipo de Máquina, né, é só lá que fica comprimindo?
- Ela: Tem não.
- Eu: E na Lixeira Seca tem?
- Ela: Tem
- Eu: Que fica comprimindo o lixo?
- Ela: Tem, tem, ali é direto.



Fotografia 82. Máquina pesada do Maciço.



Figuras 26, 27 e 28. Bulldozer, à esquerda; trator de esteiras, no meio; e carregadeira de esteiras, à direita. Retiradas da internet³⁸.

Já as “carregadeiras articuladas” eram encontradas em mais pátios: além da Construção Civil e dos dois do Maciço, via-se sua presença também na Coleta Seletiva. Acredito que ali não eram necessários veículos com “esteiras” porque o chão era mais firme, menos desnivelado. Ali, tais máquinas tinham a função de arrastar e espalhar os resíduos deixados por “caminhões compactadores” (da coleta seletiva do SLU), mas também de recolher do chão os resíduos que nem mesmo os catadores queriam. Dessa forma, também serviam para rechear outros caminhões que retiravam o que sobrou dos caminhões que vieram primeiro, da coleta seletiva feita nas residências de Brasília.

³⁸ <https://www.mundokinderland.com.br>



Fotografias 83 e 84. Primeiro, uma carregadeira articulada do Maciço; segundo, da Seletiva.



Figuras 29 e 30. Carregadeira articulada, à esquerda; e retroescavadeira, à direita. Retiradas da internet.

As máquinas “retroescavadeiras” encontrei nas duas áreas ocupadas pelo Maciço, desde a primeira à minha última visita no lixão, nas quais tinha a função de cavar buraco na montanha de lixo aterrado para instalar manilhas queimadoras de gases.

O transporte de resíduos sólidos, sem dúvidas, é a principal atividade dos caminhões do lixão. Mas, por ter vivenciado a companhia de Baiana em um entardecer no pátio da Seletiva, percebi que eles também servem como fontes de luz para aqueles que optam pelo turno da noite. No lixão, praticamente não existe fornecimento de luz para subsidiar o trabalho; assim, as “enormes carretas que trazem o lixo de quando em quando” e “um que circula nesse platô para espalhar, compactar e enterrar as cargas recém-chegadas” são os pontos mais luminosos à noite, além do próprio céu e das luzes da cidade ao fundo. “Observando-se mais de perto”, além deles, porém, há também “dezenas de pequenos focos luminosos”, criados pelas lanternas de cabeça que os catadores levam, “que se movem de forma coordenada com os movimentos da carreta e do trator, numa espécie de horrendo bailado.” (PEREIRA, 2015: 8)



Fotografia 85. Na Coleta Seletiva, além dos caminhões compactadores, vi tratores como o que está ao fundo da fotografia, que se encarregavam de amontoar o que estivesse espalhado, mas não presenciei, em nenhuma de minhas visitas, a máquina que comprime e aterra o lixo, que vi no Maciço e no pátio da Construção Civil.

Entre os caminhões mais comuns, cinco se destacam. Primeiro, os (1) caminhões “cucas” vistos tanto no pátio da Seletiva quanto no Maciço. “Cuca” é o “apelido dado pelos catadores aos caminhões compactadores da Valor Ambiental e da Sustentare”, os quais “despejam cada um em uma área pré-determinada pelo SLU de cada cooperativa”, no pátio da Coleta Seletiva (INESC, 016: 113).



Fotografias 86 e 87. Caminhões com carretas compactadoras, mais conhecidos como “Cucas”, utilizados tanto no pátio dos Cucas quanto no da Coleta Seletiva. A primeira fotografia é de minha autoria; a segunda imagem foi retirada da internet.

Depois, (2) aqueles que possuem carretas basculantes, que se elevam e inclinam para despejar o lixo.



Fotografias 88 e 89. Caminhões com carretas basculantes.



Fotografia 90. Carreta a esquerda, e cuca a direita, ambos passando em frente ao cruzamento que há na entrada administrativa do lixão.



Fotografia 91. Na área do Maciço, a área dos Cucas fica adjacente à das Carretas, como se vê ao fundo.

Em seguida, caminhões que possuem carretas “prancha” (3). Mais do que para “despejar” resíduos, eles tinham a função de transportar grandes peças da lixeira seca para

fora do lixão (como madeira), bem como de recolher e transportar recicláveis já ensacados em bags – armazenados assim porque já teriam sido catados e acumulados de forma seletiva nos outros pátios. Havia ainda caminhões “poliguindastes” (4), predominantes no pátio da Construção Civil, mas também percebidos na Coleta Seletiva, os quais transportam caçambas estacionárias; Enfim, os caminhões pipa (5) – que vi poucas vezes, mas uma catadora me contou serem muito utilizados para amenizar as cortinas de poeira que as vezes se formam.



Fotografia 92. Três caminhões com carreta do tipo “prancha”, dois azuis e um vermelho, operados pelos compradores dos catadores; um deles estava sem a prancha e ainda assim era utilizado, afirmou-me uma catadora do pátio das cooperativas mistas.



Fotografia 93. Caminhão poliguindaste, passando atrás do pátio de cooperativas mistas.

É importante destacar um elemento que conecta todos esses pátios e lixeiras: as estradas. De tão grande que é o lixão, há trajetos seus que ninguém faz a pé – ou se monta sobre uma bicicleta, usa uma carroça, sobe na caçamba de um caminhão, e só raramente se usa apenas os pés.

Baiana tinha uma bicicleta e uma carroça para se locomover e transportar recicláveis, tanto na cidade quanto no lixão. A bicicleta era seu principal meio de transporte para tudo que realizava dentro da Estrutural e fora dali também – um item que ganhou da polícia local, segundo contou-me certa feita rindo, na calçada em frente a sua casa. Com ela, a mulher percorre longas distâncias, inclusive para outras regiões administrativas – uma vez, enviou-me um áudio contando que tinha acabado de ser atingida por um ônibus quando voltava para casa, mas não houve nada grave. Já no percurso até o lixão, que é realmente muito próximo

de sua casa, a bicicleta poupa-lhe o esforço que “muquiçar” lhe despenderá dentro do lixão. Ali, a sua principal posição corporal de trabalho é em pé, com a coluna e pescoço recurvados, por longas horas; como tinha a necessidade de transitar entre os pátios, por vezes encarando subidas e descidas, nessas horas a bicicleta facilitava.

Embora as carroças e os carrinhos me parecessem mais comuns que bicicletas dentro do lixão, Baiana disse que ela não se adaptou a seu carrinho ali dentro, vendo muitas vantagens além da mobilidade. O “quadro” e “garupa” da bicicleta serviam para amarrar e levar sacolas até sua casa e depois revender fora do lixão, mas dentro da cidade, como já a vi fazer. Os carrinhos podem ser feitos de diversos materiais, veículos onde a criatividade dos catadores se expressa como uma miscelânea de cores e matérias primas; e a tração pode ser animal (caso da carroça) ou humana (caso do carrinho). O fundamental mesmo é que tenha um sistema de rodízios em baixo, isso bastava. O tamanho deles também é variável – mas, em geral, carrinhos e carroças permitem o transporte de um volume maior do que as bicicletas. Caso você não se possua um cavalo para tracionar o veículo, contudo, a carroça e o carrinho dependerão do seu próprio corpo para se mover, e você deverá *andar e carregar*.





Fotografias 94, 95, 96, 97 e 98. Carroças, carrinhos e bicicletas: meios de transporte de posse dos catadores

Na primeira vez que entrei no lixão pela guarita da quadra 12, notei que a estrada de acesso que sai dali era consideravelmente maior que a da quadra 5, tendo em conta o cruzamento delas em frente a área administrativa do SLU – ponto que redireciona os meios de locomoção e transporte para os pátios. Desde que fiz esse caminho, que demanda mais tempo até chegar ao local de trabalho dos catadores, comecei a observar mais os detalhes da pista.

Dentro do lixão, várias mudanças de paisagens são possíveis; e o próprio lixão, como matriz delas, muda constantemente. Conforme íamos subindo o morro com mais de setenta metros, a região administrativa de Águas Claras, que dava para ser vista dali, ia ficando para trás: “dá pra ver a loja Castelo Forte lá da EPTG!”, disse Poliana, que também estava na caçamba comigo.

Percebemos que essa estrada e todo o restante do chão pelo qual se passa são feitos de rejeitos aterrados, comprimidos – tanto recicláveis quanto orgânicos rejeitados. Nos cantos, ao longo de todas as pistas, notam-se também cavas criadas artificialmente – onde o chão, rebaixado, funcionaria como uma canaleta “natural” para ajudar o chorume e a água escorrerem, escoarem, conforme me contaram.





Fotografias 99 e 100. Na caçamba de um caminhão subimos para o Maciço.

Ainda que haja uma variedade de meios de transporte, desde a primeira visita se percebe que a frota mais intensa era a de caminhões – entrando nos pátios, despejando e estacionando, atravessando estradas, e deixando o lixão. A preferência raramente é do pedestre, e sim do motorista, cujas áreas de circulação não tem quaisquer sinalizações de trânsito. As estradas de lixo batido eram, em si, o único sinalizador do tráfego que se destacava e orientava o trajeto de máquinas e pessoas. Desconsiderando as áreas de “administração e lazer”, todo o restante da superfície do lixão é composto por rejeitos e resíduos aterrados, inclusive nas estradas, e até mesmo a área do “lixão antigo” recoberta atualmente por eucaliptos.



Fotografias 101 e 102. A esquerda, catadores pegando carona para descer do Maciço, entre a carroceria e a cabine de um caminhão, da mesma forma que nós fizemos, na foto da direita.

Em suma, até aqui busquei apresentar a distribuição espacial do trabalho sobre as Lixeiras e os Pátios do lixão a partir de alguns critérios específicos. Assim, nas tabelas abaixo resumi as categorias que me parecem organizar esse trabalho, como: tipos de personagens (administradores, catadores avulsos, catadores cooperados e suas cooperativas, e compradores); qualidade predominante dos resíduos em cada subárea; presença de maquinários específicos, e as relações dessas máquinas com os catadores do lixão.

	Pátios da Lixeira Seca		
	Resíduos da Construção Civil	Galhas	Cooperativas mistas
Qualidade do lixo	Recicláveis oriundos da construção civil, coletado pelo SLU e por particulares, de matérias-primas bastante variadas	Pneus, podas e madeira em geral	Materiais recicláveis previamente selecionados por catadores, prontos para a triagem
Caminhões	Poliguindaste + Caçambas estacionárias	Carretas prancha + Carretas basculante	Carretas prancha + Containers
Máquinas pesadas	Muitos (compactadoras + carregadeiras articuladas)	Ausente	Ausente

Tabela 10. Os três pátios da Lixeira Seca e os critérios que diferenciam eles entre si.

	Pátios da Lixeira Molhada		
	Coleta Seletiva	Cucas	Carretas
Qualidade do lixo	Resíduos oriundos da Coleta Seletiva, teoricamente separados dos rejeitos	Resíduos e Rejeitos misturados, oriundos da Coleta Convencional, realizada com caminhões da Valor Ambiental e do SLU	Resíduos e Rejeitos misturados, oriundos de coleta particular
Caminhões	Compactadores (cucas)	compactadores	Carretas basculantes, carretas prancha
Máquinas pesadas	Poucos (apenas carregadeira articulada)	Muitos	Muitos (compactadoras e carregadeiras articuladas)

Tabela 11. Os três pátios da Lixeira Molhada e os critérios que diferenciam eles entre si.

É interessante observar que, se por um lado, essa divisão em Lixeiras e Pátios parece rígida, a mobilidade com que os catadores transitam por eles desconstrói essa visão. Algo que dá sentido a essa afirmação é a percepção de que alguns pátios trocam de lugar, de tempos em tempos, o que explicarei a seguir. Ainda assim, durante semanas a fio os pátios tem certa fixidez. Nesse sentido, mesmo que cada pátio ocupe um mesmo espaço por longo período, o que determina sua área total é, principalmente, o fluxo de trabalho coordenado entre os catadores, os “encarregados” dos caminhões e os seguranças da GSI, que chamei de “sistema de gerenciamento do aterro”.

Quero destacar, porém, não só a liberdade de caminhar ali dentro, mas a de trabalhar em quaisquer áreas que se queira também (à exceção, é claro, de apenas duas áreas já comentadas: a da Coleta Seletiva e a das cooperativas mistas, pois na primeira é necessário um registro formal no SLU, e na segunda é necessário que um atravessador contrate sua força

de trabalho. Afora essas duas, é possível ao catador trabalhar em um pátio em um dia, e mudar no dia seguinte.

Embora trocas ágeis fossem possíveis, os relatos de três catadoras demonstraram que essas trocas de área de trabalho, que os próprios indivíduos podiam determinar para si mesmos, não eram tão frequentes quanto podiam vir a ser. Com isso, embora pudessem mudar de área a qualquer momento, era comum ficarem ao menos alguns meses em cada um dos pátios. Entre as três catadoras, Baiana era a que mais circulava pelos pátios – acredito que, em parte, por seu jeito de conversadeira, que saía buscando pessoas para interagir; em parte, porque era registrada na Seletiva, através da cooperativa Ambiente, mas também gostava de catar no Maciço.

Em outro caso, que foi vivido por Celma, chegou-se a passar anos em um mesmo pátio – o da Coleta Seletiva, como cooperada da Ambiente que era, e ali teria vivenciado seu último pátio de parada. Essa foi a sequência narrada por ela: “Eu comecei no Carrefa. Aí depois do Carrefa eu fui pras Carretas, depois pros Cucas, e depois dos Cucas eu fui pra Seletiva.”. No nosso último encontro, contudo, ela já cogitava voltar para o Maciço, que não ia há tempos, devido a extenuação de resíduos da Seletiva, que chegavam menos a cada dia.

5.5.1. Sistema de gerenciamento do aterro

Embora pareça desordenado o fluxo de caminhões no lixão, bem como ausente uma lógica no tráfego deles, e mesmo que aparente um descontrole nas suas relações com os catadores, as máquinas obedecem a um “sistema de aterramento” (ou “sistema de gerenciamento do aterro”) com o qual os catadores estão bastante familiarizados, como me explicou um dos seguranças da empresa de segurança GSI que atua ali dentro, e detalharei doravante.

Essa foi uma das percepções mais tardias acerca da organização sócioprodutiva do trabalho no espaço do lixão que tive e que só pude perceber, pelas minhas próprias vistas, a partir de um olhar comparativo no macrotempo, isto é, depois que se passaram meses entre a minha primeira e a última ida ao local. Também só foi possível perceber a partir de comentários de outros moradores da Estrutural, que elucidaram para mim as mudanças ocorridas na distribuição dos pátios do lixão ao longo dos últimos meses – foram desde comentários traçados por um segurança do lixão, ali dentro mesmo; outros por uma amiga de Baiana, no único dia que subi ali sem sua companhia; e pelas respostas de Carla, sua filha, e uma de suas netas, em um dia que saímos para passear e fotografar o bebê da menina.

Inclusive, foi enquanto eu dirigia meu carro que a neta fez o comentário que alavancou essas percepções em mim:

- Neta: Sempre eles trocam o lixão de lugar.
- Carla: É.
- Neta: Ai tipo, Carretas vai pra um lado, Caçambas vai pro outro e Cucas vai pro outro.
- Rebecca: É mesmo?!
- Carla: É
- Rebecca: Os pátios mudam de lugar então?!
- Carla: Mudam.

Tal sistema seria necessário porque, ao contrário do que um leigo possa imaginar, o lixão não se constitui em um terreno plano nem pontiagudo, onde são despejados monturos de lixo – que, após analisados pelos catadores, formariam um único monte de materiais rejeitados pelos trabalhadores, como sugerem diversas ilustrações encontradas no Google.³⁹ O lixão, na realidade, em toda a sua extensão de 200 hectares, é a própria montanha – mas uma montanha de lixo compactado, com diversos desníveis, e sobre a qual inúmeras pessoas caminham, subindo e descendo, de um pátio a outro.



Figuras 31, 32 e 33. Ilustrações do imaginário popular acerca de um lixão: uma montanha única e pontiaguda. Retiradas da internet.

No trânsito pelo lixão, a mudança de altitude só se percebe quando se sai do pátio da Seletiva e daquele ocupado pela Plasbrasil em direção aos outros. Isto é, indo-se dali em direção ao Maciço, ao da Construção Civil, ou ao das Galhas. Pois nesses trajetos, das áreas mais baixas as mais altas, é possível sentir de forma mais sensível o traçado de lixo e terra batida inclinar, perceber a subida a partir da base da paisagem, que vai assumindo outra escala. Nesse sentido, o pátio da Coleta Seletiva e o da Plasbrasil são as partes mais baixas do lixão, ficando pouco acima do nível da cidade Estrutural. Para se chegar a qualquer um dos outros pátios mencionados, no entanto, é necessário *subir* a montanha. Considerando o “sistema de aterramento” do lixão, as pistas disponíveis para acessar cada um dos pátios mudou com o tempo, conforme indica a tabela abaixo criada por mim:

³⁹ Imagens que resultam de uma busca no Google com as palavras-chave “lixão desenho”, em 25-09-17.

	ANTES (07 de outubro de 2016)	DEPOIS (22 de junho de 2017)
	Para onde se vai a partir do cruzamento	
Estrada à direita dele	Acesso a todos os pátios da Lixeira Seca, e somente a um dos pátios da Molhada (o pátio da Coleta Seletiva)	Acesso a todos os pátios das duas Lixeiras, incluindo o Maciço.
Estrada à esquerda dele	Maciço	Estrada interditada, tendo o Maciço mudado de lugar (ocupando o antigo pátio de resíduos da construção Civil (LS).

Tabela 12. Mudança nas pistas de acesso aos pátios observada entre outubro de 2016 e junho de 2017.

As mudanças das áreas ocupada pelos pátios, que notei nesse período, referem-se, sobretudo, à grande área que o principal cruzamento de pistas de entrada do lixão divide (ponto de encontro das estradas que nascem nas entradas E1 e E2 na imagem), particularmente a área acima dele.



Fotografia 103. Principal cruzamento que há no lixão, parcialmente demonstrado na foto.

Uma vez ali, “abaixo” do cruzamento se vê a balança de pesagem dos caminhões, e os pontos 1, 2 e 3 (referentes à edificação da Administração gerida pelo SLU; à quadra de futebol; e ao Centro de Convivência), em parte ilustrados pela fotografia abaixo. “Acima”, por sua vez, estariam as Lixeiras e Pátios – locais de trabalho dos catadores. Assim, tabulei as mudanças que notei tendo esse cruzamento como referência.

Sendo assim, uma das opções é sair à “esquerda” dele – pelo caminho que segue para a rotatória indicada com uma seta na montagem, que corresponde também à fotografia que fiz abaixo. Ela foi feita no meu primeiro dia de visita ao lixão, quando fui de carona sobre um caminhão prancha em direção ao local que ficava o Maciço, isto é, a área mais alta, extensa e contínua do vazadouro.



Fotografia 104. Rotatória que estava interditada no dia 22 de junho.

Quando se segue à “direita”, envereda-se pela pista que corta a região adiante em duas: de um lado, o maquinário da Plasbrasil e de outras “cooperativas mistas”; e do outro, o pátio da Seletiva e das Galhas, que se mantiveram fixos em todas minhas visitas.

As mudanças descritas acerca dos pátios (bem como do sistema de aterramento como um todo) referem-se menos às áreas ocupadas pela Coleta Seletiva (da Lixeira Molhada) e pelas cooperativas mistas e as galhas (da Seca), pois os três se mantiveram nos mesmos locais; o que mudou foi especificamente o restante da Lixeira Seca e o Maciço.

Como se pode ver com as imagens comparativas, em minha primeira visita ao aterro, o Maciço ocupava a área situada no ponto mais alto já alcançado pelo lixão e praticamente ao seu lado ficava a Lixeira Seca, que tangenciava a área das cooperativas mistas pela sua porção sul. Maciço e Lixeira Seca eram divididos apenas por uma pista que parte da rotatória indicada com a seta.

Na última visita, por sua vez, a pista “à esquerda”, que levava ao ponto mais alto, estava interditada desde o cruzamento das pistas de acesso. Dali em diante nenhum caminhão passava para despejar lixo, nem catador para trabalhar. Estando eu no ponto M da imagem 2, se via apenas máquinas escavadeiras trabalhando no nível acima – no que parecia a instalação de novas manilhas queimadoras de gases, disse o segurança da GSI que nos acompanhava. Assim, a grande mudança foi a transferência do Maciço para o local anteriormente ocupado

pelo pátio de resíduos da construção civil da Lixeira Seca; e esse pátio, por sua vez, se interpôs em uma área muito menor que a anterior, entre as Galhas e a Coleta Seletiva.



Figuras 34 e 35. Imagens de satélite editadas: a distribuição dos pátios e lixeiras no início e final de minha pesquisa de campo.

Essas trocas de áreas, conforme compreendi, fazem parte de um “plano de gestão de aterramento” que os “encarregados” das máquinas fazem juntamente aos seguranças da GSI, os quais fiscalizam o fluxo de pessoas nas áreas demarcadas, e os catadores acompanham. Trata-se justamente de um trabalho rotativo de aterramento do lixo, que objetiva a homogeneização da altura dos pátios, e é praticado pela frequente ativação e desativação de áreas específicas, e pelo redirecionamento do fluxo de caminhões, máquinas pesadas e catadores.

Assim, de forma simplificada, caminhões de tipos específicos despejam materiais em cada pátio de acordo com o tempo que os encarregados determinam. Durante a fase de permanência em uma área, máquinas trabalham para aplainar o terreno, logo após tenha sido feito o despejo. Quando esse ciclo se encerra e os pátios necessitam trocar de lugar, também são utilizadas terra e areia para compensar os desníveis. A terra utilizada para o processo de aterramento, por sua vez, “vem de fora” normalmente – isto é, na maior parte das vezes ela é comprada e poucas vezes se utiliza alguma “terra” escavada do lixão para dar continuidade ao aterramento e aplainamento da superfície.

Conforme me explicou o segurança, essa gestão é fundamental, pois se somente jogássemos lixo em cima de lixo “como uma árvore de natal”, com despejos seguidamente no mesmo local, o aterro desmoronaria. É para evitar esse risco que os “encarregados” têm de fazer esse tipo de gestão e informar os seguranças, aos quais os catadores obedecem. Diante do meu primeiro ano de lixão, a experiência daquela catadora amiga de Baiana que me acompanhou reforçou que o Maciço e a Construção Civil eram os pátios que mais trocavam de lugar, embora as galhas também trocassem. Mas o que eu menos esperava, àquela altura, é que ainda houvesse alguma movimentação de Carrefa no lixão:

- Ela: Sim, trocam. Quando vai trocar... A Lixeira Seca toda vez eles trocam. Só que a Seletiva aqui provavelmente não é muito não. Mas da Seca e da Molhada mesmo, lá em cima, que tem os Carrefa e tem as Carreta, lá em cima na Molhada.
- Rebecca: Os Carrefas? Ainda tem caminhão de comida lá?!
- Ela: Isso. Teeeem, de vez em quando cai um lá, veeeee em quando...
- Rebecca: Vez em quando... Entendi... Ah não é como na “éeeeeeeépoca do Carrefa” mesmo, né, é menos
- Ela: Isso, menos. Aí o que acontece: eles tiraram mesmo, praticamente tiraram. O pessoal fala que acabou, mas realmente acabou e não acabou, de vez em quando vem
- Rebecca: Ainda tem uns gatos pingados
- Ela: Isso. Por isso que eu falo que ainda não acabou. Mas realmente ter direto aquela ala não tem, aquele lugar. E tem da galhada.
- Rebecca: Que fica no caminho ali da Lixeira Seca

- Ela: Também, da Lixeira Seca.
- Rebecca: A galhada também troca de lugar? Ou fica só naquele?
- Ela: Troca. Porque eles vão aterrando o lixo, e com isso vai fazendo tipo buracos, e vai ficando um lugar mais alto e outro mais baixo, aí aterra. E quando é pra mudar eles avisam, quando tá aquele buraco e já tampou, aí eles mudam de lugar e avisam pras pessoas. E tem vezes que não avisam, tem gente até perdendo material.
- Rebecca: Como assim? As vezes eles mudam o pátio de lugar e não avisam?
- Ela: Isso. Aí os compradores não vão mais pra lá, o material fica sozinho lá...
- Rebecca: Eita... Mas tem alguma frequência, por exemplo, de 1 em 1 mês, de 3 em 3 meses trocam os pátios?!
- Ela: Pior que eu sou ruim de data... Mas eu acho que é um mês, mais ou menos, que é muito lixo. Um mês, dois meses no máximo... É muito muito lixo.
- Rebecca: É mesmo?! Então o pessoal aterra todo ali, por exemplo... O pátio da Lixeira Seca, quando já tá bem alto, o pessoal decide trocar de lugar.
- Ela: Não, eles [“encarregados” e seguranças] que mudam, porque fica um buraco de um lado mais alto e do outro mais baixo; fica aquele buraco aí eles mudam pro lado mais baixo, tipo assim, que é pro trator empurrar pra lá. A Lixeira Seca... Acho que tem uns três meses... Era pela portaria do lado esquerdo, lá em cima, longe.
- Rebecca: A Lixeira Seca? Pegando aquela subidona?
- Ela: Isso, isso, que dá lá em cima. E a Molhada era do lado de lá! E agora já tá vindo pra cá, tá pertinho da portaria também.
- Rebecca: Hmmm... A Seca, né?!
- Ela: A Seca e a Molhada não tá longe também não, não tá longe.
- Rebecca: Ah! De lá ela também veio chegando pra cá, como se estivesse pegando aquela pista que tem.
- Ela: Pra cá também. É
- Rebecca: Pra ir pra Seca, a pista é menor do que pra ir para a outra, né
- Ela: Sim
- Rebecca: Mas eles vem como se fossem avançando pra essa outra pista, né
- Ela: Sim
- Rebecca: Olha só... Que a tendência é ocupar a área toda, né.
- Ela: A área toda. *[silêncio]*

Quando subi ao lixão com a amiga da Baiana, em junho deste ano, passamos a maior parte do tempo na área mais recente do Maciço. Afastadas dos seguranças, ela me levou para perto das máquinas para mostrar os desnivelamentos que os caminhões iam criando a cada despejo, aos quais ela chamou de “funis”; de forma que, tanto no Maciço quanto no pátio de resíduos da construção civil da Lixeira Seca, havia máquinas compressoras que tentavam cobrir tais buracos, empurrando e aplainando o lixo.

Assim, os “funis” e o trabalho das máquinas ilustram o desnivelamento do lixão que se dá no dia-a-dia. Mas foi a observação da paisagem como um todo, diante de uma ribanceira no novo pátio do Maciço, que notei esse desnivelamento e o crescimento vertical de todo o trapézio cercado que o aterramento de lixo provoca ao longo do tempo macro. Ainda ali e ao lado dela, notei que as pistas provavelmente somavam-se às áreas da Coleta Seletiva, Galhas e Cooperativas Mistas como as porções mais “fixas” do lixão. Não é possível afirmar que elas nunca tenham mudado seu trajeto, ou sido reconstruídas, nem redesenhadas a cada andar que o lixão passava a ocupar mais acima; mas em um ano de pesquisa elas pareciam basilares, fixas. Apesar de algumas terem sido interditadas, o trajeto das que permaneciam ainda eram os mesmos. Percebi isso porque – como fruto do processo de empilhamento de lixo-terra-lixo-terra – as pistas tinham “paredes”, que aumentavam de altura conforme a altitude de cada pátio do lixão, isto é, conforme se subia ou descia uma pista.



Fotografias 105, 106 e 107. Pistas do lixão mostram o desnivelamento dos pátios em relação a elas. Feitas por Baiana.

Naquele exato ponto onde estávamos posicionadas na ribanceira, foi quando percebi a seguinte imagem que não pude fotografar mas tento descrever: se via, ao lado da pista que passava alguns “andares” abaixo de nós, pelo menos, quatro camadas de aterramento sobrepostas, mas em diferentes níveis de altura e recuo em relação à pista. As camadas mais baixas e antigas beiravam mais a pista, enquanto as mais altas e recentes recuavam um pouco da mesma, como se fossem as escadas de uma pirâmide, com camadas aterradas em épocas diferentes. Contando com o nível em que eu a catadora estávamos de pé, e com o andar logo

acima – que correspondia à área anteriormente ocupada pelo Maciço e da Lixeira Seca – havia então cinco “desníveis” de aterramento.

Em suma, tratava-se uma paisagem que demonstrou a mim o processo de aterramento ao longo do tempo – mas um processo que se dá não só pelo tempo macro, mas também pelo micro, todo dia. De forma que, diariamente, há despejo de resíduos, aplainados pelo trabalho de máquinas específicas, e cobertura com terra trazida de fora do aterro. E todo dia há o trabalho dos catadores sobre as camadas dessa superfície, dividida com caminhões governamentais e privados, com cooperativas, compradores fixos e ocasionais, e animais.

5.6. Regimes de valor das mercadorias

Em geral, a “embalagem in natura” é considerada como o substrato e referência de valor econômico para os catadores; trata-se de um critério que enfatiza aquilo que está “na superfície” (PAZ, 2012).

Conforme o restante da cadeia de recicláveis demanda matérias-primas específicas, os preços variam no mercado da reciclagem, que trata os resíduos sólidos como commodities. Em certo sentido, não existem objetos descartados como “lixo” que tenham um valor econômico absoluto, isto é, que sejam sempre “recicláveis” ou “jamais recicláveis”. Antes de frequentar o lixão, por exemplo, li diversas vezes em artigos da internet que materiais como “latas de tinta”, “caixas tetrapack” não são recicláveis. No lixão, no entanto, presenciei bags cheios dessas latas, e na cooperativa CRV (Central de Reciclagem do Varjão), que também passei a frequentar durante a pesquisa, havia comprador de TetraPack.

Além disso, o “estado de conservação” da embalagem também costuma ser um dos critérios que influenciam na avaliação econômica do reciclável comercializado. Para manobrar as exigências feitas pelos atravessadores (de acúmulo em grande escala, e de conservação e limpeza dos recicláveis), os catadores desenvolveram estratégias particulares: a utilização de “pontos” e a lavagem de plásticos e papéis, em tonéis improvisados – as quais serão comentadas doravante.

Antes, devem-se pontuar as “métricas” de pagamento as quais os catadores estão sujeitos. Primeiro, é importante perceber que a maioria dos recicláveis do lixão são vendidos “por bags”. Isto é, que há certos materiais que são comprados somente por bag preenchido – que pode variar de tamanho, havendo um preço para bags “pequenos”, “médios” e “grandes”. Em geral, o preço dos bags variava entre 20, 25 e 30 reais cada. Há ainda a possibilidade de pagamento por quilo – havendo, assim, a possibilidade de alguns materiais serem vendidos

também fora dos bags, em porções menores. Como me disse a Celma, “se vende por bag e vende por quilo também”. A “revista branca”, por exemplo, podia ser vendida por quilo ou por bag: “sai a 30 centavos o quilo”, já “o bag vareia”; enquanto isso o plástico PET custava mais do que o dobro: “70 centavos o quilo”, contou-me Zezé, namorado de Celma.

No caso dos catadores do Maciço que revendiam à Plasbrasil, por exemplo, eles não precisavam deslocar-se com seus materiais até a área do comprador – pois são os compradores que seguem os catadores em cada pátio, por assim dizer. Quando o comprador está por perto, basta especificar quantos bags cada catador cativo deixou para a venda; e se o catador responsável não estiver presente, um colega pode avisar ao comprador: “‘o fulano deixou tantos bags’, aí ele [comprador] vai lá” na área do Celso e Mesaque e especifica “isso aqui é do fulano, isso aqui de ciclano” para que o pagamento seja feito depois”, explicou-me Carla. Dessa forma, quando se vende por bag, nem sempre é necessário acompanhar o caminhão que descerá com o material comprado para garantir que o pagamento virá depois; pois “todos os catadores conhecem” o pessoal que dirige os caminhões, segundo ela.

Em março deste ano, quando subi no pátio da Seletiva encontrei o Zezé por volta de meio-dia. Ali me mostrou o pequeno barraco, com menos de 2 metros quadrados, que construiu para abrigar-se enquanto espera por caminhões da coleta seletiva. Dentro, havia sete filhotes de uma cachorra que havia parido recentemente, chegando o Zezé a me oferecer um deles, que tive de recusar. Do lado de fora, havia pilhas de recicláveis específicos – sobre as quais ele trabalhava de pouco em pouco alimentando os bags ali dispostos.



Fotografias 108 e 109. Assim como Zezé, outros catadores levantaram pequenos barracos no pátio da Seletiva, sendo este da foto o único que possuía energia elétrica.

Nesse dia, Zezé já estava terminando o seu turno – pois, segundo contou-me, preferia chegar ali bem cedinho, por volta das 6h30, de segunda a sábado. Mas, como houve uma entrega de marmitas doadas naquele momento, situação em que nos encontramos, criou-se um contexto maior para conversarmos e ele ficou ali mais um pouco. “Tem vez que eu vou [embora] 15h, que o caminhão demora [a chegar], aí fica até 14h esperando. Tem vez que eu

fico até 16h da tarde, quando não tem carro, esperando caminhão vir, né?! Mas tendo caminhão...” seguia esse horário. O horário da coleta seletiva e da convencional é um importante fator a ser levado em conta, pois é considerado decisivo para a qualidade do material que caracterizava cada pátio, pois:

grande parte da coleta é realizada por pequenos empresários ou catadores avulsos que utilizam de seus veículos próprios coletando recicláveis antes da coleta seletiva. Desse modo, a qualidade dos resíduos é melhor quando é realizada mais cedo, evitando que os recicláveis sejam coletados de forma “clandestina” (INESC, 2016: 106).

Antes da abertura do novo Aterro Sanitário, costumava tirar “800 a 900 por semana, aí caiu um pouco, diminuiu os carro”, disse. No novo contexto, com a venda, que ele preferia fazer somente “ao final de semana, eu tiro 500, 600 conto”. Já o arrecadado com latas de alumínio não entrava nessa conta – pois embora as catasse no lixão, levava para acumular em casa, enquanto os outros materiais passavam a semana no pátio da Seletiva mesmo: “minhas latinhas tá ali, [e depois] eu encho bag de latinha lá em casa. Então esse é meu corre”.

Os materiais que Zezé coletava seriam revendidos para a Capital Recicláveis, e naquela situação contou sobre o preço de mais alguns materiais. A revista branca e a seda colorida tinham o mesmo preço: 30 centavos. Já o jornal um pouco mais: 40 centavos. Cada quilo de seda branca, em compensação, saía por 70 centavos. Sendo que o jornal, aparentemente o mais frágil dos papéis, estava protegido por uma lona plástica, a fim de impedir qualquer outro tipo de dano ao mesmo: “tá tampado, senão eles não paga”, disse. Quanto aos metais, não falou de valores específicos, apenas que o “ferro” era muito mais desvalorizado em relação ao alumínio. A partir das interações com ele e Celma, formulei a tabela abaixo, que organiza os materiais recicláveis do lixão por matéria-prima e preço – e que, embora esteja incompleta, já nos dá ideia do valor irrisório que é pago aos catadores e catadoras do lixão:

Tipo	Subtipo	R\$ / quilo
Plástico	PET	70 centavos
	Mangaba	?
	Seda branca	70 centavos
	Seda colorida	30 centavos
	Óleo	?
Papel	Jornal	40 centavos
	Revista branca	30 centavos
	Papelão	?

Tabela 13. Elaborada por mim, indica os principais tipos de matérias-primas e os valores pagos a Zezé pelo quilo de cada um, em março de 2017. Não soube dos preços do papelão, da mangaba e do óleo e de nenhum tipo de “metal”, embora sejam categorias usadas no dia-a-dia dele, motivo pelo qual foram incluídos.

Para fazer a correta separação dos materiais recicláveis em casa, contudo, não é necessário aprofundar-se nessas categorias acima, basta separar o “seco” do “molhado” e o restante os catadores fazem. Isso já seria mais do que suficiente para contribuir com os catadores, mesmo que o destino final dos resíduos continue sendo o lixão – e não as cooperativas de fora dele, como seria a utopia do Governo:

- Carla: aquela pessoa [gari] não vai vir e fechar o saco [deixado por você]? E [o saco] não vai vim pro Lixão? A pessoa que abrir vai ver que só tem só *seda*...
- Rebecca: Ai já economiza tempo, ne
- Carla: Já economiza tempo, vai lá e carrega. Papel? Se ela abrir o saco do seu papel, vai ver que só tem papel branco e carrega o saco inteiro.
- Rebecca: Entendi. Mas você acha que essa separação também faz diferença pros catadores que não estão no lixão, os que ficam na rua?
- Carla: Também, nossa, também! Porque tem aquele pessoal carregando aquelas carroças, puxando, eles catam também, então quando eles abrem e é latinha eles jogam dentro daquela carroça...

Lavagem de plástico e papelão

Diante dos baixos preços auferidos, os catadores do lixão desenvolvem estratégias para aumentar a escala dos monturos acumulados, e para atingirem aos critérios de “pureza” exigido pelos compradores.

Perto dos materiais de Zezé, e em outros pontos da Seletiva, se via alguns tonéis de água que eram usados coletivamente. Se não me engano, um dos que fotografei era um tonel amarelo de óleo, e o outro um recipiente branco que parecia de agrotóxico. Diversas vezes ouvi que molhar o papelão era uma prática considerada “ilegal” pelos compradores – e, ainda assim, era usada desenfreadamente pelos catadores para aumentar o volume dos papelões e das sedas: “mas tem que molhar mesmo, pra ficar maneirinho, entende? É pra pesar mais, pra dar mais peso”, falou ele. E Baiana, alguns meses antes, já tinha me dito também: “é latão de água pra jogar no papelão! Tem que molhar o papelão que é pra ele pesar mais pra poder “imprensar””.



Fotografias 110, 111, 112 e 113. Lavagem de papelão.

Zezé e outros catadores me explicaram que, de qualquer jeito, esforçando-se ou não para atender os critérios de venda, os compradores sempre descontavam alguma porcentagem do valor que deveria ser pago aos catadores pelo papelão catado.

- Rebecca: Mas eles não vão descontar?
- Zezé: De todo jeito. Se não molhar, eles vai dar desconto do mesmo jeito – é o “lixo” [misturado ao material] e tal, aquela coisa, a umidade...
- Rebecca: Aaaah, eles descontam também porque tá com outras coisas misturadas...
- Zezé: Isso, isso.

Sendo assim, embora a lavagem fosse “proibida” e, em tese, dificultasse a venda do papelão, na prática acontecia o contrário. Pois sempre haveria um motivo para descontar do monturo vendido o preço anunciado inicialmente – poderia ser em razão de uma lavagem proposital (mais para aumentar o volume do que para limpar), ou de uma chuva acidental, e ainda do grau de “impurezas” encontradas juntas ao material. Pergunto a ele: “Mas não dificulta pra vender não? Se o povo souber que vende assim, que molha? Eles compram mesmo assim?”, e ele explica que, de qualquer forma, não lhes pagarão o valor cheio, fazendo descontos progressivos conforme o material colhido não atenda aos critérios:

- Zezé: Aquele é meu papelão. Tem uns 600 quilos aí. Não dificulta, porque compram, paga, e aí dá um desconto de 5% a 10%, por causa do lixo e a umidade, né?! Eles dá desconto. Na chuva, se manda papel molhado, eles dá desconto de 20, 30%, se tiver muito molhado.
- Rebecca: Como assim dá desconto? É um pagamento mais barato?

- Zezé: Por exemplo, deu 1.500 quilos, aí tira 30% de 1.500. Vai tirar uns 200 quilos, não vai?! 300 e poucos quilos..
- Rebecca: Ah, então vai pagar 1.300 quilos só em vez de 1.500
- Zezé: Isso. Por exemplo, a seda é 5% a 10% [descontada]. Aquilo ali, as vezes dá um desconto quando tá molhado – mas eles estão tudo seco. Se não tem água, [a gente] trás o caminhão-pipa pra molhar pra mandar.

Ele não entrou em detalhes, mas acredito que o caminhão pipa a que ele se referiu seja o mesmo que já trafega pelo lixão para amenizar a poeira e compactar o aterro do solo, o qual ele deve solicitar que molhe os materiais. De qualquer forma, além dessa lavagem que contribui para a limpeza e o aumento de peso, a queima de cobre também consistiria em outra prática de “purificação” do resíduo, isto é, de beneficiamento.



Fotografias 114 e 115. A da esquerda, feita por Baiana, possui uma forte fumaça preta indicando a queima de cobre ao fundo. A da direita, feita na minha primeira ida ao lixão, indica quando sentíamos a fumaça de uma fogueira longínqua de nós sendo trazida com o vento; de tão forte era a sensação da fumaça empoeirada entrando pelas nossas narinas, que era impossível não tampar as narinas.

Embora a expressão “queima de cobre” sugira que os catadores buscam um subproduto do cobre queimado, na realidade, eles ateam fogo somente quando o cobre vem envolto em algum plástico, que é justamente o que visam destruir com a queima. Trata-se de mais uma forma de “beneficiamento” dos materiais recicláveis que está ao alcance de todos os catadores fazer.

Um risco relacionado à queima de cobre é a inalação de poeira e fumaças tóxicas. Catadores inalam fumaças tóxicas no seu dia-a-dia em situações variadas, que vão muito além do desconforto e enjoos passageiros ativados pelo mau cheiro que o lixo em decomposição gera.

Pensando nessa sinestesia de sensações que as substâncias suspensas na atmosfera geram, invadindo nossa via respiratória, recordei também da poeira, que costuma ficar dispersa pelo ar, e dos caminhões pipas que existem para acalma-la. A atuação deles, que é

frequente, é mais intensa quando a poeira está muito alta, deixando nebulosa a visibilidade dos catadores e operadores de máquinas e caminhões. As vezes, chega ao ponto de impedir até mesmo o tráfego das gentes e das máquinas, contou-me uma amiga de Baiana.



Fotografias 116 e 117. Caminhões-pipa. Feitas por Baiana.

Quanto à queima do cobre, que pode ocorrer em qualquer um dos pátios onde ele seja encontrado, a fumaça preta que ela levanta também invade os pulmões enquanto chamusca. Carla explicou-me algo sobre o trato dado ao cobre no meu primeiro dia de lixão:

- Rebecca: Não é sempre que cai cobre, ne? Mas quando aparece, o pessoal já queima na hora?!
- Carla: Cai e eles juntam bastante. Aí quando tem muito eles pegam, queimam e limpam, ensacam e já levam pra vender. Porque se você vender [direto] é menos dinheiro, e se vender mais limpo é mais valorizado.
- Rebecca: Entendi... Mas o cobre é uma coisa que também vai nos bags? Tudo vai num bag?
- Carla: Sim, mas separado em um [bag] dele mesmo. Ce não viu? Que nem o do papelão, do plástico, da seda...
- Rebecca: Sim, mas eu fiquei imaginando se tem algum material que não vai nos bags... A gente viu um monte de portas lá, madeiras... São transportados direto em caminhão...
- Carla: Uhum

E o gás metano, que é inflamável e é liberado “naturalmente” pela composição dos rejeitos, forma bolsões de gás no subsolo, ocasionando o risco de explosões, se entrar em contato com o oxigênio. Existem as manilhas sendo instaladas para lidar com o gás liberado ao ar; mas não há controle sobre a sua inalação – que pode gerar “asfixia, inconsciência, parada cardíaca e danos ao sistema nervoso central”⁴⁰.

Outros lixos tóxicos também atingem o sistema respiratório dos catadores, como as baterias de carro e celular. O catador Pedro Abreu, com 64 anos e 29 deles trabalhando no

⁴⁰ “Lixão, um problema de todos nós”: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/lixao-um-problema-de-todos-nos>

lixão, falou ao Correio Braziliense: “Uma vez, o governo falou que as pessoas com mais de 50 anos que trabalhavam aqui dentro estavam praticamente doentes. É a evaporação de tudo quanto é bateria, de tudo que lança chumbo na atmosfera. Nós sofremos disso aqui”, lamentou.

“Pontos”

Embora haja lixo aterrado por toda a área do lixão, não há lixo “esparramado” por todo canto – justamente porque há “máquinas pesadas” que trabalham em porções específicas de cada pátio, comprimindo o lixo que é derramado pelos caminhões. Percebendo esse fluxo entre máquinas pesadas e caminhões, aquelas no rastro desses, é possível perceber que não só o lixão se divide em “lixeiras”, e elas em “pátios”, mas que também os próprios pátios possuem uma lógica interna, que distribui e organiza o trabalho espacialmente em subáreas.

Em verdade, cada pátio é subdividido ainda algumas vezes, conforme haja ou não a ação de máquinas pesadas e caminhões despejando resíduos. Embora todo pátio corresponda a lixo aterrado com camadas de terra sobrepostas sucessivamente, a cada vez que os pátios do lixão trocam de lugar, dentro de cada novo pátio formado fica determinada uma área em que ocorrerá o despejo de resíduos – e que, por isso, requer o trabalho das máquinas pesadas para comprimir o rejeito que os caminhões e catadores deixarem. Ao mesmo tempo, determina-se também uma área onde o despejo não ocorrerá.

A área de despejo da Lixeira Molhada corresponde a lixo fofo, enquanto na Lixeira Seca, devido à qualidade de seus resíduos, oriundos da construção civil, há mais “pedaços gigantes” de resíduos do que uma maçaroca feita deles.

Já a outra área, onde não ocorre despejo de caminhão, corresponderia ao estacionamento de carros particulares, aos “pontos” de acúmulo de recicláveis, e a uma menos movimentada e mais livre área para a circulação. Se o lixo que for separado por um catador permanecer na “área de despejo”, pode ser que outro catador “vem e pega ou então o trator vai e empurra, então você tem que tirar do caminho”, contou-me uma amiga de Baiana. Nesse ponto da conversa, ela falou com suas próprias palavras a percepção que tinha da organização interna de um pátio, chegando aos “pontos” no final da explanação; que, conforme entendi, trata-se da menor porção de apropriação do território do lixão que pode ser feita pelos catadores.

Uma vez que os recicláveis são coletados, os catadores podem guarda-los em sacolas provisórias amarradas à cintura, ou arriscar fazer um pequeno monturo antes que o trator passe na área de despejo. De qualquer forma, uma vez que “você pegou, aí já vai pro outro lado assim”, é necessário ser rápido. Aí “a fila [de despejo] tem dois lados. Tem a fila [de despejo] aqui [no meio], aí tem na esquerda e na direita, aí o trator [passa no meio]”. Disso entendi que em cada pátio há uma área para despejo de resíduos, e o que resta, que corresponde ao seu contorno (ou suas “laterais”, direita e esquerda, na explicação da catadora) há uma área de solo aterrado que é mais firme, com resíduos menos espalhados – pois nessas áreas eles já estão mais concentrados nos bags ou em pequenos monturos, que os catadores revenderão aos atravessadores ou a suas cooperativas.

Enquanto nessa área de despejo os rejeitos e resíduos estão misturados na sua maior parte – principalmente no Maciço, onde é despejado o lixo da “coleta convencional” do governo –, na outra área existem os “pontos”, que são espaços criados de forma improvisada, que convivem com carros estacionados nas suas adjacências, e as vezes vendedores, barracos de sombra a própria presença de catadores esperando por certo trânsito de caminhões.

Pode-se dizer que a área de despejo do pátio é a parte mais “coletiva”, enquanto a parte do acúmulo e da comercialização já conta com mais apropriações territoriais (pequenas e temporárias “propriedades privadas”, por assim dizer) dos catadores e dos comerciantes – os primeiros criam seus pontos de acúmulo, e os segundos estacionam seus caminhões, onde empilham os bags comprados. Pergunto à catadora de que “filas” ela falava:

- Rebecca: Fila de que? De coisas das pessoas?
- Ela: É, coisas das pessoas juntar e botar.
- Rebecca: As pessoas juntam de um lado e do outro, e o caminhão passa no meio?
- Ela: Isso, isso. Vamo supor, aqui é a Baiana, ela vai botar pra ela aqui; e aqui sou eu, vou botar pra mim aqui, e tem os montinhos tudinho.

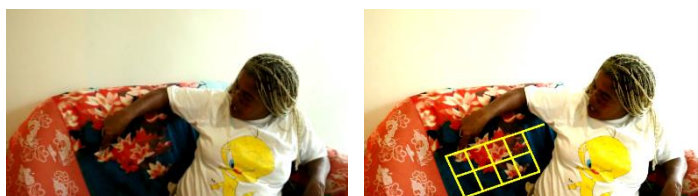
Escutando o seu relato, que foi feito em 22 de junho deste ano, lembrei da entrevista que fiz com Baiana em 20 de fevereiro, o qual mencionei para essa moça:

- Rebecca: Uma vez a Baiana estava me explicando sobre os “pontos”... Será que isso de que você está falando como as fileiras laterais estariam os “pontos” de coleta de cada catador?
- Ela: Sim!
- Rebecca: Então, em todos os pátios, cada um faz seu ponto?
- Ela: Sim! Mas de vez em quando tem um espertinho, ladrão mesmo, que vai lá e...
- Rebecca: No Maciço também dá pra fazer pontos assim?
- Ela: Dá!
- Rebecca: Pergunto porque parece que lá é tão mais movimentado...

- Ela: Não, dá, dá sim. Só que agora, tem vezes... Quando tem pouco caminhão, eles esperam. Esperam a gente juntar o material todinho, onde a gente botou ali no meio [de despejo, até levar para as laetrias], tudinho. Agora quanto tem muito caminhão, eles tem que empurrar logo.
- Rebecca: Então tem gente que perde o que juntou, né
- Ela: Sim. As vezes, a gente coloca uma blusa branca, um papel branco, com um pau enfiado assim
- Rebecca: Tipo bandeirinha?
- Ela: Isso, aí eles vê, e num... Passa beirando ali, ne, pra desviar e não levar o lixo.

Em certo sentido, os “bags” marcam a área do ponto de cada catador, como se o bag e um outro objeto qualquer para dar destaque (como uma “blusa branca com um pau enfiado”) fossem os menores indicadores para definir um ponto. Além dos bags informarem a especialidade de cada catador – uma vez que não se mistura, por exemplo, alumínio e papelão em um mesmo bag – e assim indicarem um tipo de dono, o próprio corpo do bag também limita a área de um ponto. Assim, da mesma forma que cada um é responsável pelos bags que coletou, tem direito e responsabilidades sobre a área ocupada por ele.

Alguns meses antes, Baiana tinha explicado outros detalhes, e tentou ilustrar a distribuição de bags fazendo um desenho no ar: primeiro sobre a palma da mão esquerda, depois sobre o encosto do sofá, em ambos tentando demonstrar um retângulo maior cheio de quadrantes menores, cada um equivalendo a um “ponto”.



Fotografias 118 e 119. Baiana desenha uma grade imaginária sobre o sofá para representar os “pontos” do lixão.

Com a mão esquerda espalmada, usou o dedo indicador da outra para desenhar um gradeado, espécie de quadrantes que haveria sobre o solo do lixão, e explicou assim:

O que se trata é assim: cada qual tem seu ponto de botar seus material, seus bag, cada um tem cada lugar. Por exemplo, é assim: aqui tem um quadro, né; e aqui [de um lado] é uma rua [indicada por uma linha]; aí nessa rua, quando vai colocar [o material coletado lá], nós coloca uma tira de pano assim, outra tira assim, e assim, assim ao redor

Assim, as tiras de pano comporiam as interseções do gradeado, no exemplo dela, e cada quadrado seria um ponto. Da mesma forma que a outra catadora, Baiana também

explicou como se houvesse uma área central, ao redor da qual haveria os pontos (isto é, nas áreas “de um lado” e “de outro” da área de despejo): “

Cada uma tira de pano que tem ali, assim... Por exemplo: como aqui, a rua é dum lado e a rua é do outro. Então lá também é assim, bota uma rua de um lado e de outro [com panos e outros materiais para demarcar], e nós mede o lugar. Cada qual fica com o seu lugar, e bota 10, 20, 30 bag, depende, ou 6, 7 e tudo fica ali, pronto.



Fotografias 120, 121 e 122. Feitas por Baiana, nas duas primeiras as faixas indicam as marcações de um ponto descritas por ela, isto é, as marcações de um ponto feitas com “um pano na estaca”; na terceira, é possível perceber que há uma distância entre o “ponto” dos bags e o caminhão que despeja o lixo.

Perguntei se, necessariamente, tinha de ser um pano ou se utilizavam outros materiais para demarcar a área:

Não, é qualquer outro material – pau, tudo marca lá o material. Às vezes marca o material, e às vezes a gente só marca cada um, por exemplo... Cada umas fitinha dessa aqui, assim, aqui é um ponto seu e aqui meu, da sua vizinha, da amiga, da sua irmã, da sua mãe, do seu pai, do seu tio, de uma colega, do outro colega, e lá vai. Dos colegas e dos amigos. Aqui é uma fileira, e aqui é outra fileira, cada qual tem o seu território.

Ali existe um forte senso de respeito ao “ponto” ocupado por cada trabalhador, porém, todos compreendem que cada “ponto” ocupado no lixão não é propriedade de ninguém por mais de um dia – por isso, é necessário manter certa frequência nas vendas:

- Rebecca: Entendi. Mas por que é importante ter esse tipo de ponto? O pessoal lá não costuma vender todo dia?
- Baiana: Vende, mas tem que ter o ponto pra botar o material.
- Rebecca: Antes de vender?
- Baiana: Éeee.
- Rebecca: Mas tem materiais que vende não todo dia!?!

- Baiana: É, mas primeiro a gente tem que catar – a gente tem que catar de manhã, pra vender de tarde.
- Rebecca: Aaaah ta... Cata em um turno e vende no outro?!
- Baiana: Éeee, e vende de tarde. Se você não vender, fica lá pra você vender no outro dia, mas você tem que vender se não os outros roubam, pega. Não é a gente, não é as pessoa pai de família. Seja mais ou menos a ideia que eu digo assim, que eu vou falar algumas pessoas que não tem consciência.
- Rebecca: Mas que também trabalham la dentro?
- Baiana: Trabalham la dentro.
- Rebecca: Então tem alguns que são espertinhos, mas a maioria respeita.
- Baiana: Respeita sim. Alguns que não respeita já sabe muito bem quem é essas pessoas que não respeita

O respeito recíproco pelos pontos alheios ocorre, porém, até que haja a necessidade dos pátios mudarem de lugar. É como se, a cada mudança de pátio, os “pontos” se reajustassem conforme a nova área disponível para ser reapropriada por outrem (seja uma nova pessoa, seja um novo grupo).

- Rebecca: Mas aí todo mundo respeita? Os catadores percebem que essa marcação é um ponto?
- Baiana: É, e cada qual respeita sim.
- Rebecca: Entendi. Mas esses pontos podem mudar de um dia pro outro, o lugar do ponto?
- Baiana: Pode. Pode a gente ficar 2 semanas, 3 semanas, e mudar [o pátio] pra outro canto. Aí nós vamo, aí já vai lá, já marca. Aí diz assim: amanhã de tarde já vai pra outra área, aí antes de chegar lá já todo mundo tá sabendo que vai mudar a área, aí nós marca a área também. Quando passar pra cá, nossas áreas já tá marcada.
- Rebecca: Entendi. Mas você falou que *os catadores entre si* eles respeitam o ponto um do outro. Mas você também falou que acontece de um caminhão, um trator, que vai aterrando lixo, ele pode passar por cima de um bag, que tava em cima de um ponto, né?!
- Baiana: Respeita sim... Não. É assim, por exemplo: eu to aqui, e tem aqui... A carreta jogou o lixo aqui, algum material aqui; aí eu pego o meu material, tudo e jogo aqui na frente. Aí quando é na hora de apanhar, todo mundo põe o ombro no saco e vai embora, vai botar cadaqual em seu lugar [i.e., em cada ponto]. Aí quando eu catei e não tive tempo de tirar, eu peço ao tratorista e vou lá e tiro o meu material. Aí como eu to sozinha, aí eu vou tirando, tirando, tirando, tirando. Aí quando eu termino de tirar, aí eu libero e peço a ele pra passar. E se não der, aí eu “mando” empurrar [passar por cima], porque não deu. Entendeu? Aí tira metade, uma parte.
- Rebecca: Então, as vezes, dá pra combinar com o tratorista, e nem sempre dá pra tirar tudo
- Baiana: É, dá pra tirar e as vezes não.

- Rebecca: Entendi. Mas o ponto que cada catador cria lá dentro do Lixão, ele pode ser o mesmo por mais de um dia, mais de uma semana?
- Baiana: Mais de um mês... Depende do dia e da hora que eles mudar.
- Rebecca: Entendi. Mas ele tem que pedir a autorização das pessoas?
- Baiana: Não, ninguém tem que pedir nada de autorização não. Chegou lá, por exemplo, tá lá a área lá, só é marcar.
- Rebecca: E se alguém não obedecer essa área?
- Baiana: Não, todo mundo obedece, cada qual obedece. Se as vezes você cair doente e não for – você marcou aí caiu doente, sua área fica lá. Aí se por acaso eu chegar lá e pegar sua área, quando você chegar, a minha eu também marquei, e quando você chegar eu entrego sua área e vou pra minha.
- Rebecca: Aaaah entendi... Então existe esse senso de respeito...
- Baiana: Agora só se, por acaso, a pessoa morrer, ne?! Ta entendendo?!
- Rebecca: Sim. Aí se não morrer...
- Baiana: Eu tenho uma área lá que eu cerquei agora, eu marquei. Mas só porque eu não fui trabalhar a tempo, mas eu passo lá, minha área tá lá e ninguém nunca invadiu. E, se por acaso tiver alguém lá, aí eu falo assim *Isso aqui é meu*, aí ele diz *É seu?*, eu digo *É!*, aí ele vai dizer assim *Então pronto, tudo bem, eu vou tirar minhas coisas daqui*. E eu digo *Não, marque outra área pra mim e fica aí que eu fico cá*. Se for de junto, nós fica sendo vizinho do mesmo jeito.

Com todas as demarcações feitas sobre o terreno do Lixão, no dia a dia, é como se em cada pátio de coleta (seja da Lixeira Molhada ou da Seca), os catadores transitassem entre dois tipos de áreas. Uma área é mais dinâmica, equivalente ao rastro dos caminhões cucas ou das carretas, nos quais os catadores utilizam embalagens de armazenamento menores que os bags, mais correspondente a um volume e peso que podem carregar de forma agilizada, enquanto driblam o movimento das máquinas, com um senso de solidariedade enorme entre si. Enquanto estão coletando o que o trator ainda não aterrou, utilizam sacolas menores, e só depois remanejam o material para os bags na área dos “pontos”, onde acumulam maior quantidade de recicláveis. Na área de despejo dos caminhões, além de cuidar de si, é necessário cuidar um dos outros e do material de todos, puxando quando necessário, seja pelo braço, seja pelo laço.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a abertura do Aterro de Samambaia, passei a escutar cada vez mais catadores do lixão destacarem a diminuição de resíduos no vazadouro como um todo. Em vários eventos a que fui perguntavam-se “cadê o lixo de Brasília?”.

No pátio da Seletiva, essa diminuição parecia expressar de forma mais evidente a inconsistência do programa governamental de coleta seletiva no DF, conforme demonstra o relato de Lúcia Fernandes, presidente da cooperativa Coorace, uma das seis do lixão, em uma audiência pública a que fui 02 de fevereiro de 2017:

Bom dia, gente. Mais uma vez nós estamos aqui na Câmara Legislativa, e, realmente, como sempre das outras vezes, a gente vem pedir socorro para os deputados da CL, porque, infelizmente, a gente não tem mais para quem recorrer. É muito bonito dizer que está tudo bem com catador, sendo que, na verdade, catador que está dentro do lixão, hoje, já está passando necessidade. O catador já está passando fome, gente! Há dois meses atrás, da renda que o catador tirava não está mais tirando a metade que tirava. E isso só com 30% dos resíduos que tão sendo retirados do lixão hoje! Agora vocês parem pra pensar: em quando começar a tirar 50%, gente? (...) daqui mais um ou dois meses o catador vai pra rua pedir esmola, porque não estamos tendo nada mais. Da coleta seletiva a gente recebia de 2 a 3 caminhões coletores por dia; e agora tem cooperativa que fica 2 a 3 dias sem receber um coletor, gente! Aí as vezes tem coletor que trabalha um dia, chega 6h da manhã e sai 19h da noite sem trabalhar; e os catadores da noite trabalham mas ficam 2, 3 dias sem trabalhar. Então em que nós estamos sendo incluídos? Em que realmente o catador do lixão está sendo ouvido? Nós não temos voz, infelizmente.

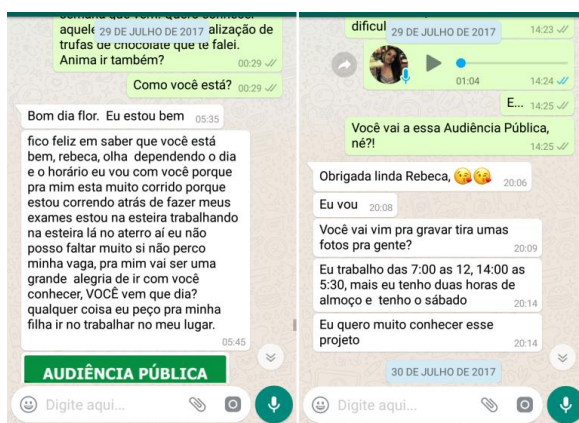
Considerando o desabafo dela, pensa-se na questão da mobilidade de trabalho nas áreas do lixão, e que ela pode se relacionar não só a uma vontade individualmente motivada, um querer particular. Relaciona-se, ao que tudo indica, também a diminuição compulsória dos resíduos do lixão – particularmente aqueles oriundos da coleta seletiva, cada vez menos entregues às cooperativas dali, apesar de serem elas registradas pelo Governo para a recepção e triagem dos RSU. Os catadores cooperados, assim, se veem à mercê de uma decisão que lhes é alheia e afeta compulsoriamente o rendimento familiar, o que lhes obriga assim a “variar” (ou “aumentar”) a cartela de pátios em que cada trabalha.

No caso de uma das amigas de Baiana citada recorrentemente nesta monografia, quando a conheci em março de 2017, ela me disse trabalhar no pátio da construção civil, na Lixeira Seca. No entanto, no dia em que fomos juntas a uma audiência pública em junho, pela manhã, e à tarde ao aterro, disse estar trabalhando no Maciço, da Lixeira Molhada, de dia. Foi

naquela audiência, quando ela lançou uma pergunta à Heliana Kátia – preocupada com os catadores que ficaram incapacitados de trabalhar devido aos riscos do aterro – que percebi que essa variação de áreas já se constituía como uma estratégia de sobrevivência dos catadores à redução de matéria-prima de trabalho:

A outra [pergunta] é sobre os catadores que estão acamados, doente – já foi constatado mesmo no aterro da Estrutural catadores que estão doentes mesmo, acamados, com problemas seríssimos de saúde, pé com infecção, pessoas que não podem ir mesmo lá; pessoas que tem a carteira, pagam a associação ou cooperativa e tudo, vão por um bom tempo mas não suportam mais, o corpo tá pedindo socorro e os médicos já constataram que não pode trabalhar. Tem nomes, mas não vou citar aqui. (...) E como vai ficar? Quais são os direitos dessas pessoas, que estavam lá trabalhando realmente, e estão doentes? (...) O que fazer, como ajudar essas pessoas? Porque tem mãe e pai de família que não pode, e tão sofrendo com essa bactéria do aterro, que eu sei... Que [hoje] eu trabalho lá em cima, e é na Lixeira Molhada, gente. É horrível! Você abre uma sacola cheia de comida, e vai na hora o cheiro no seu rosto, fora as outras bactérias. É lixo hospitalar, eu também já filmei lá, e continua indo.

Conversando comigo depois da audiência, teceu mais comentários sobre o período em que estava na Molhada, à noite. Começou nela de dia, mas já preferia o período noturno. Nessa fase, seus tímpanos estourados doíam debaixo do sereno, naquele enorme descampado, com o corpo molhado de chorume. Em julho, somente um mês depois, através de troca de mensagens no Whatzapp, ela me contou que estava trabalhando em uma terceira área – na esteira da Plasbrasil, na área das “cooperativas mistas”. Na esteira, seu turno começava as 7h da manhã e terminava apenas as 17h30 – no total, com 8h30 de trabalho e 2h de almoço; o que lhe conferia uma rotina bastante corrida, já que ali a jornada era fixa e limitada por outrem, e não pelo seu livre-arbitrio; e se faltasse muito, “perco minha vaga”, disse.



Figuras 36 e 37. Print-screen das mensagens com uma catadora amiga de Baiana.

Durante entrevistas realizadas pelo INESC com catadores do lixão, as condições de trabalho no pátio da Coleta Seletiva foram comparadas às do restante dos pátios que compõem o Maciço (isto é, Cucas e Carretas). A maioria respondeu que preferia trabalhar na Seletiva, devido à segurança que sentem em relação a menor quantidade de carretas pesadas transitando (o que proporciona um trânsito mais ameno, com menos “máquinas pesadas” como tratores e carregadeiras); assim, na Seletiva haveria mais carretas de pequeno e médio porte: “lá [no Maciço] é mais complicado. Aqui é um lixo, mas um lixo mais limpo. Lá vem mais misturado mas vem mais material”, disse um deles a um entrevistador do INESC.

Também percebi, durante minha pesquisa, que o Maciço e a Lixeira Seca eram ambientes muito mais competitivos, em relação à Coleta Seletiva, devido a maior quantidade de pessoas. No dia em que fui à área da Plasbrasil e conversei com Denise, saindo de lá Carla me falou:

Olha só: aqui [no Mesaque] você tá vendo alguns; subindo ali pra cima [na Coleta Seletiva], tem mais gente. E a gente vai lá pro lixão [Maciço] agora, e ce vai ver um tanto de gente! E na hora do almoço é melhor ainda que é o pessoal parado: você vai ver carros estacionando e as pessoas correndo atrás da coisa, entendeu?!

Apesar da preferência relativa à Seletiva, afirmaram à instituição de pesquisa que a “renda obtida na área da coleta seletiva é bem menor do que no maciço, parte superior e frente de aterramento de grandes cargas de lixo do Distrito Federal” (INESC, 2016: 113). Sendo assim, embora houvesse um pátio específico para o descarregamento de resíduos domiciliares oriundos da coleta seletiva distrital, materiais recicláveis são encontrados nos despejos de quaisquer pátios, nas duas lixeiras.

Com isso, mesmo que os caminhões da coleta seletiva não se destinem ao Maciço pois já tem o pátio da Seletiva onde descarregar, os resíduos sólidos que chegam ali são de péssima qualidade. Por isso, o Maciço pode ser considerado a área com mais materiais recicláveis porque “apresenta o maior número de material oriundo da coleta convencional” (INESC, 2016: 113), uma “coleta” da qual faz parte uma enorme quantidade de materiais recicláveis misturados aos rejeitos orgânicos domiciliares.

Durante a audiência de fevereiro, Moisés, antigo presidente da Plasferro, uma das cooperativas do lixão, fez coro com Lúcia à respeito da fragilidade do pátio da Seletiva:

Coleta seletiva, como a Lúcia falou e frisou muito bem, nós não temos. E nós estamos falando de pais e mães de família que já estão passando necessidade. Nós não temos 2 meses, nem 1 mês que o novo lixão [aterro sanitário] foi aberto e já temos pais e mães de família que estão passando necessidade. E mais tarde, que nem a Lúcia falou, nós vamos ter que, infelizmente,

dividir os sinais com os demais que já estão aí pedindo esmola. Porque, infelizmente, eu só de Brasília tenho 17 anos, e se você me perguntar quantos dias eu trabalhei fichado, eu te mostro minha carteira: não trabalhei nenhum dia, a não ser trabalhar com material reciclável. Então assim, é excluir um setor pra jogar pro meio de uma sociedade que, infelizmente, nós não temos tendo emprego: nem pra pedreiro, nem pra ajudante, nem pra motorista, nem pra seu ninguém! Infelizmente, todos estão no mesmo barco. E essa é a minha indignação!

Conforme o ex-presidente da Rede Centcoop, Ronei Alves, que estava na mesma audiência, muitas vezes o GDF afirma que ao lixão da Estrutural chegam somente rejeitos. No entanto, de acordo com a foto do que ele apresentou em slide à plenária, “o que tá saindo desse caminhão aí [do lixão] é material reciclável, o que tá saindo desses bags são materiais recicláveis retirados do Lixão da Estrutural”.

Na mesma apresentação, Ronei mencionou um relatório do SLU de 2015, “que aponta que no ano passado eles recolhera 2.659 toneladas dias⁴¹. A partir dessa informação sobre o lixão, Ronei compara esse número com outros dados fornecidos pelo marketing do Governo acerca do novo aterro sanitário:

disseram que [o aterro sanitário] ia começar com 10 toneladas, mas ele está começando com 30% dos resíduos de Brasília, que são 900 toneladas/dia, dias para ser enterrado. Sabe qual a proposta do governo? Próximo slide. Ano que vem, enterrar 2.700 toneladas de resíduo doméstico no Aterro Sanitário. Isso daí é da propaganda do governo, tirei da propaganda do governo.⁴²

Considerando a média de 2.659 toneladas recolhidas por dia pelo SLU, no ano passado, e a promessa de aterrar 2.700 toneladas no aterro sanitário, Ronei conclui:

Então isso quer dizer o seguinte: *t-o-d-o* resíduo do DF não irá passar por coleta seletiva, todo resíduo do DF será enterrado no Aterro de Samambaia, fazendo com que esse aterro não dure sequer 5 ou 6 anos. Fazendo com que agora enterre nos aterros privados, porque agora é um bom negócio você ter o seu próprio aterro sanitário no Goiás. Esse é o relatório do SLU, está lá para quem quiser ver no site do SLU. (...) Brasília está enterrando resíduos recicláveis no Aterro Sanitário de Samambaia, descumprindo com as políticas Nacional e Distrital de Resíduos Sólidos. (...) Bem, eu separei alguns artigos da PNRS para esclarecer alguns pontos. No art. 6º do inciso VIII está lá (...) Lixo não é pra ser enterrado, lixo é para gerar trabalho e renda! Art. 17º, inciso V (...). N-a-d-a disso está sendo feito, e isso aí tá na lei. Se eu não

⁴¹ Trecho do “Relatório dos Serviços de Limpeza Urbana e Manejo dos Resíduos Sólidos do Distrito Federal – 1º semestre de 2016”, página 38: “Pode-se verificar da análise dos dados apresentados em 2016 que foram coletadas 2.760 toneladas/ dia e aterradas no Aterro Controlado do Jóquei em média 2.659 toneladas/ dia de rejeitos”. Disponível em: < <http://www.youblisher.com/p/1600856-Relatorio-dos-Servicos-de-Limpeza-Urbana-e-Manejo-dos-Residuos-Solidos-do-DF/>> . Acesso em: 25-9-17.

⁴² Números também citados no site de informações G1: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/catadores-do-lixao-da-estrutural-no-df-temem-desemprego-com-novo-aterro.ghtml>

cumprir a lei eu vou preso; e o que acontece com o governo se ele não cumprir a lei? N-a-d-a. (...) Depois eu passo os vídeos para quem quiser ver. Não difere em nada o que o SLU chama de “coleta seletiva” daquilo que ele diz que é “rejeito” daquilo que ta sendo enterrado no Aterro Sanitário de Samambaia. (...) Nós vamos deixar de ter o maior lixão da América Latina para ter os dois maiores, nos próximos anos!

Aline Souza, atual presidente da Centcoop, também destacou a redução abrupta de caminhões do lixão, justificada pelo Governo com a abertura do aterro sanitário:

uma das nossas reivindicações que não foram atendidas dentro do CIISC do DF foi que não retirassem todas as carretas lá do lixão sem que antes passasse pelo tratamento das famílias dos catadores que estavam no Lixão, e isso foi negado. (...) eu gostaria de colocar essa preocupação nossa hoje de um acordo que foi feito que ia tirar uma porcentagem pequena das carretas, e as que tirasse ia ser de forma gradativa, mas logo de lapada cortaram 30% de materiais dos catadores, que estão passando necessidade hoje, correndo, brigando entre eles pra conseguir uma bolsa de \$ 300,00 que nem é garantida a eles (...) eu gostaria de colocar que a Câmara fiscalizasse bem essa questão das carretas que foram cortadas sem atenção ou preocupação com a renda dos catadores do Lixão.

Outro pátio, referido como “área de recebimento de resíduos da construção civil”, é considerado um dos mais movimentados do lixão” (INESC, 2016: 129) – pelo que percebi, o Maciço viria primeiro e a Lixeira Seca, portanto, depois. A cooperativa Plasferro atuava tanto nele quanto na Seletiva, e em ambos os pátios enfrentava o recrudescimento de resíduos no presente, e um futuro amedrontador. Nas palavras de Raquel Rodrigues, a última presidente antes de Mara:

Eu vou começar contando um pouquinho da minha história e vou ser bem breve, como eu conheci a questão da catação, como eu conheci os catadores. Eu cheguei em Brasília, e meu tio trabalhava com a catação, logo meus irmãos também começaram a trabalhar na catação, e a minha mãe, o meu pai e hoje eu. Hoje estou estudando, estou fazendo faculdade para auxiliar mais na frente também, porque é importante o estudo. (...) Dá até medo da gente se posicionar diante do governo, porque a cada vez que a gente vem pedir algo, eles retiram algo de nós. A nossa coleta seletiva aqui, como a Lúcia expressou e explicou, a cada dia vem menos – tem 60 catadores que as vezes passam 2, 3 dias parados olhando pro tempo esperando vir 1 coletor pra uma cooperativa, em uma área onde tem 6 cooperativas trabalhando. Então a gente fica pensando: “poxa, o governo disse que tem um compromisso com os catadores. E cadê esse compromisso?”. Não foi todo bonitinho na propaganda de governo dizer “meu amigo catador”? Que amigo é esse, que cada dia tira um pouquinho mais de nós!? Eu trabalho na cooperativa Plasferro, a gente atua na Lixeira Seca, e a gente não sabe o que vai ser feito com os catadores dali, porque não tem nenhum plano dizendo “os catadores da Lixeira Seca, que trabalham com

um material que é resíduo da construção civil, vão atuar no ATTR [área de transbordo]”. Tiiiinha um diálogo se pensando sim num ATTR para arranjo produtivo e local da cidade Estrutural, mas se perde no caminho. A gente tenta construir e as coisas se perdem no caminho, infelizmente. A gente tem que ver qual é a prioridade do governo, porque não adianta ele dizer que está fazendo. A gente sabe exatamente o que tá sendo feito: nossos direitos estão sendo todos os dias retirados de nós. Direito não é uma coisa pra ser implorado não, direito é uma coisa que é garantida por lei! Nós lutamos para a aprovação do PNRS, eu fui uma das delegadas, e estava lá brigando para que? Pra incluir catador! A gente tem o Plano bonitinho, mas na prática não acontece, é só um monte de papel pra gente guardar de lembrança de uma esperança que a gente tinha e que a cada dia é retirada de nós. É só isso que tenho pra falar.



Fotografia 123. Visão do Pátio da Construção Civil, a partir de pista próxima a ela.



Fotografia 124. Lixeira Molhada e Lixeira Seca: pátio das Carretas de um lado, e dos poliguindastes de outro.

Aline Souza também externou sua preocupação específica com os catadores que trabalham na Lixeira Seca. Na sua opinião, o governo tem apontado a inviabilidade econômica como a principal razão para não criarem uma “área de transbordo” ali, de caráter transitório como sugerem os catadores, dentro do lixão. No entanto, Aline esbraveja que o valor do contrato do GDF com o novo aterro sanitário certamente é estratosféricamente maior do que o que seria gasto com uma área de transbordo:

Hoje também eu gostaria de deixar todos cientes de que, com todo o nosso posicionamento com o CIISC, de que não retirasse essas carretas sem tratamento, de que fizesse uma área de transbordo para garantir renda, ao ser negado, colocou-se a questão da inviabilidade da... Da segurança e do alto valor de custo que seria pra se fazer isso até saírem os galpões. Porém, eu pergunto à mesa, se sabem o valor do contrato que o GDF fez hoje com o novo Aterro Sanitário!? Se pagar pra aterrar a quantidade de carretas que estão sendo direcionadas direto pra lá [ao lixão] pra ser aterrada, se está sendo mais caro pra aterrar ou pra tratar [com catadores]?! Porque, segundo o SLU, se gastaria com [tratamento dos resíduos, nessa] área de transbordo 2 milhões de reais, e eu acredito que 2 milhões de reais não chega nem perto do valor do contrato com o Aterro de Samambaia que está aterrando material reciclável. Então eu gostaria de uma fiscalização desse tipo.

Moisés comentou sobre a impossibilidade da Plasferro se beneficiar de uma área de transbordo ou da lei de grandes geradores, diante da competição com grandes empresas, e se queixou: “Eu sou da PLASFERRO, sou da Lixeira Seca. Quando a gente foi pedir pro governo a questão do ATTR, e simplesmente a Dra. Heliana Kátia virou para mim e falou: “se você quiser, você vai concorrer com as demais empresas”. No raciocínio dele, “quando abre uma licitação pra grandes geradores, só vai pegar a empresa que tem licença ambiental” ou alvará de funcionamento; “ou seja: nesse meio processo eles já conseguiram eliminar todas as cooperativas, porque nenhuma tem” nenhum dos dois, de forma que “o material dos grandes geradores que era pra vir pros catadores de fato não vai vir um quilo sequer”. Zilda, técnica “da parte de projetos” da cooperativa Recicle a Vida, de Ceilândia, responde:

O que o Moisés colocou sobre a questão dos grandes geradores e da licença ambiental... Hoje seria impossível quase uma instituição ter licença ambiental - que até 2012, onde o IBRAM cobrava até \$ 900,00 reais pelas taxas – hoje está 18 mil. Então como que uma cooperativa de catador vai pagar \$ 18.000,00 pra licença ambiental?

Na questão de contrato de transportador, não exigem licença ambiental; eles exigem alvará de funcionamento. Aí, Joe Valle, a gente cai na mesma história que a gente vem lutando com você desde a SEDESTMID: não temos regularização. Então, assim, a Recicle a Vida tem um alvará mas a licença ambiental não, e por isso a gente deixou de participar do projeto do Itaú, da Ambev, que são projetos para estar agregando valor, até de capital de giro a gente não consegue. E a questão que eu falei na última reunião que teve, inclusive com a Erica Kokay lá na Estrutural, é o seguinte: é muita burocracia, é muita vaidade entre os órgãos do próprio governo. Então a gente não tá aqui querendo a dependência, igual foi criado culturalmente aqui em Brasília por vários deputados, da dependência imediata de uma cesta básica, de um cheque. Nós queremos a independência dos catadores para que eles possam gerir o seu próprio recurso, e isso só através de regularidade.

Não adianta a gente pular a lei e dizer que a gente vai conseguir um contrato sem alvará de funcionamento, sem a licença ambiental, sem os documentos da instituição em dia que a gente não vai. O governo não contrata quem está irregular, então não vai contratar ninguém em Brasília porque tá todo mundo irregular. Então só enfatizando: o contrato de grandes geradores ele pede alvará de funcionamento e não licença ambiental, que hoje tá um absurdo dentro do GDF para tirar. Nós tivemos licença ambiental durante 5 anos, e quando nós fomos renovar é 18 mil de taxa! Até 2012 deu 900. Então qual é a cooperativa que vai conseguir uma licença ambiental? E a média de avaliação do IBRAM é de 8 anos para te dar um retorno.

Além dessa questão, foi criada uma licença simplificada, e o primeiro item da licença simplificada é: se você tem posse do terreno ou se você tem concessão de uso. Então como que a gente vai ter licença simplificada se ninguém aqui hoje tem regularidade do terreno? E no site do SLU a Recicle a Vida e a Rede Alternativa já conseguiram se cadastrar pra atender os grandes geradores – mas por causa do alvará, e não da licença.

Na visão de Cláudia, presidente da cooperativa Ambiente, ela e as outras cinco cooperativas do lixão estão em desvantagem em relação às opções que são oferecidas, para além da catação no lixão – como por exemplo, no que se refere à inclusão das cooperativas no lixão nos prometidos galpões de triagem. Queixou-se também da falta de diálogo acerca da criação de uma área de transbordo no lixão, e da desvantagem que os catadores do lixão sofrem diante do edital de contratação que existe para o serviço de coleta seletiva solidária no DF:

há um edital de convocação de contratação que, para as cooperativas e associações serem contratadas, tem que ter uma estrutura – não é o nosso caso. Somos 6 cooperativas e associações dentro do Lixão que não podem participar desse edital porque nós não temos estrutura. Então nós estamos fora. Como a nossa companheira Raquel falou, estamos ficando no caminho dos nossos sonhos de sermos contratados. Nos cursos falam um monte que vão ser atendidos os catadores mas nós não vamos poder participar desse edital porque não temos um teto. E sobre a coleta seletiva, que desciam os catadores do Maciço, infelizmente não tem material pra atender esses catadores. Estamos ficando no caminho também, como o Moisés falou, das ATTR. Um sonho que foi criado no governo passado e que criou em nós uma expectativa, uma esperança de sermos diferentes, podermos alcançar aquilo que foi prometido. E ficou no caminho também o nosso serviço prestado, a nossa indenização.

Presente na Audiência, o defensor publico da União Eduardo Queiroz comentou que a impossibilidade da área de transbordo não se deve apenas ao custo financeiro dela, mas sim a uma prática criminosa, que os Ministérios Públicos do DF e de Goiás estão investigando, de redirecionamento dos resíduos da construção civil a aterros sanitários privados:

Quanto a área de transbordo, há um problema sério no DF. Há inclusive notícias de que uma parte dos resíduos coletados estão sendo encaminhados para Planaltina de Goiás e para Cidade Ocidental. Ou seja, tá sendo retirado daqui e despejado nesses aterros privados de outras cidades. Essa questão também está sob investigação do Ministério Público do DF junto com o Ministério Público de Goiás, porque segundo o Goiás, esses dois aterros não tem condições de receber resíduos do DF, além de diminuir a quantidade de resíduos para os catadores daqui.

O Lixão de Brasília e a Cidade Estrutural têm caminhos entrelaçados desde sempre, interdependentes – embora, no início, fossem diferentes. Se no começo do lixão a população local era basicamente constituída de catadores, Santos (2011) e Hoefel (2013) estimaram que, atualmente, esses trabalhadores correspondem a aproximadamente 15% dos moradores da atual Estrutural. Com o tempo, os residentes passaram a agregar outras formas de trabalho variadas, mas a economia da cidade manteve-se “direta e indiretamente dependente da comercialização dos recicláveis realizada por milhares de catadores, que se originaram principalmente da região nordeste do Brasil” (INESC, 2016: 99). Em audiência pública do dia 07 de janeiro de 2017, um comerciante local chamado Alexandre deu um breve e emocionante depoimento alertando sobre o impacto do fechamento sobre a economia local:

A preocupação de nós, comerciantes da cidade, é que a nossa cidade venha a ficar sem recursos, que a nossa cidade venha a ficar numa “questão social” muito grande. Brasília vai sofrer! O governador Rollemberg não está amparando os catadores. Aí eu peço uma ajuda ao nosso procurador Roberto Carlos, que conhece bem a questão ali – que é uma questão social, questão humana e ambiental – que ele venha realmente cumprir a lei, igual tá na questão dos resíduos sólidos, pra fazer o governador cumprir a lei. O governador incluir os catadores, fazer os galpões. E também, nesses 40 anos de tanto lixo jogado na nossa cidade, que o governador venha a separar uma parte dos recursos que foram explorados no Lixão para a nossa cidade Estrutural. Porque a nossa cidade, e todos esses catadores que estão aqui, eles são batalhadores, lutadores, porque eles formaram a nossa cidade, e o respeito que o governador está dando hoje para nossos catadores não é digno. Ele fez a gente caminhar até lá no Palácio do Buriti... Porque se ele tivesse sido digno e um homem de verdade, nós não teríamos saído da Estrutural, juntado com os catadores que são nossos irmãos da cidade com os comerciantes, e as associações que foram, pra bater na porta dele. E depois dessa batida na porta dele, o que é que ele fez? Soltou um vídeo dizendo que tava cumprindo as questões com o lixão, e não estava na verdade! Para os catadores a produção já diminuiu, o comércio já está em baixa. Então a preocupação nossa, comerciantes – e aí eu falo isso porque sou secretário do conselho de segurança, e secretário da associação comercial, e porque sou presidente da associação de micro e pequenos empresários do Setor de Oficinas – é que o governador não está dando amparo a esses catadores! E a nossa cidade vai sofrer. Brasília vai sofrer, deputado!

O presente somente, com seu caráter provisório, não seria suficiente para quem quer entender a Cidade Estrutural nem o Lixão. Especialmente a Estrutural do futuro, aquela que será condicionada a um lixão socioeconomicamente inerte, fechado. O fato de que a maioria dos moradores “têm uma história mais recente na cidade” poderia justificar para alguns a inutilidade de se voltar ao passado – “uma vez que até 1994 a Estrutural tinha apenas 700 pessoas, passando ao número de 35 mil em 2007” (SANTOS, 2014: 5).

Mas a pesquisa documental etnográfica demonstrou que tanto as lutas por moradia quanto aquelas por trabalho, no passado, são ambas fundamentais para se entender a presente luta que vivenciam catadores e não catadores da cidade, isto é, a “luta pelo direito de continuar na Estrutural” depois que o lixão fechar. Um conflito que articula a vida diária das pessoas que residem ao redor do lixão (e frequentemente trabalham nele) às políticas governamentais que vem preconizando o fechamento dele.

No dia 7 de janeiro, fui a uma audiência pública na qual a pesquisadora Caroline Santos esteve presente, na condição de representante do IFB da Estrutural, onde trabalha atualmente. Ali, a mesma enalteceu mais uma vez a necessidade de se conjugar, no mesmo olhar, o futuro ao presente e ao passado:

Essa preocupação que a gente tem com o fechamento do aterro ela não é apenas um processo que se encerra com a criação de um novo aterro. Para a cidade Estrutural, o lixão é uma história, mas é também uma presença permanente nesses próximos anos, porque por mais que o lixão seja fechado na cidade, o que era esse lixão continua lá – emitindo gás, produzindo chorume, vetores, e uma série de problemas ambientais ainda para a cidade; e não só para a cidade, mas para o DF de uma maneira geral. Então existe uma preocupação também com o que vai ser feito daquela área onde foi o lixão, onde ainda é o lixão, mas que vai produzir efeitos ainda por muitos anos para aquela cidade. Então eu trago essa preocupação

Nesse sentido, é necessário que a sociedade brasileira como um todo se engaje na problemática dos catadores do lixão, ainda que a luta seja principalmente desses trabalhadores, as pessoas mais atingidas pelo mau gerenciamento do sistema de limpeza pública do Distrito Federal. É necessário, para Dyarlei Viana, moradora da Estrutural e ex-catadora do lixão que também esteve em uma dessas audiências, que tanto os órgãos governamentais quanto a sociedade brasileira sejam responsabilizados no processo de fechamento do lixão:

Cada cidadão brasileiro, ao encher o seu carrinho de produtos, ele também precisa ter responsabilidade na hora do descarte e praticar a coleta seletiva. Ele também precisa fortalecer, porque, afinal de contas, se nós chegamos até a atualidade, em pleno 2017 e o Lixão ainda

continua funcionando, esses senhores e senhoras aqui presentes prestaram um serviço para Brasília e eles não podem ser abandonados, como se o fechamento do Lixão fosse um problema só deles, esse é um problema *de Brasília*. Não é pedir esmola, não é pedir direitos – porque os direitos estão dados. Lembrando que a maioria das pessoas que hoje catam são homens e mulheres que já foram excluídos, já foram violados por um estado de negação de direitos. São pessoas que não tiveram acesso à educação; pessoas que não chegaram a concluir o ensino médio, que não chegaram ao ensino fundamental. E essas pessoas com muita dignidade encararam o resto da sociedade, que é o lixo, para sobreviverem e dar o pão de cada dia a seus filhos! Quero chamar Brasília e responsabilizar os órgãos envolvidos nesse processo de fechamento, porque o Aterro está pronto, mas os galpões de triagem não tão prontos, e uma campanha de coleta seletiva não está pronta, não está dada, não se vê falar sobre isso, mas você vê falarem sobre tantas outras coisas. Então chamar essas pessoas pra entender: você vive um dia sem produzir lixo? Ninguém vive. Então todos os dias, qualquer cidadão dessa cidade, por mais rico que seja, *precisa* do trabalho de um catador e de uma catadora. Então ele precisa saber o que está acontecendo e precisa ser responsabilizado nisso. Eu boto também a questão da cidade Estrutural, porque quando se fala de fechar a principal fonte de renda da cidade, tem um impacto na economia sim. E isso tem um acréscimo na violência dentro da cidade, e isso já é sentido, já é percebido – moro lá e sei como isso afeta. E também considerar que, se a gente fecha o Lixão e não garante que os catadores e catadoras, que foram eles que fundaram aquela cidade, que resistiram e criaram aquela cidade, se a gente não inclui a gente também tá fazendo um processo de inclusão. Não por acaso, a cidade Estrutural é a cidade mais pobre e mais negra, é cidade com mais mulheres, com mais crianças e adolescentes e ela é violada de todas as formas. Então eu peço um pouco mais de transparência, dignidade e reconhecimento à história de luta desses homens e mulheres que aqui estão nessa casa, entendendo que cada um aqui é parte da solução da política de resíduos sólidos. Muito obrigada.

Apesar de todas as controvérsias jurídicas que o lixão possa representar, mesmo que o seu fechamento ocorra em janeiro de 2018 conforme o GDF vem anunciando, um dos principais problemas é que ele não é uma paisagem fácil de esconder ou ignorar. Enquanto um território considerado “mundo-tempo” (em referência a Tim Ingold), trata-se de uma paisagem que pára no tempo pelo simples fechamento de seus portões, ou por quaisquer outras tentativas do poder público de disciplinar a dinâmica desse espaço.

Território vivo, continuará gerando efeitos no presente e no futuro da população da Estrutural, que é majorada por pessoas que trabalham como catadoras e catadores. Como uma paisagem em permanente reconstrução, continuará oferecendo riscos ambientais e de saúde pública aos moradores da Estrutural. A pesquisa demonstrou que o Lixão, em certo sentido, constitui-se como uma entidade que resiste à qualquer captura administrativa por parte do governo, como fica evidente na própria instabilidade e indefinição que rondam os conceitos

de “lixão” e “aterro controlado” sobre o “Lixão da Estrutural”. Em outras palavras, os catadores demonstraram-se, na sua relação com as cooperativas, os motoristas de caminhões, animais, atravessadores, e outros atores que estão ali o tempo todo, como “modeladores” dessa paisagem, essa “coisa” monstruosa que é o lixão.

Os catadores correm o risco de serem transformados de modeladores de paisagem a “refêns” dela, caso o fechamento do lixão, programado para breve, ocorra nos termos que eles denunciaram nos relatos deste último capítulo.

Embora as propagandas feitas pelo governo quanto ao controle daquele território sejam muito grandes, nota-se a incapacidade do governo de apreendê-lo – suas dinâmicas e as necessidades das pessoas que se fundiram a ele, dia-a-dia – e, na mesma proporção, dificuldade em propor políticas públicas que atendam aos catadores do lixão que moram na Estrutural. O controle que o governo apregoa ter sobre aquele território demonstrou-se ser muito maior em relação a “imagem pública” que quer criar de si, do que em relação aos movimentos que são internos ao lixão e extravasam para a Cidade Estrutural.

9. Referências Bibliográficas

Livros e publicações acadêmicas

- ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco qualitativo**. Sesc São Paulo e CEBRAP. São Paulo, 2016, p. 8 a 22
- BECKER, Howard S. **Outsiders – estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERNARDES, Ricardo Silveira; KOIDE, Sérgio. “**Contaminação do lenço freático sob a área do Aterro do Jockey Club, Distrito Federal**”. X Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas, 1998.
- BOSI, Antônio de Pádua. **A organização capitalista do trabalho “informal” – O caso dos catadores de recicláveis**. RBCS, vol. 23, nº 67, junho/2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989, p. 17 – 58, e 107 – 132.
- CARMO, Maria Scarlet do. **A semântica ‘negativa’ do lixo como fator ‘positivo’ à sobrevivência da catação – Estudo de caso sobre a Associação dos Recicladores do Rio de Janeiro**. APGS, Viçosa, v1. n.2, pp. 121-150, abr./jun. 2009.
- CONCEIÇÃO, Roberta D.P.; PEREIRA, Cristiane; PESSOA, Glauco; PACHECO, Elen B.A.V. **A cadeira de reciclagem de PET pós-consumo e as definições de suas etapas: um estudo de caso no Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Ciências Ambientais, n. 39, março 2016, p. 80 – 96.
- COSTA, Idalina Farias Soares. **De lixo também se vive: origem e reprodução de comerciantes e catadores de produtos de lixo**. Cidade Nova, Natal – Rio Grande do Norte: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861113/mod_resource/content/1/pureza-e-perigo-mary-douglas.pdf
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1997 [1977], p. 11 – 68.
- ESTEVES, Ana; SCHMITT, Juliana. **As condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis do Lixão na capital do Brasil**. Artigo técnico publicado nos anais da Second International Conference of Young Urban Researchers, realizada de 11 a 14 de outubro de 2011, no Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- GONÇALVES, Pólita. **A Reciclagem Integradora dos aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos**. Série Economia Solidária, volume 5. Editora Fase, 2003.
- GRIMBERG, Elisabeth; SILVEIRA, Maria Lucia da. **Dimensões de Gênero no Manejo de Resíduos Domésticos em São Paulo**. Instituto Pólis, 2012.

GUARNIERI, P.; MOURA, G.R.; SERRANO, A.L. **Análise socioeconômica dos catadores de materiais recicláveis do Distrito Federal**. In: Revista HOLOS, ano 32, vol. 3. Brasília, 2016.

HOEFEL, Maria; CARNEIRO, Fernando; SANTOS, Leonor; GUBERT, Muriel; AMATE, Elisa; SANTOS, Wallace. **Acidentes de trabalho e condições de vida de catadores de resíduos sólidos recicláveis no Lixão do Distrito Federal**. In: Revista Bras Epidemiol, 2013; 16(3): 764-85.

HUGHES, Everett C. As boas pessoas e o trabalho sujo. In: COELHO, Maria Claudia (org.). **Estudos sobre interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 91 a 108.

INGOLD, Tim. Paisagem ou mundo-tempo? In: *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 193 a 205.

LIRA, Luis de Oliveira. **A Questão do Lixo no Distrito Federal: Impactos e Perspectivas**. Monografia. Uniceub. Julho de 2001.

MARTINS, Ingrid; MOTA, Leticia; SEGALA, Natália; SANTOS, Thalita; CABRAL, Laíse. **Reciclando as relações de gênero: a divisão sexual do trabalho em cooperativas de catadoras e catadores, e o papel de lideranças femininas na política pública de resíduos sólidos no Distrito Federal**. In: IPEA – PEREIRA, Bruna e GOES, Fernanda (Orgs.). *Catadores de Materiais Recicláveis: Um encontro nacional*. Brasília, 2016.

MAURO, Brenno Gomes da Silva. “Estigma e representação social”. In: **Emancipação Social: Um Estudo Etnográfico de Duas Cooperativas de Catadores de Lixo do Distrito Federal**. (Bacharelado em Sociologia). Universidade de Brasília, 2006.

PAZ, Josi. **O Clima do Consumo: a sociedade de consumidores no debate sobre a mudança climática**. Universidade de Brasília (Tese em Sociologia), 2012.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Violência, gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das**. Cadernos Pagu, nº 35, Campinas, Dezembro de 2010.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues; QUEIROZ, Antônio Carlos. **O Lixão de Brasília – O esforço para fechar o último grande depósito descontrolado de lixo das Américas**. In: *Retrato do Brasil*, setembro de 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991, p. 1 – 73; 133 – 148.

RIAL, Carmen (org.). **O poder do lixo – Abordagens antropológicas de resíduos sólidos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.

SANTOS, L.; CARNEIRO, F.; HOEFEL, M.; SANTOS, Wallace; MONTALVÃO, A.; NASCIMENTO, D.; VEDANA, V. **Integração ensino, pesquisa e extensão na avaliação das condições de vida, trabalho e saúde em famílias de catadores de lixo**. Participação, Brasília, n. 19, 2011.

SANTOS, Caroline Soares. **Área de risco ou área de rico : teorias sobre política, direito e respeito na Cidade Estrutural**. UnB, Brasília, 2014.

SANTOS, Luciana Dias dos. **“Impactos negativos sofridos pela fauna e flora decorrentes da ocupação humana em algumas áreas limítrofes ao Parque Nacional de Brasília”**. Bacharelado em Geografia – UniCEUB, 2001.

SILVA, Pedro Henrique Isaac. **Sufrimento e Cooperação: estudos sobre cooperativas de catadores de lixo**. (Bacharelado em Sociologia). UnB, 2005.

_____. **O que fazemos do que fazem de nós: trajetórias sociais e militância entre os catadores de materiais recicláveis no Brasil**. (Mestrado em Sociologia). UnB, 2015.

STROH, Paula Yone. **Trabalho precário no circuito industrial da reciclagem: o catador de materiais recicláveis**. Univesp, 2016.

WALDMAN, Maurício. **Lixo – Cenários e Desafios: Abordagens Básicas para Entender os Resíduos Sólidos**. São Paulo – SP, Ed. Cortez, 2010.

Instituições de pesquisa e publicações governamentais diversas

ABRELPE – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil**, 2014. Disponível em: <<http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2014.pdf>> Acesso em: 25-2-17

BRASIL. **Lei 12.305 / 2010** – Política Nacional de Resíduos sólidos.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD. Estrutural – 2015**.

D-WASTE. **Waste Atlas – The Worl’d 50 Biggest Dumpsites, 2014 Report**. Disponível em: <<http://www.nswai.com/DataBank/pdf2/World's%20Fifty%20biggest%20dumpsites,Waste%20Atlas%202014.pdf>> Acesso em: 4-3-17.

GDF. **Brasília Sustentável – Projeto Integrado Vila Estrutural (PIVE)**: Plano Físico e Social de Realocação e Reassentamento das Famílias Beneficiárias do Projeto Integrado Vila Estrutural. Brasília, maio de 2008.

GDF, ADASA e COBRAPE. **Brasília Sustentável II**, 2014

INESC – Instituto de Estudos Sócioeconômicos. **Projeto Pró-Catador DF – Produto 2: Relatório descritivo e fotográfico dos pontos informais de coleta, triagem de resíduos sólidos recicláveis e a identificação de 2.000 catadores que atuam nos principais pontos de coleta, triagem e separação de resíduos no Distrito Federal**. Brasília, 2016.

_____. **Projeto Pró-Catador DF – Produto 3: Relatório da atividade constando as estratégias utilizadas e as ações de apoio implementadas para inclusão dos 2.000 catadores no cadastro único do Governo Federal – CADÚNICO**. Brasília, 2016.

_____. **Projeto Pró-Catador DF – Produto 4: Relatório da realização do diagnóstico situacional contendo informações relativas aos catadores(as) que residem e/ou trabalham no Lixão e em outros pontos do Distrito Federal para subsidiar a implementação de políticas públicas**. Brasília, 2016.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Diagnóstico dos Resíduos Sólidos Urbanos – Relatório de Pesquisa, 2012.**

_____. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reutilizável e Reciclável – Centro-Oeste, 2013.**

_____. **Boas Práticas de Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos e de Logística Reversa com a Inclusão de Catadoras e de Catadores de Materiais Recicláveis – Relatório, 2015.**

Sistema de Limpeza Urbana – SLU. **Relatório dos Serviços de Limpeza Urbana e Manejo dos Resíduos Sólidos do Distrito Federal – 1º semestre de 2016.**

Notícias

1 – “A extraordinária riqueza do lixo” 2
Link: <http://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2015/08/03/noticiasjornalpaginasazuis,3478379/a-extraordinaria-riqueza-do-lixo.shtml>

2 – IHU On-Line. Entrevista com Alex Cardoso: Reciclagem de resíduos sólidos: a propaganda é bonita, mas explora os catadores 8, 35
Link: <http://www.nossofuturoroubado.com.br/portal/reciclagem-de-residuos-solidos-a-propaganda-e-bonita-mas-o-processo-explora-os-catadores/> Acesso em: 13/6/16.

3 – “Expocatadores: o evento” 21
Link: <http://www.expocatadores.com.br/o-evento/>

4 – “Agefis coloca no site mapa de áreas em regularização” 30
Link: <https://emicles.blogspot.com.br/2015/02/agefis-coloca-no-site-mapas-de-areas-em.html>

5 – “Um problema estrutural” 56
Link: <http://www.correiobraziliense.com.br/especiais/estrutural/>

6 – “Levantamento do SLU aponta 537 locais de depósito irregular de lixo” 58
Link: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/08/31/interna_cidadesdf,138822/levantamento-do-slu-aponta-537-locais-de-deposito-irregular-de-lixo.shtml

7 – “Cidades – Brasília – Distrito Federal” 61
Link: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=530010>

8 – Nova York recupera área de depósito de lixo a céu aberto 63
Link: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/lixo/nova-york-recuperacao-area-deposito-lixo-ceu-aberto-veja-615906.shtml>

9 – CANTO, Reinaldo. “Lei de Resíduos Sólidos não foi cumprida. E agora?”. Carta Capital, 15/08/2014 63
Link: <http://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/lei-de-residuos-solidos-nao-foi-cumprida-e-agora-2697.html>

10 – VILLELA, Flávia. “Prorrogação de prazo para fechamento de lixões é criticada por catadores” 63

Link:<<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/11/prorrogacao-de-prazo-para-fechamento-de-lixoes-e-criticada-por-catadores>>

11 – “Entrega voluntária no Aterro Controlado do Jóquei” 64

Link: <http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/05/entrega-voluntaria-no-aterro-controlado-do-joquei/#cta-forma-acesso>

12 – “Trabalhadores do aterro controlado do Jóquei participam de curso sobre prevenção de incêndios” 74

Link: <http://www.slu.df.gov.br/noticias/item/2275-trabalhadores-do-aterro-controlado-do-j%C3%B3quei-participam-de-curso-sobre-preven%C3%A7%C3%A3o-de-inc%C3%AAndios.html>

13 – “Um problema estrutural” 117

Link: <http://www.correiobraziliense.com.br/especiais/estrutural/>

14 – “Menino de 14 anos morre após ser atropelado por caminhão no lixão” 123

Link: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/09/14/interna_cidadesdf,625994/menino-de-14-anos-morre-apos-ser-atropelado-por-caminhao-no-lixao.shtml. Acesso em: 19-9-17.

15 – “Lixão, um problema de todos nós” 129

<http://especiais.correiobraziliense.com.br/lixao-um-problema-de-todos-nos>. Acesso em: 19-09-17

16 – “Adolescente de 14 anos é baleado no lixão da Estrutural” 130

Link: <http://www.jornaldebrasilia.com.br/cidades/adolescente-de-14-anos-e-baleado-no-lixao-da-estrutural/>

17 – “Garoto que teve corpo queimado em emboscada na Estrutural luta pela vida”130

Link: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/03/01/interna_cidadesdf,352204/garoto-que-teve-corpo-queimado-em-emboscada-na-estrutural-luta-pela-vida.shtml.

18 – “Adolescente de 13 anos incendiado em lixão da Estrutural recebe alta” 130

Link: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/05/24/interna_cidadesdf,367872/a-adolescente-de-13-anos-incendiado-em-lixao-da-estrutural-recebe-alta.shtml

19 – “1ª Copa Guarita de Futebol Amador da Estrutural” 138

Link:<http://apoliticaeopoder.com.br/1a-copa-guarita-de-futebol-amador-da-estrutural-agita-a-cidade-neste-domingo/>

Vídeos

DÍAZ, Marcelo. **Reestrutural** (2014). Duração: 26’21”

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=KZeWt6g3vIQ>

QUARESMA, Tânia. **Catador@s de História - Um filme oficina** (2013). Duração: 11’20”

Link:<https://www.youtube.com/watch?v=IBl-ADJTiyg>

10. Anexos

Anexo 1.

Print-screen de uma publicação feita no Facebook da Ancat, em 28 de julho de 2017)



Anexo 2.

Documentário: “Baiana da Estrutural em: primórdios do Lixão de Brasília”, por Rebecca Dytz. Duração: 29’03”